

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

OS DESAFIOS DA SOCIEDADE CUBANA FRENTE À IMIGRAÇÃO ANTILHANA (1902-1933)

KÁTIA CILENE DO COUTO



COLUMBUS MEMORIAL LIBRARY / ORGANIZATION OF AMERICAN STATES

**BRASÍLIA
2006**

**UNIVERSIDADE DE BRÁLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

KÁTIA CILENE DO COUTO

OS DESAFIOS DA SOCIEDADE CUBANA FRENTE À IMIGRAÇÃO ANTILHANA (1902-1933)

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor (a) em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Olga Cabrera

**Brasília
2006**

Ficha catalográfica

C871d Couto, Kátia Cilene do.

Os desafios da sociedade cubana frente à imigração antilhana (1902-1933) / Kátia Cilene do Couto. – Brasília, 2006.

xiv, 249 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Olga Rosa Cabrera García

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2006.

Bibliografia: f 213-230

f. il. color.

1. Migração. 2. Transculturação. 3. Raça.
4. Etnia 6. Açúcar 7. Trabalho I. Cabrera
García, Olga Rosa. II. Universidade de Brasília. III. Título.

CDU 316.732[729.1:729]

TERMO DE APROVAÇÃO

Kátia Cilene do Couto

OS DESAFIOS DA SOCIEDADE CUBANA FRENTE À IMIGRAÇÃO ANTILHANA (1902-1933)

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor (a) no Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a): Prof. (a) Dr (a) Olga Cabrera
Departamento de História (UnB)

Prof. (a) Dr.(a) Isabel Ibarra
Departamento de Educação (UFG)

Prof. Dr. Terry Ronald Argekop

Prof. Dr. Jaime de Almeida
Departamento de História (UnB)

Profa. Dra Maria Therezinha Ferraz Negrão de Mello
Departamento de História (UnB)

Brasília, Março de 2006

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais:
Maria Cândida do Couto e
José Orlando Filho, com toda minha
gratidão e amor.*

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus sinceros agradecimentos à Pós-Graduação de História da Universidade de Brasília, pela oportunidade de cursar esse doutorado, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas bolsas concedidas, sem as quais teria sido impossível a realização desse trabalho.

Ao Archivo Provincial de Santiago de Cuba, a Casa del Caribe (Santiago de Cuba), a Biblioteca Nacional José Martí (Havana), à Universidade de las Palmas de Gran Canária, ao Museo Canário e à Casa de Colón (Gran Canária) onde foram realizadas as pesquisas.

À Profa. Olga Cabrera pela orientação deste trabalho e na sua pessoa, agradeço ao Centro de Estudos do Caribe no Brasil (CECAB) e a todos os seus membros. Agradeço de forma especial ao Prof. Jaime de Almeida e a Profa Isabel Ibarra pelas sugestões e orientações durante o seminário realizado na Universidade Federal de Goiás, que me fizeram mudar a linha de investigação do trabalho, tornando-o mais claro e objetivo.

Agradeço à Profa. Maria Therezinha Ferraz Negrão de Mello e a Profa. Maria Tereza Cortéz Zavala pelas sugestões feitas ao trabalho durante a minha qualificação.

Ao Prof. Enrique López, uma pessoa muito especial, cuja opinião e crítica sobre o projeto foram muito importantes para a realização dessa investigação. Às Profas Olga Portuondo e Fé Iglesias, pela ajuda e apoio durante minha permanência em Cuba.

Às amigas, Maria de La Caridad Botifoll Callejas, Dulce Maria Rodriguez Corominas, Nidia Pozo Hadfeg, Isabel Lao Feliu e ao amigo Jesus Angel Quintero pela hospitalidade e carinho durante a fase de pesquisa que realizei na cidade de Santiago de Cuba.

Um agradecimento especial ao Prof. Miguel Suárez Bosa, pela sua presitigiosa ajuda em Las Palmas de Gran Canária, ao Prof. Juan Manuel Santana, pela atenção e hospitalidade durante minha estância nesta cidade.

Ao meu querido amigo Danilo Rabelo, companheiro de trabalho, agradeço pelo apoio durante essa jornada do doutorado. Ao Vitor Hugo Veppo, outro amigo, solidário e presente, obrigado!

Aos meus pais e à minha família por seu constante apoio e estímulo nos momentos alegres e difíceis. Vocês são especiais e me ajudam muito, sempre.

À minha amiga Ediflany Machado, a conclusão deste trabalho se deve muito ao seu apoio.

À todos meus amigos e familiares cujos nomes não estão aqui, mas com toda certeza estão na minha memória o meu mais profundo agradecimento.

EPÍGRAFE

*Toda obra de investigación, aunque
Parezca firmada con un solo nombre,
Es a fin de cuentas un libro en colaboración*
Moreno Friginals

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações	10
Lista de tabelas	11
Resumo	12
Abstract	13
Introdução	14
Estudos sobre o açúcar e a migração antilhana em Cuba e no Caribe.....	18
Os arquivos e a documentação relativa ao tema.....	27
As fontes orais.....	34
Organização do trabalho.....	36
Capítulo I	
Características Históricas e geográficas de Cuba.....	38
A Nação cubana e a questão racial: a influência dos parâmetros migratórios.....	52
Projeto Nacional e imigração: interesses cubanos <i>versus</i> interesses norte-americanos.....	63
Capítulo II	
A questão do negro em Cuba e a migração antilhana.....	75
O Negro e os códigos identitários formulados a partir da relação dentro das plantações no séc. XIX e sua recriação no séc. XX.....	80
O Negro, o trabalho e a United Fruit Company.....	86
Capítulo III	
Plantação e migração no contexto caribenho.....	90
A migração antilhana e a República cubana: a necessidade de mão-de-obra.....	94
O debate em torno da imigração ideal para Cuba.....	104

Capítulo IV

A região de Oriente: população e o tráfico ilegal de trabalhadores antilhanos na primeira década do século XX.....	112
A questão sanitária, outro argumento contra a contratação dos imigrantes antilhanos.....	117
A viagem e a contratação dos imigrantes antilhanos.....	122
O Central: estrutura e funcionamento.....	131
A população na região oriental e a crise econômica açucareira.....	136
Os Colonos.....	141
A ação da United Fruit na região do Oriente.....	144
Situação do trabalhador antilhano contratado pela UFC.....	145
O sistema de contratos.....	147
A ação dos contratistas encarregados de recrutar trabalhadores dentro do Caribe.....	149

Capítulo V

Características sócio-culturais dos imigrantes antilhanos.....	153
As associações, costumes e práticas dos imigrantes antilhanos.....	158
A Sociedade “George Sylvain”	161
As associações espanholas.....	166
A influência do movimento garveista na região oriental.....	167
A imprensa do Oriente e o imigrante antilhano.....	170

Capítulo VI

Independientes de Color, Organização trabalhista e a imigração antilhana.....	179
O Movimento Trabalhista cubano e a migração antilhana.....	182
Repatriação dos imigrantes antilhanos.....	193

Conclusão	208
------------------------	-----

Refências	213
------------------------	-----

Anexos	230
---------------------	-----

Lista de Ilustrações

Figura 1:	Mapa físico de Cuba.....	38
Figura 2:	A ação imperialista dos E.U.A no mar Caribe.....	40
Figura 3:	Cuba e E.U.A: “Bons Amigos”.....	40
Figura 4:	Organograma sócio-econômico durante as três primeiras décadas da república cubana.....	44
Figura 5:	Máquina primitiva para espremer cana.....	48
Figura 6:	Antigo moinho de cana.....	49
Figura 7:	Máquina de um Central moderno.....	49
Figura 8:	Mapa da ilha de Cuba – habitantes de cor em relação à população total.....	79
Figura 9:	Guarda Rural Cubana.....	130
Figura 10:	Central Camaguey.....	135
Figura 11:	Estrada de Ferro.....	135
Figura 12:	Central Caracas.....	135
Figura 13:	Negros cortando cana.....	149
Figura 14:	Carretero de cana.....	158
Figura 15:	Corte de cana.....	159
Figura 16:	O Bohío.....	160
Figura 17:	A repatriação dos imigrantes.....	209

Lista de Tabelas

Tabela 1:	Os investimentos norte-americanos em Cuba (Milhões em peso)....	51
Tabela 2:	Cuba: população e taxa de crescimento – Média Anual.....	52
Tabela 3:	Investimentos na indústria açucareira.....	97
Tabela 4:	Produção de açúcar por províncias, de 1900 à 1907.....	114
Tabela 5:	Inmigrantes clasificados según los puertos de desembarco (1902-1907).....	115
Tabela 6:	Inmigrantes clasificados según los países de su procedência.....	116
Tabela 7:	Numero total de inmigrantes por puerto em que desembarcan (1908-1919).....	117
Tabela 8:	Inmigrante según el país de su última residencia permanente (1908-1919).....	118
Tabela 9:	Densidad de población por província, 1919 e 1931.....	139
Tabela 10:	A porcentagem entre a população de cor e a nacional nos anos de 1919 e 1931.....	140
Tabela 11:	Inmigrante clasificados por profesión – 1906/1931.....	141
Tabela 12:	UFC: custo per capita do traslado de trabalhadores.....	145

RESUMO

Neste trabalho analisamos o impacto da migração de trabalhadores negros originários do Caribe, que se deslocaram para Cuba para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar durante as três primeiras décadas do século XX. Logo após a independência da Espanha (1898), Cuba é alimentada pelo capital norte-americano que investe no país através da reconstrução da indústria açucareira. A dependência econômica da maior das Antilhas em relação aos Estados Unidos coloca em xeque o projeto nacional-burguês pautado em questões raciais que priorizava o branco como expressão maior dos valores ideais para o progresso da Nação. A entrada dos trabalhadores negros antilhanos reacende o debate sobre o ideal de imigrantes que deveriam aportar no país e contrapõe os interesses das *companies* norte-americanas e da burguesia cubana, criando um impasse entre o crescimento econômico que dependia do capital estrangeiro e a manutenção do projeto nacional *criollo* que excluía o negro. Vimos que a migração dos trabalhadores antilhanos ao mesmo tempo em que despertou e ativou o racismo da burguesia cubana, favoreceu a transculturação, a conscientização do negro através da relação e participação do trabalhador cubano com as manifestações e associações introduzidas em Cuba por haitianos, jamaicanos e demais imigrantes das outras Antilhas. Esses imigrantes dentro da escala salarial eram os mais explorados, contudo, foram participativos e atuantes, contribuindo com sua cultura e sua visão de mundo para enriquecer o panteon étnico da então jovem República cubana.

Palavras-chave: Migração, Transculturação, Raça, Etnia, Açúcar, Trabalho

ABSTRACT

In this study we analyze the impact of the migration of Caribbean black workers, who had moved to Cuba to work in the sugarcane plantations during the three first decades of the 20th century. In the aftermath of the independence from Spain (1898), Cuba was fed by American capital which invested in the country through the sugar industry reconstruction. The economic dependence of the biggest island of the Antilles to the USA calls into question the national bourgeois project based on racial issues which gave priority to the white man as the greatest expression of the ideal values for the progress of the Cuban nation. The entry of Black Caribbean immigrants rekindles the debate about the ideal immigrants who should to come into the country and sets the American companies against the Cuban bourgeoisie interests, creating a deadlock between the economic growth which was dependent of foreign capital and the maintenance of the Creole national project which excluded the Blacks. We have seen that the Caribbean workers migration at the same time that aroused and activated the racism of the Cuban bourgeoisie, it had favored the transculturation and the Black awareness through the relationship and the participation of the Cuban Worker with the incorporated manifestations and associations introduced in Cuba by Haitian, Jamaican and other immigrants of the Caribbean. These immigrants within the wage scale were the most exploited. However, they were participant and active, contributing with their culture and their world vision to enrich the ethnic pantheon of young Cuban Republic.

Key-Words: Migration, Transculturation, Race, Ethnic, Sugar, Work

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de continuidade à pesquisa realizada durante o Mestrado que cursei na Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Goiás. Como tal, procurei aprofundar algumas questões recorrentes no trabalho anterior, que devido ao tempo de pesquisa dispensado para a realização da dissertação, ficaram sem um estudo mais atento.

Esta investigação centra-se nas questões derivadas da História e da Cultura cubana, numa época de intensas transformações para o país, as três primeiras décadas do século XX. Devo esclarecer sobre minhas dificuldades em relação a esta pesquisa, para que fique claro para o leitor que este trabalho, não tem a pretensão de dar todas as respostas às dúvidas que aqui forem apresentadas, mas que ele seja o incentivador de novas pesquisas que venham aprofundar-se na História cubana, ou quem sabe, incentivar trabalhos de caráter comparativo entre este país e o Brasil.

Creio que a iniciativa desta pesquisa é válida não só pela originalidade do tema aqui tratado que analisa o impacto da migração dos trabalhadores negros originários das Antilhas caribenhas para Cuba em um contexto pós-escravista, em que o negro luta pela sua emancipação política e social, mas principalmente, porque procura desvendar um caminho pouco percorrido pelos historiadores brasileiros, que é o de pesquisar histórias alheias. Alheias no sentido figurativo é claro, pois o Caribe onde está localizada Cuba têm muito mais semelhança com o Brasil, do que se possa imaginar.

Entendo que um pouco da falta de interesse dos historiadores brasileiros por conhecer outras realidades históricas deste continente, se deva à falta de fontes, ou o desconhecimento destas em nosso país. Este realmente é o aspecto mais difícil de um trabalho como esse, como explicaremos adiante ao descrever sobre nossa pesquisa nos arquivos de Cuba.

As três primeiras décadas do século XX em Cuba, especialmente o período entre o ano que inicia o advento da República cubana (1902) e o ano dito

revolucionário (1933) que marcou o fim da ditadura de Gerardo Machado é um período de intenso fluxo imigratório ocasionado pela ativação da indústria açucareira cubana. O marco temporal desta pesquisa corresponde à efetivação da emancipação política cubana, à re-ativação da economia do país mediante a reconstrução e modernização da indústria açucareira para onde foram destinados os imigrantes contratados e ao investimento financeiro norte-americano nas províncias orientais, região onde se concentraram as maiores indústrias açucareiras, principais contratadoras dos trabalhadores antilhanos.

Nossa intenção neste trabalho é avaliar alguns aspectos do impacto do fenômeno imigratório em Cuba, principalmente no que se refere à migração de trabalhadores negros do Caribe¹ para a região de Oriente da ilha que na atualidade corresponde às províncias de Las Tunas, Granma, Holguín, Santiago de Cuba e Guantánamo. A contratação de trabalhadores estrangeiros, negros, pelas grandes empresas açucareiras que controlavam a economia do país durante a Primeira República, favoreceu o debate em torno do ideal racial e de imigração que favorecesse o projeto de Nação da jovem e promissora República cubana. Analisaremos neste trabalho as relações estabelecidas entre a sociedade cubana e o grupo de trabalhadores imigrantes originários do Caribe em suas várias vertentes, protagonistas de um dos episódios mais importantes do desenvolvimento econômico e social de Cuba durante as três primeiras décadas do século XX.

A imprensa burguesa cubana teve um papel importante na construção negativa da imagem desses imigrantes, o que contribuiu para reforçar o preconceito racial e étnico² contra eles, justificando dessa forma a visão conservadora dos dirigentes cubanos, especialmente de sua burguesia, que propunha um projeto

¹ A historiografia sobre migração intra-caribenha em geral se refere aos trabalhadores originários do Caribe como “imigrantes antilhanos”. O termo Antilha está relacionado à individualidade sócio-cultural de cada ilha que compõe a região Caribe, por isso neste trabalho também utilizaremos esse termo para nos referir aos trabalhadores desta região que migraram para Cuba. Ver: GIRVAN, Norman. Reinterpretar el Caribe. In: *Revista Mexicana del Caribe*, año IV, nº 7, Chetumal, 1999; GAZTAMBIDE-GEISEL, Antonio. Identidades internacionales y cooperación regional en el Caribe. In: *Revista Mexicana del Caribe*, v. I, nº1, Chetumal, 1996.

² Immanuel Wallerstein e Etienne Balibar em *Raza, Nación y Clase* diz que “la necesidad de interpretar en forma diferente la opresión racial de los negros y las discriminaciones dirigidas contra las ‘etnias’ inmigrantes, nos llevan a distinguir, de forma más o menos abstracta, un racismo *interior* (dirigido contra una población minoritaria en el espacio nacional) y un racismo *exterior* (considerado como una forma extrema de xenofobia). Hay que destacar que esto supone *la adopción de la frontera nacional* como premisa y se corre el riesgo de poderlo aplicar con cierta dificultad a las situaciones poscoloniales o casi coloniales (como la dominación norteamericana sobre América Latina), en las que la noción de frontera es mucho más equívoca que en otros casos” (1988, p.65).

nacional em que o negro cubano estava excluído e no qual a proposta de uma imigração de negros estrangeiros tão pouco era aceitável, pois contrariava os interesses do projeto burguês republicano de brancos para brancos.

A presença de um exército de trabalhadores antilhanos no país, solicitados por grandes companhias açucareiras norte-americanas é um ponto importante para se entender a influência que essa corrente migratória teve para a sociedade cubana em duas fases distintas, de 1902 a 1913, fase que corresponde à entrada ilegal dos imigrantes antilhanos, e de 1913 a 1933, quando acontece a legalização mediante a criação de uma legislação que formaliza a contratação desses trabalhadores. Simultaneamente corresponde com o período de maior fluxo migratório de haitianos e jamaicanos e a crise do açúcar que teve como consequência a repatriação desses trabalhadores.

Queremos a partir das fontes entender a relação que a sociedade cubana estabeleceu para com esses trabalhadores, também caribenhos, porém negros; mediatizada pela relação de trabalho na indústria açucareira, e como a sua presença no país apesar de ser combatida como uma imigração indesejável além de ser resultado de uma ação das *Companies* para neutralizar a ação dos trabalhadores cubanos, contribuiu para o debate sobre as qualidades físicas e psíquicas do negro cubano, reorientando o discurso racista vigente quando isto se fazia necessário e alimentando-o em outros momentos quando era exigido pelas circunstâncias econômicas.

Para analisar esse processo, escolhemos como lócus discursivo a sociedade cubana, ou seja, analisaremos o impacto que ocasionou a imigração antilhana desde a perspectiva dos representantes do governo das províncias, da imprensa cubana e dos trabalhadores das indústrias. Como meios discursivos da sociedade cubana nossas fontes serão: a imprensa como já dissemos, por ser o órgão de maior influência sobre a população, que dependendo de sua postura ideológica, era porta-voz da burguesia que baseava sua defesa nacional pautada nos alicerces raciais por uma migração sã e com vigor moral, predominantemente branca; os documentos emitidos pelo *Gobierno Provincial*, responsável dentro da província para resolver os problemas locais no que se referia à manutenção da ordem e cumprimento da legislação, esclarecem alguns aspectos a respeito do tratamento que os imigrantes antilhanos recebiam das companhias açucareiras e

também das autoridades provinciais. Os documentos do *Gobierno Provincial* que se encontram nos arquivos da cidade de Santiago de Cuba, capital da província de Oriente³ – durante as primeiras décadas da República foi a região de maior densidade populacional negra do país e receptora da maior parte da imigração antilhana, o que fez aumentar significativamente o número dessa população na região – são referentes à correspondência trocada entre as autoridades provinciais e o governo cubano em Havana sobre a situação dos trabalhadores antilhanos.

O debate em torno de qual seria a migração desejável⁴ para Cuba naquele momento, tem relação direta com o projeto de Nação que a elite cubana almejava. Este projeto incide diretamente na preferência pela imigração espanhola, que foi contraposta à imigração de trabalhadores negros pelos críticos da posição adotada pelas companies norte-americanas em introduzir os *braceros* antilhanos em Cuba.

Os canários que migraram para Cuba e se concentraram principalmente nas colônias, formaram parte do contingente de imigrantes denominados de desejados pelos defensores da contratação de imigrantes brancos. De acordo com a estratificação organizativa dos contratantes para com os trabalhadores estrangeiros, as categorias “desejados” e “indesejados” estão ligadas às questões de ordem moral, cultural e racial, além de capacidade e conhecimento para o trabalho. Em *Las Palmas de Gran Canaria* tivemos oportunidade de entrevistar um dos poucos sobreviventes dos emigrados canários a Cuba. Este conviveu com os trabalhadores antilhanos, a entrevista serviu para contrapor-mos a opinião do trabalhador canário sobre os antilhanos, com a imprensa cubana.

³ Cuba é dividida em províncias de 1899 a 1905 o país era composto por seis delas: Pinar del Río, La Habana, Matanzas, Santa Clara, Camaguey e Santiago de Cuba; de 1905 a 1940 o Conselho Provincial de Santiago de Cuba mudou o nome da província de Santiago de Cuba para Oriente. As seis províncias se converteram em: Pinar del Río, La Habana, Matanzas, Santa Clara, Camaguey e Oriente. A província de Oriente era composta pelas atuais províncias de Las Tunas, Granma, Holguín, Santiago de Cuba e Guantánamo. Esta informação pode ser encontrada no site sobre genealogia cubana <http://cubagenweb.org>.

⁴ Ver: PÉREZ DE LA RIVA, Juan. Los recursos humanos de Cuba al comenzar el siglo: inmigración, economía y nacionalidad (1899-1906). In: *La Republica Neocolonia. Anuario de Estudios Cubanos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, t. 1, 1975, p. 7-44; GONZÁLEZ SUÁREZ, Dominga. La inmigración española en Cuba. In: *Economía y Desarrollo*, nº 1, enero-febrero, La Habana, 1888, p. 92-107; NARANJO OROVIO, Consuelo. *Del campo a la bodega: recuerdos gallegos en Cuba* (s. XX). Coruña: Edición do Castro, 1988; MALUQUER DE MOTES, Jordi. *Nación e inmigración: los españoles en Cuba* (ss. XIX, XX). Colombres: Ediciones Júcar, 1992.

ESTUDOS SOBRE O AÇÚCAR E A MIGRAÇÃO ANTILHANA EM CUBA E NO CARIBE

Antes de 1959 o tema da migração de trabalhadores antilhanos foi abordado sob o aspecto da análise da evolução da produção açucareira, ou inserida nos marcos do estudo global da economia do país⁵, ainda que por esses anos algum autor o tratasse, com exceção, como objeto central de estudo⁶. A historiografia cubana após a revolução de 1959 dedica mais atenção ao tema. É quando aparecem os estudos de Juan Pérez de La Riva⁷ e de Rolando Álvarez Estévez⁸.

Os principais trabalhos escritos em Cuba que analisam o fenômeno da migração antilhana trazem diferentes visões sobre esse fato, e a maioria parte de uma contribuição econômica desta corrente migratória e poucos são os estudos sócio-culturais sobre o tema. Podemos dizer que houve um desinteresse por parte dos intelectuais cubanos para com a história da migração antilhana? Cremos que não se trata disso, o que aconteceu é que os estudos sobre migração realizados em Cuba e fora de Cuba estiveram a cargo da maior corrente migratória, ou seja, dos imigrantes espanhóis, pela sua vinculação histórica com o país e ativa participação econômica e política na vida da Nação cubana.

Um dos trabalhos mais conhecidos em Cuba não só por se referir à corrente migratória antilhana, mas principalmente por apresentar um estudo sobre a indústria do açúcar no país é o livro de Ramiro Guerra, *Azúcar y población en las Antillas*. Sua primeira edição data do ano de 1935. Guerra (1976) foi um dos principais críticos da imigração antilhana; sua posição foi amplamente divulgada através dos artigos que escrevia para os jornais, *Diário de La Marina*, o mais importante jornal da época, era o porta-voz nacional da burguesia cubana. Através do jornal ele argumentava que a contratação dos Antilhanos prejudicaria os

⁵ Ver: ABAD, Luis V. de. *Azúcar y caña de azúcar*. La Habana, 1945; LE RIVEREND, Julio. *La historia económica de Cuba*. La Habana, 1952;

⁶ Ver: LE ROY Y CASÁ, Jorge. Inmigración anti-sanitaria. Discurso leído en la Academia de Ciencias Médicas, Físicas y Naturales de La Habana, durante la sección de 14 de diciembre de 1923.

⁷ DE LA RIVA, Juan Pérez. Los recursos humanos de Cuba al comenzar el siglo: inmigración, economía y nacionalidad, 1899-1906. In: *República Neocolonial*, Anuario de Estudios Cubanos t.I. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, I.C.L., p. 7- 44. DE LA RIVA, Juan Pérez. Cuba y la migración antillana, 1900-1931. In: *La República neocolonial*, Anuario de Estudios Cubanos t. II. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, I.C.L., 1979, p. 3-75.

⁸ ÁLVAREZ ESTEVEZ, Rolando. *Azúcar e inmigración 1900-1940*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

trabalhadores nacionais, pois o fato de aceitar trabalhar para ganhar baixos salários gerava uma competição desigual para com o trabalhador nativo.

Esse argumento é contestado por outros autores como é o caso do iminente historiador cubano Jorge Ibarra, que em seu livro *Cuba: 1898-1921, partidos políticos y clases sociales* (1992, p.155-170), dedica um capítulo a esse assunto, argumentando que a contratação desses imigrantes se deu principalmente para a zona oriental de Cuba, ou seja, para uma área carente de mão-de-obra, sendo que na parte ocidental a presença destes imigrantes foi praticamente inexistente. Segundo Ibarra (1992), o imigrante espanhol também representava uma ameaça para o trabalhador cubano, por ser também um concorrente para ocupar as vagas de trabalho existentes no país o que indica que a justificativa de Guerra (1976) não leva em conta a proporção numérica da imigração espanhola, bem maior que a antilhana e tão pouco o contexto econômico em que a migração aconteceu. Mais do que defender a mão-de-obra nacional os que se opunham a entrada dos antilhanos em Cuba pela região de Oriente tinham razões “raciais” para justificar o prejuízo que a presença desses imigrantes acarretaria à Nação.

Segundo o historiador José Cernicharo, um contemporâneo à época da entrada dos antilhanos em Cuba, Cosme de La Torriente, que publicou vários artigos no jornal *Diário de La Marina*, onde discutia o problema da imigração antilhana para o país⁹, fez uma análise histórica detalhada do problema desta corrente imigratória (1994, p. 27). A análise de La Torriente baseada em critérios raciais demonstra que o temor principal estava em que Cuba se transformasse em um país de negros, o que colocava em risco a supremacia branca.

Nas primeiras décadas do século XX prevaleceram dois grandes critérios em torno a que imigrantes seriam os mais apropriados para Cuba. Por uma parte, está o critério da “burguesía nacionalista que defiende la colonización blanca como la más conveniente para o país, esgrimiendo argumentos racistas a favor de la ‘superioridad de la raza’ blanca frente a la negra, tanto desde el punto de vista intelectual como moral” (NARANJO, 1991, p. 137).

Os estudos de Ramiro Guerra e Jorge Ibarra apontam para uma questão da qual a migração antilhana será a protagonista, sua presença em Cuba reacende

⁹ Discurso apresentado perante o senado em La Habana, em julho de 1921. O título do discurso pronunciado por Cosme de La Torriente foi: *En Cuarenta años de mi vida*

o debate acerca do racismo e coloca o negro em evidência. A historiografia, no entanto, ao abordar o assunto a partir do período em que a legislação oficializa a entrada desses imigrantes em Cuba (1913), deixa de lado um outro aspecto bastante interessante, a forma como a sociedade cubana, principalmente a burguesia nacionalista aborda a questão da contratação de trabalhadores negros para a indústria açucareira, que começa a ser discutida desde a criação da Lei de Imigração (1905), elaborada a partir dos parâmetros da legislação de imigração vigente nos Estados Unidos e como esses imigrantes influenciaram a sociedade com sua cultura, e sua forma de organizar-se. As opiniões como veremos se divergem por estarem presas aos interesses comerciais da burguesia representante das províncias do Ocidente com as do Oriente.

Os argumentos de Jorge Ibarra, sobre a integração da migração antilhana no movimento trabalhista cubano, são bastante interessantes porque o autor analisa a imigração antilhana desde um enfoque que até então não havia sido apresentado pela historiografia. Segundo Ibarra, a condição de trabalhador propiciou que esses imigrantes em determinado momento se integrassem ao movimento trabalhista. Sob uma base empírica convincente, ele diz que haitianos e jamaicanos participaram das organizações programadas pelo movimento e essa experiência foi levada por eles aos seus países de origem ocasionando a criação de movimentos trabalhistas locais. Diz ainda que a participação dos imigrantes antilhanos no movimento trabalhista cubano se dá a partir dos anos vinte, após esses trabalhadores terem migrado várias vezes a Cuba, quando o idioma já não era mais um obstáculo para sua integração.

Analisaremos alguns aspectos dessa argumentação de Ibarra nos próximos capítulos, o que gostaríamos de ressaltar é que seu trabalho compõe uma linha historiográfica, cuja análise se dá a partir de uma perspectiva integracionista desses imigrantes na sociedade cubana; contrapondo-se a uma outra vertente historiográfica que analisa a presença de haitianos e jamaicanos a partir dos princípios raciais vigentes em Cuba no período pós-independência, sob o estereótipo imputado a eles pela burguesia nacionalista que temia a africanização do país com a presença dos trabalhadores antilhanos. A crítica que se faz ao trabalho de Ibarra é que a participação dos imigrantes antilhanos na organização trabalhista foi algo isolado, e que as contradições entre os trabalhadores nacionais e antilhanos

foram mais fortes do que a integração que defende o historiador. Em nossa opinião a contradição entre os trabalhadores foi alimentada pela rígida estratificação imputada a eles pelas empresas açucareiras, para que não houvesse uma integração entre os trabalhadores, a nosso ver as empresas se utilizaram dos imigrantes antilhanos para tentar desarticular organicamente os trabalhadores. As contradições internas na classe trabalhista desapareciam quando a conscientização era despertada pelas condições de trabalho impostas pelas companhias que envolviam a todos indistintamente da nacionalidade.

A argumentação de Ibarra é interessante porque destaca uma linha de conduta e atuação do Movimento Trabalhista Cubano que desde a realização do congresso realizado pelos trabalhadores em 1921 discutiram entre seus participantes, as péssimas condições de trabalho a que estavam sujeitos esses trabalhadores no país. Entendemos que a condição de trabalhador tenha sido outro referencial de identificação e de aproximação entre os imigrantes antilhanos e a classe trabalhadora das indústrias açucareiras, no entanto, essa relação foi intermediada pelos objetivos propostos pelas empresas açucareiras que os contratava, pois além do interesse econômico, tinham também interesses sociais e políticos na introdução dos imigrantes negros em Cuba, contrariando a perspectiva dos nacionalistas cubanos que tinham outros interesses além do desenvolvimento econômico da Nação.

Sobre a contribuição dos imigrantes franco-haitianos para a cultura cubana, que remete ao século XVIII, o estudo etnográfico de Jesus Guanche, *Procesos etnoculturales de Cuba* (1983), apresenta uma análise do ponto de vista etnográfico sobre as influências culturais dos imigrantes (franceses)¹⁰ no país se tornaram evidentes em múltiplos aspectos da vida sócio-econômica da área oriental de Cuba, para onde foram levados nas primeiras décadas do século XX (1983, p.300).

A partir do estudo realizado por Guanche (1983) é possível entender que os aportes culturais introduzidos pelos haitianos em Cuba, foram mantidos pela comunidade desses trabalhadores nas províncias de Oriente desde o século XVIII. A

¹⁰ A terminologia “franceses” utilizada pelo autor, faz referência a condição de colonizados pela metrópole francesa. A migração de haitianos em Cuba acontece desde a segunda metade do século XVIII e continua no século XIX, segundo revela Guanche.

partir da definição dos conceitos de consolidação, assimilação e integração étnica, Guanche aborda a relação entre os diferentes grupos étnicos em seu conjunto, que ajudaram a compor o etnos nacional cubano. Seu estudo revela um aspecto importante da relação entre haitianos e cubanos, negada pela burguesia nacionalista, o da assimilação e integração étnica em especial na região oriental de Cuba, de que também fala o historiador cubano, Juan Pérez de la Riva, embora menos enfático ao se referir a contribuição cultural desses imigrantes,

Por mucho que se quiera magnificar la influencia francesa, ésta no pasó de modestos límites folklóricos, en lo que a la ciudad [de Santiago de Cuba respecta]. El hecho esencial fue que los negros y mulatos 'franceses' se cubanizaron con rapidez, y mezclados a sus colegas santiagueros, se fundieron en las respectivas castas porque no habían en verdad asimilado la cultura francesa. Esta asimilación fue además acelerada por el idéntico peso de las castas de cada nacionalidad (1975, p. 232).

Tanto Guanche, quanto De la Riva, apontam para uma questão: a integração e contribuição da cultura haitiana na constituição da cultura da região oriental desde épocas remotas. No século XX há que se diferenciar dois aspectos da presença negra antilhana nesta área: sua presença no Oriente provocou um aumento substancial da população negra e segundo a relação que foi estabelecida entre negros cubanos e os negros antilhanos, favoreceu para o processo de formação da identidade dos primeiros frente ao discurso hegemônico branqueador da elite do país, e em terceiro lugar a introdução em Cuba de movimentos de conscientização negra como o garveismo, contribuiu para um redirecionamento da postura do negro cubano a partir da década de vinte, embora na tese esse aspecto não foi devidamente aprofundado pela falta de fontes que nos permitisse uma análise mais atenta sobre a influência do garveismo em Cuba. A região oriental, portanto, será nas três primeiras décadas do século XX palco não só de atuação das empresas açucareiras como veremos, mas também dos debates acerca das questões raciais, que influenciaram o projeto nacional burguês. Nas primeiras décadas já referidas, a migração antilhana, ao introduzir novos códigos culturais, contribuiu para a reafirmação da identidade cultural cubana como veremos que foi sendo formulada a partir da integração do negro nacional nos estudos dos literatos, etnógrafos e folcloristas. A relação entre identidade cultural cubana, imigrante antilhano e negro cubano será discutida ao longo do trabalho.

Gostaríamos de destacar que essa relação será construída a partir da projeção da imagem do imigrante antilhano, formulada e divulgada pelos conservadores, da imprensa cubana, em que os elementos culturais introduzidos em Cuba pelos negros antilhanos, serviram para fomentar a diferença entre negro cubano e o negro estrangeiro, influenciando a opinião pública. A religiosidade haitiana, um dos elementos mais criticados, foi utilizada para fomentar o medo na população e assim construir uma opinião pública desfavorável em relação a entrada dos imigrantes no país. No entanto, essa mesma religiosidade foi um fator de integração entre trabalhadores haitianos e cubanos dentro dos espaços da plantação, segundo relatos de entrevistados cubanos.

A autora Virtudes Feliú Herrera, que escreveu *Fiestas populares tradicionales* (1999) diz que, dentre as várias festividades incorporadas à tradição cubana pelos imigrantes antilhanos encontram-se as denominadas *fiestas laborales* introduzidas no país pelos imigrantes haitianos, que segundo a autora se mantiveram principalmente em Santiago de Cuba e Guantánamo, embora possa ser vista de forma menos intensa em La Habana, Matanzas, Cienfuegos, Villa Clara, Sancti Spiritus e Granma. Além das festividades, a culinária e a religiosidade são, segundo a autora, contribuições culturais significativas, deixadas pelos antilhanos em Cuba, que corrobora com a idéia de que essa corrente migratória foi responsável pelo enriquecimento cultural da região oriental.

O artigo de Juan Pérez de La Riva *La inmigración antillana en Cuba durante el primer tercio del siglo XX* (1975), explica que a definição de imigrante criada a partir do modelo americano interferiu na estatística sobre a real quantidade de imigrantes advindos do Caribe que chegaram em Cuba. Segundo o autor os passageiros antilhanos foram considerados estatisticamente independentes dos outros imigrantes “suponiendo que estos fuesen exclusivamente los contratados, sujetos a re-embarque una vez terminada la zafra, y que los ‘pasajeros’ fuesen los que llegaban individualmente, por sus propios medios, felices poseedores de más de treinta pesos” (1975, p.77). Essa conceituação corroborou para que ocorressem confusões sobre o número real de quantos imigrantes originários do Caribe entraram em Cuba durante as três primeiras décadas do século XX.

O estudo de De La Riva (1975), baseado em dados estatísticos revela que é difícil conhecer exatamente a quantidade de imigrantes antilhanos que entraram em Cuba nesse período, devido o desaparecimento dos registros de aduana, especialmente os de Santiago de Cuba que “eran los más interesantes para la inmigración antillana” (1975, p.76), no entanto, os dados oficiais apresentados nos censos indicam que o fluxo migratório desses trabalhadores foi intenso, principalmente a partir de 1913 e antes desse ano a entrada clandestina dos antilhanos se dava através dos portos dos centrais e muitos desses registros se perderam.

Ao analisar as causas que provocaram a migração de trabalhadores antilhanos para Cuba no início do século XX o autor de *Azúcar e inmigración 1900-1940*, Rolando Álvarez Estévez (1988), diz que as causas “se pueden enmarcar en el campo de la demografía, pero también, como fenómeno migratorio, no puede desvincularse de los intereses del imperialismo norteamericano en América Latina y el Caribe” (1988, p. 1). Ele ressalta duas vertentes pelas quais se pode analisar a entrada desses imigrantes em Cuba, a primeira corresponde principalmente à utilização dessa mão-de-obra pelas empresas como mecanismo necessário para a expansão da indústria açucareira, ou seja, “como recurso de las inversiones capitalistas, para favorecer un crecimiento en Cuba de las condiciones óptimas con vista a obtener mayores utilidades” (1988, p. 6). O outro fator apontado por Álvarez Estévez recai sobre a contribuição da migração antilhana para o amadurecimento social de Cuba, acrescentamos que esse amadurecimento deveu-se a revisão sobre a importância do negro para o país ao admitir a importância da sua contribuição cultural,

Por otro lado, en un orden más general social cubano, ya desposeído de la connotación de clase, la inmigración pudo ser una forma de contribuir a la maduración social de Cuba. Es decir, no en un sentido de clase capitalista, sino de perspectiva popular del futuro. Se trata de dos puntos de vista muy diferentes, aún cuando, al menos, nos parece que el primer punto de vista, el referido al análisis de los intereses de la burguesía, del capitalismo, resulta fundamental, lo cual vendría a ser como una premisa mayor del juicio histórico (ALVAREZ ESTEVEZ, 1988, p.6).

Álvarez Estévez destaca a importância da imigração para re-inventar e reabastecer socialmente e culturalmente o país com novos elementos que favoreceram o amadurecimento da consciência nacional para uma perspectiva de

futuro a partir das classes populares. A autora Trudi Guda (1972) em *La contribución de las culturas tradicionales al desarrollo de la cultura caribeña*, diz que

los más explotados social y económicamente, es decir, la clase obrera y campesina de todos los grupos étnicos, mantuvieron la mayor autenticidad cultural, porque por mucho tiempo no estuvieron expuestos al proceso educacional. La burguesía emergente fue, entre todos los grupos, la que asimiló la cultura y los valores de la elite colonial blanca dominante, lo que trajo como consecuencia que la cultura de las masas trabajadoras fuera y sea aún despreciada, y en su mayoría mal conocida” (1972, p. 49).

Trabalhos recentes têm trazido novas interpretações sobre esse fenômeno migratório para Cuba e para as sociedades emissoras. É o caso da tese de doutorado do historiador porto-riquenho Jorge Giovanetti *Black british subjects in Cuba: race, ethnicity, nation and identity in the migratory experience, 1898-1938* (2001) que examina a história da migração dos negros “ingleses” para Cuba e sua influência na história social, política e econômica da ilha. Giovanetti analisa a relação triangular entre os negros britânicos antilhanos, a sociedade cubana e a representação do império britânico através do suporte consular dispensado aos imigrantes em Cuba.

O Trabalho de Candence A. Winter, *Jamaican Labor Migration to Cuba, 1885-1930 in the Caribbean context* (2000) examina o contexto interno e externo da migração de trabalhadores jamaicanos para Cuba durante as três primeiras décadas do século XX desde uma perspectiva caribenha. Segundo o autor essa migração precisa ser entendida a partir da emergência econômica imperialista europeia e americana de exploração comercial, inerente à revolução no transporte dos produtos produzidos no Caribe por barcos a vapor depois da construção de ferrovias nos países produtores de açúcar e outros produtos, no caso de Cuba e pela criação do Canal do Panamá, fundamental para a relação comercial entre o Pacífico e o Atlântico.

Estudar a migração intra-caribenha, portanto, possibilita não só conhecer as mudanças sociais, políticas e econômicas nos países emissores e receptores provocados por esse movimento da população, mas também a entender como esse fenômeno interfere na relação comercial entre o Caribe e as nações imperialistas,

especialmente com os Estados Unidos¹¹.

Outros historiadores que se dedicam a estudar a migração intra-caribenha, tem contribuído com trabalhos que analisam o retorno dos trabalhadores aos seus países de origem, é o caso do livro *Ta kuba mi ke bai* (Para Cuba quero ir) de Rose Mary Allen, que investigou o retorno dos trabalhadores curaçolenses depois de migrarem à Cuba nos anos vinte.

Atualmente esse tema tem despertado o interesse de vários profissionais das Ciências Humanas, grande parte das pesquisas, no entanto, está em andamento, ou ainda não foram publicados (como os trabalhos de Giovanetti e Winter¹²), mas revela que este é um fenômeno pouco explorado pela historiografia caribenha e merece maior atenção por parte dos historiadores.

Em Cuba novos trabalhos também estão em andamento, é o caso do estudo que está sendo feito pela Dra. Ileana Sanz¹³ e sua equipe junto à comunidade de descendentes de haitianos, na região oriental. Sanz parte de um estudo etno-linguístico, onde analisa a influência do *créole* no idioma nacional cubano.

Portanto, podemos dizer que esta investigação se insere no contexto dos demais trabalhos aqui apresentados, que é o de entender mais um capítulo desse fenômeno dentro da história de Cuba. Sem a pretensão de esgotar o tema que nos propomos discutir através deste trabalho, queremos apresentar alguns pontos importantes sobre a influência da corrente imigratória antilhana na sociedade cubana ampliando o debate sobre esse fenômeno na história cubana.

Ao optar por trabalhar com a imigração antilhana consideramos importante destacar dois pontos principais que identificam essa corrente migratória. Primeiro, é uma migração que se diferencia das demais por ser composta por

¹¹ Sobre a atuação da United Fruit Company nos países da América Central ver: CHOMSKY, Aviva. *West Indians workers and the United Fruit Company in Costa Rica 1870-1940*. Louisiana State University Press, 1995; LAURIA-SANTIAGO, Aldo, CHOMSKI, Aviva. *Identity and Struggle at the Margins of the Nation-State: the Laboring Peoples of Central America and the Hispanic Caribbean*. Duke University Press, 1998.

¹² Tivemos oportunidade de ler esses trabalhos graças ao envio das cópias pelo Prof. Jorge Giovanetti. As teses foram defendidas pelos autores em 2000 e 2001.

¹³ A Professora Ileana Sanz é doutora em Ciências Filológicas, dedica-se à pesquisas sobre a comunidade de descendentes de haitianos que vivem em Cuba e tem publicado vários trabalhos sobre a literatura anglo caribenha.

trabalhadores negros; segundo, é uma migração temporária ou *golondrina*¹⁴, ou seja, os trabalhadores migraram para Cuba somente nos períodos de safra para retornar aos seus países quando esta terminava. No entanto, a migração golondrina não caracterizava somente a migração dos trabalhadores antilhanos, os canários também praticavam esse tipo de migração e foi por causa deles que a denominação de *golondrina* foi empregada.

Esses dois aspectos nos levam a pensar em algumas questões que ajudam a entender como a construção da Nação cubana foi imaginada pela elite cubana durante o período republicano, que seriam: qual foi a contribuição da migração antilhana para o debate acerca do papel do negro na sociedade cubana? E que importância tem essa questão para a construção de uma identidade nacional cubana? Para responder a essas perguntas é necessário entender qual era o projeto de Nação e como esse projeto abordava a questão racial

Após a Guerra de Independência, os cubanos vivenciaram seu momento mais importante, pela primeira vez experimentavam no sentido prático o que seria o pertencimento a uma Nação. Livre do jugo espanhol, o país se preparava para organizar-se sob as bases da política republicana. O pertencimento ou sentido de Nação formulado durante a República é polêmico, pois sua base estava centrada na preservação de um ideal racial onde o branco era o referencial mais importante de unificação da Nação.

OS ARQUIVOS E A DOCUMENTAÇÃO RELATIVA AO TEMA

Os documentos sobre os imigrantes antilhanos estão espalhados nos arquivos das províncias que compunham a região oriental de Cuba: Archivo Provincial de Santiago de Cuba (Santiago de Cuba), Archivo Provincial de Guantánamo (Guantánamo), Archivo Provincial de Las Tunas (Las Tunas), Archivo

¹⁴ De acordo com o Dicionário de La Lengua Española, o termo “golondrina” se refere ao “pájaro muy común en España desde principio de la primavera hasta fines de verano, que emigra en busca de países templados” (p. 1143), e o termo golondrino também pode significar “hombre que anda de una parte a otra, cambiando de morada como la golondrina” (p. 1143). O termo “migração golondrina” foi utilizado pela primeira vez pelos argentinos para explicar o fenômeno da migração temporária de trabalhadores, numa comparação com a migração dos pássaros (andorinhas) e para diferenciar a migração temporária da migração em que o trabalhador fixa-se no país de destino sem a intenção de retornar após terminar o trabalho. Esse tipo de migração caracterizou principalmente a migração canária em Cuba e também a migração antilhana.

Provincial de Holguín (Holguín) e Archivo Provincial de Granma (Granma). Para esta pesquisa trabalhamos no arquivo da cidade de Santiago de Cuba, onde se concentra uma parte da documentação de carácter administrativo da província, por ser esta cidade a capital de Oriente como já dissemos, onde ficava a sede do Governo Provincial.

Estivemos também no arquivo de Guantánamo, mas a documentação deste arquivo, referente à imigração antilhana, não foi disponibilizada e por motivos burocráticos não foi possível consultá-la. O *Archivo Provincial de Guantánamo* possui uma vasta documentação sobre esta temática que está sendo processada, tentamos consultar a documentação com a intermediação da Professora Dra. Olga Portuondo junto ao diretor do arquivo, mas não foi possível. Isso dificultou nosso trabalho, uma vez que havia uma série de documentos sobre a contratação dos imigrantes antilhanos neste arquivo, segundo nos havia informado o seu diretor.

Os problemas econômicos de Cuba dificultam a realização de investigação pelos pesquisadores estrangeiros, primeiro pelo alto-custo e segundo pelo excesso de burocracia que o investigador tem que passar para ser autorizado a utilizar a documentação. A compensação está no aspecto humano; os funcionários que atendem nesses arquivos são extremamente capacitados.

Em Santiago de Cuba, a pesquisa foi realizada no Archivo Provincial desta cidade, na Biblioteca Elvira Cape e na Casa del Caribe. No arquivo começamos consultando a documentação sobre a empresa *Manati Sugar Co*, organizada sob a denominação de *Inventario del Fondo Manati Co*; esta coleção está dividida em tópicos como “suspensão e separação de trabalhadores”, “acidentes de trabalho”, “correspondência geral da Manati Sugar”. O central Manati foi uma das maiores empresas açucareiras da região na década de 20, o conjunto de documentos sobre essa empresa consiste em informações técnicas sobre a administração da companhia. O *fondo*¹⁵ consultado não continha informações sobre a presença dos trabalhadores antilhanos, mas sua consulta permitiu-nos conhecer o funcionamento e a administração de um grande central.

Este *fondo* é uma documentação valiosa, principalmente porque a *Manati Sugar Co* foi uma das maiores empresas açucareiras de Cuba. Conhecer seu

¹⁵ Fondo: conjunto de documentos.

funcionamento permitiu-nos entender a atuação de um dos grandes enclaves produtores de açúcar no mercado cubano daquele momento.

O livro intitulado *Portfolio Azucarero*, da *Secretaria de Agricultura Comercio y Trabajo de la Indústria Azucarera de Cuba (1913-1914)*, organizado com o fim de informar a localização das empresas açucareiras por municípios, a produção das indústrias, o nome dos seus proprietários, etc, é uma fonte importante não só pela estatística sobre a produção açucareira no país durante esses anos, mas também pela informação sobre a denominação dos proprietários de cada central açucareiro existente em todo o país. Essas informações foram importantes para que pudéssemos conhecer a relação central/proprietário, central/produção e central/província, que indiretamente explica a intenção das empresas administradoras dos centrais que atuavam na região oriental com a finalidade de contratar uma grande quantidade de mão-de-obra.

Outro *fondo* pesquisado, onde encontramos a maior parte da documentação referente aos imigrantes antilhanos foi o do *Gobierno Provincial de Oriente*, que está subdividido em várias matérias: “imigração”; “intervenção norte-americana”; “junta de agricultura”, “comércio e trabalho”; “movimento camponês”; “passageiros”; “sociedades trabalhistas”; “sociedades religiosas”, entre tantas outras. Na matéria intitulada *imigração* se encontra a maior parte dos documentos referentes à imigração antilhana. A documentação é composta de cartas, trocadas entre autoridades do governo cubano, representantes do consulado haitiano, companhias açucareiras, contratistas etc. São documentos elaborados a partir de fatos que protagonizavam os imigrantes antilhanos: contratação, delitos, condição de trabalho, etc.

Revisamos também o índice de Registro Civil (matrimônios) de 1912 a 1917. Neste conjunto de documentos estão contidas informações sobre os matrimônios realizados entre estes anos na província. Há um grande volume de registros e através deles é possível averiguar as relações matrimoniais estabelecidas entre os antilhanos (as) e cubanos (as). O índice deve ser consultado pelo sobrenome dos cônjuges para então se conhecer a nacionalidade dos mesmos; o número de matrimônios entre cubanos (as) e antilhanos (as) embora pequeno existia de fato, se comparados os registros oficiais com as uniões instáveis (segundo os depoimentos orais) essas últimas existiam em maior quantidade.

Na Biblioteca Elvira Cape encontram-se os jornais da província de Oriente do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, os Censos populacionais e uma extensa bibliografia geral sobre a região oriental e também sobre o país de forma geral. Nesta biblioteca nos detivemos na busca de informações no jornal *El Cubano Libre*, de maior circulação na Província Oriental. Fizemos uma seleção das edições dos anos que correspondiam ao maior fluxo imigratório de trabalhadores do Caribe para Cuba, anos que estavam relacionados à aprovação da legislação nacional para a entrada de imigrantes no país. A coleção do jornal *El Cubano Libre* encontra-se quase completa nesta biblioteca. Este é o principal jornal da província nas primeiras décadas do século XX, o que faz dele uma referência importante para se conhecer o teor das notícias veiculadas em suas páginas, principalmente nos artigos em torno da questão imigratória.

Analisamos as publicações do jornal *El Cubano Libre* logo depois da proclamação da República (1902) para ter uma idéia de como a imprensa neste período abordava os fatos relativos à contratação de trabalhadores antilhanos e qual a imagem que o jornal passava desses trabalhadores para a sociedade. Escolhemos então começar pelo ano de 1904; depois pesquisamos em algumas edições do ano de 1913 quando a legislação sobre a imigração já tinha dado os seus primeiros passos para a aprovação da contratação dos antilhanos para a indústria açucareira, e por fim analisamos alguns números do ano de 1917, quando a legislação sobre o tema foi criada e aprovada pelo governo cubano, possibilitando às empresas a contratação irrestrita de imigrantes, inclusive dos próprios antilhanos.

El Cubano Libre é um jornal conservador e as opiniões emitidas através dele expressava os anseios e preocupações da burguesia local que por sua vez estava ligada à opinião nacional. Encontramos neste jornal algumas pistas de como as questões referentes à imigração antilhana eram tratadas pelas autoridades e a discordância que havia entre o governo cubano que criava a legislação referente à contratação dos imigrantes com as empresas açucareiras que estavam interessadas na sua lucratividade, mas não deixavam de atuar socialmente e politicamente de acordo com seu interesse: expandir seus negócios em Cuba.

Outros jornais também foram analisados para que pudéssemos entender o debate entre a imprensa regional (de Oriente) e a imprensa nacional sobre a entrada dos imigrantes originários do Haiti, Jamaica e tantas outras ilhas do Caribe

para Cuba. Na Biblioteca Nacional José Martí em Havana, analisamos um dos maiores jornais de Cuba neste período e de grande circulação também, o *Diário de la Marina*. De perfil também conservador, este jornal trazia em suas páginas os mais recônditos pensamentos da burguesia cubana, especialmente o seu apoio e preferência irrestrita pela contratação dos imigrantes espanhóis para o trabalho na indústria açucareira. Ao confrontar as notícias emitidas por esses jornais nossa intenção foi a de conhecer a posição adotada pela imprensa frente à iminência de ver o país, ainda fragilizado populacionalmente pela guerra contra a Espanha, ser “invadido” pela presença de trabalhadores negros.

No jornal *Diário de la Marina* analisamos algumas edições impressas no ano de 1917, pois este foi o ano de aprovação da Lei de Imigração que permitiu a entrada massiva dos trabalhadores originários do Caribe e que deu início ao período de maior fluxo imigratório desses trabalhadores. Em essência essa lei apoiava a política exterior dos Estados Unidos, assim como a presença dos interesses financeiros deste país na indústria e na agricultura cubana. Outros jornais analisados foram *El Conservador de Oriente* (1910) e *El Demócrata* (1915), *El Noticiero Cubano* (1902), *El Nacional* (1911), *La Defensa* (1908) que também se encontram na Biblioteca Nacional José Martí.

A imprensa cubana teve um papel importante ao tratar as questões sociais; grandes figuras da política e da intelectualidade cubana expunham suas opiniões através destes veículos de comunicação sobre os mais variados temas. Analisar o discurso da imprensa possibilitou-nos entender como os representantes da República cubana pensavam a construção da nova Nação, já que o tema da imigração envolvia não só uma questão econômica, mas estava ligada diretamente às questões raciais projetadas em uma definição de Nação cuja base era o branco crioulo, responsável pelas diretrizes que deveria levar a Nação ao seu estado de desenvolvimento espiritual. O que revela esse discurso é a preocupação na conservação de uma ordem social e moral formulada a partir de uma conduta pautada nos princípios forjados pela elite para as classes mais baixas e a imagem construída em torno do elemento indesejável: o negro. Se na primeira década o negro cubano é o foco do preconceito da burguesia nacionalista, a introdução do negro antilhano se interpõe na relação social entre branco cubano/negro cubano, servindo de intermediário nas relações sociais do país.

Na *Casa del Caribe*, localizada em Santiago de Cuba, encontramos obras referentes a imigração antilhana. Na coleção da *Revista del Caribe*, especializada em assuntos sobre migração, religiosidade e economia e também trabalhos sobre cultura regional, traz vários artigos sobre diversas temáticas relacionadas com Cuba e com o Caribe é uma fonte indispensável para qualquer trabalho sobre cultura na região.

Pelo Projeto de Cooperação entre o Centro de Estudos do Caribe no Brasil e a Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (Espanha), intitulado *Migrações Sul-Norte*, financiado pela CAPES, viajamos à Espanha com o apoio desta agência e realizamos as investigações finais da tese. Em Canárias buscamos informação nos principais jornais de Las Palmas, sobre a visão dos trabalhadores canários em relação aos imigrantes antilhanos. A relação entre esses dois grupos de trabalhadores parece, segundo as fontes e segundo informações de especialistas canários sobre a migração de trabalhadores destas ilhas para Cuba, não foi intensa principalmente pelo fato de que os canários iam a Cuba para realizar trabalhos nas colônias enquanto que os antilhanos trabalhavam no corte da cana.

No entanto, os jornais canários no que se refere ao período de maior crise do açúcar (1925-1930), trazem notícias de ordem geral sobre a crise econômica e política que Cuba enfrentou nesse período devido a queda do preço do açúcar a nível mundial que atingiu os imigrantes canários, assim como os antilhanos. A crise da indústria açucareira atingiu os imigrantes canários porque o destino da renda recebida por esses imigrantes era enviado para suas famílias que permaneciam em Canárias (Espanha).

Sob o aspecto político nos chamaram a atenção principalmente as notícias referentes ao fim do governo de Gerardo Machado (1933), pois durante seu governo, especialmente na última década, foi quando aconteceu a repatriação dos imigrantes antilhanos e o retorno dos imigrantes canários para seu país. O que deve ser ressaltado é que a situação de penúria nestas décadas atingiu os dois grupos de imigrantes.

Em Las Palmas trabalhei no Arquivo do Museo Canário com os jornais *El Progreso* (1933), *La Prensa* (1930), *La Voz Obrera* (1930), *Diário de Avisos de La Palma* (1932) e *Diário de Las Palmas* (1932,1934).

Na biblioteca da *Casa de Colón*, também em Las Palmas, consultamos uma bibliografia geral sobre Cuba, como o livro de Levi Marrero *Geografía de Cuba* (1970) que muito nos auxiliou para entender e explicar, como o próprio título do livro nos diz, a geografia da grande Antilha e sua influência na produção açucareira.

E por fim, também trabalhamos na biblioteca do Instituto de Humanidades da Universidad de Las Palmas de Gran Canaria onde tivemos acesso às obras relacionadas com a história de Cuba e sobre a migração canária para este país.

Para trabalhar as fontes aqui apresentadas no seu conjunto, formulamos algumas questões que nos ajudassem a interpretá-las. Nossa pesquisa nos arquivos nos fez mudar de perspectiva em relação à investigação, levando-nos a projetar nosso trabalho em uma outra vertente.

Inicialmente nossa intenção era analisar especificamente a indústria açucareira, ou seja, a presença dos trabalhadores negros no espaço dos centrais, mas isso se tornou inviável pelo teor das fontes encontradas; a documentação nos levou a uma outra direção na investigação que foi a de analisar o impacto da imigração antilhana na sociedade cubana em um período em que ela passava por uma série de transformações políticas e econômicas. A nosso ver, essa vertente não menos interessante do que a que pretendíamos pesquisar e tão pouco menos complexa, trata-se de um assunto pouco abordado pela historiografia cubana e caribenha de forma geral.

Um dos aspectos mais recorrentes na bibliografia que se refere à imigração antilhana é que esta era uma imigração indesejável, a primeira questão neste caso seria: Por que a sociedade cubana temia a entrada dos imigrantes antilhanos no país? Por que a imigração antilhana era denominada de indesejável pela sociedade e ao mesmo tempo “desejável” pelas empresas açucareiras? O temor fomentado através da imprensa incentivou o preconceito da sociedade cubana para com o imigrante antilhano dificultando sua integração?

Essas perguntas servem de condutores para que possamos entender quais eram os aspectos sócio-culturais evidentes na sociedade cubana durante as três primeiras décadas do século XX, em que estava em jogo, a manutenção de uma hegemonia branca, resguardada por valores morais e culturais contruídos e constituídos pela aristocracia crioula-espanhola do século XIX que via o negro como um elemento desvirtuador desses valores e que fazia retroagir os avanços

almeçados por sua elite branca; a entrada dos imigrantes antilhanos desde os primeiros anos do século XX reafirma essa idéia. Segundo, a imigração antilhana serviu aos interesses das indústrias açucareiras para desestabilizar a grande massa de trabalhadores da indústria favorecendo aos interesses das empresas açucareiras no controle desses trabalhadores e no aumento da produção.

A classe dominante, exclusivamente branca, influenciou impondo os alicerces sócio-culturais em todos os setores da vida do cubano. Nas três primeiras décadas do século XX, a ideologia do racismo, imprimia uma ética cujo princípio orientador era a aristocracia da pele. O negro era tratado como uma mercadoria identificada com o trabalho barato e o branco era o símbolo e a fonte de toda autoridade (LAMMING, 1980, p.118). Essa aristocracia da pele regia as relações de trabalho, as relações culturais e sociais dos cubanos e ainda mais, estava diretamente ligada ao projeto nacional, formulado pela elite cubana que com a ativação da indústria açucareira se chocava com os interesses econômicos das grandes companhias estrangeiras que passaram a controlar os negócios do açúcar no país.

Nossas hipóteses de trabalho se referem aos dois aspectos do processo migratório dos trabalhadores antilhanos para Cuba. Um deles seria analisá-lo desde dois pontos distintos, um que serviu aos interesses das companhias açucareiras e o segundo a partir dos interesses da burguesia latifundiária do Oriente. Partimos de uma hipótese geral, de que a intenção das empresas norte-americanas em contratar os imigrantes antilhanos na primeira década do século XX fortaleceu o racismo da elite cubana e intensificou a sua intenção por construir uma nação sem a presença do negro; na segunda década do século XX, vemos uma mudança no comportamento do negro cubano a partir da sua conscientização motivada pelo encontro com os outros negros advindos de outros países caribenhos.

AS FONTES ORAIS

As entrevistas utilizadas neste trabalho foram feitas pela equipe de historiadores orais de Cuba no ano de 1992, com trabalhadores residentes na província de Las Tunas.

Os depoimentos dos trabalhadores dos centrais Chaparra e Manati foram imprescindíveis na confrontação com as outras fontes, especialmente os jornais, nos possibilitou conhecer a impressão dos trabalhadores de origem cubana e espanhola sobre os imigrantes antilhanos e analisar a construção do discurso burguês frente ao discurso dos trabalhadores cubanos sobre esses imigrantes.

Durante nossa viagem a Cuba não foi possível realizar outras entrevistas, no entanto, cremos que os depoimentos coletados pelos pesquisadores no ano de 1992, serviram completamente ao nosso interesse, pois nos permitiram corroborar e confrontar informações com as outras fontes através da memória daqueles trabalhadores que conviveram com jamaicanos e haitianos nos centrais citados acima. Segundo Alessandro Portelli, se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (1997, p. 16).

Muitos dos entrevistados compartilharam o espaço dos centrais com os imigrantes de origem franco e anglo antilhanos. Relatam não só questões de ordem comportamental, mas principalmente culturais: hábitos alimentares, organização familiar e social, tradições e muito mais.

Consideramos os depoimentos orais fontes imprescindíveis para a estruturação argumentativa a que nos propomos neste trabalho os depoimentos possibilitaram entender alguns aspectos do relacionamento estabelecido entre os trabalhadores cubanos e os imigrantes antilhanos, dentro e fora dos espaços da indústria açucareira.

Em Las Palmas de Gran Canária, como já comentamos, realizamos uma entrevista com o Sr. Antônio Sánchez, 92 anos, que migrou para Cuba na década de vinte. Suas impressões sobre a experiência de trabalhar com os haitianos e jamaicanos ofereceu-nos mais subsídios para analisar a relação entre os trabalhadores e comparar a construção imagética atribuída aos trabalhadores antilhanos.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho foi dividido em seis capítulos. No primeiro, apresentamos mediante o uso da bibliografia os usos dos conceitos que privilegiamos para a pesquisa, enfatizando as questões fomentadas pela burguesia cubana concernentes ao projeto nacional frente à contratação dos trabalhadores negros antilhanos.

No segundo capítulo analisamos a questão do negro em Cuba, o papel das organizações trabalhistas na reivindicação por melhores condições de trabalho para todos, independentemente da nacionalidade ou raça. A ativação do debate em torno a questão racial no país mediante a contratação dos trabalhadores negros, o confronto entre negro cubano versus negro haitiano e jamaicano.

A plantação e a migração são os temas do capítulo três, onde discutimos a contradição entre o projeto burguês e a necessidade das empresas açucareiras em obter mão-de-obra barata para suas safras. Neste capítulo também abordamos a questão que influenciou no projeto da política migratória para Cuba que teve como protagonistas a indústria doméstica norte-americana produtora do açúcar de beterraba e a indústria de açúcar também norte-americana instalada em Cuba. Os interesses econômicos que envolviam esses dois ramos da indústria açucareira pautaram as discussões em torno da questão legislativa sobre imigração, que inicialmente atendia aos interesses da burguesia cubana e aos interesses da indústria doméstica nos Estados Unidos.

No capítulo quatro apresentamos dados numéricos sobre o impacto da imigração antilhana na região oriental de Cuba, principal porto de desembarque e ainda analisamos os argumentos utilizados pela burguesia para impedir a entrada dos antilhanos no país. Neste capítulo também expomos a organização e o funcionamento dos centrais açucareiros cubanos, grandes conglomerados modernos na produção do açúcar, instalados principalmente nas províncias de Oriente, especialmente os da United Fruit Company, responsável juntamente com a Nipe Bay Company pela contratação dos trabalhadores haitianos e jamaicanos.

As características sócio-culturais dos imigrantes antilhanos e espanhóis são apresentadas no capítulo cinco. As associações ganham destaque neste capítulo, especialmente a *Sociedade George Sylvain*, associação organizada pelos haitianos que tem como principal papel manter a unidade cultural desses imigrantes

estabelecidos em Cuba. A existência dessa sociedade expõe uma série de fatos que desmistificam a atuação social dos haitianos dentro do país, inclusive da sua relação com os cubanos, da preservação dos valores nacionais do seu país de origem e do país de recepção.

Neste capítulo também analisamos a presença do movimento garveista na região oriental, embora sem aprofundar sobre o tema, apontamos esse fato como uma das influências mais importantes levadas a Cuba pelos imigrantes jamaicanos que teve como causa a conscientização do negro.

No sexto e último capítulo, analisamos o movimento Independientes de Color, a organização trabalhista e a imigração antilhana e para terminar a repatriação dos imigrantes jamaicanos e haitianos e suas conseqüências.

Acrescentamos ao trabalho um glossário para facilitar ao leitor a compreensão de alguns termos comuns na literatura sobre migração antilhana, indústria açucareira cubana e estudos afro-cubanos. O trabalho termina com as referências documentais e bibliográficas utilizadas e por fim acrescentamos como anexos alguns dos documentos que consideramos importantes para os interessados neste assunto e que poderão ser consultados posteriormente, pois muitos são inéditos.

CAPÍTULO I

*Cuba no es india. Cuba no es blanca. No es
Ni negra ni amarilla. Cuba es mulata, mestiza,
Blanquinegra, tabaco
Carlos Franqui*

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS DE CUBA

A configuração geográfica de Cuba segundo nos descreve Levi Marrero em seu livro *Geografía de Cuba* (1970) longa e estreita, tradicionalmente tem sido comparada a um camarão, a uma língua de pássaro ou a um tubarão cabeça de martelo. Seu território está constituído pela ilha de Cuba, a ilha de Pinos e mais de 1.600 ilhas e cayos adjacentes nas duas ilhas maiores. Cuba está situada no hemisfério norte, na entrada do Golfo do México, banhada pelo mar Caribe e muito próxima das três Américas e do Canal do Panamá, que une os oceanos Atlântico e Pacífico.

FIGURA 1 – Mapa físico de Cuba



<http://worldatlas.com/webimage/countrys/namerica/caribb/cu.htm>

Sua localização estratégica, cercada pelos mais importantes acessos marítimos da região: o *Estrecho de la Florida*, que comunica o Atlântico com o Golfo do México; o *Paso de los Vientos*, que liga o Atlântico com o Caribe e o *Canal de Yucatán*, que liga o Caribe com o Golfo do México.

A política de incentivo econômico norte-americano empregado em Cuba após a sua independência da colonização Espanhola em 1898, representava um futuro promissor de desenvolvimento e garantias de elevar a tão jovem República a uma nação próspera e com capacidade para criar seu próprio caminho econômico e comercial. Pelo menos esse era o pensamento da burguesia cubana, inclusive de parte dos homens ilustrados, que se não viam com bons olhos a influência dos Estados Unidos no país, procurava enxergar o seu lado mais positivo como explica Marrero, “la posibilidad de fomentar diversas industrias ligeras en combinación con el desarrollo de una marina mercante suficiente, constituye un programa de progreso futuro para Cuba, que podría aprovechar las ventajas de su posición central en el Mediterráneo Americano como base para la expansión de su economía y llevar sus productos a todos los países del Caribe” (1970, p. 6).

Cuba está no centro da região denominada de Mediterrâneo Americano, sua extensão é de aproximadamente 110.922 km²; ao seu norte, oeste e sul estão as costas continentais e ao seu leste situa-se uma cadeia de ilhas denominadas de Antilhas Menores e as Bahamas.

A localização geográfica de Cuba sem dúvida é o que mais favoreceu para o empreendimento de ações comerciais entre a ilha e toda região circunvizinha, não só durante o domínio espanhol sobre a ilha, mas também após a independência quando se dá a intervenção norte-americana, que passou a investir economicamente em Cuba, utilizando a ilha como ponte para chegar aos outros países do Caribe e do continente Latino-Americano.

FIGURA 2: A AÇÃO IMPERIALISTA DOS E.U.A NO MAR CARIBE



www.library.miami.edu

FIGURA3: CUBA E E.U.A: “BONS AMIGOS”



www.library.miami.edu

Uma metáfora interessante sobre a atuação dos Estados Unidos no Caribe é elaborada por Luis Araquistán, autor de *La agonía Antillana* que após recorrer várias ilhas da região e conhecer a realidade econômica e social das Antilhas diz que o imperialismo yanqui sobre elas pode ser comparado ao Juggernaut, ídolo do templo de Vishnu “señor del mundo y, al paso de la carroza donde los sacan en procesión todos los años, los fanáticos peregrinos índios que acuden de todo el país se arrojan bajo las pesadas ruedas y se dejan triturar en voluntarias y salvaje holocaustos” (1928, p. 15). O autor completa que “también en esas regiones de América abundan los que, deslumbrados por el poderio y la riqueza de Juggernaut del Norte, permiten pasiva y a veces gozosamente que las ruedas de la carroza triunfal del ídolo-hierro y oro aplaste la soberanía de sus pátrias” (1928, p.15).

A contradição de interesses inerentes às nações caribenhas mediante a dependência dos Estados Unidos coloca em xeque sua autonomia para decidir seu próprio futuro, revela ainda que o amadurecimento de uma visão nacionalista, no caso de Cuba, é ativada pelo choque de posições adotadas pelas classes dirigentes

e da sua aproximação ou distanciamento aos interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos sobre o país.

A relação Cuba/Estados Unidos se confunde em vários momentos da história da maior das Antilhas, mas é no século XX que a relação entre os dois países mais se aproxima devido a um interesse comum: a produção do açúcar e a sua exportação.

La cercanía y el carácter complementario de sus economías han producido, desde la época colonial de Cuba, una estrecha relación económica con los Estados Unidos. Así los Estados Unidos llegaron a ser la metrópoli económica de Cuba desde mucho antes que los cubanos lograran independizarse de España, y ello se há reflejado de modo decisivo en nuestra economía, manteniéndose como nación esencialmente agrícola y monoprodutora, y haciendo del azúcar – nuestro principal producto para el interés norteamericano –, la base de la economía cubana (MARRERO, 1970, p. 13).

O açúcar foi a base econômica do país mais importante no século XIX e continuou sendo nas primeiras décadas do século XX o seu principal produto de exportação. A sociedade e a cultura cubana estão completamente envolvidas na atmosfera criada em torno à cana-de-açúcar e ao tabaco, outro produto também importante economicamente para o país. O etnólogo Fernando Ortiz descreve perfeitamente a importância deles para Cuba em seu livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. De naturezas distintas “la caña de azúcar y el tabaco son todo contraste” diz Ortiz (1991, p.53).

O açúcar foi responsável pelo *ajiaco* étnico que o país experimentou logo que se iniciou o século XX. Uma grande quantidade de mão-de-obra atraída pela prosperidade que o produto proporcionava a Cuba, provocou a migração de milhares de trabalhadores que cruzavam o Atlântico, caso dos espanhóis, ou o próprio mar Caribe, caso dos trabalhadores das nações vizinhas a Cuba, atraídos para a indústria ou para as plantações de cana na maior das Antilhas.

A situação de país monoprodutor, totalmente dependente da indústria açucareira, em alguns momentos é a causa da total instabilidade econômica do país. O açúcar, responsável por 82% da exportação nessas três primeiras décadas tem em Cuba um ambiente favorável para a sua produção, devido: 1) mais de 65% da área total de Cuba ser plana ou ondulada o que facilita a plantação, o cultivo, o corte e o transporte da cana; 2) a fertilidade do solo cubano fez com que a produção da cana se desse por mais de dez anos consecutivos; 3) o clima de Cuba é livre das

baixas temperaturas que matam a planta; 4) a proximidade do mercado norte-americano favoreceu uma grande vantagem comercial para a ilha; 5) a condição insular de Cuba, sua configuração alargada e a abundância de baías, favoreceram aos *hacendados* no transporte do açúcar, pois nenhum engenho ou Central esteve a mais de 60 km da costa, o que diminuía o custo, barateando o transporte do açúcar até os portos de embarque.

A migração de trabalhadores do Caribe foi uma opção das *companies* açucareiras que gerou um grande debate na sociedade cubana. Autores como Ramiro Guerra (1976) sustenta que essa corrente migratória teve como função diminuir os salários dos trabalhadores cubanos¹⁶; acreditamos que mais que baratear os salários essa migração foi utilizada pelas empresas para desestabilizar orgânicamente os trabalhadores, para dificultar sua integração; serviu aos interesses políticos dessas mesmas empresas para submeter o governo cubano a atuar de acordo com as suas necessidades. Por isso, há que separar o fenômeno da migração antilhana para Cuba em dois períodos e analisá-los separadamente. Durante a primeira fase que vai de 1905 a 1913, os imigrantes antilhanos entram em Cuba de forma clandestina, a legislação sobre imigração não permitia a presença desses trabalhadores no país; sua introdução em Cuba é uma imposição das empresas açucareiras norte-americanas que queriam uma legislação mais flexível para que pudessem obter uma grande quantidade de mão-de-obra para suas safras. Essa reivindicação será atendida em 1913 com a modificação da legislação como veremos, devido a pressão da maior empresa norte-americana em Cuba, a United Fruit Company e da Nipe Bay Company que conseguiram uma concessão do governo cubano para contratar trabalhadores antilhanos, no entanto, este foi o primeiro passo pois a aprovação legal para essas contratações só aconteceu realmente com a aprovação da Lei de Imigração de 1917. Nessa primeira fase os trabalhadores antilhanos são atacados pela imprensa conservadora que luta por impedir sua entrada em Cuba. A exploração dessa mão-de-obra pelas empresas e pelos contratistas que atuam em combinação acontece em todos os níveis.

Consideramos que nessa fase o principal papel do trabalhador antilhano é o de intensificar na sociedade cubana a sua prática racista e contrapô-la a uma ação

¹⁶Ver: GUERRA Y SÁNCHEZ, Ramiro. *Azúcar y población en las Antillas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1976.

econômica das grandes empresas norte-americanas, que em defesa de seus interesses cria uma situação de rivalidade econômica e ideológica entre a burguesia comercial e a latifundiária que embora defendessem a supremacia racial branca tinham interesses comerciais opostos.

Sobre a visão que a elite cubana tinha para o futuro republicano e sobre o novo estado de dependência de Cuba frente ao novo império — Estados Unidos —, Roig de Leuchsenring escreveu o seguinte:

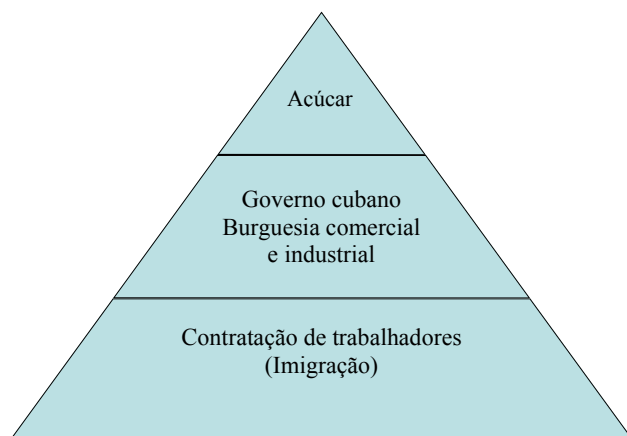
Lo que sucede es que en plena República y en pleno siglo XX, hemos resucitado la trata y la esclavitud y nos empeñamos en que la colonia y con todos los daños para el cubano que fueron el motivo de que las patriotas del siglo pasado se lanzaran a la revolución para lograr la independencia y con ella la vida civilizada, con amplitud de horizontes para desenvolverse, del cubano y del extranjero; patriotas que no se imaginaron nunca, que la República fuera un simple cambio de bandera sino la transformación general y completa del país en leyes, costumbres públicas, procedimientos políticos, económicos y administrativos (1927, p. 22)

As mudanças a que se refere Roig de Leuchsenring, são a nosso ver consequência da implementação de uma política imigratória imposta pelas *companies*, contrária a vontade da elite *criolla* que defendia a imigração espanhola. A imigração antilhana é o contraponto do discurso branqueador; a partir de 1913, a segunda fase de intenso trânsito desses trabalhadores para as províncias de Oriente, ativa sua atuação em diversos setores da sociedade cubana projetando-se contra esse discurso imputando uma nova estratificação sócio-racial, que coloca em evidência outros elementos culturais e de organização das comunidades antilhanas que obrigadas ou não, permanecem em Cuba durante o período de entre-safra e resistem ao discurso opositor da imprensa e dos nacionalistas.

A introdução dos trabalhadores antilhanos na indústria açucareira foi uma estratégia das companhias produtoras de açúcar como tínhamos comentado antes, para aumentar e baratear sua produção como atestam vários autores, no entanto, esse foi talvez o aspecto mais evidente do interesse das *companies* por essa imigração, mas não foi a única. Um jogo de forças de poder foi exposto durante a aprovação da legislação para imigração em Cuba, como veremos mais adiante, que inclui não só a política interna do país, mas também a própria política econômica das indústrias produtoras de açúcar nos Estados Unidos. O problema é que Cuba será o espaço de atuação de um dos ramos açucareiros da indústria norte-americana, e por sua vez terá seus interesses políticos submetidos ao grande trust que se forma em

torno do açúcar com a reativação da indústria e da sua reestruturação com base numa nova tecnologia, muito mais avançada que só poderia funcionar plenamente mediante a contratação de uma grande quantidade de mão-de-obra. Uma rede de relações é formada a partir de então, formando uma pirâmide onde o poder econômico das empresas açucareiras prevalece.

FIGURA 4 – ORGANOGRAMA SÓCIO-ECONÔMICO DAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA CUBANA¹⁷.



As conseqüências econômicas e sociais dessa medida tiveram impacto no projeto nacional formulado para Cuba pelos seus representantes políticos, herdeiros do pensamento autonomista do século XIX que queriam uma Cuba branca e *criolla*. A migração antilhana composta basicamente de negros, como já destacamos, provocou uma reação naqueles que acreditavam que essa medida significaria um retrocesso da nação. As prerrogativas que levaram as grandes empresas açucareiras a contratar a mão-de-obra antilhana serão discutidas nos próximos capítulos, o que queremos destacar aqui é que essa medida esbarra em um interesse particular da elite *criolla* cubana, que tinha como objetivo um projeto nacional fincado nas raízes de ideais racistas, que priorizava os valores implantados por séculos pela colonização espanhola, que mesmo a violenta Guerra de

¹⁷ Elaboração própria.

Independência contra sua metrópole, não pôde mudar. O branco continuava sendo o símbolo de civilização, progresso e prosperidade e o negro, símbolo do atraso, de tudo que era negativo para o desenvolvimento pleno do país. Esse pensamento da burguesia nacionalista cubana vai ser exposto durante o debate sobre a necessidade de se contratar trabalhadores estrangeiros para as safras da cana. Ao classificar a migração antilhana de temporária ou *golondrina*, poderíamos perguntar porque a burguesia cubana temia que a entrada desses trabalhadores em Cuba interferisse no Projeto Nacional, contribuindo para o aumento da porcentagem de negros. Embora fosse uma migração temporária, muitos desses imigrantes por diversos fatores permaneciam em Cuba depois das safras, como veremos nos próximos capítulos e mesmo aqueles que retornavam para seus países, viajavam a Cuba nas safras seguintes.

A contratação dos trabalhadores antilhanos sofrerá uma acirrada oposição dessa burguesia, que infere argumentos discriminatórios expostos pela imprensa, baseados em critérios sanitários e criminológicos¹⁸ para impedir a entrada deles em Cuba.

Embora classificados como ‘migração indesejável’ veremos que esses imigrantes lograram inserir-se na sociedade cubana e sua presença na região oriental de Cuba foi fundamental para a reavaliação das questões raciais existentes no país. A relação entre esses imigrantes e os trabalhadores cubanos, no entanto, deve ser analisada considerando-se que as próprias empresas contratantes dessa mão-de-obra também empregavam internamente em suas instalações, parâmetros raciais para separar os trabalhadores, e essa divisão colocava negros cubanos e

¹⁸ A criminologia como ciência teve como precursores a César Lombroso, Rafael Garófalo e Enrico Ferri, teóricos da *Scuola Positiva* ou *Nuova Scuola*. César Lombroso, nasceu em Verona, Itália, em 6 de novembro de 1835, de família com posses teve uma infância fácil e cheia de gratificações. Estudou medicina e realizou sua tese de doutorado sob o título “Studio su Cretinismo in la Lombardia”. No ano de 1871, ocorre um acontecimento importante que produz uma mudança não somente na vida de Lombroso, mas também na ciência e na humanidade; estando observando o crânio de um delinqüente, Lombroso, observou uma série de anomalias que lhe fez pensar que o criminoso o é por certas deformidades craneanas, e por sua similitude com certas espécies animais. Lombroso queria encontrar um critério que diferenciasse um enfermo mental do delinqüente, porém ao deparar-se com este descobrimento, começou a elaborar o que ele mesmo chamaria: “Antropologia Criminal”. Seu pensamento e o de Enrico Ferri influenciaram a Fernando Ortiz precursor dos estudos sobre o negro em Cuba, tanto que seus primeiros livros narram o caráter criminal dos negros, descritos por ele na trilogia “La Hampa afro cubana”. O pensamento científico difundido pelos teóricos da *Scuola Nuova*, foi utilizado em Cuba para justificar a inferioridade do negro e imputar-lhes um caráter também de inferioridade. Sobre o pensamento de Lombroso e dos outros teóricos ver em: www.todoelderecho.com/Apuntes/Penal/criminologia.htm.

antilhanos sob um mesmo grau de exploração, sendo que dentro dessa homogeneização do negro enquanto trabalhador, as diferenças eram estabelecidas por critérios educacionais, de comportamento e de nacionalidade.

Sua presença em Cuba realimentou a cultura do país com novos elementos, contribuiu para a prosperidade da indústria açucareira na região oriental, re-orientou o debate acerca da incorporação do negro na sociedade cubana. E por outro lado, a experiência vivenciada em Cuba possibilitou que esses imigrantes incentivassem a criação de organizações trabalhistas nos seus países de origem.

No entanto, a visão negativa sobre haitianos e jamaicanos despertava um discurso pautado pelo temor em ver a Nação cubana sujeita a invasão de doenças e costumes viciosos, como destaca o Dr. Presno, ao alertar as entidades açucareiras sobre o perigo de se introduzir em Cuba esse tipo de trabalhador: “la responsabilidad que contraen ante la nación, por ser éstos, portadores de enfermedades transmisibles y vectores de costumbres viciosas y criminales” (LE ROY CASSÁ, 1929, p.24-25).

Afirmar que as relações estabelecidas entre os imigrantes antilhanos e a sociedade cubana foram somente de antagonismo, fortalecido pelo racismo que imperava entre seus membros é um erro, e dizer que estes foram aceitos e recebidos com total falta de enfrentamento também não é verdade. No entanto, esse embate ocasiona uma reavaliação sobre os parâmetros étnico-raciais vigentes, pela própria visão que a elite cubana tinha do negro como já dissemos. A condição de trabalhadores sujeitos à exploração das companhias e aos mais baixos salários, despertou na classe trabalhadora cubana uma avaliação das condições a que eram submetidos os imigrantes antilhanos.

A contratação desses trabalhadores além de ser uma forma de garantir o sucesso das safras, também foi utilizada pelas grandes *companies* como uma estratégia de influência sobre o governo cubano para garantir a manutenção de seus negócios, inclusive se utilizavam de meios ilícitos para conseguir que o governo atendesse suas reivindicações.

Solamente se obtuvieron 60 trabajadores de los 75 que ordené a la Habana. El Sr. Silveira me comunicó que nuestros agentes de trabajo están laborando allí al arribar algún barco, para contratar los trabajadores que lleguen; aunque en esto, como en la mayoría de los asuntos de este gobierno, hay una gran cantidad de chanchullos, y para poder obtener todos los trabajadores que usted quiere los agentes tendrán que sobornar, y el señor

Silveira dijo que él se encargaba de ésto (...) tratando de resolver sin comprometermos a nosotros... (Harty e Preston, 15 de junio de 1905, *Managers Letter Book*, p. 831 y 832).

Portanto, esses imigrantes na primeira década do séc. XX, também vão servir aos interesses das companies para desestabilizar a organização dos trabalhadores nacionais. O congresso trabalhista realizado durante o período republicano (28, 29 e 30 de agosto de 1914), organizado pela *Asociación Cubana para la Protección Legal del Trabajo*, indica que nesse período a classe trabalhista cubana ainda vivia um estágio de pouca consciência classista (TELLERÍA, 1973, p. 52). O Congresso teve como característica o apoio do governo de Menocal para a sua realização, este fato provocou uma reação dos participantes como pode ser verificado nesta nota publicada no jornal *El Día* “por una parte, se bien al comienzo de las sesiones muchos asistieron de buena fé, a las ultimas sesiones ya no iba casi nadie... Durante varias sesiones, parte del público obrero y hasta algunas delegaciones, manifestaron su protesta negándole representación al congreso” (*El Día*, 31 de agosto de 1914). As principais manifestações trabalhistas neste ano aconteceram a partir de outubro com a atividade dos anarcosindicalistas que fizeram circular seus manifestos em Camajuaní, Camaguey e outras localidades.

O incremento da indústria açucareira após 1899 foi o fator mais importante para seu pleno desenvolvimento nas primeiras décadas do séc. XX, a transformação dos *engenhos* em colossais *centrais*, com tecnologia moderna e com maior capacidade de produção, provocou mudanças significativas no país.

En 1899, según el censo de ese año, había 207 ingenios en condiciones de moler. Aunque la producción azucarera ha llegado a sextuplicar las cifras más altas de la época colonial, el número de centrales en la época republicana nunca ha sido superior a 200. La reconstrucción de la industria se efectuó fomentando gigantescos centrales, provistos de redes ferroviarias propias y rodeados de grandes latifundios lo que les colocaba en condiciones de dominar al colono, restándole independencia. Además se comenzó a importar millares de braceros antillanos para las tareas más duras de la zafra. Este proceso se fué agravando desde 1899 hasta 1933. A partir de este año, una serie de medidas de carácter nacionalista y social, unidas a la fuerte crisis azucarera de 1929 a 1934, han modificado la orientación de la industria azucarera, cuyo sesgo en la década de los 20 era marcadamente peligroso para los altos intereses nacionales (MARRERO, 1973, p. 211).

A indústria açucareira foi a coluna dorsal do desenvolvimento econômico cubano nas três primeiras décadas após a independência. Os incrementos tecnológicos possibilitaram a reativação dos antigos engenhos transformando-os em

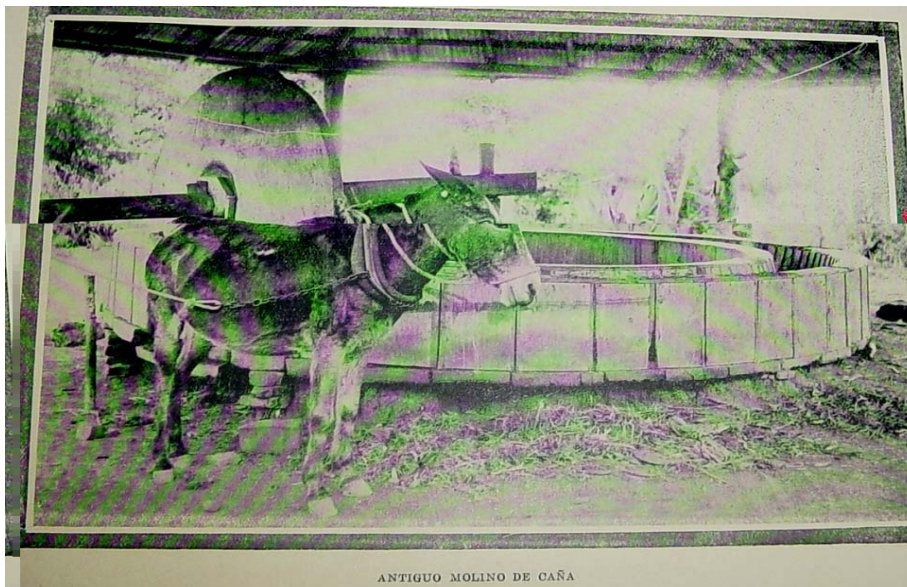
gigantescas indústrias. É em torno do açúcar que a política e a sociedade cubana dá os seus primeiros passos republicanos. As imagens a seguir revelam que o emprego da nova tecnologia foi essencial para o ressurgimento da indústria açucareira a partir do início do século XX. De técnicas manuais, a indústria mediante o investimento do capital estrangeiro dá um salto significativo de qualidade e em produção.

FIGURA 5: MÁQUINA PRIMITIVA PARA ESPREMER A CANA



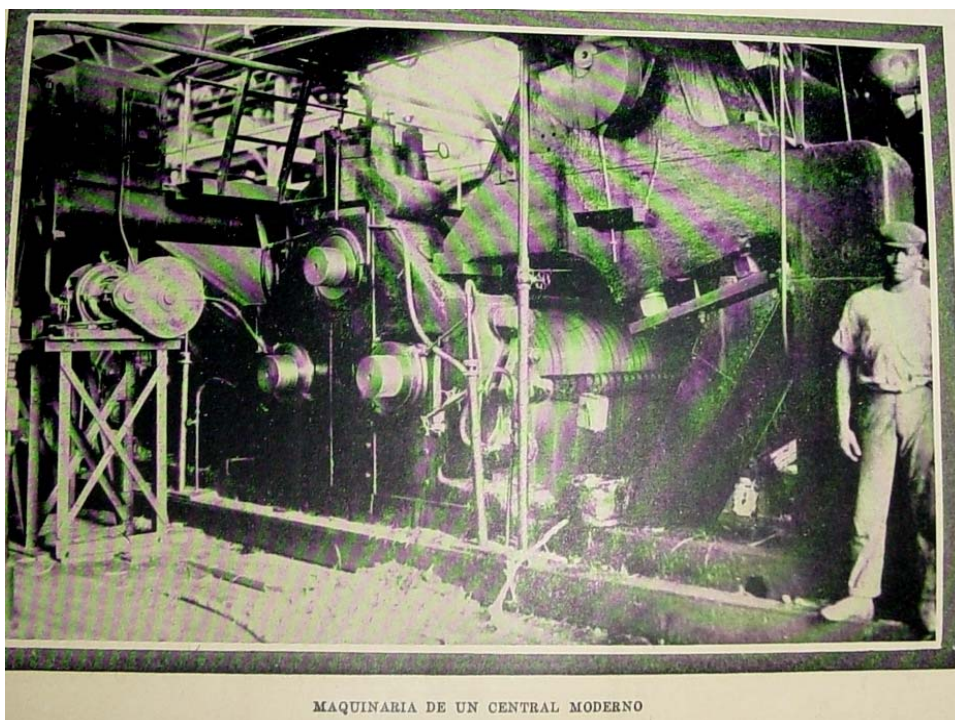
Censo de la República de Cuba, 1919, p.345

FIGURA 6: ANTIGO MOINHO DE CANA



Censo de la República de Cuba, 1919, p. 346

FIGURA 7: MÁQUINA DE UM CENTRAL MODERNO



Censo de la República de Cuba, 1919, p. 373

A penetração econômica dos Estados Unidos em Cuba começou antes que esta conseguisse sua independência. No último quarto do século XIX aumentaram os investimentos norte-americanos na ilha. Fazendeiros em situação precária, ávidos por salvar parte de seus capitais, venderam seus engenhos à companhias norte-americanas. Esta penetração que foi realizando-se durante os últimos anos do século XIX tomou um ritmo acelerado quando se deu a ocupação militar de Cuba pelos Estados Unidos a partir de 1898.

Os autores norte-americanos Scott Nearing e Joseph Freeman em sua obra *La Diplomacia del dólar* fazem um resumo da exploração dos Estados Unidos em Cuba. Dizem,

Desde la primera ocupación militar de Cuba por los Estados Unidos a principios de este siglo, a través del subsecuente control militar y civil, los intereses económicos americanos han estado ensanchándose constantemente en la Isla... Después del azúcar, los ferrocarriles y los puertos representan las inversiones americanas más importantes en Cuba. Éstos dependen, para sus rentas, principalmente del transporte de la caña de azúcar cubana... Teóricamente, Cuba es un estado soberano. Prácticamente, la vida económica y política de la Isla está dominada desde New York y Washington. Este método de control evita los gastos de colonización mientras deja el campo abierto a los intereses americanos. La propiedad de Cuba está casi por completo en manos del

National City Bank. El banco controla directamente la General Sugar Company. Sus directores controlan directamente la General Sugar Company. Sus directores controlan los Ferrocarriles Consolidados y las inmensas propiedades de azúcar de la Compañía de Cuba, así como otras muchas corporaciones cubanas. Además las 24 sucursales del National City Bank en Cuba prestan diñero a los hacendados de la Isla con hipoteca de su azúcar, al 10% de interés. Los Ferrocarriles Consolidados, por la ley Tarafa, hacen diñero con el azúcar que no controlan ni directa ni indirectamente. La vida política de Cuba está dirigida por el representante del Departamento de Estado. El dominio americano en la Isla es absoluto (PORTUONDO, 1965, p.201-224).

O documento expõe a delicada situação de dependência econômica de Cuba em relação aos Estados Unidos. Embora a indústria açucareira tenha sido o negócio principal para o investimento norte-americano o poder econômico das empresas que foram instalados em Cuba se estendeu para outros ramos de negócios. A tabela a seguir indica a proporção de investimento norte-americano em Cuba no período de 1903 a 1928 nos diversos setores econômicos.

TABELA 1:
OS INVESTIMENTOS NORTE-AMERICANOS EM CUBA
(MILHÕES DE PESO)

Sectores	1903	%	1928	%
Azucarero	\$25	23,1	800	53,2
Ferroviário	12	11,2	120	8,0
Minero	5	4,6	35	2,3
Servicios Públicos	8	7,4	110	7,3
Bienes Raíces y Tierras	—		150	10,0
Otros	58	53,7	290	
TOTALES	\$98		\$1.505	100,0
	108	100,0		

Fonte: Bureau of Stadistic: Comercial Cuba, 1903. Winkler, *op. Cit.*

Os investimentos norte-americanos no setor açucareiro foram intensos, seguido da aplicação em outros setores econômicos que direta ou indiretamente estavam ligados á produção do açúcar. Essa relação da indústria com o capital estrangeiro é uma das questões mais evidentes do emprego tecnológico, do intenso fluxo migratório que o país vivenciou nas primeiras décadas do século XX e da dependência política de Cuba em relação aos Estados Unidos.

As mudanças nas características técnicas e administrativas da indústria durante as primeiras décadas, são sinais da penetração do capital norte-americano

na ilha. Esses investimentos modificam também o quadro social cubano ao criar linhas de trabalho atrativas para uma grande porcentagem de estrangeiros, de diferentes países e interfere inclusive no projeto nacional pensado pela elite cubana.

O crescimento econômico que o país experimenta nas primeiras décadas do século, corresponde com um incremento igualmente notável no plano demográfico. O crescimento populacional entre 1899 e 1919, faz com que nos anos 20 a população da ilha atinja um nível bastante elevado, duplicando seu número, com um ritmo de 3% ao ano, segundo se pode verificar nos dados da tabela abaixo.

TABELA 2:

**CUBA: POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO
MÉDIA ANUAL**

<i>Ano</i>	<i>População</i>	<i>Taxa de crescimento (%)</i>
1899	1.572,8	-
1907	2.049,0	3,34
1919	2.889,0	2,86

Fonte: Centro de Estudios Demográficos: La población de Cuba. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 1976, p.10

Os mesmos fatores que atuam como aceleradores do crescimento demográfico incidem sobre a distribuição da população no espaço insular. Enquanto que o *boom* açucareiro no final do século XIX havia beneficiado principalmente as províncias ocidentais, no período entre 1902 e 1925, a rápida expansão do setor se produz na região oriental do país, onde o baixo preço e a quantidade de terras virgens propiciam a apropriação de imensos latifúndios pelo capital norte-americano.

Na província de Camaguey, a partir de 1901, a produção açucareira duplicou em um quinquênio, e este fato se repetiu em somente três anos. Desde então e até 1922, Camaguey duplicou suas safras a cada cinco anos. Algo similar, ainda que em menor ritmo, aconteceu em Oriente, província cuja proporção na produção açucareira nacional se elevou de 9,63% em 1901, a até 25,91% em 1923 (IBARRA CUESTA, 1998, p.168).

A NAÇÃO CUBANA E A QUESTÃO RACIAL: A INFLUÊNCIA DOS PARÂMETROS MIGRATÓRIOS

Segundo Enrique López Mesa autor de *Historiografía y Nación en Cuba*, os primeiros a ocupar-se das discussões do que seria a Nação foram os ideólogos cubanos do séc. XIX, que envolvidos na política, tinham como meta defender a soberania do país (2001, p. 272).

As primeiras discussões a respeito do tema giravam em torno da prédica independentista que contrapunha criollos e pensinsulares, ou seja, brancos cubanos e brancos espanhóis. Nessa fase entendemos que o embate se dava a nível ideológico e estava relacionado aos interesses políticos e econômicos que ambos os grupos queriam exercer sobre Cuba.

As contradições para se definir temporalmente quando a nação começou a ser imaginada revela que essa é uma questão impossível de se resolver, pois os argumentos que a alimentam estão contidos na posição que assume cada intérprete. Para Ramiro Guerra e Sánchez foi na segunda metade do século XVI que o “núcleo social cubano” se constituiu a partir da “oposição entre os interesses contraditórios da comunidade cubana e o sistema colonial, mais que um conflito de interesses materiais se desenvolveu e se transformou em ‘choque de forças espirituais’ que teve seu ápice na guerra de independência” (1922-1925, p.15). A oposição entre os interesses contraditórios da comunidade cubana de que fala Guerra, entre outras coisas, está a união do branco e do negro na luta pela libertação do país do jugo espanhol que se fez necessária, mas que contrariava a perspectiva do que almejava a burguesia nacionalista para o futuro da Nação.

Embora sociedade embrionária cubana dos séculos XVI e XVII, como relata Elias Entralgo, trazia indícios de uma sociedade mulata (1962, p.72-78) esse histórico não foi considerado pela burguesia nacionalista pós-colonialista que via no negro a representação de seu atraso. Sua análise ao fazer referência à mestiçagem como elemento de unificação, demonstra que a “Nação cubana” só existiria de fato quando seu projeto se tornasse integrador.

A Nação segundo a concepção formulada por Benedict Anderson “é uma comunidade política imaginada e implicitamente limitada e soberana” (1989, p.7). Imaginada porque os membros que a compõem nunca poderão conhecer a todos os seus compatriotas “nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um

esteja viva a imagem de sua comunhão” (1989, p.7). Se considerarmos a concepção de Nação como algo abstrato que existe somente na imaginação de seus cidadãos, podemos interpretar também que essa construção psicológica da Nação se fundamenta em pilares ou construções reais, que vão formar esse imaginário, um deles seria o discurso hegemônico através dos séculos de como ela será pensada e interpretada. Este aponta para os pilares ideais na sua formação e os que deveriam ser extirpados para não comprometer sua unidade.

A imprensa, produto cultural do nacionalismo, como explica Anderson, exerce um papel importante na constituição do imaginário nacional, criando, reforçando, admitindo ou destituindo o que fosse favorável para a construção de uma consciência a partir dos parâmetros impostos pela classe hegemônica e que detém os parâmetros condicionantes para a formação de um projeto nacional que pode ser comum a toda a sociedade ou excludente, favorecendo a um determinado grupo e excluindo a outros.

Segundo Anderson, qualquer um pode ser ‘convidado a entrar’ para a comunidade imaginada. Ele diz que a Nação, “vista tanto como uma fatalidade histórica, quanto como uma comunidade imaginada por meio da língua, a nação se apresenta, a um só tempo, como aberta e fechada” (1989, p.159). Ou seja, recebe e adota os elementos produzidos internamente e externamente conforme os interesses necessários para a manutenção dessa comunidade imaginada.

O jogo de valores concernentes à formação da Nação reflete a conduta formulada pelos seus dirigentes e é a partir das relações constituídas pelos sujeitos históricos o que determina quais deles serão mantidos. No caso de Cuba, a ‘raça’ representa um dos pilares no qual o projeto de Nação foi construído. O racismo com contaminações eternas, é fantasiado, estrategicamente adotado, para justificar a “superioridade” de um grupo sobre outro, e o nacionalismo pensado em termos de destinos históricos, muitas vezes contribui para a sua manutenção (ANDERSON, 1989, p. 38).

O branqueamento da Nação, como foi idealizado durante a República, é um exemplo de como a burguesia nacionalista se utilizou da introdução de trabalhadores brancos através da migração, para eliminar o negro, elemento “indesejável” do seu projeto original, pensado desde o século XIX. Esse elemento indesejável em dado momento histórico tornou-se um fator importante para a

formação do seu “nacionalismo cultural”. Quando isso acontece, o racismo é reavaliado e redirecionado, refletindo sobre outros elementos que não pertencem à “Nação em si”¹⁹, mas que foram introduzidos pelos interesses econômicos.

Em Cuba, a questão racial se sobrepôs à outros fatores também importantes para a concepção de Nação. A sociedade cubana esteve pendente dos valores inseridos pela ideologia racista defendida pelos grandes fazendeiros no século XIX, defensores da escravidão, e da burguesia industrial do século XX. O fato de ter sido um dos últimos países da América Latina a acabar com a escravidão, contribuiu muito para que a ideologia racista se perpetuasse e fosse também transposta para o século XX. Todas as definições de nação que são apresentadas pelos autores cubanos esbarram nessa prédica de forma direta ou indiretamente, ou seja, o pensar a Nação deriva do fato de como a sociedade e principalmente seus representantes se apoiavam no conceito para garantir uma coesão econômica e política entre os defensores de uma hegemonia branca ao longo de sua história.

O conceito de Nação possui um significado amplo, que pode excluir ou incluir os grupos que a compõe, dependendo, como vimos da forma como ela foi imaginada. Se analisarmos desde essa perspectiva, concordaremos com aqueles que defendem que nos séculos XVI, XVII e XVIII o que existia em Cuba era um ideal de Nação baseado nos anseios de uma classe dominante, branca, e dependente economicamente da metrópole espanhola. Esses fatores impediram que os cubanos comuns, trabalhadores, pobres, brancos e negros tivessem uma consciência total de pertencimento à nação, “por eso se sentian más identificados con el local, o sea con sus provincias, que con el país” (IBARRA, 1981, p.9-17). A falta de comunicação entre as províncias, a falta de transporte, e uma economia regionalizada, cremos que tenham sido fatores que contribuíram para a construção de uma visão de pertencimento mais localista.

Como vemos a “Nação em si” não existia até mesmo enquanto unidade geográfica, muito menos social ou cultural. Por esse ângulo, a idéia de integração das partes num todo, ou seja, das regiões em Nação, só aconteceu no século XX

¹⁹ O intelectual cubano José Antonio Portuondo é quem utiliza as categorias *em si* e *para si* para analisar a construção da nação cubana, que cria a partir dessas as categoria de *nación en si*, *nación fuera de si* e *nación para si*, que representam os diferentes tempos históricos de conscientização do povo cubano. Ver em: PORTUONDO, José Antonio. Cuba, nación ‘para sí’. In: *Cuadernos Americanos*, nº 20, v. 6, p. 147-172, noviembre-diciembre, México, 1961.

quando, como veremos, o desenvolvimento da indústria açucareira na região oriental promoveu sua integração com as províncias da região ocidental e a contratação pelas companhias açucareiras de uma mão-de-obra negra estrangeira incentivou a incorporação do negro cubano ao projeto nacional principalmente a partir da segunda década do século XX, quando surge um interesse dos intelectuais cubanos – ao colocarem o negro como o elemento principal de suas obras – em estudar o negro e sua cultura. Isso possibilita o despertar da consciência dos dirigentes políticos para a necessidade de buscar uma integração racial e social, pensar a Nação desde as classes subalternas²⁰.

Os imigrantes antilhanos tiveram, portanto, um papel fundamental no processo de reconhecimento e auto-afirmação do povo cubano, outro fator importante no processo de constituição da Nação, primeiro pela contribuição econômica, fundamental para a manutenção da indústria açucareira; segundo, pela incorporação, que esses imigrantes promoveram, de novos valores morais e culturais que ao serem confrontados com os valores nacionais contribuiu para o reconhecimento do grupo, para a reavaliação de seus modelos morais e principalmente para a sua identificação cultural.

Para Mañach, a nação é “la substanciación social de un hecho de conciencia: de aquel psiquismo colectivo por el cual un pueblo está seguro de si mismo, y no hace ni consiente como pueblo, nada que lo rebaje o lo destruya” (1943, p.54).

A consciência é um elemento fundamental para o reconhecimento e o sentir-se pertencente à Nação integrando-se ao seu projeto, enquanto essa consciência coletiva não se forma, a Nação não existe, é apenas um conceito abstrato sem fundamento prático. E qual seria esse fundamento prático? O de promover na consciência coletiva do povo que a integra, a defesa dos elementos que a compõem. O querer pertencer a ela e o sentir-se como parte integrante da mesma, isso vale não só para aqueles que nascem sob sua proteção, mas também para aqueles que adotam e são adotados por ela e que adquirem o direito de pertencimento, essa é uma relação complexa que não pretendemos discutir neste

²⁰ Em contraste com o termo ‘elite’, as ‘classes subalternas’ equivaleriam demograficamente ao ‘resto’ mencionado por Michel de Certeau. Para saber mais sobre os estudos subalternos ver: ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Condición de subalternidad, condición postmoderna y saber histórico. In: *Revista Historia y Grafía*. UIA, nº 12, 1999.

trabalho, o que queremos destacar é que ao negro o pertencimento lhe foi negado enquanto não se admitiu que o país era uma Nação multirracial e não branca como queria a burguesia nacionalista.

A cultura africana em Cuba segundo alguns autores, pelos fatores que identificavam sua elite com a cultura espanhola fez praticamente desaparecer alguns de seus elementos culturais mais característicos como a língua crioula, existente nos países do Caribe de fala inglesa, francesa e holandesa (A. MARIÑEZ, 1997, p. 65). Portanto, a presença dos imigrantes antilhanos em Cuba a nosso ver realimenta a cultura afro-cubana com esses aportes, subjugados pela imposição da cultura espanhola.

A identidade segundo Stuart Hall é “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está ‘sempre em processo’, sempre ‘sendo formada’ (2001, p. 38). A partir dessa concepção entendemos que a identidade cultural nacional cubana também se fez a partir da relação entre seus participantes derivando em construções permanentemente em trânsito, sendo assim, consideramos o encontro da sociedade cubana com os imigrantes no início do século essencial para o repensar dessa identidade.

Desde uma análise a partir da perspectiva cultural, Fernando Ortiz ao destacar o processo de formação da identidade nacional cubana, utiliza o emblemático exemplo da culinária, o *ajiaco*²¹, que reúne vários ingredientes que são cozidos “allá en lo hondo del puchero, una masa nueva ya posada producida por los elementos que al desintegrarse en el hervor histórico han ido sedimentando sus más tenaces esencias en una mixtura rica y sabrosamente aderezada, que ya tiene un carácter próprio de creación” (ORTIZ APUD MESA, p.174). Porém, Ortiz alertava que “la cubanidad no está solamente en el resultado sino también en el mismo proceso complejo de su formación, desintegrativo e integrativo, en los elementos sustanciales entrados en su acción, en el ambiente en que se opera y en las vicisitudes de su transcurso” (1996, p.11-12).

²¹ Prato típico cubano para o qual são utilizados vários tipos de legumes diferentes e carne que no seu cozimento praticamente se dissolve, transformando-se em uma mistura homogênea.

Esse processar dos elementos culturais caracteriza a dinâmica decorrente do encontro entre forças culturais diferentes. Ortiz sabiamente ressalta que o mais importante não é o resultado dessa mistura, mas o processar, o integrar-se, o criar e o recriar, fenômenos que substancializam as relações e fortificam seus laços; isso representa que as forças que contribuem para esse processar são atrativas e repulsivas ao mesmo tempo e delas fazem parte desde os fatores internos, ou seja, os elementos pertencentes à Nação ou/e (também) os elementos externos, ou seja, aqueles introduzidos, que ao integrarem-se ao novo contexto também contribuem através de sua cultura com novos códigos, novos valores, que fazem com que os indivíduos se reconheçam se reinterpretem e se conscientizem de seus próprios valores.

As correntes migratórias, levadas a Cuba nas primeiras décadas do século XX, contribuem para uma reavaliação do projeto de Nação republicano que estava sendo elaborado pelos seus representantes e que estava pautado na manutenção dos elementos hispano-cubanos, capazes de manter a divisória estática entre os indivíduos 'naturalmente' constituídos: brancos e negros.

Fernando Ortiz foi o primeiro a analisar a nacionalidade cubana com um sentido dialético, “no como una realidad sintética ya formada y conocida”, mas “como un concepto vital de fluencia constante [...] como la experiencia de los muchos elementos humanos que a esta tierra llamada Cuba han venido y siguen viniendo en carne o en vida para fundirse en su pueblo y codeterminar su cultura” (ORTIZ, 1996, p. 8).

A perspectiva de Ortiz é abarcadora e interessante porque parte de uma perspectiva que analisa a cubanidade desde sua base, ou seja, das classes subalternas no qual está incluído o negro: “a cubanidad fue brotada desde abajo y no llovida desde arriba [...]” (1996, p.34), analisa ao referir-se à cubanidade como conceito definidor da identidade nacional.

Para explicar essa relação cultural vivenciada nas primeiras décadas e que também explica o processar de uma Nação multicultural, Fernando Ortiz criou o conceito de Transculturação,

Entendemos que el vocablo **transculturación** [Grifo do autor] expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque este no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-

americana **aculturación**, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de **neoculturación**. Al fin, como bien sostiene la escuela de Malinowski, en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una **transculturación**, y este vocablo comprende todas las fases su parábola (ORTIZ apud GUANCHE, 1995, p. 121-1222).

O vocábulo “transculturación”²² revela que em Cuba os vários grupos (europeus, africanos e caribenhos) que aportaram no país ao longo de sua história foram responsáveis pela identidade cultural resultante do processo histórico gerado por esse encontro multi-étnico. Ao contrário dos termos anglo-americanos (aculturação, desculturação e neoculturação) o termo *transculturación* não cria uma idéia de resultado final, ao contrário, o prefixo *trans* indica o sentido dialético que existe em qualquer cultura, proporcionado pela troca, pela relação que os grupos estabelecem. A crítica que se faz ao conceito de Ortiz, como a todo conceito que na sua essência prioriza o movimento é de que a inconstância seja o seu elemento mais vital, dando uma idéia de instabilidade, de fluidez, mas não é verdade, a permanência existe em cada elemento, o encontro é o que possibilita a troca e a recriação enriquecendo as relações.

O movimento, caracterizado no conceito ortiziano indica que este tem a sua própria dinâmica, em alguns momentos pode ser tão lento (a) que parece não alterar a realidade a que está inserido (a) alterando de forma quase imperceptível a troca entre os elementos que a constitui, em outros é mais rápido e pode ocasionar mudanças bruscas, que modificam completamente as relações entre os elementos que estão em contato, assim como o meio do qual faz parte. E essas mudanças só são possíveis quando eles se encontram, se interagem.

A própria História é um elemento impulsionador do movimento entre as culturas em contato como revela Ortiz, e ao definir o conceito de Transculturación

²² O conceito *Transculturación* criado por Ortiz se aproxima muito do conceito *poéticas da relação* de Edouard Glissant (ver bibliografia). Os dois destacam o encontro entre os diferentes que enriquecem a cultura, promovendo sua renovação, a diferença está que no conceito de Fernando Ortiz ainda se preserva certa hierarquia dos elementos em contato, enquanto que no conceito de Glissant essa hierarquia desaparece. O conceito de Ortiz destaca a transculturación nos seus vários aspectos espirituais e materiais, enquanto que Glissant destaca o imaginário, promovido pela relação, pela língua e pelo que ele chama de oralitura. Ambos os conceitos apresentam aspectos inovadores sobre como se deve pensar a cultura.

explicou que em Cuba, assim como em outras Nações multiétnicas, é impensável que a partir das relações constituídas, mesmo que estas tenham se dado sob coação (colonização), submissão (escravidão) ou de forma voluntária (migração), apenas uma das partes tenha sido o elo mais forte para a manutenção da cultura, pelo contrário, o trânsito entre as culturas promoveu e promove, segundo o etnógrafo cubano, uma troca constante em que as regras são negociadas e estabelecidas conscientemente e inconscientemente. O movimento representa a troca dos valores empregados por ambos os sujeitos e o resultado é uma cultura reinterpretada, reavaliada a todo o momento.

Falar de Nação requer uma avaliação desse processo multi-étnico que acontece em Cuba onde o espanhol, o crioulo e o negro são fundacionais para a sua constituição. O negro cubano por si só é portador de uma diversidade étnica que enriquece a cultura cubana com os mais variados elementos, Banto, Carabalí, Lucumí, entre outros, e é o negro, segundo descrevem os intelectuais cubanos dos anos vinte, o elemento mais original dessa cultura. Nos anos vinte o chamado Negrismo deixa de ser uma moda para ser “um modo”²³ habitual de conceber e reinterpretar a identidade cubana (BARQUET, 2003, p.1).

Opatrný (1986) considera que a cultura comum ou unitária somente se formou no século XX, em parte graças à contribuição do movimento literário *Negrismo*, que descobriu na cultura afro-cubana o refencial original da cultura nacional.

O autor Raúl Cepero Bonilla ao publicar seu livro *Azúcar y abolición*, primeira edição publicada em 1958, discorreu sobre a heterogeneidade da cultura cubana, incluiu umas linhas tão atinadas como inatendidas por seus colegas de então:

[...] El próprio desarrollo interno del régimen esclavista fue creando, con el aumento de la población, una gran masa de desposeídos, libres formalmente, pero que tenían que vender su capacidad de trabajo para subsistir. Este incipiente proletariado, constituido por blancos, negros y mulatos, que nada obtenían del trabajo esclavo y que para nada necesitaban de los prejuicios raciales, constituyó la base social que propició la gradual exclusión del racismo de los movimientos políticos que perseguían la independencia

²³ O termo ‘modo’ se deve a Fernandez Retamar. A literatura produzida sob estas diretrizes se chamou também negróide, afro-cubana e afroantilhana. Ao referir-se a autores tais como Nicolas Guillén, que prefere destacar a fusão das heranças espanhola e africana na cultura do país, se empregou ademais o termo mulatismo. BARQUET, Jesús. El grupo Orígenes ante el negrismo. In: *Revista Agulha*, nº 36, Fortaleza, Outubro, 2003

absoluta. Es entonces cuando surge la posibilidad de que la nacionalidad cubana, compuesta de una población heterogénea, cuajara por el esfuerzo conjunto de todos sus miembros, a contrapelo, claro está, de los intereses de la minoría detentadora de los médios de riqueza (BONILLA, 1971, p. 126).

Para Cepero, “o contato igualitário de suas etnias integrantes” era um pressuposto necesario para o surgimento da nacionalidade cubana (1948, p.127). Esse pressuposto significa não só aceitar que os componentes étnicos que formam a nação são importantes para atestar sua integração, mas também para garantir a esses grupos o sentido de pertencimento, confirmando a ação totalizadora da Nação frente a si mesma e frente a outras.

Segundo a conceituação de Nação de Jorge Castellanos Taquechel, “la nación es como una gran ceiba que sube, no como un gran bólido que baja. Y, sin embargo, por razones obvias, por ser dueños de la cultura entonces disponible, por tener el monopolio de la letra, los círculos de la clase dominante van a ofrecer los primeros testimonios del sentimiento comunal que bajo sus pies se ha ido elaborando” (CASTELLANOS, 1955, p.12;23).

Esse conceito formulado por Castellanos mostra como a elite se apropria do direito de ser a representante máxima dos elementos constitutivos da Nação, formulando os códigos em que serão pautados os valores nacionais. Outro aspecto interessante do ensaio do doutor Castellanos é sua análise dialética de localismo e nação do qual já falamos anteriormente,

El localismo desempeña en sus inicios [...] un valioso papel positivo. Ayuda al nacimiento de lo criollo y a su diferenciación progresiva de lo metropolitano [...]. El regionalismo es [...] antecedente precioso de un futuro cubanismo integral. Sin embargo, cuando nuestras realidades económicas y sociales exigen la cristalización en Cuba de un cuerpo nacional, resulta hondamente nociva la persistencia de un localismo limitado, feudalizante y fraccionista (CASTELLANOS, 1955, p.15).

Nas primeiras décadas do século XX, a região oriental de Cuba ganha um status de importância econômico a partir da efetivação das grandes indústrias açucareiras na região. O fator econômico gerador de novos empregos, facilita a integração de sua população. A região oriental, após a Guerra de Independência, durante as três primeiras décadas da Primeira República no séc. XX, torna-se um grande pólo açucareiro, devido: os investimentos para o desenvolvimento da

indústria açucareira nessa região; pela criação das estradas-de-ferro e pela contratação da mão-de-obra antilhana.

A ativação econômica da região oriental foi um fator importante para o projeto de formação da Nação cubana na primeira República, não só por tornar-se um dos sustentáculos da produção açucareira, mas também por ser palco do mais intenso embate social vivenciado pelo país nessas três primeiras décadas no que se refere a revoltas populares, dos quais os negros tiveram um papel importante. Há que se ressaltar que foi a partir do desenvolvimento da indústria açucareira na região oriental, principalmente a partir da criação e desenvolvimento das ferrovias para escoar a produção que o país sente mais fortemente sua integração a nível geográfico e também econômico.

O projeto da burguesia nacionalista durante as primeiras décadas do século XX, se enquadra dentro da perspectiva daqueles que proclamavam a autonomia nacional fundamentada a partir dos valores herdados do passado. Sobre isso Chacón y Calvo em uma conferência lida no Instituto de Havana, em 8 de fevereiro de 1913, dizia: “Amar la vida nacional, amarla en todas sus fases históricas, amarla verdadera, profundamente, es condición primera para la dicha y prosperidad del porvenir. La tradición de pensamiento, la herencia de los padres, hay que guardarlas con cuidado y cariño, no divorciándose nunca del pasado”.

A aristocracia agrária presente na região oriental de Cuba, representada pelos grandes fazendeiros, plantacionistas, brancos, de origem espanhola; seguiam os preceitos da aristocracia nacional, que viam na tradição de seus antepassados os requisitos mais que necessários para justificar a legitimação de um imaginário nacional branco e excludente, criado nos primeiros anos após 1898, segundo o qual a população branca era a única depositária da nacionalidade cubana, que em termos culturais “fue realizada a partir de critérios y teorías procedentes de la biología, la medicina y la antropología criminal” (NARANJO, 1999, p.197), para justificar a ‘incapacidade’ do negro e o seu desfavorecimento para a Nação.

Em 1902, a constituição da República, a longa e violenta guerra contra a Espanha, não rompeu com os laços identitários entre as duas nações. O mito do homem branco, cujo modelo foi idealizado a partir do espanhol, como portador de cultura e civilização, delineou os moldes da cultura nacional englobando toda a sociedade cubana.

Embora o período em que ocorreu a Guerra de Independência indicasse uma mudança na relação racial, formulando a partir daí “una psicología común a blancos y negros” (LÓPES MESA, 1999, p.180), o seu fim não sustentou essa integração ocorrida durante o conflito em que brancos e negros lutaram com o objetivo de verem o país livre dos grilhões colonialistas. Com o distanciamento entre as raças o conflito entre brancos e negros voltou a vigorar.

A idéia de promover o branqueamento através de uma migração prioritariamente espanhola foi mais um recurso daqueles que não queriam o negro como partícipe dos elementos constitutivos da Nação e almejavam eliminá-los da sociedade através da mestiçagem e da purificação racial.

O polaco Tadeusz Lepkowski, dizia que a realidade cubana deste período estava concebida pela categoria de “naciones multirraciales de inmigración masiva, en trance de formación bajo un régimen colonial” (LEPKOWSKI, 1967, p.43-71 APUD LÓPES MESA, 1999, p.181). Isso é verdade se nos atemos ao fato de que a República cubana na sua primeira década recorre à herança espanhola por não possuir uma maturidade ideológica formulada a partir de sua própria realidade. Isso acontecerá quando a sociedade cubana tem que se defrontar com o problema da falta de mão-de-obra para a indústria açucareira, tendo que recorrer na imigração para solucionar o problema. A contratação de trabalhadores estrangeiros, portanto, será um fator de grande importância para intermediar o amadurecimento da consciência nacional cubana, ao contrapor os modelos e valores herdados da metrópole colonizadora, a Espanha, com os interesses econômicos defendidos pelas companhias estrangeiras, principalmente as norte-americanas como a United Fruit Company (UFC) presente em Cuba desde o século XIX, passam a controlar o mercado açucareiro no país a partir da primeira década do século XX.

O autor Lepkowski, dizia que o problema crucial no processo formativo da nação cubana era a integração étnica,

saber cuando, como y através de cuales dificultades el negro cubano pasó de la categoría de un negro teniendo una patria local, luego ideológica a la categoría final de un miembro cabal de la nación cubana”, y conjeturaba una evolución en seis fases: 1) negro bozal (africano), 2) negro ladino, 3) negro criollo, 4) negro cubano, 5) cubano negro, 6) cubano. Y alejándose de una visión unilateral del problema, agregaba: Pero, y los blancos? ¿Cuando fue que el cubano blanco se desembarazó del concepto de nación cubana blanca para adquirir primero el concepto de una “doble nación”, (nación de comunidades, enlazadas, interdependentes, pero diferentes) y luego el de la nación integrada? (LEPKOWSKI APUD LÓPES MESA, 1969, p. 64).

A pergunta que faz Lepkowski sobre quando o cubano branco se desembaraçou do conceito de nação cubana branca para adquirir primeiro o conceito de uma 'dupla nação', integrada, é uma questão primordial. E a resposta está na visão que adotam os intelectuais cubanos nos anos vinte do século XX ao projetar o negro como um elemento fundamental para a cultura cubana, no entanto, esse é o início do rompimento do pensamento de que a Nação cubana era fundada sobre uma base racial essencialmente branca que continuará nas décadas seguintes e atingirá seu estágio mais elevado com a revolução de 59.

Na primeira década do século XX a legislação para imigração no país, favorecia a diferenciação racial interna ao priorizar o imigrante espanhol, visava combater seu strato social indesejável, impossibilitando sua atuação política. Essa posição da elite cubana ocasionou um dos episódios mais violentos entre brancos e negros na região de Oriente, que provocou a morte de 3.000 negros. Sobre isso Lepkowski apud López diz o seguinte: "los primeros años del siglo XX y, sobre todo, el de 1912, representaron una cierta tendencia a la desintegración"(1967, p.10). A partir do ano de 1913, a postura racista da elite cubana se volta para o imigrante antilhano como veremos, formando um constructo imagético que antes era adotado contra o negro cubano.

PROJETO NACIONAL E IMIGRAÇÃO: INTERESSES CUBANOS *VERSUS* INTERESSES NORTE-AMERICANOS

O debate que irrompeu na sociedade cubana a partir de 1905, com a aprovação da Orden de nº 155 de 15 de maio de 1902 (Lei de Imigração e Colonização), criada durante o governo interventor de Leonard Wood²⁴, reacendeu na burguesia nacionalista cubana a necessidade de impedir que os interesses econômicos dos Estados Unidos pusessem em risco o projeto nacional. Objetivando proteger os valores morais constituídos no passado colonial, os nacionalistas

²⁴ O fim da guerra hispano-cubana que teve a participação dos Estados Unidos inicia um novo período histórico para Cuba. Sob o comando do general John Rutter Brooke, os Estados Unidos inicia sua ocupação militar na ilha direcionando a política interna e controlando sua economia. Brooke assume o cargo de primeiro governador militar a partir de 1 de janeiro de 1899. Leonard Wood sucedeu-o a partir de 20 de dezembro de 1899, é sob sua gestão que a política migratória e a indústria açucareira nas primeiras décadas do século XX se desenvolveram.

defenderam a contratação de imigrantes espanhóis, enquanto que as grandes *companies* açucareiras interessadas em aumentar a produção, introduziam de forma clandestina os imigrantes antilhanos e a partir de 1913, contratam milhares desses trabalhadores com o aval do governo cubano que modifica a legislação para atender os interesses das empresas em contratar mais mão-de-obra. Enquanto que os nacionalistas queriam impedir a entrada dos imigrantes “indesejados” (negros e chineses), as *companies* se utilizavam desses imigrantes (dos negros antilhanos) para seus negócios e abasteciam as plantações com uma grande quantidade de trabalhadores de diversas ilhas do Caribe.

Sobre este assunto a historiadora Consuelo Naranjo que se dedica a estudar a presença da migração espanhola em Cuba; em seu artigo *Cuba, 1898: reflexiones en torno a los imaginarios nacionales y la continuidad* (1998, p. 221-234), diz que nas construções norte-americana e hispana em torno da formação da nacionalidade cubana se “encuentran los elementos que fueron manejados con mayor fuerza en la elaboración del imaginario nacional cubano de las primeras décadas del siglo XX” (1998, p. 223). E diz ainda que o

proceso en el que los imaginarios fueron cambiando en función de los momentos, de las elites que los formulaban y de los elementos que los integraban: el miedo al negro, el fantasma de la negritud, el temor a la barbárie y a la africanización, la búsqueda continua, a finales del siglo XIX, del paradigma del progreso y de la civilización, la aprensión a la absorción por Estados Unidos, la lucha contra la desintegración nacional como consecuencia de la llegada continua de inmigrantes – sobre todo españoles –, y el rechazo por parte de algunos intelectuales a la política económica de Estados Unidos en la Isla, fueron algunos de los procesos (NARANJO, 1998, p. 223).

Esses fatores irão influenciar como veremos, na formação da consciência nacional cubana e na constituição do seu imaginário durante as primeiras décadas da República contra a presença do trabalhador negro antilhano. O imaginário nacional será fomentado mediante a posição que assume a elite branca em relação a política imigratória adotada no país, por influência dos anseios econômicos internos e externos dos Estados Unidos ao desenvolvimento de sua indústria açucareira doméstica que temia a concorrência da indústria nascente produtora do açúcar da cana cujas maiores empresas desse negócio estavam instaladas em Cuba, fomando um Trust.

A diversificação na composição imigratória nas primeiras décadas atendia não só a oferta de mão-de-obra, mas ao interesse das empresas em ter um quadro

de trabalhadores totalmente heterogêneo. O encontro étnico-racial dentro das indústrias e nas plantações da região oriental em consequência da contratação de milhares de trabalhadores de diversos países contrapõe o imaginário nacional frente a avalanche de novos costumes, línguas e credos introduzidos nas províncias do Oriente por Jamaicanos, haitianos, canários e vários outros grupos.

Consuelo Naranjo ao estudar a construção do imaginário nacional elaborado pela elite intelectual branca nas duas primeiras décadas do século XX, diz que esse imaginário está sustentado sob uma base científica sob a qual a antropologia criminal e a medicina “fueron las que proveyeron de contenido formal a este imaginário” (2001, p. 224). O discurso científico em Cuba, que submete o negro a uma categoria de inferioridade, imputa a ele todos os malefícios da sociedade. Esse imaginário, devemos ressaltar, criado a partir de critérios científicos foi utilizado primeiramente com o negro cubano e posteriormente com o negro antilhano.

Nos primeiros estudos de Fernando Ortiz, a trilogia, *Los negros brujos*²⁵ (1906), *Los negros esclavos* (1916) e *Los negros curros* (1926)²⁶ foram baseados em estudos criminológicos. Nestas obras, Ortiz resalta a importância do fator “raça” na constituição da sociedade e na consolidação da nacionalidade, mas ainda não rompe com o conceito de raça. Em sua definição da ‘hampa cubana’, Ortiz assumiu a existência de raças inferiores e superiores e a definição do delito como consequência de uma degeneração e uma regressão ao salvagismo do negro. No entanto, suas obras escritas nos anos vinte reinterpretarão o negro e sua importância cultural. Se ao escrever a *Hampa Afro-cubana: apuntes para un estudio de etnologia criminal*, Ortiz se vê influenciado pelo pensamento cientificista, nos anos vinte rompe com o conceito de raça²⁷ e passa a utilizar o termo etnia, que

²⁵ No Glossário de Afronegrismos [1924c] (p.68), Ortiz define o termo *brujo* como: 1) “individuo que practica la brujaria. 2) “creyente de la religion fetichista practicada en Cuba por los negros africanos y muchos de sus descendientes”.

²⁶ Glossário de Afronegrismos [1924c] (p.79), Ortiz define *negros curros* como: “la tradición y los escritos contemporaneos... Nos lo pintan como unos negros desalmados, matones, referteros y asesinos, que existieron en el hampa de Cuba durante el siglo XVIII y primer tercio del siglo XIX, y se diferenciaban de los demás negros por variedad de caracteres psicológicos y sociales, suficientes para hacer imposible su confusión con ningún otro tipo de la mala vida de aquel entonces, ni de épocas, ni de países distintos. El negro curro del Manglar es un tipo próprio de La Habana hasta mediar el siglo XIX fuera de ella y de esa época, quizás no podia encontrarsele”.

²⁷ No artigo *Nem Racismos, nem Xenofobias*, publicado por Fernando Ortiz na *Revista Bimestre Cubana* em 1929, ele analisa as limitações do conceito ‘Raça’ o que caracteriza uma mudança na sua analogia em relação ao termo como podemos ver no trecho que se segue: “As idéias “racistas” são contraproducentes. O conceito de raça, que é o mais batido e o de maior ingenuidade aparente, é

segundo ele permite entender o fenômeno transcultural da cultura cubana, sem submeter-se ao ranço histórico, contido no conceito raça.

Immanuel Wallerstein e Etienne Balibar (1988) dizem que “no es la “raza” la que constituye una memoria biológica o psicológica de los hombres, es el racismo el que representa una de las formas más insistentes de la memoria histórica de las sociedades modernas. El racismo es lo que continua operando la “fusión” imaginaria del pasado y de la actualidad en la que se despliega la percepción colectiva de la historia humana” (1988, p. 74). Eles dizem ainda que todo racismo histórico é ao mesmo tempo institucional e sociológico. O sociológico supõe uma dimensão dinâmica, de conjuntura, que vai além da psicologia dos preconceitos, e diz mais: “los racismos coloniales o la segregación [...], há generalizado la distinción entre un racismo de exterminio o de eliminación (“exclusivo”) y un racismo de opresión o de explotación (“inclusivo”); uno trata de purificar el cuerpo social de la mancha o del peligro que podrían representar las clases inferiores y el otro, por el contrario, de jerarquizar, de compartimentar la sociedad” (1988, p.67). Esses tipos de racismos possuem uma linha divisória bastante fluida, um pode prevalecer sobre o outro dependendo das condições históricas.

A antropologia criminal e a medicina foram alguns dos mecanismos utilizados pelos brancos para justificar o racismo, incentivando a construção de um imaginário nacional excludente e segregacionista. No entanto, o imaginário nacional é composto por várias vertentes e sofre influências, mudando, dependendo de quais critérios a sociedade utiliza para formá-lo e a quais interesses ele servirá. Com a perspectiva de ter no país um contingente populacional imigratório para o trabalho nas indústrias açucareiras, o medo à introdução do negro estrangeiro, produz uma série de reações internas na elite cubana, que utiliza a imprensa para auxiliá-los na

também, sem dúvida, muito prejudicial. Antes de tudo, porque é falso. Não há uma raça hispânica, nem sequer espanhola. E menos na América, onde convivem as raças mais dessemelhantes, com tal intensidade numérica que em não poucas repúblicas não é a que se poderia dizer raça hispânica a predominante. O racismo hispânico é tão nocivo em nosos países da América quanto pode ser o “racismo negro” ou o “racismo índio” e mesmo o “nórdico” ou anglo-saxão, que também agitam alguns naquelas terras.

O racismo divide e é dissociador, não só de um ponto de vista universal, que agora não interessa tanto, mas também numa perspectiva estritamente nacional, nos lugares onde, como em nossas repúblicas, a nacionalidade necessita fortalecer-se pela crescente integração patriótica de todos os seus complexísimos fatores raciais” (1929, p. 13-15).

construção de um outro imaginário que contrapõe trabalhadores antilhanos versus trabalhadores espanhóis e trabalhadores antilhanos versus negro cubano.

A instrumentalização científica da elite branca cubana, serviu na primeira década para justificar sua autonomia e descartar o que eles consideravam como elemento nocivo e corrosivo da sociedade: o negro corrompido desde sua natureza segundo o pensamento lombrosiano. Segundo Consuelo Naranjo, “las nuevas técnicas y conceptos procedentes de la criminología se sumarían a la ya rígida estratificación social y antropológica de los individuos, dando como resultado un férreo control sobre las poblaciones no blancas, que presentaban a juicio de estos lombrosianos determinados rasgos atávicos que hacían de estos individuos criminales natos en potencia” (2001, p.224).

A imprensa cubana sem sombra de dúvida foi um veículo de propagação e difusão dessas idéias. Exerceu um papel de justificador da superioridade branca ao publicar notícias sobre as “cerimônias selvagens” e os rituais praticados pelos negros bruxos, em que as vezes se sacrificavam crianças brancas (NARANJO, 2001, p. 224). Uma prática, que como veremos mais adiante, também foi utilizada contra os imigrantes antilhanos, principalmente contra o haitiano, que ocupava o lugar mais baixo dentro da estratificação imigratória. A imprensa cubana, elitista, conservadora e defensora da hegemonia branca para a Nação, utilizou a prática religiosa haitiana, o *vodou*, para alimentar no imaginário nacional o medo e o terror a essa corrente imigratória.

Os argumentos utilizados pela imprensa em seus artigos também seguiam critérios criminológicos e científicos para imputar ao antilhano anglófono e francófono um comportamento marginal, acusando-os de introduzir doenças em Cuba e estar a um nível de civilização que beirava o primitivismo. Esse pensamento serviu de parâmetro para justificar perante a sociedade a não aceitação do imigrante antilhano no país.

A articulação da perspectiva nacionalista moderna que se projeta durante os primeiros anos da República, se fez também a partir da raça, que atuou como parâmetro das relações políticas, sociais e culturais.

En el diseño de esta nacionalidad y de la nación futura, en pro de la cohesión nacional, se buscó la unidad racial como símbolo y fundamento de dicha nacionalidad, con lo que se llegó a equiparar la raza con la nación. Esta conceptualización de la raza, de la nación y de la nacionalidad se proyectó al siglo XX tanto en las esferas sociales y culturales

como en la política, en la que los autonomistas estuvieron presente y tuvieron una influencia notable (NARANJO, 1998, p. 226).

No início do período republicano os representantes da sociedade cubana passaram por guardiões dos interesses nacionais, defensores dos valores formadores da identidade nacional. Nesse sentido o imaginário formado nestes primeiros anos recria os medos e desejos da elite por delimitar a nacionalidade aos portadores de uma cultura branca.

Um dos fatores que interferem para que o projeto nacional durante a República se construa sobre uma base racial é o fato de que os seus ideólogos sejam os mesmos porta-vozes da defesa de uma autonomia branca para Cuba no final do século XIX, constituem-se como porta-vozes da herança hispânica, única capaz de garantir um projeto futuro de Nação.

Es un imaginario coronado por estos deseos de lograr una Cuba blanca, en la que el elemento de color se trata continuamente de omitir, de olvidar y en ocasiones incluso de eliminar, y de ahí que se quiera seguir manteniendo la misma idea de nación que defendían algunos sectores del siglo XIX como los autonomistas, algunos de los cuales, por otra parte, fueron todavía actores políticos del Estado cubano en el siglo XX (NARANJO, 1998, p. 227).

A legitimação da raça branca era prioritária no início do século XX. No entanto, a dependência econômica que o país estabelece com os Estados Unidos nas primeiras décadas, coloca em risco a manutenção dessa legitimação, pelo medo a africanização do país ocasionado pela migração antilhana, como dissemos.

O medo e a rejeição foram mecanismos psico-sociais utilizados na construção de um imaginário de terror face os elementos culturais portados por haitianos e jamaicanos, que se contrapunha ao desejo da elite de ter resguardados os valores herdados da cultura hispânica e que queriam manter através de uma migração eminentemente espanhola.

A imprensa ao inculcar na população o medo contra os imigrantes negros reforçou a hierarquização dos trabalhadores estrangeiros, e também a hierarquização interna no país: branco versus negro, negros cubanos versus negros estrangeiros, brancos estrangeiros versus negros estrangeiros. Esse quadro de oposições, baseado em parâmetros raciais, expõe um outro lado do quadro social cubano, provocado pela ação das empresas açucareiras norte-americanas que ao

empregar em suas instalações imigrantes de raças e etnias diferentes, por razões que iremos analisar posteriormente, fomenta diversos tipos de relações entre os trabalhadores que acabam por refletir no extrato popular da sociedade cubana, mudando e rompendo com o imaginário construído pela sua elite. No entanto, essa preocupação esbarra no interesse de ver uma de suas principais fontes econômica prosperando, por isso, vários representantes políticos ou intelectuais envolvidos diretamente nos negócios do açúcar e contrariando a expectativa da burguesia representante das províncias do ocidente, defendiam através do jornal o incentivo ao capital estrangeiro e à imigração.

Em um artigo do jornal *Diário de la Marina* *¿Cual es el presente y el porvenir del azúcar en Cuba?* O Dr. Laureano Falla Gutiérrez, destaca a importância dos centrais açucareiros para Cuba, mas ressalta que o capital estrangeiro empregado nestas instalações impede a autonomia dessa indústria, tendo o país que se conformar em ver as divisas que poderiam ser revertidas para a Nação escoarem para os cofres dos países investidores.

Ele ressalta que está claro que o investimento do capital estrangeiro na indústria açucareira, não reserva todos os benefícios para a Nação cubana, e que o melhor seria se a indústria estivesse sob domínio dos compatriotas cubanos,

Verdad es que muchos de esos centrales han sido hechos por compañías y capitales extrajeros, y que los intereses de esos capitales no se quedan en Cuba. Esto es sensible. Mejor hubiera sido que los hiciesen los que viven el País; pero sin esos capitales es indiscutible que esos bosques continuarían en su estado primitivo tantos siglos como han permanecido improductivos, pues no debe pensarse que nosotros hubiésemos podido levantar esos colosos (*Diário de la Marina*, 16 de enero de 1916).

A convivência dos trabalhadores brancos e negros dentro dos espaços da indústria açucareira auxiliou para que os estereótipos construídos sobre o negro cubano e sobre o negro antilhano fossem desconstruídos.

O projeto de construção de uma nação branca incorporada ao imaginário social como projeto de uma nação ideal, que sustentasse o mito da sociedade branca, do homem branco como verdadeiro representante do cubano, se chocava contra a realidade cultural, a que reduzia em uma intenção de apartar da cena oficial a uma elevada porcentagem da população composta por negros.

A idéia de que a introdução de trabalhadores antilhanos provocaria o retorno de doenças erradicadas, é mais uma estratégia utilizada por aqueles que queriam imputar aos imigrantes a responsabilidade pela contaminação sanitária do país que igual ao que ocorreu no século XIX acusaram aos negros e aos chineses; agora os antilhanos como assalariados, foram considerados de forma aberta como fatores prejudiciais de retrocesso social para Cuba. Essa versão tinha como foco impedir a entrada dos imigrantes negros mediante uma justificativa pautada no controle sanitário. Segundo Alejandro de La Fuente o tom científico dessas especulações, utilizadas pelos funcionários cubanos e pelas autoridades médicas é resultado de uma leitura equivocada dos dados que demonstravam o caráter indesejável desde o ponto de vista biológico e médico dos imigrantes antilhanos. A malária havia sido proporcionalmente mais alta nas províncias de Camaguey e Oriente. Os índices de mortalidade desta enfermidade eram superiores na região oriental da ilha antes mesmo que os antilhanos começassem a entrar massivamente em Cuba. Segundo, a tendência a uma concentração crescente da enfermidade nesta área do país precedeu a imigração antilhana (2000, p.79). Autoridades norte-americanas dão uma outra versão para o rigor do controle sanitário em relação aos haitianos e jamaicanos, segundo descreve Leon Primelles em *Crónicas Cubanas*,

Se ha ordenado – decía un representante diplomático de Estados Unidos en Santiago de Cuba – el controle de la sangre de los haitianos y jamaquinos, y se me informa confidencialmente que la cuestión sanitaria es un pretexto y que en realidad el Gobierno está preocupado porque en lo que va de año han llegado 6000 y se teme que el aumento de negros, ya muy numerosos en esta región, provoque desordenes racistas (PRIMELLES, 1955, p. 375).

A justificativa de que a presença de haitianos e jamaicanos poderia contribuir para o advento de epidemias na região oriental, além de ser uma forma de preconceito, também expõe como relata Primelles(1955) uma outra preocupação, a de que não só a região, mas o próprio país fosse tomado por revoltas sociais ocasionadas pela população negra cubana aliada à população negra procedente das outras Antilhas. Consideramos que esse temor deveu-se mais que as manifestações internas dos negros cubanos, à própria história de revolta e conscientização dos haitianos e dos jamaicanos (influenciados por movimentos nacionalistas em seus países e de conscientização do negro).

Ramiro Guerra ao analisar o sentido de ‘história pátria’ para pensar o presente nacional, envolto nos primeiros anos de intervenção norte-americana, de atração imigratória e de desenvolvimento da indústria açucareira dizia que “el pasado entronca con el presente y con el futuro; presente en la forja de la nación debe apartar a los individuos no deseables y asentar sus bases sobre la pequeña propiedad privada, con un campesinado blanco” (GUERRA, 1929, p. 28,112). Guerra como outros intelectuais desde suas respectivas esferas, atacavam os perigos mais iminentes decorrentes da introdução de imigrantes indesejáveis para a consolidação da nacionalidade e da nação em Cuba, ou seja, a população e imigração não branca e o expansionismo norte-americano, ao considerar o latifúndio açucareiro uma ameaça para a manutenção dos cimentos hispano-criollos (NARANJO, 2001, p. 230).

Como os investidores norte-americanos na indústria açucareira também estavam inseridos no debate sobre a questão da autonomia política cubana, atuavam politicamente forçando o governo e a elite açucareira a agir internamente a favor de seus interesses, interferindo dessa forma nas decisões de caráter nacionalista, através da aplicação de leis que auxiliasse seu expansionismo pela ilha²⁸.

A partir do momento em que a imigração se apresenta como uma solução para garantir o desenvolvimento da indústria açucareira do país, para sanar o problema da falta de mão-de-obra nacional, torna-se também um dos fatores de interferência das companhias estrangeiras nas questões político sociais do país. É o que acontece, por exemplo, quando empresas como a United Fruit Company e a Nipe Bay Company, administradoras de centrais açucareiros na província de Oriente, pressionam o governo cubano para atender aos seus interesses econômicos.

As companhias norte-americanas após a intervenção norte-americana em Cuba passam a atuar de forma esmagadora, se impondo em diversos setores como vimos. Essa atuação divide a opinião da elite cubana, por um lado, ela é criticada como perda da autonomia do país e por outro como um mal necessário para o seu desenvolvimento,

²⁸ Sobre isso ver o artigo de Dominga González Suárez. *Raíces del prejuicio norteamericano en Cuba*. Disponível em: <http://www.septg.org/symposio/sim29/arc29/mult02.htm>

El Poder de la Cuba Co. Al establecerse el gobierno de la República, la intervención nos deja, por obra y gracia de Mr. Wood, un poder que puede llegar a ser tan fuerte como el ejecutivo y el legislativo, que a sus anchas legisle y ejecute conforme a sus necesidades y ambiciones y que, apoyado falsamente en la Ley Platt, pretenderá ser inviolable y pondrá el grito en el cielo cada vez que quiera la república poner coto a su poderosa fuerza... Nos referimos a la Cuba Company, para quien se ha hecho la última ley de ferrocarriles y que representa una fuerza de absorción peligrosa y desnaturalizada... Hacer, en estos días en que el poder interventor debiera concretarse a mantener el orden y a preparar la constitución al nuevo gobierno, una ley para salvar intereses extraños y consagrarlos como invulnerables e inextinguibles, es cosa que mientras más pensemos en ella más abrumadora y atentatoria nos parece...(El Mundo, 2 de abril de 1902).

Se no jornal *El Mundo* o artigo critica a atuação da Cuba Company na execução da construção de estradas de ferro que uniu a região oriental a ocidental, possível graças a criação da *Ley de Ferrocarriles de 1902 (Orden Militar nº139)* que garantia à companhia o direito de desapropriação para a sua construção, no *Diário de La Marina* o Sr. Laureano Falla Gutiérrez, em suas palavras destaca a importância dos centrais açucareiros para Cuba que faz movimentar uma série de negócios mediante sua ativação. Esta é a outra face dos investimentos das empresas norte-americanas no país,

Resulta pues, que la vitalidad de los centrales es como la savia que trasciende y se esparce por todo el organismo social; al propietario, que arrienda su tierra a precios que nunca soñó, al colono que contempla gozoso y satisfecho, recompesado con creces, el fruto de su trabajo, al trabajador que ve duplicado su jornal, al potrero que vende sus ganados a precios que nunca soñó, al comerciante que ve acrecentarse sus operaciones, al banquero que sabe que el interés de sus préstamos está garantizado (*Diario de la Marina*, 16 de enero, de 1916).

Se por um lado existia essa relação ambígua sobre a presença política e econômica dos Estados Unidos em Cuba, por outro a sua real presença nos vários setores da economia incidia sobre a tomada de decisões que alavancasse os negócios, e no caso da indústria açucareira a prerrogativa maior na primeira década do século XX foi adquirir uma mão-de-obra que a fizesse produzir em grande quantidade. Essa medida gera uma série de debates porque atinge diretamente a perspectiva social e nacionalista de parte da burguesia cubana como já dissemos.

A contratação dos trabalhadores estrangeiros é discutida em uma conferência denominada de *Quinta Conferencia de Beneficencia y Corrección de la*

*Isla de Cuba*²⁹ realizada em Santiago de Cuba, no ano de 1906 onde foram abordadas questões relativas ao tipo de imigrante desejado, lugares de procedência, intervenção do Estado nos assuntos migratórios e meios práticos para lograr dita proteção.

No século XX, a sociedade cubana, especialmente os membros de sua burguesia ocidental e oriental e os interesses norte-americanos se chocam com respeito ao tipo de imigrante necessário para o país. Foram os fazendeiros nacionalistas, apoiados pelos espanhóis, a burguesia hispano-cubana que tentou desenvolver o mercado interior e a produção doméstica mediante a maximização dos preços do açúcar e a elevação dos salários. Seu caráter nacionalista lhes induziu a pensar em um determinado tipo de imigração, a branca, similar cultural e etnicamente a eles, com os quais seria possível conseguir o progresso e a integração nacional. Sobre isso D. Pedro Rodríguez escreve em seu artigo *Influencia del Capital Extranjero* que “es indudable que toda nación incipiente necesita, para alcanzar el máximo de su desarrollo, estos dos factores capital e inmigración; y no se concibe la segunda sin el primero” (*Diário de La Marina*, janeiro de 1916)

Em oposição a esse grupo e a essa tendência, sobretudo em princípio dos anos vinte do século XX, as empresas norte-americanas donas da grande maioria dos engenhos açucareiros foram impondo o tipo de imigrante conforme as suas necessidades (NARANJO, 1996, p.29). Também a pressão dos fazendeiros das províncias de Oriente, contrariando o discurso eugenista dos fazendeiros das províncias do Ocidente, nos anos vinte seguindo a tendência das companhias norte-americanas vêem na migração antilhana o favorecimento dos seus negócios. Influenciado por esse pensamento o Secretário de Agricultura, general Betancourt considera a migração “conveniente, necesaria y patriótica; y aunque me critiquen, aunque me censuren, autorizé las inmigraciones haitianas con la condición expresa de que se radiquen solamente en Camaguey y Oriente. Es necesario traer brazos a Cuba de donde se encuentren para obtener una gran zafra” (1996, p.30). Betancourt toma uma posição que é a de defender os interesses dos latifundiários açucareiros mediante a contratação de um contingente de trabalhadores exigidos pelas companhias, no entanto, em seu discurso podemos perceber que existia uma

²⁹ Conferencia de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba. La Habana: Librería y Papelería La Moderna Poesia, 1906.

preocupação em torno do caráter racial que essa medida poderia ocasionar para o país, tanto que ele se justifica dizendo que a sua defesa pela contratação de imigrantes antilhanos foi consentida apenas para as províncias orientais de Cuba, ficando o ocidente livre de tal influência.

O imigrante antilhano sendo um elemento externo ao contexto de discriminação racial que era aplicado internamente em Cuba, ao despertar o racismo da sociedade contra si mesmo, fortalece também a identidade do negro nacional. Por outro lado, a conscientização do trabalhador cubano quanto às questões relativas à discriminação e a exploração provoca uma tensão entre as empresas açucareiras e seus empregados, proporcionando a partir da relação de trabalho uma identificação e conscientização dos trabalhadores enquanto classe, que inclui tanto trabalhadores cubanos e imigrantes brancos e negros.

A imigração, segundo Jesus Guanche, foi desestabilizadora da etnicidade cubana durante o século XX, sendo também fundamental para “valorar el dinámico papel de la población nacida en el país en tanto portadora de una etnicidad madura, abierta y muy flexible a la asimilación de influjos externos” (1999, p. 34).

O amadurecimento de que fala Guanche (1999) é algo a ser analisado, pois ele está muito mais presente nos estratos populares da sociedade, portanto ele é particularizado e não inerente a toda a sociedade. A assimilação étnica relativa aos imigrantes antilhanos não se deu em todas as esferas da sociedade cubana, mas principalmente na classe trabalhista e entre os camponeses que conviveram diretamente com esses imigrantes dentro das indústrias açucareiras. Formulada a partir da relação de trabalho, os antilhanos contribuíram culturalmente com suas práticas festivas, com a sua religiosidade e outros elementos que funcionaram como fator de sua manutenção identitária frente à sociedade receptora. No entanto, os elementos culturais levados à Cuba pelos antilhanos serviram para a elite cubana como instrumentos para fomentar na sociedade o repúdio, o medo e o rechaço.

CAPÍTULO II

Sin el negro Cuba no sería Cuba

Fernando Ortiz

De San Antonio a Maisí, el que no tiene de congo, tiene de caraballí

Provérbio popular cubano

A QUESTÃO DO NEGRO EM CUBA E A MIGRAÇÃO ANTILHANA

O negro foi o agente mais importante para o desenvolvimento econômico das sociedades escravistas e continuou depois de livre, a ser uma mão-de-obra explorada. Em Cuba, o negro tem um papel fundamental como bem ressaltam a epígrafe de Fernando Ortiz e o provérbio popular escritos acima, não só pelo seu trabalho, mas principalmente pela influência cultural que legou ao país. A música, as danças e a sua religiosidade tem sido tema de vários estudos, tanto de historiadores como de etnógrafos que buscaram e buscam através da análise da cultura afro-cubana, explicações para entender a identidade nacional.

O negro em Cuba, segundo apresenta a historiografia, sempre esteve submetido à ambigüidade dos interesses políticos nacionais. Sua participação foi enaltecida em momentos cruciais para a história do país, caso da Guerra de Independência, e em outros rechaçado, retaliado e excluído de suas decisões, como aconteceu após a implantação da República.

Ortiz foi um dos primeiros intelectuais em reconhecer a importância da contribuição africana ao que ele denominou de *cubanidad*. A influência dos negros cubanos apontou Ortiz, “puede ser advertida en los alimentos, en la cocina, en el vocabulário, la verbosidad, en la oratória, en la amorosidad, en el maternalismo, en la descreencia infantil, en esa reacción social que es el *choteo*, etc., pero sobre todo en el arte, en la religión y en el tono de la emotividad” (ORTIZ, 1940, p. 24).

Mais recentemente, Antônio Benítez Rojo trabalhou sobre estas questões e escreveu que as influências culturais africanas em Cuba – racialmente uma das nações menos africanas do Caribe – são mais fortes que em quase qualquer outra ilha do arquipélago, “las creencias religiosas, la musica, el baile, la pintura, la literatura, y el folklore cubanos presentan una influencia africana no igualada en ninguna otra nación antillana excepto Haiti”. Benítez Rojo também escreveu sobre a distinção entre cultura e raça, acrescentando que em Cuba, “aún aquel que pueda situar sus cuatro abuelos en provincias de Europa, sabe que su madre cultural, su Gran Madre, es oriunda de África” (BENÍTEZ-ROJO, 2002, p. 2).

A negação do negro era uma das estratégias da burguesia e da aristocracia, idealizadoras de um projeto de Nação onde o branco ocupava o lugar principal. Os negros viviam em péssimas condições econômicas, especialmente na região oriental da ilha, onde a maioria deles estava concentrada e onde os conflitos sociais ao iniciar o século XX foram mais evidentes.

Um fator a ser considerado no agravamento do preconceito e discriminação para com a população negra no campo foi o surgimento de assentamentos de imigrantes haitianos, com um idioma e costumes diferentes, e que eram percebidos como uma ameaça pela população autóctona. Esta situação repercutiu desfavoravelmente no negro cubano, uma vez que o grupo branco majoritário não estabelecia diferenciação étnica entre negros cubanos, haitianos e jamaicanos, que dizia englobar a todos como resultado da construção de identidade, de homogeneização que se produz durante a comparação como exogrupo.

Em plena crise econômica e política, durante a Primeira Conferência Nacional de Obreros da indústria açucareira, realizada clandestinamente em Santa Clara nos dias 26 e 27 de dezembro de 1932, se aprovou um manifesto que revelava as condições em que se encontravam os trabalhadores açucareiros, incluindo haitianos e jamaicanos:

De zafra en zafra nuestras condiciones de vida y de trabajo se empeoran más y más. En la pasada zafra fueron rebajados los jornales a un nivel de 20, 15 y hasta 10 centavos, para los macheteros y carreteros, por el corte y tiro de cien arrobas de caña, bajo el “componente” (obligarlos a tomar purgante: aceite de risino, si se negaban a trabajar) y “plan de machete” (la guardia rural o el capataz golpeaba con el canto del machete a quienes se rebelaran) nos hicieron trabajar 12, 14 y 16 horas diarias, pagándonos en vales y fichas (que sólo tenían valor en las tiendas del central azucarero); los precios de las tiendas de los centrales fueron altísimos y en muchos casos dejaron de pagarnos los

jornales, como en el central “América”, cuyo propietario, el banquero y dirigente de la oposición burguesa latifundista Pedroso, explota terriblemente a los obreros; vivimos en barracones inmundos, sin luz, sin aire, llenos de piojos, chinches y pulgas, amontonadas como esclavos con el cuerpo muerto por el trabajo (INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO OBRERO, 1977, p. 307).

E mais adiante se pronunciaram “contra toda discriminación, en el salario y en el trato a los negros, jamaicanos y haitianos. Salario igual por trabajo y derecho a ocupar cualquier empleo, para los negros jamaicanos y haitianos” (IBDEM).

No campo, os trabalhadores negros cubanos, os haitianos e os jamaicanos constituíam os núcleos mais explorados dos trabalhadores açucareiros, razão pela quais suas condições de vida eram lamentáveis, e uma grande maioria dos trabalhadores brancos estavam conscientes desta situação (GONZÁLEZ SUÁREZ, 1987, p. 9).

O *Sindicato Nacional de Obreros de la Industria Azucarera (SNOIA)*, ao denunciar a brutal discriminação exercida pelos empresários a esses setores de trabalhadores, expunha o que acreditava ser o propósito que perseguiram as companhias açucareiras com estes *jornaleros*: reduzir o custo de produção, e manter uma massa de desempregados que pressiona a diminuição do preço da força de trabalho de forma que abaixavam os salários e pioravam as condições de vida do trabalhador no campo.

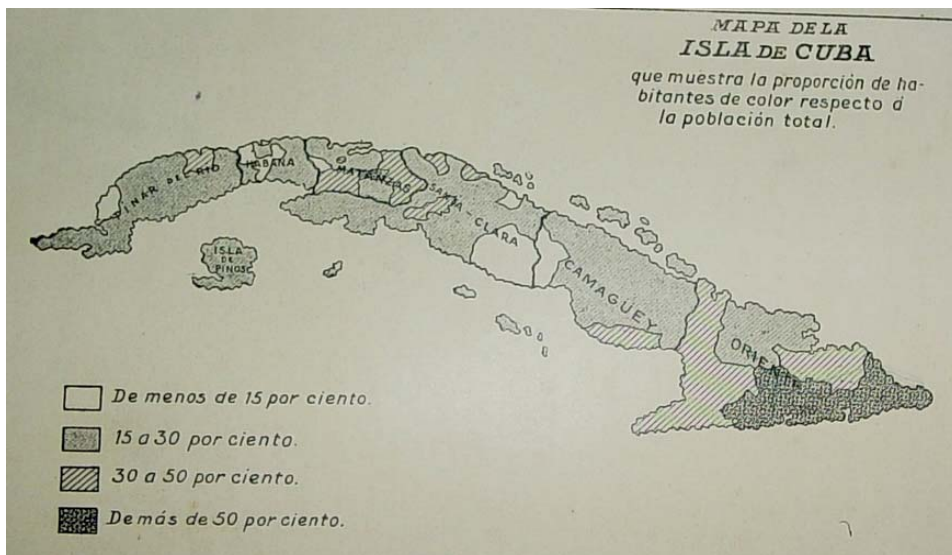
O problema da discriminação do negro se apresentava em vários níveis. Entre eles merece destacar o adotado pela organização sindical, que se ajustava aos valores sociais predominantes: igual no acesso às oportunidades, fraternidade entre os seres humanos, e solidariedade com os mais infelizes. Neste sentido, o sindicato reivindicava, entre suas demandas, o que considerava ser a solução do problema dos negros cubanos e dos imigrantes, exigindo igualdade de salários e de tratamento para negros, jamaicanos e haitianos, também se pronunciavam contra toda discriminação.

La complejidad de las relaciones intergrupales e interpersonales se hacia evidente. Se podia ser prejuicioso y a la vez tener buenos amigos negros. Se podia defender los intereses de los negros y mantener la distancia social con el grupo. Se podia ser tolerante y no tener problemas en las relaciones interpersonales. Se podia ser racista y tener problemas con el grupo negro.

Una muestra de ello ocurrió durante una revuelta política conocida como la *Guerrita de febrero de 1917* cuando fueron asesinados cobardemente vários jamaicanos. La

Legación Británica exigió al gobierno cubano indemnización en metálico por la vida de los súbditos ingleses, y además, que se hiciese un consejo de guerra a los oficiales cubanos acusados de ese asesinato (GONZÁLEZ SUÁREZ, 1987, p. 9-10).

FIGURA 8: MAPA DA ILHA DE CUBA – HABITANTES DE COR EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO TOTAL



Fonte: Censo de la Republica de Cuba, 1919, p.329

Em Cuba a questão racial não foi resolvida com o advento da república. A desigualdade social sempre esteve premente das questões raciais. José Martí previa que o problema social do país seria resolvido à medida que o negro, numa clara referência às diferenças raciais que estavam incrustadas na sociedade cubana, se tornasse parte integrante da nação. A questão imigratória, também estava submetida a uma forte prerrogativa de um “ideal de raça” como já dissemos, sob o qual deveria se sustentar.

A historiadora Elena Hernández Sandoica diz que no século XIX o que chamaram os contemporâneos de a “cuestión de razas” é, segundo ela, o nervo sócio-cultural da história de Cuba (1998, p.10). E esse pensamento se manteve durante o século XX, e segundo outros autores só será realmente discutida e revista após a Revolução Cubana de 1959³⁰.

³⁰ Sobre essa questão ver: DE LA FUENTE, Alejandro. *Una Nación para todos: raza, desigualdad y política en Cuba 1900-2000*. Editorial Colibri, Madrid, España, 2000; ALVARADO, Juan. Relaciones raciales en Cuba. Notas de investigación. *Revista Temas* 7, julio-septiembre, 1996, p.37-43; AMES, David W. Negro family types in a Cuban Solar. *Revista Phylon*, 1950, p. 159-163; ARCE, Angel C. *La raza cubana*. La Habana: n.p., 1935; ARREDONDO, Alberto. *El negro en Cuba*. La Habana: Editorial

Para conhecer o papel exercido pelo negro nacional e estrangeiro na sociedade requer analisar as vertentes sociais que organizam a sociedade cubana nas primeiras décadas do século XX, e por outro lado está a classe trabalhadora, “influenciada pela corrente anarquista, lutavam pela posição apolítica da classe trabalhadora e o internacionalismo proletário” (DEL TORO, 1969, p.65).

A relação da “questão social” já no período republicano e da “questão racial” se deve ao fato de que o negro era considerado apenas uma opção de mão-de-obra e não cidadãos de fato. Ao negro cubano não lhe foi dado os direitos políticos e sociais que almejavam após lutarem pela independência do país, ao contrário, a República na sua primeira década lhes proporcionou momentos de intensos confrontos sociais³¹ motivados pelas desigualdades sociais.

A contratação dos imigrantes antilhanos, a principio do século XX, incentivou o debate sobre a questão racial no país. A presença desses imigrantes gerou o aumento do medo à africanização da Nação e novamente o debate em torno ao que seria o ideal racial é retomado sob novas bases, que seriam: a oposição, *negro nacional versus negro estrangeiro* e *cultura afro-cubana versus cultura afro-antilhana*.

Alfa, 1939; BETANCOURT, Juan René. *Doctrina negra. La única teoría certera contra la discriminación racial en Cuba*. La Habana: P. Fernández y Cia, 1954; BETANCOURT, Juan René. *El negro: ciudadano del futuro*. La Habana: Cárdenas y Cia, 1959; CARNEADO, José Felipe. La discriminación racial en Cuba no volverá jamás. *Revista Cuba Socialista*, Enero, 1962, p. 54-67.

³¹ “En 1908, un grupo de ciudadanos negros, procedentes principalmente de las capas medias de la población y encabezados por Evaristo Estefñoz, líder obrero quien se había convertido en pequeño contratista de obras y Pedro Ivonet, ex coronel del Ejército Libertador, fundaron la Agrupación Independientes de Color, con el fin de crear más tarde un partido político para las elecciones de 1910. El partido de los Independientes de Color incluyó en su programa varias demandas de beneficio social: enseñanza gratuita obligatoria, abolición de la pena de muerte, jornada de 8 horas, nacionalización del trabajo, reparto de tierras, etcétera”. Como resultado desse empreendimento do *Partido Independientes del Color*, após um jogo político dos partidos Conservador e Liberal que também disputariam as eleições de 1910 em que o partido dos negros é formalmente atacado pelas autoridades que não viam com bons olhos a sua criação, transcorre da seguinte maneira: “contra los desorganizados y mal armados insurrectos orientales se generó una salvaje matanza, cuyos resultados se han calculado en 3000 ciudadanos negros muertos, innumerables heridos y cientos de detenidos, que fueron sometidos a proceso judicial. Estefñoz murió en un encuentro con las fuerzas mandadas por el coronel Mendieta. Pocos días después, el teniente Arsenio Ortiz, tristemente célebres años más tarde, mataba personalmente a Pedro Ivonet”. YGLESIA MARTÍNEZ, Teresita. Organización de la república neocolonial. In: Vários Autores. *La Neocolonia: organización y crisis. Desde 1899 hasta 1940*. Editora Política: La Habana, 1998, p. 46-95.

O NEGRO E OS CÓDIGOS IDENTITÁRIOS FORMULADOS A PARTIR DA RELAÇÃO DENTRO DAS PLANTAÇÕES NO SÉC. XIX E SUA RECRIAÇÃO NO SÉC. XX

Desde o período escravista em Cuba, o negro foi direcionado basicamente para a economia de plantação, especialmente para a cana-de-açúcar. Segundo Friginals “las más serias y documentadas estimaciones cuantitativas imputan al azúcar un 65% del total de africanos importados” (1971, p. 14).

Este autor explica que os escravistas para manter o controle sobre o negro influenciavam ou incentivavam determinadas práticas culturais como forma de mantê-los sobre controle. Desta forma a cultura passa a ser um elemento aliado da dominação segundo explica Friginals,

Endendemos por deculturación el proceso consciente mediante el cual, con fines de explotación económica, se procede desarraigar la cultura de un grupo humano para facilitar la expropiación de las riquezas naturales del territorio en que está asentado y/o para utilizarlo como fuerza de trabajo barato, no calificado.
La deculturación total es imposible y, por otra parte, a los explotadores no les interesa hacer tabla rasa de los valores culturales de la clase explotada, sino sólo de aquellos elementos que obstaculizan el sistema de explotación establecido (FRAGINALS, 1971, p. 14).

O mundo da plantação provoca a recriação de novos hábitos sejam de ordem social ou comportamental, pois a convivência de um grupo ou grupos dentro de um espaço determinado transforma sua organização originária, provoca mudanças no indivíduo e no grupo como um todo. Se com o escravo a desestruturação familiar provocou uma recriação comportamental a nível sexual, no século XX o comportamento do imigrante antilhano nos espaços da plantação favorece a formação de novos laços afetivos a partir da relação de trabalho que inclui o estabelecimento de relações matrimoniais que ao contrário do que queriam a elite reforça a inserção de hábitos e costumes dos negros antilhanos em Cuba.

Ao que tudo indica os trabalhadores das Antilhas que iam a Cuba e ficavam, casavam-se no país com cubanas e com mulheres de seu próprio país, isso acontecia por exemplo com os imigrantes jamaicanos que se casavam com barbadenses, curaçolenhas, etc. Muitos deixavam sua família no seu país de origem para então formar uma nova família em Cuba, infelizmente não pudemos analisar os

registros matrimoniais para verificar quantitativamente essas relações, mas os depoimentos orais nos permitiram compreender que no espaço dos centrais e das plantações as relações sociais e sexuais seguem uma ordem que está submetida à rotina do trabalho; o lazer desses grupos está mantido através das festividades religiosas através das quais relaciona-se com o passado (que está ligado ao país de origem), com o presente (ao que vivenciam no país onde se encontram) que lhes permite formar a identidade de grupo e lhes garante a manutenção desses ritos e de sua sobrevivência social e cultural frente aos outros grupos.

Vejamos essa análise de Friginals sobre a relação entre os indivíduos dentro da plantação “pero una plantación, al igual que una cárcel, no es una sociedad. Desde cualquier punto de vista, la plantación es una empresa económica y su núcleo poblacional está compuesto por individuos yuxtapuestos, agregados, no interactuantes, cuya acción está dirigida coercitivamente hacia el fin único exclusivo, de la producción” (FRAGINALS, 1971, p. 23).

Embora a plantação dos séculos de escravidão ou das indústrias açucareiras de princípios do século XX realmente não seja uma sociedade do ponto de vista de sua organização, e claro dentro desses espaços existe uma justaposição provocada pelos cargos, questões étnicas e raciais dos indivíduos, mas como em qualquer espaço de convívio os indivíduos se interatuam. Não se pode dizer que isso não aconteceu com as diversas etnias africanas submetidas durante o período escravista e muito menos com os trabalhadores migrantes em Cuba durante as primeiras décadas do século XX. Embora tanto os escravos quanto esses trabalhadores estivessem condicionados ao mesmo fim que, como disse Friginals era a produção, é impossível negar que para esses indivíduos a reprodução de elementos identitários na própria convivência com indivíduos portadores de outras culturas não fosse possível.

A transculturação faz parte da própria sobrevivência dos elementos culturais. No caso dos centrais, concordamos que a justaposição estava baseada na estratificação racial, o que significa que os trabalhadores brancos, espanhóis na sua maioria e de diferentes partes da Espanha, relacionavam-se entre si, enquanto que os negros de diversas ilhas do Caribe e os negros de Cuba também se relacionavam entre si, o que não quer dizer que dentro dessa estratificação racial também não existissem outras, na verdade, trata-se de uma série de códigos culturais que geram

uma identidade de grupo e que é necessário para formular o tipo de relação que determinado grupo irá exercer com os demais, se de aproximação ou de preconceito. Mas como diz Glissant, as “poéticas da relação” são várias e se deram de diferentes formas, desde as piadas que se criam, dos contos, canções e gestos. A forma como um grupo estereotipa o outro é uma forma de relação porque demarca a visão de um sobre o outro.

Vejamos aqui um outro aspecto da transição do processar do pensamento branco em relação ao negro durante a década de vinte do início do século XX conforme a análise de Friginals,

Fue necesario el decursar de las décadas críticas del 20 y el 30 para que el hambre física del Caribe removiese la base cultural y estructurasen un amplio movimiento obrero unificado más allá de los europeísmos y africanismos, tan cuidadosamente preservados por las clases dominantes.

De esta época son las violentas huelgas de Jamaica, Barbados, Georgetown y la organización definitiva del movimiento obrero cubano, bajo la dirección precisamente de un mulato oscuro, sin color.

De esta época es también el gran grito de dignidad de la “negritud”, que con el tiempo deviene, paradójicamente, en un dócil instrumento neocolonialista (FRAGINALS, 1971, p.33).

Em Cuba na década de vinte alguns intelectuais como foi o caso de Fernando Ortiz, descobrem que ao se excluir a participação do negro na construção cultural do país, se excluía grande parte da cultura nacional, mas seus primeiros estudos sobre o negro tão pouco deixam de estar vinculados à idéia discriminatória dos hábitos do negro, tanto que analisa o comportamento cultural desde uma perspectiva jurídica criminal e científica, destacando a vida delinqüente dos grupos negros que habitavam em Havana ao finalizar o século XIX e princípios do XX. Nos estudos de Fernando Ortiz a partir dos anos vinte que partem de uma perspectiva etnográfica, ele rompe com a idéia de identificar o negro apenas enquanto uma raça para identificá-los etnicamente. Isso realmente é uma mudança de pensamento da elite intelectual branca em Cuba, pois reconhecer o negro enquanto elemento integrante da cultura nacional e destacar individualmente os aportes culturais de cada grupo africano que chegou a Cuba lhes garantem um status de importância e isso se reflete na sua unidade enquanto grupo e o resultado político é positivo à medida que a participação do negro ganha mais força principalmente nos movimentos trabalhistas.

No caso da contratação do trabalho dos imigrantes antilhanos em Cuba, essa relação é formulada sob bases contratuais em que as condições de trabalho teoricamente estabelecidas se diferenciam completamente da realidade vivenciada pelos trabalhadores antilhanos quando chegam a Cuba. Novamente na relação prática se vislumbra que o pensamento do contratador branco mantém-se forjado numa ótica racial, enquanto que juridicamente conforme se apresenta nas cláusulas contratuais, evidencia-se uma relação baseada no binômio empregador/empregado, onde se destaca apenas a relação hierárquica de quem pagará os serviços e de quem os executará.

Nesta referência que faz Fraginals do historiador Sidney Mintz, estudioso das questões caribenhas, podemos entender que o trabalho do negro sempre foi o que mais importou ao branco e sua performance foi o que garantiu a manutenção econômica dessas sociedades durante vários séculos “el profesor Sidney W. Mintz ha señalado, con su habitual brillantez, al referirse a la teoría de la marginalización, que si el negro ha estado secularmente marginado en lo social y lo cultural, nunca ha estado marginado como productor de mercancías. Sobre sus hombros se levantaron las grandes fortunas plantadoras” (FRAGINALS, 1971, p. 33).

Outro autor Otavio Ianni (1971), ao explicar o que se processa na trama das relações sociais entre o branco e o negro diz que para o branco e para o próprio negro é como se este último possuísse uma outra visão sobre as relações baseadas nas próprias crenças trazidas da África que se baseiam na natureza e no sobrenatural, “en la trama de las relaciones sociales, el blanco, y el propio negro, acaban por pensar y actuar como si el negro poseyese otra cultura, otro modo de evaluar las relaciones de los hombres entre si, con la naturaleza y lo sobrenatural. En general, es una raza subalterna. No es como el blanco: es diferente, otro, extraño. En casi todos los países el negro aparece como la segunda o tercera raza, después del blanco, o del índio” (IANNI, 1971, p. 53).

Nesse aspecto, se deve diferenciar duas coisas, a primeira é que ao conceber o mundo sob uma ótica simbólica baseada na religiosidade, o negro não se vê inferior ao branco; na verdade o sentir-se inferior deriva da construção e da submissão que o branco promove psicologicamente sobre o negro; para exercer uma conduta de igualdade com o branco não se dá somente com sua libertação, mas sim no decorrer de vários anos e talvez séculos, pois é necessário mudar não

só sua condição política mas desconstruir mitos em torno à sua cor, forjados pelo branco e adotado pelo próprio negro e isso requer uma avaliação e participação de ambas as partes.

A outra questão é a subalternização do negro, essa é uma outra construção; tornar o negro sub(alterno) ao branco foi uma forma de mantê-lo sob domínio o que não significa e é óbvio que isso tenha se dado sem confrontos, porque como o próprio termo diz se trata de uma alteridade que está submetida a outra e certamente o encontro de alteridades opostas deriva de uma relação em que ambas necessitam auto-afirmarse e embora uma esteja submetida não significa que esteja estática, pelo contrário, a partir da relação de subalternidade a que está submetida cria novos códigos de resistência, de adaptação e de recriação para manter sua própria identidade.

Todavia o pensamento latino-americano ao referir-se ao negro, sempre o faz mediante argumentos de total submissão desde as condições estabelecidas pela relação de trabalho e mediante o fim exclusivo que seria a produção como resultado do seu trabalho. Vejamos o que diz Otavio Ianni (1971) a esse respeito,

Lo que hay de africano y de esclavo en su cultura o en su visión del mundo dificilmente se explica como sobrevivencia, mezcla de culturas o articulaciones sincréticas bajo las que se esconde el ex-africano o ex esclavo. Lo que hay de africano o de esclavo en la cultura o la visión del mundo del negro de América Latina y el Caribe es lo que se recrea y reproduce continuamente. Pero se recrea y reproduce continuamente no por decisión y actividad del negro en si, sino por las condiciones y determinaciones de las relaciones de interdependencia, alienación y antagonismo, características del capitalismo (IANNI, 1971, p. 58).

Segundo a argumentação de Ianni (1971), o negro reproduz sua cultura mediante as condições impostas pelo trabalho que segue as características fomentadas pela ordem capitalista, ou seja, o que há de recriação da sua cultura na verdade trata-se de uma nova forma criada a partir dessas relações, sem que haja uma intenção do negro em recriá-las. Embora seja verdade que exista um fator externo que conduz o processar dos elementos culturais, seleção dos elementos que serão recriados ou não, compete ao negro formulá-los. Se entendermos que a cultura é algo dinâmico e dialético, concebê-la como algo preso aos fatores econômicos significa engessá-la e dar autonomia a uma única parte, ou seja, aos

que administram o sistema econômico que submete àqueles que estão a cargo de mantê-lo com o seu trabalho.

A relação entre raça e organização social dentro das sociedades latino-americanas e caribenhas, mais especificamente, são complexas e quase indissociáveis. Em alguns momentos a questão racial se sobrepõe à ordem social e em outros momentos está submetida a essa mesma ordem. Sidney W. Mintz explica essa relação da seguinte forma,

La composición racial del Caribe es sumamente diversa. Primeramente, la variedad fenotípica de los pueblos del Caribe no es usual, debido a las circunstancias de la inmigración y de la extensión del período colonial de sus sociedades componentes. En segundo lugar, los códigos de relaciones sociales que tipifican a estas sociedades tienen en cuenta la variedad fenotípica, pero cada una emplea su código en su propio estilo distintivo. De aquí que, mientras la 'raza' es importante en todo, su significación y sus usos particulares en la clasificación social, varían en el Caribe de una sociedad a otra (MINTZ APUD IANNI, 1977, p. 59).

Segundo Mintz (1977) para se entender o que representa o conceito raça para determinada sociedade é necessário conhecer como essa mesma sociedade cria e ressignifica seus códigos, pois cada uma os emprega de acordo com suas formulações e estrutura social baseada nas relações estabelecidas historicamente.

Nas sociedades com um passado escravista, o conceito raça é preponderante e muitas vezes se confunde com vários fatores. Embora essas sociedades tentem negar essa realidade marcadamente estruturada pela cor da pele, muitas vezes o confronto ideológico não deixa de existir, mas o mais interessante é que a cultura é um fator de aproximação e onde o diálogo entre brancos e negros se faz possível.

Ao analisar os elementos externos que se agregam à sociedade cubana, como os imigrantes negros antilhanos, vemos que esse fator é impulsionador para que a própria sociedade reavalie sua conduta frente às questões que para ela são preponderantes e no caso de Cuba que como o Brasil viveu um longo período de escravidão, não se pode analisar a história de Cuba, principalmente nas primeiras décadas de transição do século XIX para o século XX, sem que se explique como a identidade do povo cubano esteve fundamentada e alicerçada sobre a questão racial no país.

O NEGRO, O TRABALHO E A UNITED FRUIT COMPANY

O conceito de “Cubanidad” por Fernando Ortiz:

Cubanidad es ‘la calidad de lo cubano’, o sea su manera de ser, su carácter, su índole, su condición distintiva, su individuación dentro de lo universal. Muy bién. Esto es, en lo abstracto del lenguaje. Pero vamos a lo concreto. Si la cubanidad es la peculiaridad adjetiva de un sustantivo humano? Qué es lo cubano?

O contraponto estabelecido entre o que é a cubanidade e o cubano exposto por Ortiz como um conceito que abarca todos os componentes étnicos e culturais que formaram a nação cubana, na verdade foi formulado sob uma forte relação de subalternidade do elemento negro pelo branco no país.

Segundo Rebeca Scott, autora de *Raça, clase y acción colectiva en Cuba, 1895-1912: formación de alianzas interraciales en el mundo de la caña*, “existem várias maneiras de interpretar a aparente transformação do sentido de “raça” na vida pública de Cuba. Uma estratégia consiste em analisar as mudanças provocadas pelas intervenções dos E.U.A. de 1899 a 1902 e de 1906 a 1909, assim como os efeitos corrosivos da obsessão dos brancos norte-americanos pelo “negro” como um signo de perigo e degeneração” (1997, p. 133).

Isso nos leva a crer que ao intervir em Cuba e ao se depararem com uma população negra, com grande expectativa de integrarem-se de forma plena à nação, os norte-americanos tenham procurado aniquilar essa população politicamente, suprimindo-os de qualquer decisão. A política intervencionista norte-americana sempre teve como principal foco manipular as distorções sociais internas dos países latino-americanos e principalmente em Cuba, país do Caribe onde a atuação dos Estados Unidos foi mais efetiva, devido sua participação direta na Guerra de Independência, pela intervenção política e pelos seus investimentos econômicos; provocando a opinião pública mediante o jogo da pressão econômica, ou seja, para que o país crescesse era necessário que a população estivesse de acordo com os códigos de trabalho e de organização administrativa das empresas açucareiras, impérios econômicos que estavam encravados em Cuba desde o século XIX e que depois se expandiram por toda a América Latina.

Para concretizar o ideal de crescimento econômico era necessário barrar as reivindicações sociais e se concentrar nos avanços econômicos e tecnológicos, porque com esses investimentos o país cresceria e a situação do povo cubano automaticamente melhoraria segundo o discurso da burguesia e dos administradores açucareiros.

Ao decidir pela contratação de trabalhadores negros, de outros países do Caribe, que se submetiam aos baixos salários pagos pelas indústrias do açúcar, contratados para o corte da cana, forçavam o negro cubano a submeter-se às mesmas condições de trabalho; a situação do negro cubano enquanto trabalhador não se diferenciava dos negros antilhanos perante a empresa, segundo a historiadora Dominga González “os negros formavam uma única classe para as empresas, ou seja, a cor da pele era o único elemento” (2004, p.7).

A partir de 1920 quando todas as propriedades açucareiras da UFC ficaram definitivamente consolidadas, a companhia adotou uma estrutura orgânica que haveria de permanecer inalterada pelo menos em linhas gerais até a nacionalização da mesma. A unidade operativa e administrativa da UFC era a divisão. Em Cuba todas as propriedades açucareiras da Empresa se desmembraram em duas divisões, cada uma das quais possuía todos os elementos necessários para a produção do açúcar; uma área de plantação de cana, um engenho, uma rede ferroviária própria, instalações para armazenagem e embarque, assim como um conjunto de serviços para atender às necessidades dos empregados de alto nível da companhia (ZANETTI;GARCIA, 1976, p.105).

A relativa autonomia das divisões no plano operativo, estava submetida a um forte controle econômico, mantido por uma ampla organização contábil extremamente minuciosa. Apesar de estarem próximas e com uma ótima comunicação facilitada pela ferrovia e por telefones, as duas divisões da UFC em Cuba, embora tendo uma estrutura idêntica, operavam com absoluta independência.

Dentro da Divisão, a informação e as decisões fluíam entre as distintas dependências seguindo linhas bem definidas. O centro fundamental de decisões era o *manager*, quem fazia chegar aos superintendentes através de circulares e memorandos e em ocasiões mediante entrevistas pessoais com o funcionário em questão.

A contratação do pessoal fixo (*obreros industriais*, empregados) era tarefa de uma dependência central o *Labor Bureau*. O interessado preenchia uma solicitação no departamento e depois de ter seu caso examinado ou era recusado ou tinha seu nome acrescentado a uma lista de pessoal disponível.

O pessoal contratado pela companhia não recebia nenhum tipo de treinamento, nem era objeto de um programa especial para sua qualificação como trabalhador. Este processo se desenvolvia mediante a prática trabalhista do empregado e dependendo exclusivamente de seu interesse.

O manejo do pessoal agrícola, para as safras, seguia um curso diferente. Nos primeiros anos se trabalhou mediante um sistema de contratos. A Companhia assinava um *chucho* a um contratista que devia encarregar-se por sua conta da contratação do pessoal, assim como do controle das operações de corte, com o objetivo de garantir ao engenho a entrega diária do volume da cana que lhe fora destinado.

Este sistema era resultado das dificuldades experimentadas nos primeiros anos para conseguir força de trabalho durante a safra, tendo ademais a vantagem de que aliviava a gestão administrativa, pois a Companhia fazia um pagamento global ao contratista, que se ocupava de pagar diretamente aos cortadores. A medida que a situação de força de trabalho foi melhorando, a Companhia começou a controlar diretamente as operações da colheita de cana, estendendo este novo método com bastante rapidez até fins da década de vinte. Sem embargo, a função do contratista nunca foi eliminada por completo.

Todo o pessoal dirigente da Companhia em Cuba era estrangeiro, principalmente norte-americano. Todos os cargos, desde assistente de superintendente para cima, estavam preenchidos por estrangeiros, ficando os cubanos totalmente excluídos das funções dirigentes.

Os dirigentes da UFC formavam um grupo muito homogêneo e era objeto de uma política especial por parte da Companhia. Seus salários não eram particularmente elevados se comparados com os salários de indivíduos com cargos similares de outras companhias, porém recebiam uma série de benefícios extrasalariais (casa gratuita, serviço doméstico pago pela Companhia, etc.) que contribuía para aumentar seu salário real, grantindo-lhes, um *status* bem diferenciado com respeito aos trabalhadores restantes da Companhia. Ao consentir

todas essas condições de trabalho, a UFC tinha como objetivo de que seu pessoal dirigente formasse um grupo social perfeitamente isolado, com um marcado espírito de elite.

CAPÍTULO III

EL CARIBE

*En el acuario del Gran Zoo,
Nada el Caribe.
Este animal
Marítimo y enigmático
Tiene una blanca cresta de cristal,
El lomo azul, la cola verde,
Ventre de compacto coral,
Grisés aletas de ciclón.
En el acuario, esta inscripción:
"Cuidado: muerde"
Nicolas Guillén*

PLANTAÇÃO E MIGRAÇÃO NO CONTEXTO CARIBENHO

Tomando a representação do Caribe como uma fronteira imperial que faz Juan Bosch (1985) em seu *De Cristóbal Colón a Fidel Castro*, é necessário entender a importância das migrações para essa região não só em relação ao seu desenvolvimento econômico mas também pela contribuição das migrações no processo de relação das várias formas de culturas que a integram.

Desde a sua colonização o Caribe tem sido uma área de grande interesse econômico para as potências imperiais, como o próprio título do livro de Bosch (1985) nos diz; desde Colombo o que se apresenta é uma intenção de dominação e controle por parte das grandes nações, que vêm na região uma localização geográfica importante para implantar suas indústrias e que oferece condições climática e populacional bastante favorável para desenvolvê-las e uma localização estratégica para o comércio e o predomínio dessas potências.

A tentativa de se entender e explicar o que acontece nessa região reflete-se na preocupação de vários autores³² em encontrar os elementos que permitem ver

³² Ver: LAMMING, George. Identidad cultural del Caribe. In: *Revista Casa de las Américas*, La Habana, 20 (118), p. 35-37, enero-febrero de 1980; PHELPS, Anthony. Orígenes de la cultura caribeña. *Revista Casa de las Américas*, nº 114, maio-junio, año XIX, La Habana, 1979; DIPP, Hugo Tolentino. Algunos aspectos del contexto histórico de las culturas caribeñas. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979; MENDÉZ, José Luís. Problemas de la cultura caribeña. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979;

uma identidade caribenha em uma confluência de ilhas e costa continental que mesmo possuindo uma proximidade geográfica, experimenta uma diversidade lingüística, histórica e cultural pouco vista em outras áreas do mundo, justamente por ter passado por um processo de colonização tão diversificado.

O Caribe é uma região de “dinâmicas conectadas a microfatores, tais como a conquista e a colonização européia, a história de uma economia transoceânica, a implementação do sistema de plantação, a importação de escravos africanos, a contratação de mão de obra asiática, a mestiçagem racial e as incorporações culturais” (MORACÉN NARANJO, 2005, p.119). Diríamos que esses são alguns dos elementos que identificam e/ou unificam o Caribe, mas dentre esses fatores existem vários outros que são fundamentais para se compreender a dinâmica desta região e entre eles está, a migração³³.

A migração, o deslocamento populacional seja dentro do Caribe (intra-caribenha) ou para fora do Caribe está ligado a três fatores: primeiramente o histórico, por ser o Caribe uma região formada pelo movimento de população; primeiro os colonizadores, depois os negros africanos, chineses e tantos outros grupos que se deslocaram ou foram deslocados para o Caribe, ou simplesmente passaram pela região deixando um pouco de sua identidade cultural levando outros elementos consigo. O segundo fator é o econômico; o sistema de plantação foi o propulsor para que a migração se tornasse um processo importante dentro do Caribe, uma vez que a plantação exigia uma grande quantidade de mão-de-obra e sempre foi seu principal elemento econômico.

Segundo Milet e Corbea, o Caribe “foi e segue sendo uma região americana de intersecção de distintas culturas e espaço onde se produziram permanentes migrações que tem estabelecido a personalidade cultural da região” (1987, p.72).

ARION, Frank Martinus. Definición e integración del Caribe. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979.

³³ Segundo Teodoro de La Torre Recio, a significação fundamental do vocábulo migrar “es un término comum, que indica la acción de dejar un lugar para dirigirse a otro, comprende, portanto, la doble acción de emigrar o dejar el lugar de partida, y de inmigrar, o dirigirse al de destino, los cuales son términos correlativos. Migrante, emigrante, inmigrante, son vocablos derivados que indican que la respectiva acción está aún en ejercicio, migrado, emigrado, inmigrado, indican la acción ya completa. DE LA TORRE RECIO, Teodoro. *Problemas de las migraciones internacionales*. Madrid: Instituto de Cultura Hispánica, 1946.

Se a plantação é um dos elementos no qual se pode perceber a integração da região, a migração intra-caribenha é o seu fator de conexão abastecendo as plantações com mão-de-obra nativa. Sobre esses dois elementos a historiadora cubana Fe Iglesias diz que “la plantación condicionó los procesos migratorios y la compleja integración étnica resultante” (1990, p.15), através da plantação e da migração foi possível o encontro de diferentes grupos étnicos resultando em um fenômeno cultural dinâmico pela sua diversidade.

O açúcar foi um dos principais produtos de exportação da região Caribe. A necessidade de mão-de-obra na produção desse produto atraiu o investimento das empresas e corporações estrangeiras para a região, principalmente das empresas norte-americanas. Para manter essas indústrias foi necessário empregar uma grande quantidade de mão-de-obra, o que contribuiu para fortalecer o que alguns autores consideram uma cultura de migração na região.

Segundo Ramon Antonio Veras, a emigração de trabalhadores nas Antilhas aparece como resultado da decisão de um indivíduo ou de um grupo de pessoas; se apresenta como “la transferencia de la fuerza de trabajo de una región a otra” (1985, p.1). Veras diz que o fenômeno migratório está intimamente ligado à evolução histórica dos países caribenhos, bastando lembrar que o capitalismo europeu ao desenvolver a economia de plantação nesta área, recorreu mediante a imigração forçada e massiva de africanos à forma de sustentar a economia plantacionista, e nas primeiras décadas do século XX recorre novamente à migração de trabalhadores europeus, asiáticos e do próprio Caribe para abastecer as indústrias instaladas na região (Ibidem).

No século XX a situação de migração, neste caso voluntário, dos trabalhadores antilhanos dentro do que se denomina migração intra-caribenha se deu em condições precárias e foi concebida mediante um tratamento bem parecido ao vivenciado pelos escravos no século XIX e séculos anteriores.

O autor Jesus Guanche (1999) compara o tratamento dispensado aos imigrantes antilhanos contratados para trabalharem nas indústrias açucareiras cubanas e submetida às mais difíceis condições de transporte e de trabalho a uma escravidão moderna. Os trabalhadores do Caribe que migraram para Cuba sofreram diversos tipos de abuso desde o seu recrutamento no país de origem, e também em Cuba quando eram admitidos para uma rotina de trabalho completamente dura;

recebiam os salários mais baixos e também eram vítimas do preconceito fomentado pela elite cubana, contrária à sua contratação.

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre não significou uma mudança na mentalidade dos fazendeiros e da burguesia agrícola dos países que tiveram sua economia baseada na mão-de-obra escrava, como foi o caso de Cuba. A mentalidade muda de forma lenta, o que demonstra que a inserção do negro na sociedade cubana foi gradual e passou por momentos de grande embate social, principalmente porque esbarrava no ideal nacional fundamentado em parâmetros raciais.

Segundo Carlos M. Vilas que analisa o fenômeno da migração a partir de uma crítica marxista diz que o desenvolvimento da acumulação capitalista não se basta com a quantidade de força de trabalho disponível segundo o crescimento natural da população. Requer uma força de trabalho de reserva, ou população excedente, independente dos limites que lhe fixa o crescimento natural. Ele diz ainda que as fontes tradicionais de abastecimento dessa população excedente são três “la población de reserva flotante, atraída y repelida al proceso de trabajo por pautas cíclicas de empleo y desempleo; la población de reserva latente, generada por el desplazamiento de los trabajadores agrícolas, por la introducción de maquinaria y en general de tecnología moderna y por fin la población de reserva compuesta por el llamado empleo formal” (1983, p.19).

De acordo com essa explicação podemos analisar que a mão de obra antilhana que foi atraída para trabalhar em Cuba encaixava-se no primeiro grupo, como uma mão-de-obra que se desloca mediante a oferta de trabalho. E isso não se dá somente em Cuba pela indústria açucareira, mas também no Panamá pela construção do Canal de nome homônimo³⁴, com o Brasil pela construção da ferrovia Madeira-Mamoré, que atrai a mão-de-obra antilhana em grande quantidade. No caso de Cuba a atração da mão-de-obra antilhana é mais intensa e precursora desse movimento, pois o efetivo de trabalhadores é proporcional ao crescimento da indústria açucareira nas primeiras três décadas da república cubana.

As empresas açucareiras ao optar pela mão-de-obra antilhana tiveram como objetivo não só o fator econômico, mas também objetivos políticos. Ao mesmo

³⁴ Os barbadenses formaram o maior grupo de imigrantes que foram trabalhar no Canal do Panamá.

tempo em que as indústrias investiam em uma ação de avanço na região, procuraram neutralizar as forças internas que resistiam à intervenção das indústrias norte-americanas e à sua forma de atuação.

Além de ser economicamente vantajosa, a imigração antilhana pela sua heterogeneidade cultural, serviu aos interesses das *companies* porque favoreceu a exploração da mão-de-obra nacional uma vez que os trabalhadores cubanos ao concorrer com os trabalhadores estrangeiros (espanhóis e antilhanos) pela vaga de empregos, acabavam tendo que aceitar as regras de salário e trabalho oferecidas pelas empresas.

Os antilhanos, por serem negros, foram submetidos a uma maior exploração baseada em critérios raciais, e por estar na região Caribe sua contratação era mais rentável para as empresas do que a contratação de imigrantes europeus.

Para entender a relação entre empresas açucareiras, negros antilhanos e sociedade cubana é necessário conhecer um pouco o contexto histórico em que irão se processar as primeiras décadas da República cubana.

A MIGRAÇÃO ANTILHANA E A REPÚBLICA CUBANA: A NECESSIDADE DE MÃO-DE-OBRA

Cuba se alimentou da imigração durante uma parte muito importante de sua existência. Até a primeira metade do século XX, a história do país estava relacionada estreitamente com a chegada dos imigrantes e à sua inserção no complexo nacional, assim como as tensões e os incidentes que são derivados de sua presença propiciou durante as primeiras décadas da república uma ebulição étnica que teve conseqüência nas relações sociais e principalmente na reavaliação do papel do negro para a constituição de um imaginário nacional que rompesse com os padrões raciais herdados do século XIX (MALUQUER, 1992).

O período que se inicia em 1902, tem sido denominado por alguns autores de período neocolonial, quando Cuba passa a ser governada a partir dos desígnios políticos e econômicos estabelecidos pelos Estados Unidos através da *Emenda Platt*³⁵ incorporada à constituição cubana de 1901.

³⁵ A Enmienda Platt:

Em 1902 o governo interventor cria a “Ordem Militar número 62” que regeu as questões relativas à terra no país, com o propósito de tornar possível sua compra e venda (SIERRA TORRES; ROSÁRIO MOLINA, 2001, p.36). Essa ordem favoreceu a compra das terras na região de Oriente pelas companhias açucareiras estrangeiras que se instalaram na região a baixos preços. As indústrias norte-americanas produtoras de açúcar da cana no início do século concorriam com a indústria doméstica produtora do açúcar de beterraba que dominava o mercado interno nos Estados Unidos³⁶, as indústrias de açúcar da cana visavam expandir seu mercado e investir maciçamente em suas indústrias instaladas no Caribe e na América Central.

Artigo 1º: El Gobierno de Cuba nunca celebrará con ningún poder o poderes extranjeros ningún tratado u otro pacto que menoscabe o tienda a menoscabar la independencia de Cuba ni en manera alguna autorice o permita a ningún poder o poderes extranjeros obtener por colonización o para propósitos militares o navales o de otra manera asiento o jurisdicción sobre ninguna porción de dicha isla.

Artigo 2º: Dicho Gobierno no asumirá ninguna deuda pública para el pago de cuyos intereses y amortización definitiva, después de cubiertos los gastos corrientes del Gobierno, resulten inadecuados los ingresos ordinarios.

Artículo 3º: El Gobierno de Cuba consiente que los Estados Unidos puedan ejercer el derecho de intervenir para la preservación de la independencia y el sostenimiento de un gobierno adecuado a la protección de la vida, la propiedad y la libertad individual, y al cumplimiento de las obligaciones con respecto a Cuba, impuestas a los Estados Unidos por el Tratado de Paris, y que deben ahora ser asumidas y cumplidas por el Gobierno de Cuba.

Artículo 4º: Todos los actos realizados por los Estados Unidos en Cuba durante su ocupación militar serán ratificados y temidos por válidos, y todos los derechos legalmente adquiridos en virtud de aquellos serán mantenidos y protegidos.

Artículo 5º: El Gobierno de Cuba ejecutará y hasta donde fuere necesario ampliará los planes ya proyectados u otros que mutuamente se convengan para el saneamiento de las poblaciones de la Isla, con el fin de evitar la recurrencia de enfermedades epidémicas e infecciosas, protegiendo así al pueblo y al comercio de Cuba lo mismo que al comercio y al pueblo de los puertos del Sur de los Estados Unidos.

Artículo 6º: La Isla de Pinos queda omitida de los límites de Cuba, propuestos por la Constitución, dejándose para un futuro tratado la fijación de su pertenencia.

Artículo 7º: Para poner en condiciones a los Estados Unidos de mantener la independencia de Cuba y proteger al pueblo de la misma, así como para su propia defensa el Gobierno de Cuba venderá o arrenderá a los Estados Unidos las tierras necesarias para carboneras o estaciones navales en ciertos puntos determinados, que se convendrán con el presidente de los Estados Unidos...

Artículo 8º: El Gobierno de Cuba insertará las anteriores disposiciones en un Tratado Permanente con los Estados Unidos (Jenks, 1960).

³⁶ Sobre a relação da indústria açucareira doméstica dos Estados Unidos, produtora do açúcar de beterraba e a indústria do açúcar da cana, instalada em Cuba, escreveu Rubens Martínez Villena em maio de 1933 na revista *Mundo Obrero* um artigo intitulado *Las contradicciones internas del imperialismo yanqui en Cuba y el alza del movimiento revolucionario*, em que dizia “la crisis general en la industria azucarera (sobreproducción, caída del precio), se intensificó en Cuba en virtud de un tercer elemento: la lucha entre los fabricantes yanquis de azúcar de remolacha o caña, que fabrican su azúcar dentro de las fronteras arancelarias de los Estados Unidos (en los propios Estados Unidos, Puerto Rico, Filipinas, Hawaii), y los fabricantes de azúcar de caña en Cuba, en su mayoría también yanquis, cuya producción, considerada como extranjera, necesita pagar derechos en la Aduana de Estados Unidos. (Éstos constituyen el principal mercado del azúcar de Cuba)”. Ou seja, essa relação de concorrência entre a indústria doméstica dos Estados Unidos (produtora do açúcar de beterraba) e a indústria de açúcar da cana instalada em Cuba perpassaria as três décadas de instalação,

A apropriação de terras em Cuba, por exemplo, por uma das maiores empresas que compunham o Trust açucareiro da cana dos Estados Unidos a UFC constituiu um aspecto fundamental do processo de penetração do capital norte-americano na ilha. Como podemos ver na tabela a seguir, os investimentos norte-americanos na indústria açucareira equivalem a cinco vezes mais do que seu segundo setor de maior investimento, a construção de estradas de ferro,

TABELA 3:
INVESTIMENTOS NA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA³⁷

Indústria azucarera	\$600.000.000
Compañias de servicios públicos (excepto ferrocarriles)	115.000.000
Ferrocarriles	120.000.000
Minas	50.000.000
Industria tabacalera	20.000.000
Hoteles y diversiones	15.000.000
Empresas mercantiles	30.000.000
Empresas agrícolas	25.000.000
Fábricas	15.000.000
Fincas urbanas	50.000.000
Deuda pública	100.000.000
Total	1.140.000.000

Fonte: Problemas de la Nueva Cuba: Informe de Comisión de Asuntos Cubanos, 1935, p.48.

Como indica a tabela, o açúcar se sobrepôs a todos os demais negócios da economia cubana. O Tratado de Reciprocidade de 1902 e o Tratado Permanente de 1903 consolidaram a expansão da indústria açucareira no país e ao favorecer comercialmente os Estados Unidos fez com que este investisse na tecnologia das fábricas, na infra-estrutura e na expansão das exportações. A safra de 1904, passou de um milhão de toneladas, e em 1914 esta cifra foi elevada para 2.597.732 toneladas (VV. AA, 1935, p.49).

A imigração, diante desse quadro tornou-se uma necessidade para as *companies*. A lei criada para administrar questões relativas a esse tema durante a primeira intervenção norte-americana foi a Ordem Militar 155 ou *Ley de Inmigración* criada no ano de 1902. Formulada e baseada na lei de imigração utilizada nos

produção e crise desta última, interferindo de forma implacável segundo Villena no desenvolvimento de Cuba e culminaria com a revolução de 1933 que depõe Gerardo Machado.

³⁷ Esses dados correspondem ao estudo feito por Leland H. Jenks que escreveu *Our Cuban Colony*, Nova York, 1928, p.299-300; seus estudos foram então publicados no informe *Problemas de la Nueva Cuba* do ano de 1935.

Estados Unidos para aprovar a entrada de imigrantes juntamente com o Tratado de Reciprocidade³⁸ foram responsáveis pelo favorecimento da indústria açucareira durante as três primeiras décadas do século XX.

Tanto a Lei de Imigração quanto o Tratado de Reciprocidade garantiram aos Estados Unidos vantagens econômicas na relação administrativa e comercial com Cuba, dando início a um dos períodos de maior fluxo imigratório da história do país.

Segundo a historiadora Dominga González Suárez as discussões sobre a política imigratória que Cuba deveria adotar estiveram diretamente vinculadas à diminuição dos preços dos impostos que os Estados Unidos concederia aos produtos cubanos através do Tratado de Reciprocidade (2002, p. 233).

Ao governo de Estrada Palma, primeiro presidente de Cuba, ao ser instalada a República, correspondeu a tarefa de formalizar os vínculos de dependência econômica e política, que tinham sido delineados durante os três anos de ocupação do país pelos Estados Unidos. Em seu programa político, Estrada Palma já esboçava seu plano econômico, em que considerou prioritário formalizar um Tratado de Reciprocidade Comercial entre Cuba e Estados Unidos, que favorecesse os produtos de exportação, especialmente o açúcar, cuja indústria estava ameaçada, segundo suas próprias palavras (YGLESIAS MARTÍNEZ, 1998, p. 48).

Dessa forma garantiu aos monopólios introduzidos no país ainda na primeira década da república o total controle sobre a produção e venda de um dos principais produtos de exportação em Cuba: o açúcar.

Houve um embate entre os produtores de açúcar de beterraba que defendiam a proteção “arancelaria” e o Trust do açúcar ou American Refining Sugar que se opunha à mesma. As razões de seus antagonismos ficaram expostas durante as discussões e negociações que tiveram durante o Congresso dos Estados Unidos para estabelecer os termos e condições do Tratado de Reciprocidade que seria firmado futuramente.

³⁸ O Tratado de Reciprocidade era um acordo comercial estabelecido entre os Estados Unidos e Cuba para diminuir os impostos sobre os produtos comercializados entre os dois países. Os benefícios do tratado favoreciam muito mais aos Estados Unidos, pois os preços dos produtos cubanos podiam sofrer uma intervenção direta do presidente norte-americano. Esse acordo tinha como objetivo favorecer a indústria açucareira.

La industria remolachera doméstica también estaba interesada en la implantación de una legislación inmigratoria restrictiva para evitar que Cuba pudiera abastecerse de la mano de obra suficiente que posibilitara la realización de grandes producciones de azúcar. Sin embargo, el Trust, con importantes inversiones en el sector azucarero de Cuba y gran importador de azúcar crudo, estaba interesado en desarrollar la industria azucarera de la isla para garantizar la materia prima a sus grandes refinerías situadas en los Estados Unidos. Por esta razón, abogaba por una política inmigratoria que posibilitara la libre contratación de trabajadores extranjeros (GONZÁLEZ SUÁREZ, 2002, p. 233).

No que se refere à lei de imigração imposta pelos Estados Unidos o presidente cubano D. Tomás Estrada Palma disse o seguinte “en las leyes de inmigración de los Estados Unidos hay exigencias que Cuba no podrá observar necesitada como se halla de fomentar su población pero, desde luego, desde hace muchos años, los cubanos han demostrado su oposición resuelta a la inmigración de razas inferiores” (*Situación al día*, abril 19 de 1902, p.2).

As discussões em torno ao tema ‘imigração’ preocupavam os cubanos como se pode notar através da imprensa. O jornal *El Cubano Libre* do dia 27 de setembro de 1904, apresenta um artigo intitulado “Raza Nueva”, em que claramente se vê que a questão racial era prioritária quando o assunto era a introdução de trabalhadores em Cuba. O artigo escrito por Jesus Castellanos, entre outras coisas destaca que era necessário levar à Cuba uma raça que fosse vigorosa, sã e que portasse elementos para contribuir positivamente com o aprimoramento do povo cubano.

El problema de la repoblación del territorio es de más difícil solución. Ya no se trata de brazos; precisa encontrar costumbres sanas, corazones levantados, salud vigorosa. No hay que pensar en escapados de presidio ni en tañedores de harpa. Hay que buscar el tónico, el reconstituyente de la raza que há de ser la amalgama de familias nuevas con familias antiguas, el pedazo de carne humana escogido entre la mejor sangre de Europa, con el que se há de emprender la santa labor de hacer germinar a lo largo de muchos años una gran raza nueva, hija de la mezcla (*El Cubano Libre*, 27 de setembro de 1904).

Finalizada a Guerra de Independência a situação econômica e demográfica de Cuba era extremamente crítica. A reconstrução do país e o rápido processo de investimentos do capital estrangeiro demandavam segundo Perfecto Lacoste, fazendeiro cubano e então Secretário de Agricultura, uma política migratória que favorecesse a importação de trabalhadores.

As discussões sobre a política imigratória que Cuba deveria adotar estiveram vinculadas diretamente com a diminuição dos impostos que os Estados Unidos concederiam aos produtos cubanos mediante o Tratado de Reciprocidade.

Nos Estados Unidos dois grupos, a indústria doméstica produtora do açúcar de beterraba e o American Refining Sugar, como tínhamos escrito antes, tinham interesses opostos relativos às regras comerciais entre os dois países, o primeiro defendia a proteção dos impostos e o segundo se opunha a essa proteção.

O jornal *La Discusión*, apresentou em suas páginas as reivindicações estabelecidas pelos dois grupos,

Mr. Henderson, presidente de la Cámara de Representantes de los Estados Unidos, al analizar las posiciones de los grupos en que se encontraba dividido el Congreso planteaba que los que tratan de ayudar a Cuba, piden una reducción en los aranceles de azúcar crudo cubano del cincuenta por ciento de derecho o su entrada libre. La defensa de estos planteamientos la basan en los intereses de este sector de la economía norteamericana, en el capital americano invertido en tierras, fincas, industrias, etc., en que los americanos residentes en Cuba ansían mayor tráfico entre Cuba y los Estados Unidos, y en la ansiedad de los cubanos por mejorar sus condiciones económicas.

En contra se presentan los argumentos siguientes. El azúcar de remolacha se ha desarrollado tan sorprendentemente en los estados de California, Colorado, Nebraska, Wisconsin, Michigan, Iowa y todos los estados del Valle de Mississippi desean que se le aplique el principio de la protección para no ser perjudicados en la competencia; la posición del pueblo americano, que después de haber derramado su sangre y empleado millones en servicio de Cuba, ha de ver perjudicados sus propios intereses (*La cuestión americana*) (*La Discusión*, 27 de febrero, 1902).

A indústria *remolachera* doméstica estava interessada na implantação de uma legislação imigratória restritiva para evitar que Cuba pudesse abastecer-se de mão-de-obra suficiente que possibilitasse a realização de grandes produções açucareiras. Por outro lado o Trust que havia realizado investimentos no setor açucareiro cubano, e que era grande importador do açúcar cru do país, estava interessado em desenvolver a indústria açucareira da ilha para garantir a matéria prima para suas refinarias, situadas nos Estados Unidos. “Por eso advogava por una política imigratória que possibilitase la libre contratación de trabajadores extranjeros” (GONÇALEZ SUÁREZ, 2002, p.234).

Como a indústria doméstica de açúcar tinha mais influência no mercado interno dos Estados Unidos naquele momento do que o grupo do Trust açucareiro, o apoio do Congresso Norte-americano às suas reivindicações influenciou na política imigratória cubana, dando as diretrizes que o país deveria seguir a partir da criação

de sua legislação. Para satisfazer as demandas dos produtores domésticos de açúcar, o congresso norte-americano concordou submeter às negociações que derivariam no Tratado de Reciprocidade Comercial com a adoção das leis imigratórias (restritivas e discriminatórias) vigentes nos Estados Unidos, aos interesses comerciais da indústria doméstica.

Cumprindo esse requisito seria concedida pelo governo dos Estados Unidos uma redução das tarifas de importação de 20% sobre os produtos cubanos. Isso significou que somente seria permitido o início da negociação do Tratado de Reciprocidade se Cuba aceitasse vigorar no país a lei de imigração adotada no país do norte³⁹.

A oposição de Estrada Palma à restrição que a Ordem de nº 155 impunha para a entrada de imigrantes em Cuba, é resultado de sua política dependente dos interesses dos Estados Unidos no país. Sua posição deixa clara duas questões, a primeira de que a Orden nº 155 prejudicaria o desenvolvimento da indústria açucareira cubana se fosse observada com rigor, pois dificultaria o trabalho das empresas, caso a mão-de-obra nacional não comportasse a demanda de trabalho; segundo, o presidente ressalta que a preocupação de não adotar uma imigração indesejável aos preceitos da Nação já existia antes da criação da lei. E antes mesmo que a lei formalizasse os parâmetros imigratórios que Cuba deveria adotar; impedir a

³⁹ Em 18 de março de 1902, foi votada uma resolução pela Conferência de Republicanos da Câmara de Representantes, realizada na cidade de Washington, que dizia:

“Resuelve: que es el deseo de la Conferencia que el Comité de Médios y Arbitrios, informe favorablemente a la Camara, un proyecto que sustancialmente diga así:

Que con el propósito de nivelar el tráfico entre los Estados Unidos y Cuba, el Presidente está debidamente autorizado, tan pronto como pueda estar constituido un gobierno independiente en Cuba y la sanción de dicho gobierno, de las leyes de inmigración de los Estados Unidos, como si fueran sus propias leyes, a entrar en las negociaciones con dicho gobierno para el arreglo de un tratado comercial, cuyas recíprocas y equivalentes concesiones deben obtenerse en favor de los productos y manufacturas de los Estados Unidos, en la proporción de un veinte por ciento de rebaja en los aranceles sobre productos y manufacturas que no tengan cláusula más favorecida que esa, y cuando el gobierno de Cuba proclame esas leyes de inmigración, y entre el arreglo, y haga concesiones tales a los productos y manufacturas indicados, que a juicio del Presidente sean recíprocas y equivalentes, queda autorizado a dar una proclama al efecto, en la parte a que se refiere a la ley de inmigración y al Tratado de Reciprocidad Comercial rebajando un veinte por ciento a favor de los productos de Cuba.

El Presidente queda autorizado, para que si no se halla satisfecho del cumplimiento por parte de Cuba del acuerdo, notificar inmediatamente su suspensión.

Considerando: Que la reciente Conferencia de Bruselas ha acordado suspender todas las primas al azúcar desde el 1 de septiembre de 1903, y desde entonces subirá el precio del dulce.

Resuelve: Que el informe del Comité recomiende que los efectos del arreglo comercial entre los Estados Unidos y Cuba, terminen el 1 de diciembre de 1903. (Jornal *La Discusión*, La Habana, 24 de marzo de 1902)”.

entrada de “razas inferiores”⁴⁰ era uma questão prioritária. No entanto, seu discurso visava atender tanto os interesses das indústrias norte-americanas instaladas no país ao concordar que a mão-de-obra nacional não seria suficiente para o pleno desenvolvimento da indústria e também aos interesses internos quando defende a idéia de se ter em Cuba apenas imigrantes que correspondessem aos anseios políticos e morais da Nação cubana. Esses dois critérios se chocam em vários momentos, prevalecendo sempre os interesses das *companies*.

A Lei de Imigração e Colonização (Ordem nº 155) foi publicada pelo *Cuartel General* a pedido do então Governador Militar de Cuba, Leonard Wood. O destino da Ordem era evitar que fosse contratada mão-de-obra barata, que como vimos tinha como fim proteger aos produtores domésticos de açúcar nos Estados Unidos, que temiam a competição do açúcar cubano.

A Lei proibia a entrada em Cuba de toda e qualquer pessoa que pudesse ser convertida em carga pública como: dementes, mendigos; que padecessem de enfermidades repugnantes ou contagiosas; as condenadas por delitos ou crimes ou que tivessem praticado atos considerados imorais como a poligamia. A lei deixava claro que todo imigrante cuja passagem e viagem tivessem sido pagas por terceiros e que mediante investigação não conseguisse comprovar que não estava enquadrada nos requisitos da lei seriam reembarcadas de volta para seus países. A seção III, tinha como meta coibir as empresas açucareiras de atuarem na busca de mão-de-obra barata, como podemos ver no texto a seguir,

Sección III. – Constituirá un acto ilegal por parte de cualquiera persona, razón social o compañía, pagar por anticipado, bajo cualquier forma, el importe del viaje, o de algún modo contribuir a fomentar la introducción o inmigración de cualquier extranjero o extranjeros, forastero o forasteros en Cuba, mediante contrato o convenio, de palabra o por escrito, tácito o expreso hecho con anterioridad a la introducción o inmigración de los

⁴⁰ O termo foi utilizado por José Curbelo idealizador do projeto de imigração denominado “Proyecto de Inmigración nacional para la Isla de Cuba y de la más fácil realización” criado por ele em 1882, através do qual planejava importar ao longo de dez anos entre 500.000 e 600.000 indivíduos. Curbelo propunha através de seu plano a criação de uma “Junta Protectora de la Inmigración Agrícola, integrada por indivíduos de cada provincia, con agentes en la Península, Canárias y Baleares”. Ele defendia a imigração de “raza blanca”, preferentemente a espanhola porque essa ajudaria o manutenção da integridade nacional tanto política quanto cultural, enquanto que as “razas inferiores”, negros e asiáticos, só poderiam ser importadas sob o regime de escravidão regime que explica e justifica sua presença em Cuba. Segundo ele: “seria un crimen social africanizar a Cuba”. CURBELO, José. Proyecto de inmigración nacional para la isla de Cuba y de la más fácil realización. La Habana, 1882. cit. NARANJO OROVIO, Consuelo. *Trabajo libre e inmigración española en Cuba*. Revista de Índias, 1992, vol. LII, núms. 195/196, p.752.

mencionados extranjeros o forasteros para emplearlos en trabajos y ocupaciones de cualquier clase en Cuba.

Por sua parte a seção IV, informa sobre as condenações a que estavam sujeitas as pessoas que transgredissem a ordem. Em geral eram condenadas a pagar uma multa de 1.000 (pesos) por cada infração cometida. Uma multa que não ameaçava as companhias como veremos, pois desde 1902 elas já introduziam o trabalhador antilhano através de seus portos particulares, burlando a lei. As empresas recebiam todos os benefícios do governo cubano para sua instalação no país, iniciavam seus negócios com significativa lucratividade.

A lei, no entanto, na sua seção V, abre uma brecha, ou embasamento legal para que as indústrias açucareiras pudessem contratar mão-de-obra estrangeira, que possibilitou a entrada dos imigrantes espanhóis, conforme queria a aristocracia e a burguesia branca cubana.

Sección V.- Ninguna de las disposiciones que anteceden, se entenderá de modo que cohiba a ningún ciudadano o súbdito de un país extranjero que resida temporalmente en Cuba, en su condición de particular u oficial, para convenir mediante contrato o de otra manera, con personas no avencidadas ni ciudadanos de Cuba, que obren como secretários particulares, criados o domésticos de dichos extranjeros que residan en Cuba temporalmente, a que antes se há hecho referencia. Ni a los ministros de cualquiera culto, ni a las personas que pertenezcan a una carrera reconocida, ni a los profesores de colégios y seminários; ni se entenderá tampoco que estas disposiciones cohiban a cualquiera persona o personas, razón social o compañía, para escriturar por contrato o convenio, obreros especiales en países extranjeros para el desempeño de sus trabajos en Cuba en cualquiera industria nueva que en la actualidad no exista en Cuba, **siempre que** [Grifo do autor] los brazos especiales con ese fin no puedan obtenerse de otro modo; ni se comprenderá en las disposiciones de estos párrafos a los actores de profesión, a los conferencistas o cantantes, ni a las personas que se dediquen a la ocupación de criados de mano o domésticos, **con tal** [Grifo do autor] que no se entienda en estos párrafos que se cohibe a persona alguna que auxilie a un miembro de su familia para que pueda venir del extranjero a establecerse en Cuba.

Os espanhóis (canários e peninsulares) contratados a partir dessa ressalva na lei são direcionados para o trabalho nas colônias. Em Cuba os colonos constituíam um nutrido setor social, divididos em classes sociais. Havia um grupo muito numeroso dos ‘pequenos colonos’, verdadeiros camponeses que trabalhavam a terra em união de suas famílias. E por outra parte, o núcleo reduzido dos grandes colonos, representativos de uma burguesia agrícola. Entre uns e outros se distinguem várias camadas intermediárias (PINO SANTOS, 1973, p. 150).

O jogo de interesses entre os dois setores da indústria açucareira norte-americana, no entanto, fez com que as companhias instaladas em Cuba investissem maciçamente em seus negócios na ilha contrariando os interesses da indústria doméstica que embora pressionasse o governo americano era incapaz de impedir que em Cuba empresas como a United Fruit Company, Nipe Bay Company, Cuban Cane influenciasse o governo cubano, para ver atendidas as suas reivindicações referentes à lei de imigração e assim se tornavam também concorrentes da indústria produtora do açúcar de beterraba, instalada nos Estados Unidos.

Embora o governo interventor, representante dos Estados Unidos em Cuba, estivesse a cargo de proteger os interesses econômicos de seu país, se utilizou de uma legislação que tão pouco pusesse em risco o desenvolvimento econômico das empresas produtoras do açúcar da cana instaladas em Cuba.

O dispositivo legal deixado na lei para que a contratação de imigrantes pudesse acontecer, mesmo que de forma “restrita” não foi involuntário, mas mesmo possibilitando a contratação de trabalhadores espanhóis como foi o caso, as empresas reivindicavam uma grande quantidade de trabalhadores para o corte da cana, função para a qual os imigrantes espanhóis não eram destinados. Para o trabalho nas plantações as empresas recorreram à contratação dos imigrantes antilhanos.

A UFC e a Nipe Bay Company tiveram um papel importante na introdução desses trabalhadores em Cuba, ao intercederem junto ao governo cubano pela ampliação da lei de imigração de 1905. Em 1901, quando a UFC ampliou seus investimentos como produtora de açúcar, participou como uma das maiores responsáveis pelo renascimento da indústria açucareira em Cuba. A devastação econômica que o país enfrentou após a Guerra de Independência diminuiu a safra açucareira desse ano em 75%; o número de engenhos foi reduzido à metade e os que conseguiram manter-se em funcionamento necessitaram de sérias reparações.

A UFC instalou suas indústrias no norte da província de Oriente, onde as terras eram mais baratas e onde as condições climáticas e de relevo favoreciam a criação das indústrias. Dois dos maiores centrais localizados nesta região estavam sob sua administração: o Boston (1901) e o Preston (1904), para onde foram levados a maior parte dos imigrantes antilhanos que entraram em Cuba (ZANETTI; GARCIA, 1976). Portanto, a expansão da economia cubana nas três primeiras décadas e a

mobilização das empresas açucareiras por uma força de trabalho barata foram as causas principais do fluxo migratório antilhano e a UFC e Nipe Bay Company principais responsáveis pela contratação dessa mão-de-obra.

A dinâmica econômica produzida em Cuba pelo investimento na reconstrução da indústria açucareira por grandes empresas como a UFC no início do século XX, foi o grande *mot* incentivador da reestruturação e crescimento econômico de Cuba nesse período. Esta empresa instalou suas indústrias numa região estratégica de Cuba, na porção noroeste da provincia de Oriente, onde chegou a possuir imensas extensões de terras.

O DEBATE EM TORNO DA IMIGRAÇÃO IDEAL PARA CUBA

A preocupação em obter mão-de-obra para as safras era tanta ao principio do século XX, que se pensou em contratar até mesmo trabalhadores finlandeses. A idéia não foi levada adiante, porque a contratação destes imigrantes pareceu dispendiosa demais para o país, no entanto, a idéia de se buscar uma mão-de-obra dentro do próprio Caribe começou a tomar forma como podemos verificar neste artigo do jornal *El Cubano Libre*,

El Consejo Provincial de Santiago de Cuba acuerda suplicar al Congreso Nacional que al votar la Ley de Inmigración de preferencia en ella a los trabajadores de Puerto Rico que desean trasladarse con sus respectivas familias a esta Isla, por ser más atendidos en las labores agrícolas que son comunes á ambos países, y porque dada la adversidad que les persigue en el suyo, permanecerían definitivamente en el nuestro, aumentando nuestra exígua población, dándole nueva y homogenea savia, pues ellos sienten y piensan al unísono de los cubanos y adoptarían, sin reservas nuestra patria como la propia de sus bellos ideales (*El Cubano Libre*, 27 de sept. de 1904).

Ao se pronunciar a favor da contratação da mão-de-obra porto-riquenha Manuel Mena Hechavarria é porta-voz dos que se preocupavam em obter uma imigração ideal para Cuba, segundo os critérios raciais vigentes. Porto Rico, a nação a qual ele se refere como uma pátria irmã, filha da mesma nação colonizadora de quem herdou os valores hispânicos também destinados a Cuba, possuía as qualidades e os benefícios que tanto almejavam a burguesia nacional quanto necessitavam a indústria açucareira naquele momento; ao mesmo tempo em que

resolveria o problema da falta de mão-de-obra, segundo ele, favorecendo o país com uma imigração “desejada” economicamente também era vantajosa por se tratar de uma ilha vizinha a Cuba.

A idéia de Hechevarria faz parte do plano formulado pela burguesia nacional composta pela oligarquia comercial, que defendia a homogeneidade e a integração nacional. Partindo de considerações econômicas alguns políticos e intelectuais rejeitavam a entrada de trabalhadores antilhanos como um elemento negativo para a classe trabalhista do país que poderia influenciar de forma direta na queda do nível de vida e capacidade de aquisição dos trabalhadores nativos. Neste contexto aplicavam outros critérios xenofóbicos como o de serem causadores do aumento do desemprego, da queda dos salários e de usurpar o trabalho dos nativos, sobretudo na agricultura, sem ter em conta que as condições impostas pela estrutura econômica e pelo latifúndio eram os principais causadores da situação instável do trabalhador cubano. No entanto, a UFC ávida por mão-de-obra passa a pressionar o presidente D. Tomás Estrada Palma para modificar a Lei de Imigração, pedindo maior abertura para a contratação de imigrantes. Em 1905, a UFC se alia a Liga Agrária, na pessoa de seu presidente, Sr. Manuel Silveira; este intercede junto ao governo cubano para ampliação da lei de imigração. A carta do Sr Harold Harty para o Sr. Silveira expunha o problema ocasionado pela falta de trabalhadores para a safra,

La necesidad imperiosa de traer trabajadores para nuestras fincas de Banes y Nipe, puesto que los brazos son escasísimos en el país, y deseando terminar esta zafra con gente suficiente y estar preparado para la próxima, nos obliga a acudir a usted suplicándole vea con el señor Presidente si se nos autoriza, aunque no sea más que una vez para traer trabajadores de las islas Canárias, de las fincas de nuestros asociados los señores Elders, Fyffes and Company, establecidos en dichas islas. Nos comprometemos a traerlos en vapores nuestros, directos de Canárias a este puerto, tenerles casas preparadas aquí o en Nipe para recibir tanto a los hombres solos como a los que traigan familias. Tenemos hospitales y médicos en la finca que los asistan y les daremos todas las comodidades compatibles con el trabajo que tienen que hacer. Es cuestión de vida o muerte para nuestras industrias azucareras de Banes y Nipe el conseguir o no esta autorización. Si esto no pudiera ser autorizado por el señor Presidente quisiéramos que cuanto antes nos lo dejen saber, porque si no hay otro medio de traer brazos al país, no habrá más remedio que paralizar todos los trabajos mientras el Congreso resuelva esto. Usted sabe que será (...) cuando Dios quiera (*sic*).

Si usted pudiera convencer al señor Presidente de la necesidad absoluta que hay de importar brazos, y si no estuviera en su poder autorizarlo, tal vez pudiera extraoficialmente ver a sus amigos de ambas Cámaras y así conseguir lo que pedimos (“Harty a Silveira”, 27 de maio de 1905, *Managers Letters Book*, p. 783 e 784).

Uma nova lei criada pelo governo de Tomás Estrada Palma viria atender as reivindicações da UFC, da Liga Agrária e de outras empresas açucareiras, não só por facilitar a entrada de mais imigrantes, mas por permitir que esses imigrantes pudessem ser desembarcados em qualquer porto habilitado dentro da República. O novo dispositivo referente a lei que vigoraria em Cuba, foi criado em 11 de julho de 1906 e estabelecia que “lo dispuesto en las secciones III, IV y VI de la Orden número 155... no será aplicable a los inmigrantes y familias introducidas en Cuba por una compañía o particular que previamente haya obtenido autorización del Estado, quien determinará la procedencia y condiciones de la inmigración” (PICHARDO, 1980, p. 273-274).

Graças a este novo dispositivo, a UFC pôde obter a força de trabalho que requisitava para suas plantações, justamente no ano em que entraria em funcionamento o Central Preston (1907). Entre os trabalhadores que a empresa introduz em Cuba neste ano, havia uma significativa proporção de trabalhadores jamaicanos, que entravam pela costa sul da ilha, de forma ilegal – contratados para trabalhar nos centrais da empresa instaladas em Banes e Mayarí.

Entretanto não foi a UFC, a primeira a cogitar a contratar imigrantes jamaicanos, como podemos ver no artigo publicado em 17 de Junho de 1901, no jornal *El Cubano Libre*. O artigo que expressa repúdio pela imigração antilhana, no título evoca o perigo que a sua presença oferecia para a Nação. Também denuncia a resistência das empresas estrangeiras em se submeter às decisões do governo cubano contra a contratação de imigrantes ‘indesejáveis’.

O título do artigo *4.000 jamaquinos: inmigración perniciosa, Jamaica se desploma sobre Cuba*, escrito em letras maiúsculas, trazia em um outro sub-título, sem muito destaque a seguinte frase “La Cuba Company falta á sus promesas”. O teor do artigo expressa indignação e ao mesmo tempo tem o caráter de denúncia; chama a atenção dos leitores para o perigo de se ter no país os imigrantes jamaicanos e dá menos destaque ao nome da empresa responsável por promover a entrada dos imigrantes em Cuba.

4.000 JAMAQUINOS

INMIGRACIÓN PERNICIOSA

JAMAICA SE DESPLOMA
SOBRE CUBA

“La Cuban Company”

Falta a sus promesas

Una alarmante noticia, llegada á nuestro conocimiento por buen conducto, nos hace poner en guardia y protestar contra lo que debe considerarse como un grandísimo mal para los intereses generales del país, y en particular de nuestro paciente y laborioso pueblo, víctima de todas las conveniencias de los extraños que á Cuba vienen á explotar nuestra tierra y á *boicotearnos* en nuestra propia casa.

Asegúrase que en breve arribarán á este puerto en sucesivas expediciones ó cargamentos, *cuatro mil* jamaquinos, *contratados* por la “Cuban Company” para las obras de su famoso ferrocarril central, “invisible para los tontos”, como aquella tela maravillosa del cuento.

El hecho constituye un atentado contra la vida de los braceros cubanos; una falta de formalidad de la “Cuban Company” que tanto cacareó su preferente protección á los trabajadores nativos, y hasta una violación de ciertas disposiciones del mismo gobierno americano, prohibitivas de la contratación del inmigrante.

Pero considérese sobre todo el daño que se infiere, con estas inmigraciones, a los elementos activos del país y a ciertos intereses económicos y morales. Esos cuatro mil jamaquinos vienen a arrebatarles el pan, en su propia mesa á los cubanos, y tal vez a sembrar el gérmen de ciertas perturbaciones sociales con amparo de la poderosa empresa extranjera que los protege.

Y no habrá una sola autoridad en este país, que prevea y evite la consumación de estos males?

Hasta el Sr. Secretario de Agricultura elevamos ahora nuestra protesta contra estos manejos que conspiran en perjuicio del país cubano (*El Cubano Libre*, 17 de julio de 1901).

O discurso de que a presença dos imigrantes antilhanos prejudicaria o bem-estar do trabalhador cubano era defendido como podemos ver via imprensa. A denuncia de que a imigração antilhana prejudicaria o trabalhador cubano ativando a competição pelo trabalho, esconde o preconceito racial que está por trás desses argumentos, pois a imprensa não os utilizava para referir-se aos imigrantes espanhóis, e como dissemos anteriormente a relação de trabalho era uma condição imposta pela própria estrutura econômica, pelo latifúndio, etc, da qual os imigrantes antilhanos também eram vítimas, assim como os trabalhadores cubanos e demais imigrantes.

As primeiras contratações de antilhanos como demonstra o jornal foi sugerida para a construção de ferrovias e não para a indústria açucareira. A denuncia feita pelo jornal surte efeito e a Cuban Company nega seu interesse em

contratar esses trabalhadores, como podemos ver no artigo a seguir. As notícias publicadas em *El Cubano Libre* no ano de 1901 indicam que o interesse nos trabalhadores antilhanos é anterior à vigência da Lei de Imigração, ou Ordem 155.

Inmigración jamaicana

EN LO CIERTO

La prensa de la Habana ha publicado la siguiente nota de información: “El Secretario de Estado y Gobernación ha pedido informes al presidente de la “Cuban Company” sobre la introducción de 4000 trabajadores jamaicanos en Santiago de Cuba”.

¿Que tal?

Cuando *El Cubano Libre* – primer periódico en hacerlo – denunció el proyecto de la “Cuban Company” respecto a esa inmigración de jamaicanos, se nos rogó por la dirección de la empresa aquí establecida que rectificáramos la noticia, porque no se había pensado en tal cosa, ni esas eran las intenciones de la “Cuban Company”, ni podía hacerse eso, etc, etc.

Y ahí tienen ustedes ahora que nuestra noticia fue exacta, y que fue pueril el empeño de rectificarla aquí por los Sres. Jhonson y Lutrell.

El Gobierno parece que se há alarmado, y pide informes sobre el asunto; y nosotros ratificamos nuestra protesta contra esa inmigración perniciosa, que debe prohibirse en absoluto (*El Cubano Libre*, 29 de julio de 1901).

Embora a intenção do jornal seja impedir a contratação e a entrada de trabalhadores antilhanos, a notícia também deixa evidente que as empresas envolvidas na contratação desses imigrantes faziam um jogo duplo, burlando os interesses de setores críticos da sociedade cubana que se opunham à entrada dos jamaicanos em Cuba.

O artigo também faz referência, de forma clara, que a presença deste tipo de imigração não representava só um perigo econômico para os interesses dos cidadãos cubanos, mas era também um risco moral, podendo fazer germinar perturbações sociais, prejudicando a ordem pública, e tudo isso sob o amparo de uma grande empresa como a Cuban Company.

Para reforçar o discurso de proteção do trabalhador cubano frente ao trabalhador estrangeiro (negro), o jornal publicou um outro artigo, com data anterior ao que denunciava a contratação dos jamaicanos pela Cuban Company; dirigido aos “obrerros” cubanos e escrito numa linguagem metaforizada, expõe as dificuldades e incertezas mediante o que eles chamam de “recrutamento de novos esbirros”,

LOS OBREROS

Apreciable señor

Le suplicamos encarecidamente tenga la bondad, una vez más de publicar en su importante periódico las siguientes líneas, que, por referirse a los que viven, muriendo, esta mísera existencia del trabajo diário, entre incertidumbres y vaivenes, obscuro el horizonte, desesperando, acaso de la justicia humana, a cuyo templo parece como que cada día que transcurre terribles dragones se encargan de distanciarnos, reclutando nuevos esbirros, judas de nuestra propia carne, que tienen ojos y no ven, oídos y no oyen, y para quienes el porvenir no es más que una fórmula vacía, sin sentido, aspiración de tontos, que, en su ignorancia, no rinden pleito homenaje a tanto ídolo de barro infecto, y no admiran, se entusiasman y apoyan este brillante, honorable y pacífico presente, tortura de los buenos, éden encantado de los malos, pero a quienes por igual medirá con el mismo raseró la infausta patria, abatida y exangüe, exclamando entre los estertores de la agonía: ¡Ya es tarde! Todos en mi pusisteis vuestras manos!”

Seguros de su benevolencia, nos repetimos de Ud., Sr. Director, attos. y s.s.
(*El Cubano Libre*, Santiago de Cuba, 11 de abril de 1901)

Uma forma de deter a ameaça, ocasionada pela presença dos imigrantes antilhanos, era reivindicar uma legislação condizente com os interesses do seu povo, mais do que com os interesses econômicos das indústrias açucareiras. Essa reivindicação, no entanto, se chocava com a posição das *companies* açucareiras; por serem estrangeiras não tinham um compromisso por assegurar a preservação dos valores caros para a nação cubana, pelo contrário se utilizavam do discurso racista quando este lhe convinha e contratava trabalhadores negros (antilhanos) quando se fazia necessário para gerir seus negócios. Seu discurso e suas práticas na verdade, estavam sujeitas aos seus próprios interesses e a introdução de trabalhadores negros servia a um deles. Esse comportamento das empresas açucareiras, especialmente das norte-americanas, responsáveis pela maior parte da produção do açúcar já na primeira década, tinha uma função de controle.

Segundo a legislação norte-americana para imigração, como já explicamos antes, imigrante era “toda persona que llegando al puerto con un pasaje de tercera clase que no pueda exhibir la cantidad de treinta pesos en el momento del desembarco”. Esta definição retirada dos regulamentos de imigração dos Estados Unidos de 1882 e 1885 refletia perfeitamente a idéia que a burguesia daquele país fazia do imigrante: “un trabajador desprovisto de recursos que venía en busca de mejores oportunidades con el propósito de establecerse definitivamente en los Estados Unidos a los que estaba previamente dispuesto a considerar como su nueva patria” (PÉREZ DE LA RIVA, 1975, p.76).

Segundo a lógica do regulamento, o imigrante que entrava não voltava a sair, e se o fazia era em caráter de viagem de passeio, não havia, portanto, porque efetivar registros de saída. Na entrada o imigrante era contado duas vezes, uma como tal (imigrante) e outra como passageiro, porém a saída era registrada uma única vez, como passageiro (PÉREZ DE LA RIVA, 1975, p.77). As estatísticas em torno ao número exato de imigrantes que entraram em Cuba, especialmente na parte oriental da ilha, são dificultadas pela conceituação que se dava ao termo e pelo desaparecimento dos registros de Aduana da província de Oriente após a Revolução Cubana.

O impacto da imigração sobre a estrutura demográfica cubana, segundo os censos de 1907 e 1919, deriva de uma porcentagem pequena uma vez que os censos foram feitos durante os meses denominados de *tiempo muerto*, ou seja, no período da entre-safra, quando no país estavam basicamente os imigrantes permanentes. Os ilegais por suposto, não se deixavam entrevistar, outros voltavam para seus países, retornando no período de safra e ainda havia aqueles que eram abandonados pelas companhias, sem dinheiro e sem trabalho e que por essa razão perambulavam pelos campos e pelas cidades buscando alguma forma de sobrevivência. Os censos, embora se devam considerar as questões acima citadas, são as fontes de referência obrigatória para os estudos sobre migrações, no censo de 1907, por exemplo, os termos “antilhanos não mencionados” confirmam que a presença dessa imigração já era uma realidade. Mesmo após a criação da primeira lei reguladora do trânsito de trabalhadores estrangeiros no país, já existia um fluxo paralelo e clandestino de imigrantes que abastecia as empresas açucareiras.

Nas primeiras décadas do século XX prevaleceram dois grandes critérios sobre que tipo de imigrantes seria o mais apropriado para Cuba. Por um lado estava o critério da “burguesia nacionalista que defiende la colonización blanca como la más conveniente, esgrimiendo argumentos racistas a favor de la ‘superioridad de la raza’ blanca frente a la negra, tanto desde el punto de vista intelectual como moral” (NARANJO, 1991, p. 137). E por outra, está a das grandes empresas norte-americanas “interesadas en resolver el problema de la escasez de fuerza de trabajo en un mercado más cercano y barato importando braceros antillanos” (SIERRA TORRES; ROSÁRIO MOLINA, 2001, p.43).

No segundo tipo de migração, destinado a resolver a demanda de trabalhadores com baixo custo para as plantações das indústrias norte-americanas, se inserem os trabalhadores antilhanos. Essa migração destinada à Cuba pode ser dividida em dois grupos, os originários do Caribe anglófono que tinham como maior representante os jamaicanos, também era composto por trabalhadores originários de Granada, Saint Kitts, Nevis, Barbados, Antigua e Barbuda, Saint Thomas, Santa Lucia, Anguilla, Trinidad e Tobago, Saint Vincent, Las Granadinas, Monserrat, Dominica, Bermuda, Belice, Guyana, Ilhas Turcas, Bahamas e Caicos. Em Cuba, no entanto, todos os trabalhadores de fala inglesa originários do Caribe eram chamados de *Jamaiquinos* numa referência ao grupo de maior número. Do Caribe francófono migraram em maior quantidade haitianos, em menor quantidade martiniquenhos (Martinica) e guadalupenses (Guadalupe). O Caribe holandês (Aruba, Curaçau, Bonaire, Saint Eustatius e Saint Marten) também enviou trabalhadores para Cuba (CHAILLOUX, 2002, p.54). A plantação que funciona baseada no modelo: mão-de-obra barata e abundante foi o destino de milhares de trabalhadores da região Caribe, desde 1902.

O período de 1912 a 1921, foi o de maior fluxo dessa migração; entraram em Cuba cerca de 82.400 haitianos e 75.000 jamaicanos (GUERRA, 1961), levados a trabalhar nas províncias de Oriente e Camaguey (SIERRA TORRES; ROSÁRIO MOLINA, 2001, p.46). A partir de 1920 inicia-se uma crise aguda que provoca uma brusca queda nos preços do açúcar, que reduziu a contratação dos trabalhadores estrangeiros, após a crise seguiu-se uma recuperação dos negócios. Na etapa de 1920 a 1927 foram construídas as últimas instalações industriais açucareiras da república e em 1921 se inaugurou o central *Jaronú*, na província de Camaguey, que foi a fábrica de açúcar mais moderna do mundo até trinta anos depois de sua construção (DEL TORO, 1969, p. 248). A região de Oriente também concentrava uma grande população de imigrantes espanhóis, principalmente os de origem canária, que na construção do discurso nacionalista prevalecia a definição de imigração explicada em termos étnico-raciais, o *isleño* como era chamado o canário aparecia como o modelo de 'imigrante sério', 'trabalhador'. A imagem 'positiva' desses imigrantes foi construída pela imprensa conservadora e se contrapôs a imagem 'negativa' do imigrante antilhano, chamados de 'bruxos', 'incivilizados' e 'primitivos'.

CAPÍTULO IV

*Yo no tumbo caña
Que la tumbe el viento
que la tumbe Lola
Con su movimiento*

(Canto popular cubano)

A REGIÃO DE ORIENTE: POPULAÇÃO E O TRÁFICO ILEGAL DE TRABALHADORES ANTILHANOS NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

O crescimento econômico da região oriental da ilha pode ser analisado a partir da tabela que se segue, fornecida pelo Censo populacional cubano do ano de 1907, onde se vê que de 1901 a 1906 o crescimento da produção de açúcar na região oriental a colocou na terceira posição,

TABELA 4:
PRODUÇÃO DE AÇÚCAR POR PROVÍNCIAS, DE 1900 À 1907

	1900-1901 Ton.	1901-1902 ton.	1902-1903 ton.	1903-1904 ton.	1904-1905 ton.	1905-1906 ton.
Provincia	Total	612,775	863,792	1.003,873	1.052,273	1.229, 736
Pinar del Río		13.963	21.063	23.199	20.627	25.334
Habana		60.832	89.39	104.091	130.450	164.230
Matanzas		206.551	264.262	321.236	312.359	343.898
Santa Clara		248.955	328.761	391.761	385.746	479.634
Camaguey		20.573	22.597	26.837	27.928	38.145
Oriente		61.901	137.970	136.749	175.163	178.495

Fonte: Censo de la República de Cuba 1907. Bajo la administración provincial de los Estados Unidos. Oficio del Censo de los Estados Unidos, Washington, 1908, p. 46.

A proporção populacional na região de Oriente foi equivalente ao crescimento da produção. Camaguey e Oriente, com seus 60.000 km², constituíram a grande reserva de população para o desenvolvimento econômico da região. O Oriente com maior avanço demográfico pelo deslocamento interno da população cubana, depois do fim da Guerra foi responsável por oferecer uma reserva de mão-de-obra que impulsionou o trabalho nos centrais açucareiros no primeiro momento. O autor José Cernicharo diz que até 1908, nesta região existia um montante populacional capaz de responder às exigências da economia açucareira em

ascensão, o qual indica, segundo o autor, que a importação de trabalhadores antilhanos obedeceu ao exclusivo interesse das empresas açucareiras de ter acesso a uma força de trabalho mais barata que a cubana e não por uma ausência real de braços nativos como fazia crer (1994, p.93).

TABELA 5:
INMIGRANTES CLASIFICADOS SEGÚN LOS PUERTOS DE DESEMBARCO (1902-1907)

Puerto	Total em el quinquenio	1902-03	1903-04	1904-05	1905-06	1906-07
Total	155,252	12,651	19,817	40,560	52,652	29,572
Habana	128,897	10,144	17,456	36,076	42,574	21,947
Matanzas	130	33	51	21	9	16
Cárdenas	2	1	-----	1	-----	-----
Sagua la Grande	23	6	-----	-----	17	-----
Caibarién	306	19	3	33	120	131
Nuevitas	1.444	150	241	266	395	392
Puerto Padre	513	-----	-----	-----	202	311
Gibara	476	-----	-----	40	419	17
Banes	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Nipe	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Baracoa	32	-----	-----	32	-----	-----
Guantánamo	399	69	25	5	-----	300
Santiago de Cuba	22.083	1.999	1.691	3.579	8.480	6.334
Manzanillo	221	25	53	78	61	4
Sta Cruz del Sur	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Tunas de Zaza	22	-----	-----	-----	22	-----
Trinidad	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Cienfuegos	1.233	201	290	342	301	99
Batabanó	7	4	3	-----	-----	-----
Nueva Gerona	164	-----	4	87	52	21

Fonte: Censo de la República de Cuba 1907. Bajo la administración provincial de los Estados Unidos. Oficio del Censo de los Estados Unidos, Washington, 1908, p. 59.

Com essa tabela, podemos ver que o porto de Havana é indiscutivelmente o de maior importância, pois 83% de todos os imigrantes desembarcavam nele. Em Santiago de Cuba, o segundo, desembarcou 14% do total nestes primeiros anos; este porto era seguido pelo de Cienfuegos.

O porto de Havana que aparece em 1902 como o ponto de embarque de 50% das exportações cubanas, vê reduzir de forma acentuada sua participação até a década de vinte – em 1922 alcança somente 19,9% –, em relação direta com o deslocamento da indústria açucareira para a região de Oriente onde houve um aumento proporcional das exportações dessa zona. Ainda que Havana conservasse o primeiro lugar como porto de exportação neste período, já não era para um produto tão fundamental como o açúcar, para cujos embarques ocupavam um segundo ou terceiro lugar. Sua primazia se mantém pelo fato de concentrar a maior parte das exportações não açucareiras.

No entanto, no quesito recebimento de imigrantes, o porto de Havana se mantinha como o mais importante, pois a legislação para a imigração até 1913, não autorizava o desembarque de imigrantes em outros portos das provincias. O porto de Havana para esse fim, mantinha uma forte vigilância para evitar a entrada de imigrantes clandestinos e também de doenças no país.

Já a tabela seguinte classifica os imigrantes segundo os países de sua procedência, onde podemos verificar que a presença dos imigrantes antilhanos no intervalo 1902-1907, correspondia a uma porcentagem significativa.

TABELA 6:
INMIGRANTES CLASIFICADOS SEGÚN LOS PAISES DE SU PROCEDENCIA

Países de 1906-07	Total en el quinquenio	1902-03	1903-04	1904-05	1905-06	
Procedência						
Total	33,213	3,277	4,378	6,976	9,665	8,917
Antillas no Mencionadas	10,008	741	936	1.117	3,022	4,192
Canadá	45	2	-----	18	7	18
Centro América	27	6	5	-----	15	1
Estados Unidos	11,647	1.427	1.816	3.040	3.368	1.996
Méjico	7.614	732	1.082	1.949	2.131	1.720
Puerto Rico	2.982	207	344	596	919	916
Santo Domingo	41	40	-----	-----	1	-----
Sur América	795	122	176	222	202	73
No expresados	54	-----	19	34	-----	1

Fonte: Censo de la República de Cuba 1907. Bajo la administración provincial de los Estados Unidos. Oficio del Censo de los Estados Unidos, Washington, 1908, p. 61

Como podemos verificar na tabela acima o total de imigrantes durante o quinquênio foi de 10,008, segundo índice de imigrantes mais alto no período, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Embora a classificação designada seja de “antilhanos não mencionados”, podemos verificar através de outras fontes, como os jornais nacionais e provinciais, que esses números se referem aos haitianos e jamaicanos, que sempre representaram o maior percentual da imigração antilhana.

O tráfico ilegal anterior a 1913 alcançou uma dimensão tal que motivou uma forte reação do Conselho Provincial de Oriente, que se pronunciou para que esse sistema de contratação de trabalhadores fosse imediatamente barrado (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 224, SIG. 12). O Conselho Provincial foi um órgão colegiado cuja criação foi estabelecida na constituição de 1901. Em uma escala abaixo do poder executivo, exercia atribuições similares e em alguns casos superiores ao Governador dentro da província. Após as eleições de 1908 esta figura se integrou no Oriente com elementos pequeno-burgueses e profissionais por sua inserção social aos interesses açucareiros, o que lhes permitiu assumir posições matizadas de um certo nacionalismo que se contrapunha ao exercício de prerrogativas ilimitadas por parte dos interesses açucareiros na província (CERNICARO, 1994, p. 97-98).

**TABELA 7:
NÚMERO TOTAL DE INMIGRANTES POR PUERTO EN QUE DESEMBARCAN (1908-1919)**

Puertos	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919
Banes	0	8	0	0	0	15	1	0	0	0	0	0
Baracoa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Batabanó	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	0	0
Caibarién	229	4	0	0	0	0	0	0	5	0	0	71
Cardenas	4	7	1	1	7	1	0	0	2	1	0	7
Cienfuegos	211	113	155	57	33	41	23	37	13	28	20	61
Gibara	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Guantánamo	9	26	62	23	17	3	10	61	74	0	0	0
Habana	20930	23477	29244	31050	32631	34597	20792	24568	35991	31573	17134	37165
Júcaro	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Los Índios	0	0	0	0	0	0	0	0	22	0	0	0
Manzanillo	34	10	1	0	18	0	0	0	38	777	181	152
Mariel	0	0	0	0	0	0	0	0	2	6	0	0
Matanzas	14	11	10	8	8	27	10	10	9	310	1	6
Nipe	87	204	239	809	653	1163	762	0	0	798	1948	4160
Nueva Gerona	7	37	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nuevitas	309	291	252	174	126	119	83	72	90	4	0	0
Puerto Padre	0	0	0	0	0	398	0	0	0	80	0	0

Ságua La Grande	8	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sta. Cruz del Sur	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Santiago de Cuba	6157	7096	7791	5931	4803	7141	4229	8047	18869	23520	18034	38674
Trinidad	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tunas de Zaza	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	192
Totales	27999	31286	37764	38053	38296	43507	25910	32795	55121	57097	37318	80488

Fonte: Censo de la Republica de Cuba, 1919, p. 175

A tabela anterior indica que o porto de Santiago de Cuba desde 1908 já possuía o segundo maior fluxo de passageiros dentro do país. O censo indica através de outras tabelas que esses números sobre o porto de Santiago de Cuba referem-se principalmente ao recebimento de imigrantes espanhóis, sobretudo canários (originários principalmente de Guia, Gáldar, Arucas e Moya) municípios de Gran Canaria e também outros originários de Tenerife e outras ilhas.

Segundo Sierra Torres e Rosario Molina (2004) de 1907 a 1913 se produz um crescimento de 44.413 habitantes e que de 1919 a 1931 o crescimento de 40.436 habitantes, o que supõe um decréscimo de 3.977 habitantes. Esta diminuição pode estar relacionada fundamentalmente com a diminuição da imigração a partir de 1920 com a crise do açúcar (2004, p. 49).

TABELA 8:
INMIGRANTES, SEGÚN EL PAÍS DE SU ÚLTIMA RESIDENCIA PERMANENTE: 1908 A 1919

Pais de ultima residência	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919
AMERICA												
Sur América	125	27	13	198	88	83	54	38	0	93	160	66
Antillas Danesas	0	0	0	0	0	35	0	0	0	0	0	0
Antillas Holandesas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	69	98
Antillas Británicas	0	0	0	0	21	27	7	0	0	0	0	0
Antillas (no especificada)	3728	3359	3862	2736	201	25	15	87	26	656	12	261
Barbados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Canadá	0	0	4	7	12	0	0	0	0	0	0	0
Centro América	0	0	0	42	397	0	468	743	862	593	639	449
Costa Rica	0	0	0	0	0	1010	0	0	520	629	251	0
Est. Unidos del Norte	3940	3181	3217	2469	2884	2763	2901	1988	2468	2237	1705	2654
Haiti	0	0	0	221	172	1422	120	2416	4829	9730	10860	10136
Honduras	3	0	0	0	3	0	0	47	0	11	0	6

Britânicas												
Jamaica	0	0	0	0	1269	2716	1792	1649	6005	5866	7317	23754
Martinica	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
México	1624	1144	969	963	873	992	1217	1297	1324	735	414	453
Panamá	0	1	41	141	213	147	100	0	668	1609	1100	136
Puerto Rico	843	887	822	591	523	948	738	1091	1576	975	629	1031
Santo Domingo	0	0	0	38	174	205	283	124	469	170	379	729
Venezuela	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0
Otros países	2	0	0	0	20	10	6	7	0	0	0	153
Total de America	10265	8599	8928	7408	6851	10378	7706	9488	18745	23804	23559	39926

Fonte: Censo de la República de Cuba, 1919, p.176.

Aqui o censo indica que a entrada de haitianos no ano de 1911, ou seja, dois anos antes da criação da Lei de Imigração de 1913, que consentia a Nipe Bay Company é reduzida, mas já existe. Por outro lado os dados oficiais demonstrados nos censos escondem uma realidade que podemos verificar através da imprensa de que os números de trabalhadores jamaicanos e haitianos ilegais eram altos e ultrapassavam a expectativa das autoridades provinciais, conforme os documentos emitidos por essas autoridades.

Segundo José Cernicharo, até 1911 é notório a presença dos imigrantes antilhanos na costa sul da província oriental, tanto que o cônsul de Cuba em Port-au-Prince envia uma carta a Secretaria de Estado, que por sua vez a remete ao Governador Provincial de Oriente, através da Secretaria de Governação na região de Guantánamo. O teor da carta revela preocupação pela presença desses imigrantes em Cuba: “Ignoro el comportamiento que observa esa inmigración haitiana en Cuba, sobre todo Guantánamo, donde [...] existen ya unos diez o doce mil, pero conociendo el carácter de estos habitantes, su indolencia musulmana, sus vicios, hipocresia y mala fé, considero perjudicialísima la inmigración de haitianos en mi país⁴¹”.

⁴¹ Archivo Histórico Provincial de Santiago de Cuba, legajo 785, expediente 33. In: Jose Chernicharo. Oriente: fuerza de trabajo nativa e inmigración ilegal haitiana, 1899-1913. *Revista Del Caribe*, Santiago de Cuba, n° 23/1994.

A QUESTÃO SANITÁRIA, OUTRO ARGUMENTO CONTRA A CONTRATAÇÃO DOS IMIGRANTES ANTILHANOS

A preocupação com a questão sanitária, estava relacionada principalmente aos imigrantes que entravam de forma clandestina no país, sem passar pelo controle sanitário nos portos e nas estações quarentenárias. As autoridades cubanas além de temerem pela introdução de doenças, requeriam o cumprimento da lei de imigração evitando a entrada dos imigrantes negros, por temerem a africanização do país e também por querer evitar que a região de Oriente se tornasse uma zona de população negra conforme expressava Luis Mariño Pérez que dizia que “en una región predominantemente negra, planteando un problema de raza que debilitará a la nación cubana” (PÉREZ, 1927, p. 3-6).

Em sua argumentação Luis M. Pérez dizia que a introdução desse tipo de imigração debilitaria a estrutura nacional cubana ao prejudicar a unidade de seus elementos constitutivos, desde um ponto de vista social e cultural, já que a população de cor em Cuba nada tinha que ver com os negros estrangeiros, e sua entrada seria prejudicial para todos. Por outra parte, o aumento da população de cor dificultaria o processo de formação nacional ao atrasar a incorporação do negro à sociedade, sobre isso ele dizia o seguinte:

el negro cubano no puede desconocer que su mejoramiento social depende de su asociación al blanco. No es que la superioridad esté en la raza; así es que el negro hace sólo dos generaciones que salió de la esclavitud, y se halla aún en gran atraso económico e intelectual, perteneciendo la mayor parte de los individuos de color a las clases más pobres y menos ilustradas. Por consiguiente, cuanto más numerosos son, tanto más dificultoso ha de ser para ellos mismos su progreso como raza” (PÉREZ, 1927, p. 3).

A preocupação dos responsáveis pelas condições sanitárias de Cuba levava-os a denunciar as péssimas condições de habitação dos trabalhadores no campo, especialmente dos antilhanos que viviam em barracões e bohios junto das colônias “cuyas condiciones higienicas resultaban pesimas, al igual que las del campesino cubano, para el cual solicitaba casas sanas e higiênicas” (DUQUE, 1924, p. 235).

Nas primeiras décadas do século XX, junto aos debates originados pelos higienistas e por diferentes interesses econômicos da burguesia ocidental e das

companhias norte-americanas, se ouviram as vozes de alguns intelectuais que clamavam pelo desenvolvimento cultural do país, a manutenção da integridade cultural, a soberania nacional e independência econômica.

O autor de *La agonía Antillana*, Luis Araquistáin dizia que:

Las grandes emigraciones extranjeras han sido siempre un peligro de disolución para las nacionalidades que las reciben o por lo menos una rémora en su formación. En el caso de los negros antillanos en Cuba esos inconvenientes se agudizan: por mutuos prejuicios de raza, por notables diferencias en el nivel de la cultura y por hablar lenguas distintas de la española, francesa los haitianos e inglesa los jamaquinos. En tales circunstancias la asimilación es casi imposible. Pero el peligro máximo; que se disuelva la nacionalidad... (ARAQUISTÁIN, 1961, p. 170)

Portanto, muito além de uma preocupação em evitar que os imigrantes antilhanos introduzissem doenças no país, os argumentos escondiam uma preocupação ainda maior que era a de evitar que os seus aportes culturais pusessem em risco a integração nacional que tanto sua elite defendia como pudemos ver na exposição de Araquistáin (1961). Não se trata apenas de um temor epidemiológico, mas de um temor por um controle de uma epidemia sócio-cultural que arrancaria o controle das mãos da elite branca, fortalecendo o estrato negro da Nação que se aliando aos novos grupos se tornaria uma “massa incontrolável”. Neste caso, um dos antídotos mais eficazes era irromper na sociedade um combate diário contra esse mal, impondo limites para sua ação, isolando-o socialmente, utilizando métodos imagéticos e de violência para que a penetração dos imigrantes antilhanos na sociedade cubana fosse impedida a todo custo.

Mas como todo antídoto deve ser também preventivo, esses recursos tinham um determinado alcance que ao atingi-lo transformava-se, transmutando as relações, porque sua ação estava direcionada a uma esfera pública, ou seja, da elite para a elite e da elite para a sociedade em geral, mas no âmbito do trabalho, principalmente entre os trabalhadores das classes mais baixas, onde estavam localizados os negros antilhanos e os negros cubanos, as relações eram permitidas e a associação de seus elementos culturais compartilhados, pois estavam ligadas às festividades, às relações afetivas e às relações de convívio de trabalho, conforme pode ser vista através das entrevistas.

O projeto nacional dos intelectuais cubanos que reduziam a nacionalidade de Cuba a um setor da população branca, considerada desde um ponto de vista

étnico-biológico e cultural, era a única capacitada para reger os destinos da nação e para portar a cultura cubana (NARANJO, 1996, p. 129). O pensamento da elite cubana como podemos ver estava baseado em preceitos que vulgarmente podemos chamar de “capacidade histórica adquirida” baseada numa tradição forjada pela ideologia colonizadora implantada nas sociedades escravistas que permitem a um grupo limitado o poder de atuação irrestrita sobre os demais grupos. Mas o (s) grupo (s) submetido (s) a essas regras também criam suas formas de resistir e passam a empregar outros critérios na relação, mesmo que estes critérios pareçam invisíveis.

Depois de fazer uma análise econômica, social e cultural dos benefícios e prejuízos que a imigração antilhana ocasionaria a Cuba, Emilio Roig de Leuchsenring esclarece que seu ataque a essa imigração e a chinesa não se referia à sua composição, integrada em sua totalidade por indivíduos de cor, se não pelos aspectos culturais e étnicos da mesma, que restavam unidade a nação cubana e não colaboravam ao progresso, civilização e inadaptabilidade a todo progresso e melhoramento cultural e sanitário, seu pouco poder assimilativo não só com o branco nativo ou estrangeiro, se não também com o negro cubano, presentes nos campos onde residem verdadeiras colônias, apartadas por completo da nacionalidade cubana. “No es por tanto ésta, la inmigración que debe desear todo país: la que además de condiciones relevantes de civilización, cultura y sanidad, se asimila fácilmente a la sociedad en que emigra, diluyéndose por absorción en ella y contribuyendo de esa manera a la unidad, robustecimiento y mejoramiento de la estructura nacional” (ROIG DE LEUCHSENDRING, 1929, p. 25).

A correspondência do *Gobierno Provincial* também apresenta uma outra prerrogativa que recai sobre a imigração antilhana e especialmente sobre a haitiana, como podemos verificar na correspondência a seguir, a de que grupos de haitianos revolucionários desembarcavam em Cuba com a intenção de promover manifestações políticas. Isso preocupava as autoridades cubanas, que temiam pela ação desses indivíduos e na promoção de uma revolta negra no país. Vejamos,

Santiago de Cuba, 25 de Enero de 1908

Ciudad

Señor:

El Sr. Secretario interino de Gobernación, con fecha 22 del actual, me dice, lo que copio: - Estado dice á esta Secretaria en comunicación de fecha de ayer lo que sigue: - "El sr. Encargado de Negócio de Haiti manifestó verbalmente á este Departamento que por la prensa tenía noticias de que veinte y seis emigrados políticos haitianos se habían embarcado en la isla de Saint Thomas a bordo del vapor inglés *Vetigern* con dirección a un puerto cubano y con fines revolucionarios. Según informes recibidos en este Centro del Cónsul de Cuba en dicha isla, el expresado barco salió el 18 del presente mes con dirección a Cienfuegos. - Como parece ser que actualmente hay una conturbación política en la vecina República de Haiti, el expresado Encargado de Negócio desea que se vigile convenientemente por las Autoridades, a su llegada a Cienfuegos e a cualquier otro lugar de la isla a donde se dirijan, a los referidos emigrados, a fin de impedir que desde el territorio cubano y violando su neutralidad, realicen trabajos tendentes a alterar la paz y el orden público de aquel país. - Ruego a usted se sirva acceder a lo solicitado y comunicarme lo que resuelva acerca del particular. "Lo que traslado a usted para su conocimiento y fines que se indican en la comunicación transcripta; encareciéndole la mayor vigilancia en el particular de que se trata así como también que de cuenta con urgencia a esta Secretaría de cualquier hecho relacionado con el asunto".

Lo que traslado a usted para su exacto cumplimiento, dando cuenta a este Gobierno del resultado para mi vez comunicarlo a la Superioridad.

De Usted atentamente,

(*Archivo Provincial de Santiago de Cuba*, 1908, Legajo 785, Sig.30)

O argumento de Roig Leuchsenring (1927), que tenta esconder o carácter racista em que ele está baseado quando nega que sua oposição á imigração antilhana baseava-se mais em um aspecto de proteção aos valores culturais nacionais cubanos do que na cor da pele desses imigrantes, tem ligação com o documento anterior, pois as autoridades cubanas também temiam que os negros cubanos fossem influenciados por lideranças revolucionárias da república vizinha, o Haiti que nesse momento vivia sob a intervenção norte-americana o que provocou a reação revolucionária de líderes políticos deste país, que segundo atesta o documento acima se dirigia a Cuba para orquestrar planos para libertar o Haiti. As autoridades cubanas temiam que essas ações pusessem em risco a ordem social do país e que esses revolucionários haitianos influenciassem negativamente os cubanos.

O medo da elite cubana em relação à migração antilhana como vemos, vai além das prerrogativas sanitárias, esta sim é uma justificativa prática, mas não eficaz de impedir sua influência junto aos negros cubanos. A negativa das autoridades

cubanas para o fato de ter no país os revolucionários haitianos, como podemos ver a seguir, é ressaltada pela informação de ações preventivas.

Santiago de Cuba, 27 de enero de 1908
Señor Secretario interino de Gobernación- Habana

Señor:

Tengo el honor de acusar a usted recibo de su escrito de 24 del actual relativo al concurso que deben prestar las autoridades cubanas para que en territorio de esta República no puedan los emigrantes haitianos de que dió usted cuenta en su anterior escrito del día 22 llevar la guerra a aquel País; significándole que se han dictado todas las medidas preventivas del caso.

De Usted atentamente.
(*Archivo Provincial de Santiago de Cuba, 1908, Legajo: 785, Sig.31*)

O documento seguinte datado do ano de 1923, ou seja, durante o período de crise da indústria açucareira e após a primeira tentativa do governo cubano em repatriar os imigrantes antilhanos (1921), a questão sanitária continua sendo o argumento mais evidente da elite cubana para impedir que mais antilhanos entrassem em Cuba, principalmente no momento, quando o país enfrentava uma de suas primeiras crises econômicas durante a República.

Habana, 17 de diciembre de 1923

Honorable Sr. Presidente de la República
Honorable Sr. Presidente:

Esta Academia, atenta siempre al bienestar y prosperidad de la República, y velando por los sagrados intereses del país, ha estudiado en más de una ocasión los problemas relacionados con la salud del pueblo, y actualmente al ocuparse de los peligros que para la misma entraña la entrada de elementos peligrosos, por ser portadores de enfermedades infecciosas y transmisibles y de difícil vigilancia por su género de vida dentro del territorio de nuestra patria, así como por ser de costumbres viciosas y criminales que afectan directamente al orden social, discutió ampliamente en su sesión pública ordinaria del 14 del actual el problema inmigratorio de elementos no deseables y acordó llamar de nuevo atentamente la atención de los Poderes públicos acerca de los peligros que para la salud del pueblo cubano y tanto en el orden sanitario como en el social entraña la inmigración de elementos no deseables y formula otra vez sus advertencias hacia la responsabilidad que contraen ante la nación todos aquellos que con el pretexto de favorecer los trabajos agrícolas y la industria azucarera autorizan y fomentan la entrada de extranjeros portadores de enfermedades transmisibles y vectores de costumbres viciosas y criminales.

Queda de usted Hon. Sr. Presidente, con la más distinguida consideración,
(f) José A. Presno

Presidente

(Fonte: Acta de la sesión pública ordinaria del 14 de diciembre de 1923. In: *Anales de la Academia de Ciencias Médicas, Físicas y Naturales de La Habana*, t. 60, La Habana, 1923-1924, p. 418).

A VIAGEM E A CONTRATAÇÃO DOS IMIGRANTES ANTILHANOS

A travessia dos imigrantes antilhanos se fazia por barco e a condição do transporte desses homens lembrava o tráfico negreiro dos séculos passados. Uma passagem entre Porto Antônio (Jamaica) e Santiago de Cuba, custava 8 pesos. A Cuban American Sugar Company, a partir da experiência de suas empresas em Puerto Limón (Panamá), produtoras de banana, tinham sua própria linha de vapores, assim como uma estação quarentenária em um *cayo* na baía de Puerto Padre, para a importação de trabalhadores. Da mesma forma procedia a United Fruit Company.

O governo colonial, no caso dos imigrantes anglofónos, expedia uma permissão para que os trabalhadores pudessem emigrar a Cuba com o custo de 5 libras esterlinas, deviam portar um certificado de saúde emitido por um médico e um documento de proteção ao imigrante para ser apresentado junto ao cônsul britânico, que estava obrigado a dar proteção legal ao imigrante por sua condição de súdito. Absolutamente todos os imigrantes antilhanos tinham no corte da cana seu primeiro emprego em Cuba.

A elevada demanda de trabalhadores para as plantações de cana de propriedade norte-americana nas províncias de Camaguey e Oriente, fez de Florida, Ciego de Ávila, Cayo Mambí, Preston, Felton, Delicias, Chaparra, Banes, Esmeralda, Santiago de Cuba lugares de assentamento dos imigrantes antilhanos.

Em torno ao processo migratório, surgiu um negócio lucrativo que incluía os “contratistas” encarregados de buscar os trabalhadores e fazer o seu transporte. Para promover o negócio, existia um intermediário nos países de origem, que chamavam de “Tio”, encarregado no Haiti e Jamaica principalmente, de encontrar os trabalhadores que se dispusesse a trabalhar nas plantações da província de Oriente.

Os contratistas faziam promessas que não prática não eram cumpridas para contratar os haitianos, que com a esperança de ganhar um bom salário conforme apregoavam os recrutadores eram levados a Cuba pela primeira vez sem ter noção do que realmente encontrariam,

Tras varias horas de navegación llegamos a una caleta, próxima a un poblado. Mi amigo hizo bajar de la goleta una barrica de ron. Ya más de cien haitianos se habían acercado a

nosotros... A dos puertas de Cuba el paraíso terrenal según todos sabían. El dinero abundaba hasta lo inconcebible, decía el jefe de la expedición a los haitianos. Y para demostrarlo, mientras los haitianos les miraban asombrados, extrajo de un casco un montón de centavos y niqueles y los arrojó al grupo. Los reunidos se golpeaban disputándose los centavos, hasta que al fin, terminada la recogida, comenzó el reparto de ron.

Una hora después – continua diciendo Halley – cuando todos estaban completamente ébrios, el jefe habló de nuevo. Había que partir inmediatamente hacia Cuba.

Algunos se negaron a ir; otros lo decidieron inmediatamente. Y empujándose unos contra otros, en medios de gritos de blasfemias, golpes y terribles gomazos asestados por los doce hombres de la tripulación – interesados en el buen éxito de la expedición – más de cincuenta de aquellos infelices fueron llevados a bordo (MARRERO, 1934, p. 16-17).

Os testemunhos recolhidos por Alberto Pedro Díaz, permitem conhecer que outros contratistas introduziam nas embarcações até 300 pessoas, as quais deviam pagar suas passagens na maioria dos casos. Se não podiam liquidar o custo da viagem, assinavam algum documento mediante o qual o contratista podia reclamar como garantia, qualquer propriedade pertencente ao trabalhador antilhano.

Ao chegarem a Cuba, salvo o clima tropical, tudo era estranho. Não havia tempo de raciocinar e atuar diante de quem falava um idioma diferente do seu. Mudavam até mesmo o nome do imigrante haitiano. Como “cortesia” recebia um chapéu de *yarey*, uma muda de roupa de lona e o instrumento fundamental de trabalho: o *machete* para cortar a cana.

Luis Araquistáin, testemunha da chegada de haitianos aos portos cubanos revela suas experiências após haver realizado uma viagem entre o Haiti e Cuba nos anos de 1926 e 1927,

La visita de la sanidad cubana es laboriosa y severa. Salvo media docena de blancos, el pasaje del barcucho carcamal, - francés – que nos ha conducido es de pura sangre africana: negros de Haiti, hombres, mujeres y niños que van a la zafra de Cuba. Se han puesto su mejor ropilla, de abigarrados colores, y comparecen tímidos y candidos – con sus ojos infantiles muy abiertos y la raya blanca de sus dientes manchando el carbón de la piel, ante el médico sanitario, que gargariza las erres y, con lábia ligera, los llama uno por uno. Cada cual aporta el certificado de vacuna que ha extendido el médico a bordo. Abundan los nombres y apellidos ilustres, los Tancredos, los Augustos, los Orestes, los Gautier, resíduos haitianos de una cultura grecorromana-francesa a cuyos héroes, reales o literarios son muy aficionados no sólo en Haiti, sino en casi toda América (ARAQUISTAIN, 1961, p. 51).

Álvarez Estévez (1988, p. 90) diz que, diante daquela massa de haitianos analfabetos se estabelecia um férreo cordão de vigilância a cargo de *guarda-jurados* com armamento regular, ao serviço dos fazendeiros cubanos e das companhias norte-americanas. A partir do momento que estes trabalhadores passavam para o

domínio das companhias qualquer intenção de fuga podia ser sinônimo de morte. O barracão insalubre foi testemunho de sua tragédia humana. O sol, seu inimigo implacável. A escuridão, inseparável amiga e confidente de seus planos de fuga, sonhando quizá com as economias de seu mísero salário — recebido na maioria dos casos mediante vales —, podiam liquidar a dívida que os atava a uma terra onde eram explorados com crueldade.

Os contratistas atuavam em correspondência com as companhias açucareiras, que ao desembarcarem no território cubano, depositava nas mãos dos colonos a nova força de trabalho, pela qual recebia em pagamento o valor correspondente em dinheiro por cada trabalhador recrutado. O “Tio” dava a cada homem o indispensável em moeda para que pudessem se manter nos primeiros dias e advertia aos contratados que deveriam permanecer nas terras da empresa, sob pena de serem presos ou repatriados por sua condição de indocumentado. O imigrante antilhano se submeteu a imigração ilegal até o ano de 1913, quando sua entrada em Cuba é regulamentada de acordo com o Decreto nº 23 de 10 de janeiro deste ano, que autorizou a Nipe Bay Company a contratar mil trabalhadores antilhanos. O Decreto aprovado pelo presidente José Miguel Gómez dizia,

Considerando: que son muy atendibles las razones aducidas por la empresa Nipe Bay Company, y de que es un hecho evidente la escasez de trabajadores y braceros de la República, deficiencia que es de interés general remediar. En uso de las facultades que me confiere el artículo 16 de la ley de Inmigración de 11 de junio de 1906, y a propuesta del Sr. Secretario de Agricultura, Comercio y Trabajo.

Resuelvo:

Autorizar a la empresa Nipe Bay Company para traer mil trabajadores antillanos, que habrá de emplear en las labores del central Preston... (PICHARDO, 1980, p.370)

Os imigrantes que entravam legalmente em Cuba, tinham alguma restrição por parte das autoridades: eram encaminhados para uma espécie de albergues chamados de ‘estação quarentenária’. Nestas estações eram observados e passavam por uma inspeção sanitária; os imigrantes denominados de terceira classe recebiam um tratamento diferenciado dos demais, sofrendo inclusive maus tratos. Os demais na sua maioria espanhóis, eram registrados, recebiam na estação uma cama e os utensílios para comer. As armas que portavam, chamadas de armas brancas, canivetes, facas e outras eram dadas às autoridades e devolvidas quando

os imigrantes saíam do acampamento. Depois de passar por esses trâmites eram levados aos barracões onde dois eram destinados às mulheres e às crianças e quatro para os homens, cada um com cem camas guarnecidas com um lençol e uma manta. Outros dois edifícios, a cozinha e os banheiros, completavam as instalações (VIVES; VEJA; OYAMBURU, 1992). Separados da estação por uma cerca estava o departamento de quarentena e clínica, onde eram alojados os enfermos. O período nos barracões estava restringido ao horário de descanso, de oito e meia da tarde até as sete da manhã durante o inverno e às seis no verão. Durante o dia eram servidas três refeições; o café da manhã às sete horas da manhã, às onze o almoço e às cinco, o jantar. Arroz, feijão e grão de bico compunham a dieta básica, algumas vezes era acrescentado carne na dieta do imigrante espanhol que passava pela estação apenas para controle. No entanto, essa descrição ideal do papel das estações quarentenárias não era a realidade como explica De La Riva: “ el campamento de Triscornia⁴² tenía ciertas similitudes con los barracones de Regla” (1973, p.12).

A estação quarentenária de Santiago de Cuba, semelhante a estação de Triscornia em Havana, tinha a mesma função de controlar a entrada dos imigrantes, impedir a entrada de doenças no país, etc. A diferença entre as duas é que pela estação de Triscornia entravam principalmente os imigrantes de origem espanhola e a de Santiago de Cuba os imigrantes antilhanos.

Os imigrantes espanhóis quando chegavam em Cuba eram amparados pelas associações e centros regionais organizados por seus compatriotas já instalados no país que denunciavam as más condições da estação de Triscornia às autoridades cubanas. Já as más condições da estação de Santiago de Cuba eram denunciadas pelas autoridades britânicas responsáveis pelos imigrantes antilhanos anglófonos.

Na correspondência trocada entre a delegação do governo britânico em La Habana e a Secretaria do Estado da República, o Secretário de Estado de Sua Magestade para Assuntos Estrangeiros dizia estar ciente e preocupado com o tratamento a que estavam sendo submetidos os trabalhadores antilhanos britânicos.

⁴² Triscórnica era uma ‘estação de quarentena’ onde permaneciam os imigrantes que não estavam em condições de entrar livremente no país. Os imigrantes destinados a estes espaços tinham que aguardar a presença de algum fiador que garantisse que não se tornariam uma carga pública, geralmente as companhias exerciam esse papel.

Segundo o secretário, os aspectos mais proeminentes das más condições e maus tratos a que estavam submetidos referia-se principalmente à estação quarentenária de Santiago de Cuba, o uso de arma de fogo, demasiado freqüente e com resultados fatais, utilizados pelos guardas cubanos contra os trabalhadores desarmados também preocupava o consulado britânico. Essa situação de desamparo dos 'jamaíquinos' se agravava, segundo relata o Secretário, com a aparente falta de interesse na detenção e perseguição dos indivíduos culpados de semelhantes atos e o insatisfatório resultado nos julgamentos dos que cometiam os crimes⁴³.

No entanto, a violência contra os antilhanos era "justificada" pelas autoridades cubanas como forma de reprimir um estado de desordem social desencadeado pela presença deles na província, acusados de crimes e delitos, como podemos ver neste trecho da correspondência trocada entre o Secretario de Agricultura, comércio e trabalho e o Governador da Província de Santiago de Cuba,

En el día de hoy se han presentado en esta Alcaldía los vecinos de la finca "Cuchillos" y otras inmediatas, Srs. Aurélio Fonseca, Nicolas Pérez, Argimiro Ramos, Juan Cabrales, José Acosta, Santiago Arias, Enrique Pérez, José Tejeda, Manuel Torres, Pablo Viltre, Eduardo Sosa, Maximo Sosa y Carmen Díaz pidiendo protección para sus vidas y pequeños intereses, víctimas del raterismo desatado en los campos por los jamaíquinos y haitianos que careciendo de trabajo en número excesivo, desde hace varias noches vienen asaltando las viviendas de los cubanos robándoles gallinas, cerdos, frutas, ropas, viandas y cuanto encuentren a su paso (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1921 LEG. 1795, SIG 113).

Como o próprio documento diz a 'ação criminosa' dos haitianos e jamaicanos estava associada à falta de trabalho. Muitos passavam meses perambulando pelas províncias orientais em busca de ocupação ou esperando que as autoridades pudessem repatriá-los, o que não era um processo tão simples uma vez que os administradores das indústrias ao terminar a safra não cumpriam com o que haviam estabelecido no contrato. Essa situação levava a que os imigrantes antilhanos se envolvessem em delitos e isto provocava uma reação violenta da Guarda Rural e também dos proprietários de terras da região próxima aos centrais onde eles trabalhavam no período da safra.

⁴³ Cópia de la correspondencia cambiada entre la legación de su Majestad Britanica en La Habana y la Secretaria de Estado de La República. Relativa al trato de los inmigrantes jamaíquinos. República de Cuba. Secretaria de Estado (Docs. Diplomáticos) Habana, julio de 1924.

FIGURA 9: GUARDA RURAL CUBANA



www.cubalabela.com

Os administradores de alguns centrais também eram denunciados por maus tratos, como indica a comunicação entre o administrador do Central Palma, da Palma Soriano Sugar Company e o Sr. Guillermo F. Mascaró, Governador de Oriente, em que diz que os agentes dos trabalhadores deste central que conduziam os trabalhadores para o corte de cana desde Santiago de Cuba até suas instalações eram molestados por elementos que permaneciam na estação, fazendo uma propaganda infame, caluniosa e cruel, de que os trabalhadores deste central eram mal tratados, e a polícia conhecendo essas notícias não efetuava a detenção dos indivíduos responsáveis, contribuindo pela sua inatividade para o agravamento da situação entre trabalhadores antilhanos e autoridades responsáveis pela segurança nos centrais (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1920, LEG. 307, SIG. 18).

Outra comunicação referente ao Central Tacajó, situado em San Gerónimo, Termino Municipal de Holguin, escrita pelo presidente do Grêmio de Metalúrgicos Antonio Mayo ao Governador Provincial de Santiago de Cuba, revela uma outra situação que contribuía para o agravamento da situação dos trabalhadores antilhanos quando terminava a safra que era a falta do pagamento

dos trabalhadores referentes à quinzena, alegando não ter dinheiro para cumprir com o compromisso.

As autoridades cubanas além de ter que resolver a situação dos trabalhadores que se encontravam sem emprego e vagando pela cidade como explicamos acima, tinham também que atuar junto às empresas que desrespeitavam o contrato negando-se a pagar os salários.

Em comunicação do dia 30 de junho de 1921 o Manager do Central Tacajó se dirige ao Sr. Don Angel San Nicolás, Alcalde do Barrio San Gerónimo, e esclarece o motivo pelo qual não havia pago os empregados. Em sua justificativa o gerente do central diz que o motivo teria sido o fato de a Diretiva resolver paralizar a safra por motivo de não poder vender seus açúcares e assim reunir os fundos necessários para cumprir o compromisso com os trabalhadores. Por não poder vender o açúcar produzido, tornou-se impossível para o central liquidar imediatamente todos os salários devidos (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1920, LEG. 307, SIG. 18).

Outra forma das empresas explorarem os trabalhadores era manter dentro de suas colônias casas de jogos, onde eles deixavam boa parte de seus dividendos. Essa ação das empresas também foi denunciada às autoridades cubanas como podemos verificar nesta carta do Secretario de Gobernación ao Gobernador Provincial de Oriente,

Con caracter devolutivo, me complazco en adjuntarle el escrito dirigido a este Centro, por José Ordoñez, en queja contra el Administrador del Central Manati, que sólo da entrada como trabajador en el departamento de Ferrocarriles, al ciudadano español. Que en sus cortes de caña no se facilita comida al obrero hasta que no cargue una carreta, siendo la comida mala y por valor de 60 centavos, que en sus Colonias La Blanca, La Vega, Camalote, María Luisa, Santa Teresa, Las Mercedes, Entronque Manati, Juan Simon, Marino y Blas Pérez, existen casas de juego, y que en esas colonias se explota a las mujeres, a unas por su voluntad y a otras obligadas (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1920, LEG 307, SIG.18).

Algumas mulheres haitianas segundo o Sr. Rafael Cedeño dedicavam-se à prostituição,

En aquella época habían muchas casas de prostitutas que se dedicaban a los negocios que llegaban y ellos compartían con ella y gastaban. En los lugares esos habían haitianas bonitas, yo conocí una en Elia, que esa mujer era linda, linda, de perfil fino, no le envidiaba nada a una mujer blanca, todo el mundo tenía que ser con ella, vivia en una colonia por allá y por aqui por los números en la memoria sabía porque estudió, también

ellos son inteligentes, si, el haitiano que vino chiquito aqui y que se crió entre nosotros se ocupaba de estudiar (RAFAEL CEDEÑO. ENTREVISTA CONCEDIDA A OLGA CABRERA. PROVINCIA DE GRANMA. 16 DE MAIO DE 1995) .

Otra denuncia sobre a forma que as empresas criavam para burlar o pagamento dos trabajadores é descrita em carta ao Sr. Secretario de Gobernación de data de 20 de outubro de 1923. Segundo a carta,

se reciben denuncias de jornaleros de algunos ingenios sobre la existencia en circulación de vales y fichas en 'caracter de signos representativos de la moneda' que se dan en pagos de jornales y para adquirir mercancías en los establecimientos de los bateyes, llegando en algunos casos, a circular esos documentos en los establecimientos de poblaciones cercanas de esos núcleos industriales, contraviniendo con lo dispuesto en la Ley de 23 de julio de 1909 (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1920, LEG.307, SIG. 18).

Em resposta à carta o Sr Governador da Província de Santiago encaminha uma outra ao Alcalde Municipal, no mesmo dia em que pede uma enérgica e constante vigilância sobre a circulação desses papéis, terminantemente e expressamente proibidos pela Lei de 23 de julho de 1909 (Lei Arteaga)⁴⁴, que destaca ademais a autoridade judicial em que cada caso deve dar conta dessas infrações e das penalidades correspondentes.

La emisión de vales y fichas para pago de jornales o en calidad de adelantos o préstamos a los trabajadores además de estar prohibida no está justificada en la actualidad por alguna razón, ya que es notorio el hecho de abundar la moneda de todas las denominaciones y especies y especialmente la fraccionaria, a extremo tal, que las instituciones bancarias gestionan constantemente de esta Secretaría se le descongestione del exceso que conservan en sus cajas, siendo la circulación de esos vales en algunas localidades, el motivo por el cual se estanca el cauce de la moneda legal del cuño nacional, con notable perjuicio para el prestigio de que debe conservarse permanentemente investida ésta y con las consecuencias inmorales de orden económico, de que protestan los jornaleros de las fincas azucareras que sostienen esta práctica ilegal y viciosa. En cada caso que a este Departamento llegan esas denuncias, son trasladadas a la Secretaría de Justicia para el curso correspondiente; pero ya parecido conveniente recabar de esa Secretaría de Justicia para la cooperación necesaria, por medio de los Sres. Gobernadores Provinciales, los Alcaldes Municipales, y demás funcionarios dependientes de su autoridad, para los fines de acabar con esa práctica perturbadora de la circulación monetaria, mediante la aplicación de la Ley de 23 de Julio antes citada, que facilita los medios legales y rápidos para ello (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 307, SIG. 18).

⁴⁴ A lei contra os vales foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo Presidente José Miguel Gómez: "(...) Queda prohibida la emisión en pago de jornales, sueldos o cualquier otra obligación, de vales, chapa, fichas metálicas o de cualquier otra clase que tengan el carácter de signos representativos de moneda" (PICHARDO, 1980, p.329)

A denuncia foi informada a todos os representantes legais da província de Santiago de Cuba pelo Governador, para que tomassem providências e liquidassem com tal prática dentro dos centrais, proibida pela lei já citada. O Alcalde Municipal em 3 de novembro de 1923 dirige-se ao Governador Provincial informando ter recebido a circular de número 80, enviada no dia 13 de outubro de 1923 a todos os representantes do governo nas provincias que mediante a constatação de tais fatos caberia aos Governadores, Alcades Municipais e demais funcionários dependentes da Secretaria acabar com a prática denunciada pelos trabalhadores.

As companhias se esquivavam de tais acusações e as autoridades buscavam, segundo demonstra a correspondência trocada entre as autoridades governamentais, esclarecer tais fatos e acabar com a circulação de uma moeda criada dentro das companhias para burlar direitos dos trabalhadores. Essa prática demonstra que dentro dos centrais existiam outras regras que se sobrepunham às leis que regiam o sistema de convivência dos trabalhadores com a administração das empresas.

As regras criadas dentro dos centrais como vemos, formalizava um estado de dependência econômica do trabalhador para com os centrais, pois tendo que comprar o que era vendido pelos comerciantes dos *bateyes* por preços mais altos do que o do comércio o trabalhador deixava o que ganhava nos armazéns que funcionavam dentro dos centrais e ainda ficava devedor, isso gerava um ciclo de dependência do qual não conseguia se desvencilhar.

Na verdade essa era uma prática que envolvia os trabalhadores independentemente de suas nacionalidades. No caso dos haitianos que viviam no campo, mantinham suas criações de onde tiravam sua subsistência; essa prática do haitiano era louvada pelos outros trabalhadores que admiravam a capacidade que eles tinham para viver do pouco que possuíam.

O CENTRAL: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

De acordo com o documento *Problemas de la Nueva Cuba*, o Central pode ser considerado como o centro para a organização da produção, como o fator determinante da ocupação, o ambiente e o modo de viver de milhares de pessoas e

núcleo de um complexo sistema de relações pessoais, de direito e obrigações legais (AA.VV.,1935, p. 290).

Os Centrais são espaços de memória e de experiência sócio-culturais, onde a confluência de trabalhadores é intensa nas primeiras três décadas do século XX. Dentro destes espaços podem ser vislumbradas as fronteiras, entendendo fronteira como um conceito que compreende a diferença, mas também a interação dos grupos envolvidos. A “fronteira simbólica” (BASTIAN, 1997, p. 6-22) que existia nesses espaços, demarcada pelos costumes e crenças dos trabalhadores, são marcos invisíveis que visam manter a alteridade do (s) grupo (s), mas esse limite em se tratando de cultura e de relações é tênue, o que demonstra um outro conceito definido por Edouard Glissant: a “poética das relações”. Ele diz que as relações é uma forma do imaginário frequentar o mundo, levando em consideração a diversidade de todos os povos. A aceitação da multiplicidade garante às comunidades um lugar no mundo, na totalidade mundo como ele chama. Assim a poética da relação se tece no encontro dinâmico de todas as humanidades, da mistura de todas as histórias particulares que são sempre diferentes (GLISSANT, 2000).

A coexistência de várias línguas faladas num mesmo espaço-nação, podemos chamar assim tanto o central quando estamos falando do central enquanto um microcosmo da sociedade cubana, ou a sociedade como um todo quando tratamos das relações a nível mais amplo, sobre o convívio entre os imigrantes na maioria dos casos, se dá o fenômeno da disglósia, isto é, uma língua domina a (s) outra (s). É o que acontece dentro dos centrais, o inglês domina as demais línguas por ser o idioma dos alto-funcionários e dos gerentes, administradores da indústria de domínio norte-americano.

Sua organização é a mesma para todos os centrais açucareiros de Cuba, grandes ou pequenos. Possui um grande edifício, com gigantescas chaminés, onde se mói a cana, os outros edifícios que circundam a fábrica servem para armazenar o açúcar, e também há aqueles que servem como oficinas de reparação. Todos estão circundados pelo *batey*, área destinada às casas e barracões para empregados, trabalhadores e altos funcionários; neste espaço também se encontrava um armazém, em alguns ainda havia igreja e escola. Fora do central se estendiam as

malhas ferroviárias, os *bateys* das colônias, casas e armazéns para os gerentes que supervisionavam o trabalho nos campos.

FIGURA 10: CENTRAL CAMAGUEY



<http://www.library.miami.edu>

FIGURA 11: ESTRADA DE FERRO



<http://www.library.miami.edu>

FIGURA 12: CENTRAL CARACAS



<http://www.library.miami.edu>

Nas províncias de Oriente se concentrou uma grande parte dos centrais açucareiros, os de propriedade norte-americana, responsáveis pelo grande incremento econômico que esta região vivenciou nas três primeiras décadas pós independência: o Central Boston, fundado em 1901 era de propriedade da United Fruit Company, estava localizado na região de Banes; o Central New Niquero, da New Niquero Sugar Co, fundado em 1884, pertencia a região de Manzanillo; central

Preston, propriedade da The Nipe Bay Co, fundado em 1904, localizava-se em Mayari.

Os barracões continuariam sendo as habitações destinadas pelas companhias açucareiras para alojar os imigrantes que chegavam a Cuba para trabalhar no corte da cana. A condição de vida desses trabalhadores nesses alojamentos não era muito diferente dos barracões onde viviam os escravos. Segundo Fernando Ortiz para os escravos o barracão auxiliou no processo de integração étnica dos grupos porque,

constituyó una vía fundamental para la integración de los más disímiles elementos africanos, ya que el principio colonialista consistió en integrar las dotaciones de individuos procedentes de comunidades étnicas diferentes, con el propósito de incomunicar a los esclavos, el modo de vida, el trabajo agotador, el régimen de castigos, la identidad de alimentación, ropa, vivienda y la actitud hostil hacia un explotador único generaron intereses comunes que devinieron idénticas ansias de libertad, en la adquisición de hábitos de grupo por encima de las costumbres tribales, a través del mestizaje biológico que rebasaba los límites impuestos por las estructuras familiares de sus lugares de origen, y en la resultante de un proceso de transculturación como síntesis de la identidad (ORTIZ, 1991, p. 234).

A convivência em um ambiente insalubre e inóspito, de certa forma promoveu a solidariedade entre os negros, foi assim com os escravos e também com os trabalhadores antilhanos do séc. XX, o barracão também foi um lugar de encontros, de novas relações. Nos barracões dos centrais modernos os negros originários de diversas ilhas do Caribe, também promoveram sua transculturação. A relação entre os negros nesses espaços e também nas plantações propiciou um encontro cultural bastante rico, como demonstra a impressão de Pablo González, trabalhador do Central Chaparra, ao descrever o trabalhador haitiano: “había muchos haitianos que vivían en el barracón. (...) La mayoría vivía en el barracón. Había unos cuarenta y picos de haitianos que mayormente iban a los cafetales y a la limpia de la caña. Los haitianos como vecinos eran muy unidos y se apiadaban mucho y eran muy educados. Todos nos llevábamos como familia” (PABLO GONZÁLEZ,. ENTREVISTA CONCEDIDA À EQUIPE DE HISTORIADORES ORAIS DE CUBA. LAS TUNAS, AÑO 1992).

Nas entrevistas, sem embargo, as pessoas testemunham a disposição da mulher das Antilhas Menores em enfrentar os trabalhos mais duros além dos serviços domésticos, dedicando-se muitas delas à limpeza da cana.

A forte presença da mulher em defesa de seu lar foi mostrada em uma das diversas descrições de atos de violência dos norte-americanos contra cubanos e imigrantes, principalmente jamaicanos e haitianos, no livro *Conversación con el último norteamericano*, o autor descreve a reação violenta de uma jamaicana contra o seu desalojamento: “apareció en la puerta del rancho con una lata de agua hirviendo. Tenía su cara congestionada por la ira, y sus manos estaban aferradas a la lata con desesperación. Corrió hacia donde estaba Bullford para tirarle agua...” (CIRULES, 1988, p. 222).

Nos depoimentos e bibliografia se pode observar também que a violência, os maus tratos e a falta de respeito humano provinham quase sempre da classe dominante. Os grupos de imigrantes buscavam a harmonia em suas relações sociais.

O documento explica que as pessoas que se dedicavam a ações ilícitas mudavam de nome e deslocavam-se pelas províncias para fugir de suas prisões. O caso da Sra. Elena Osório, por exemplo, foi acatado pela policia e seu processo de expulsão aprovado, pois sendo uma mulher de maus antecedentes, que “ocupava” a policia com seus delitos, possuía caracteres de um “elemento indesejável”, o que favoreceu, segundo as autoridades cubanas, a sua expulsão do país.

A construção das grandes fábricas não poderia ter sido realizada somente com o capital nacional, o que gera uma dependência econômica da nação cubana para com o capital norte-americano, maior investidor na indústria açucareira nas primeiras décadas do século XX.

Verdad es que muchos de esos centrales han sido hechos por compañías y capitales extranjeros, y que los intereses de esos capitales no se quedan en Cuba. Esto es sensible. Mejor hubiera sido que los hiciesen los que viven en el país pero sin esos capitales es indiscutible que esos bosques continuarían en su estado primitivo tantos siglos como han permanecido improductivos, pues no debe pensarse que nosotros hubiésemos podido levantar esos colosos (*Diário de La Marina*, janeiro de 1916).

A relação indústria açucareira/migração também é questionada no jornal *Diário de la Marina*, como podemos ver neste outro artigo do mesmo ano. O Sr. D. Pedro Rodríguez, diz “es indudable que toda nación incipiente necesita, para alcanzar el máximo de su desarrollo, estos dos factores capital e inmigración, y no se concibe la segunda sin el primero”. D. Pedro Rodríguez ressalta os avanços que

a indústria açucareira atrai para o país, conseqüência dos investimentos e do fomento tecnológico, essenciais segundo ele, para o crescimento da nação.

Con la afluencia del capital surgen las vías de comunicación y con ellas la densidad de población, base indispensable para el aumento de valor de la propiedad, o sea la riqueza pública. Esta, a su vez, brinda al inmigrante ancho campo para cubrir sus necesidades y mejorar su condición, y si se ve respetado y garantizado por las sabias constituciones de pueblos libres y democráticos, se siente feliz y arraiga, con verdadero amor, a su nueva nacionalidad.

Las pequeñas Repúblicas de poca densidad de población, como la nuestra se convertirían a la vuelta de pocos años, en fuertes y prósperas nacionalidades si al capital extranjero se le ayuda con una corriente de inmigración bien encauzada y se le garantizan los beneficios de una paz ininterrumpida (*Diário de La Marina*, janeiro de 1916).

O jornal *El Pueblo*, de Banes, também se manifestou sobre a situação dos trabalhadores e no número de 15 de maio de 1928 em sua primeira página dizia,

En Oriente y Camaguey es donde único los cubanos se dedican a otras labores después que llegan los haitianos, pues generalmente durante el primer mes son los cubanos los que cortan. Ejemplo Banes donde se calcula que anualmente mil cubanos abren los cortes y hacen la tarea de 3.000 haitianos. Cuando éstos llegan y unos jornales irrisórios son pagados, entonces la mayoría de aquellos abandonan los cortes.

Los haitianos durante su permanencia en Cuba se alimentan de frijoles y boniatos sembrados en las carreteras por las empresas y por tanto apenas gastan nada y cuando tienen que emplear algún dinero se ven obligados a comprar en el barracón del latifundio azucarero, barracón que vende de todo y no paga las contribuciones correspondientes. (*El Pueblo*, 15 de maio de 1928)

O jornal era porta-voz dos comerciantes da região de Banes, a quem os trabalhadores não ofereciam lucro. Os antilhanos não eram consumidores dos produtos oferecidos no comércio local, pois eram obrigados como vimos a consumir os produtos vendidos no próprio central, por essa razão os comerciantes se opunham a sua presença. As razões dos opositores à presença dos antilhanos, portanto, partem de várias vertentes; destaca a questão racial por ser esse o discurso hegemônico, mas questões particulares à localidade como o comércio também são utilizadas contra os imigrantes, ao dizerem que eles não contribuam para o seu desenvolvimento.

A POPULAÇÃO NA REGIÃO ORIENTAL E A CRISE ECONÔMICA AÇUCAREIRA

Segundo o documento produzido pela Foreign Policy Association, *Problemas de la Nueva Cuba*, publicado em forma de livro em 1935, a população das províncias orientais de Cuba aumentou em maior proporção durante os 25 anos da primeira República, mais do que nas províncias ocidentais. O documento diz que em 1907 Oriente era a terceira província por número de habitantes, tinha uma população de 453.000 pessoas. Entretanto em 1919, Oriente passa a ser a primeira província em população (1935, p.28).

De acordo com a tabela do *Anuário Azucarero de Cuba* (1937, p.134), “Inmigrantes clasificados por naturaleza y circunstancias personales, durante el año de 1911” aponta que neste ano os antilhanos denominados no censo como “antillanos no mencionados” termo que generaliza os trabalhadores: homens – 1.087, mulheres – 397, num total de 1.484; no item idade os menores de 14 anos eram em número de 130, de 14 a 45 o número aumentava substancialmente para 1.199 e acima de 45 o total era de 155. A maioria era de solteiros segundo a tabela, ou seja 1.055 contra 429 casados, os que sabiam ler correspondiam a 1.010, os analfabetos chegavam a 474.

TABELA 9:
DENSIDAD DE POBLACIÓN, POR PROVÍNCIAS, EM 1919 Y 1931

Províncias	Población en		Densidad en		%superficie total
	1919	1931	1919	1931	
Pinar del Río	261.198	343.480	50,1	65,9	11,8
La Habana	697,583	985,500	220,0	310,8	7,2
Matanzas	312,704	337,119	96,4	103,9	7,4
Sta. Clara	657,697	815,412	79,5	98,6	18,7
Camaguey	228,913	408,076	22,7	40,4	22,7
Oriente	730.909	1.072,757	51,4	75,4	32,2
Total	2.889.004	3.962,344	65,4	89,7	100,0

Fonte: Problemas de la Nueva Cuba. Foreign Policy Association, New York, 1935, p.29

Esta outra tabela mostra quais eram os componentes principais da população em Cuba entre 1919 e 1931, destacamos a estatística referente a

população antilhana na região oriental, que entre estes anos representa um aumento de 403,2%, maior que o dos demais grupos.

TABELA 10:
A PORCENTAGEM ENTRE A POPULAÇÃO DE COR E A NACIONAL NOS ANOS DE 1919 E 1931

Población	1919	1931	Diferencia	Porcentaje de aumento
Población de Cuba	2.389.004	3.962.344	1.073.340	37,2
Cubanos de color	733,905	925,297	191,392	26,1
Haitianos	21,015	79.838	58.823	279,9
Jamaquinos	18.122	40.471	22.349	123,3
Espanoles	404,074	613,970	209,896	51,9
Chinos	10,300	24,480	14,180	137,7

Fonte: Problemas de la Nueva Cuba. Foreign Policy Association, New York, 1935, p.29

A densidade populacional no Oriente como se pode notar no intervalo de 1919 a 1931 atinge a maior porcentagem em relação às outras províncias, pois este período corresponde ao grande avanço da produção açucareira e também o de maior contratação de imigrantes. A medida que os antilhanos iam se estabelecendo em Cuba suas atividades se diversificavam, no período de 1912 a 1931, como podemos verificar na tabela abaixo entre os homens haitianos a segunda função exercida por eles em Cuba era a de comerciantes e entre as mulheres era a de costureira e modista, entre os jamaicanos destacavam-se a atividade de alfaiate e a de comerciante.

TABELA 11:
INMIGRANTES CLASIFICADOS POR PROFESIÓN - 1906/1931

	Haiti	Jamaica	Antillas no mencionadas
	1912/31	1912/31	1906/27
Actores	1	1	1
Maestros	1	32	5
Agentes	5	15	4
Clérigos	1	26	5
Hermanas de la caridad	-	11	-
Abogados	5	-	7
Médicos	2	14	7
Comerciantes	264	574	73
Comerc. De viveres	40	27	19

Panaderos	1	68	7
Carniceros	-	28	-
Dependientes	1	13	30
Estudiante	-	1	-
Banquero	-	4	-
Talabartero	-	7	6
Curtidor	3	3	-
Zapatero	19	166	41
Sastres	31	687	77
Costureras y modistas	2996	-	244
Lavanderas	-	1	1
Carpinteros	30	-	-
Albañiles	4	142	21
Pintores y vidreros	2	127	6
Cerrajeros	3	2	-
Hojalateros	-	7	1
Plomeros	-	8	4
Herreros	-	45	-
Ingenieros	3	46	5
Jardineros	-	21	24
Tabaqueros	1	4	6
Impresores	-	7	-
Relojeros	-	6	-
Maquinistas	1	15	4
Mecânicos	-	476	8
Choferes	-	77	-
Jornaleros	63521	62234	4737
Labradores	81144	5005	1306
Hacendados	-	2	-
Mineros	-	8	-
Sin ocupación	3435	4818	1121
Otras	-	-	212

Fonte: Álvarez, 1988, p. 280- a 284

Em função das considerações anteriores dos níveis culturais dos trabalhadores rurais, jamaicanos e haitianos, se destacaram números bastante próximos de imigrantes *jornaleros* e uma acentuada diferença dos *labradores*.

O maior índice de qualificação profissional aparece entre os jamaicanos, conforme o quadro anterior, o grupo que se destacou também entre as profissões vinculadas à construção.

Cuba havia recebido com grandes clamores os preços cada vez mais elevados do açúcar no mercado internacional; durante o ano de 1920 se converteu no país de maior índice de exportação por habitante. Deste modo, se situou à cabeça do resto das nações da América Latina enquanto à renda per cápita (GALEANO, 1971, p. 123-124).

Segundo Alvarez Estévez a vertiginosa prosperidade econômica, ao que parece não constituiu um motivo de preocupação para as classes dominantes, mas

pelo contrário. Nem a oligarquia crioula nem os demais interesses econômicos que controlavam a economia cubana, viram em perspectiva a derivação de perigo nesta bonança inesperada. As *vacas flacas* sucederam as *vacas gordas*. A burguesia cubana experimentava de maneira momentânea uma situação alucinante. Os monopólios norte-americanos não perderam de vista, nem um momento, aquele caminho triunfante, que lhes produzia desmedidos dividendos, enquanto que as massas de trabalhadores e camponeses eram exploradas com maior intensidade.

Se em 19 de maio de 1920 o açúcar era cotizado no mercado norte-americano a 22 centavos do dólar a libra, antes de terminar a primeira quinzena de dezembro do próprio ano, a tragédia da indústria açucareira chamou as portas da realidade ao anunciar que por cada libra do doce cubano somente se receberia 3,75 centavos (ARNALDO SILVA, 1975, p.19-20).

Por outra parte os vice-cônsuls norte-americanos que realizavam suas funções na província do Oriente, se mantinham ativos enquanto à compilação de informação sobre o intenso processo migratório que ocorria em dita província e em Camaguey. Com livre acesso aos documentos e estatísticas do Governo Cubano, conhecia as entradas e saídas de trabalhadores antilhanos. Segundo os dados obtidos pelos vice-cônsuls e transmitidos à sua embaixada em Havana, no primeiro semestre de 1920, saíram para Jamaica 7.353 trabalhadores, porém entraram em Cuba 9.362. Enquanto que o Haiti se dirigiram 5.564 pessoas do próprio país chegaram 12.409. Em resumo, a 8.854 trabalhadores ascendeu o saldo favorável de imigrantes desses territórios, o qual assegurava a permanência em Cuba de uma mão-de-obra excedente à disposição dos empresários capitalistas que controlavam a indústria açucareira (ÁLVAREZ ESTÉVEZ, p. 107)

SERVICIO CONSULAR NORTEAMERICANO (MEMBRETE)
Santiago de Cuba, 19 de Julio de 1920
Francis White
Encargado de Negócio,
Embajada Norteamericana
Habana

Señor:

La Empresa Naviera de Cuba, sita en San Pedro nº6, Habana, propietarios y manipuladores del S.S.SANTIAGO DE CUBA, que se encuentra funcionando entre Cuba, Santo Domingo y Puerto Rico, rehusan transportar desde este puerto hacia Puerto Rico a los residentes extranjeros analfabetos de la Isla Leward, que desean regresar a sus hogares, a través de Puerto Rico. La compañía aduce que serían responsables de estos

pasajeros hasta que hayan abandonado Puerto Rico, según instrucciones que han recibido de los funcionarios de emigración de la Isla, instrucciones con las cuales no están de acuerdo. La Sección 3 de la Ley de Inmigración exceptúa a los extranjeros de la operación de la prueba de analfabetismo cuando se encuentran en via de tránsito por Estados Unidos, incluyendo cualquier parte de su territorio. Si la decisión de esta compañía es arbitraria y contraria a las reglas de gobierno de los extranjeros en tránsito por Estados Unidos, le rogaríamos que planteara este asunto a la Oficina Directiva en La Habana, e instruyera debidamente a la misma. He visado varios pasaportes para extranjeros analfabetos (ciudadanos ingleses) que llegaron a Cuba como trabajadores y que desean ahora regresar a sus hogares, pero se les niega el pasaje, lo que es una gran inconveniencia para ellos, ya que sólo tienen los ahorros que desean llevar a sus países y se encuentran ahora sin empleo regular, una vez terminado su trabajo en el interior.

Tengo el honor de ser, señor,

Su seguro servidor.

(Fonte: Expediente sobre repatriación de braceros antillanos. Participación del Servicio Consular Norteamericano (1920-1921). In: ÁLVAREZ ESTÉVEZ, Rolando. *Azúcar e inmigración 1900-1940*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988. Anexos).

No ano de 1920, os monopólios norte-americanos controlavam em Cuba 459.407 acre de terras dedicadas ao cultivo e industrialização da cana-de-açúcar. A essa cifra se soma o restante das propriedades norte-americanas, a quantidade se elevava em quilômetros a 18.045, ou seja, à 16,72 por cento do território nacional, ou o que é igual, a uma extensão territorial equivalente à soma das províncias de Matanzas e Havana, incluindo a ilha de Pinos (ORTIZ, 1924, p. 32).

A partir de 1932 o jornal *El Pueblo*, indica a gravidade da situação enfrentada pelos trabalhadores por ocasião da segunda crise do açúcar. A fome e a falta de trabalho os levam a vivenciar situações desesperadoras como indica a notícia a seguir,

En la noche anterior varios trabajadores de Negritos, pero que en la actualidad se encuentran sin trabajo, mataron un buey de la UFC. La res fue sacrificada y repartida entre un gran número de familias, procediéndose a la detención de numerosos trabajadores. Tanto los obreros como sus familias declararon cierto que habían participado de la carne de la res, y que habían cometido el hecho por tener hambre y no serles posible ganar aunque fuesen unos centavos (*EL PUEBLO*, 26 DE JANEIRO, 1932).

Os COLONOS

O controle majoritário das terras de três municípios, homogêneamente integradas, unido ao controle das ferrovias e a exclusividade de possuir durante quase duas décadas os únicos centrais da região permitiu, durante muito tempo, a UFC a exploração exaustiva dos agricultores independentes próximos às suas unidades açucareiras.

Na região ocidental de Cuba, a fragmentação da propriedade, a pruralidade de engenhos e a maior densidade de população permitiram que as relações entre o colono vendedor de cana e o engenho, estivessem regidas pelo livre jogo de oferta e demanda. Na região Banes-Nipe, os pequenos agricultores estiveram faltos destas condições e tiveram que enfrentar a ação deliberada da United Fruit que pretendia colocá-los em uma posição desvantajosa. Nas compras das fazendas a Companhia sempre procurou obter faixas marginais de terrenos chamadas de 'terra de proteção da propriedade' que lhe permitisse isolar o terreno (CUBA REVIEW, V. IX, Nº 8, P. 29, JULHO DE 1911) cercando-o impedindo a comunicação com os demais proprietários assentados próximos às terras das empresas. Desta forma a UFC eliminava a possibilidade de que esses colonos pudessem vender suas canas a outro engenho, forçando-os a vender para a Companhia no preço que ela queria pagar.

Durante a década de vinte a UFC dependeu basicamente dos trabalhadores para a colheita da cana. Sob a legislação vigente, o movimento dos trabalhadores terminou convertendo-se em uma migração de *golondrinas* pelo qual a maior parte dos trabalhadores contratados havia estado em Cuba mais de uma vez. Por exemplo, dos 11.000 homens contratados pela UFC no Haiti em 1927, 8.233 já haviam sido contratados anteriormente pela própria empresa, e somente 2.777 empreenderiam pela primeira vez a viagem a Cuba. O quadro seguinte mostra o custo no traslado de trabalhadores da UFC entre os anos de 1923 e 1928:

TABELA 12:
UFC: CUSTO PER CAPITA DO TRANSLADO DE TRABALHADORES

Año	1923	1924	1925	1926	1927	1928
Imigração	38,57	35,47	35,50	27,66	27,41	26,08
Repatriação	7,48	7,16	5,86	4,11	2,77	4,00
	46,41(sic)	42,63	41,36	31,27(sic)	30,18	30,08

Annual Report, División, Preston 1928. Archivo del central Guatemala

Desde 1928, começou a diminuir a entrada de trabalhadores antilhanos e a aumentar a contratação de trabalhadores cubanos. Em 17 de julho de 1928 o Governo do Haiti emitiu um decreto proibindo a emigração de trabalhadores de seu país a Cuba. A UFC se esforçou para modificar essa decisão. O Governo haitiano cedeu, mas permitiu a emigração dos trabalhadores somente para as empresas que estavam autorizadas pelo Governo cubano.

Quando a autorização chegou a United Fruit já havia iniciado um plano de povoamento de suas terras, ao qual não podia voltar atrás. Além disso, desde o ano anterior, para a safra de 1928, a Companhia havia aumentado o recrutamento de trabalhadores em Cuba, o que provocou um descenso da entrada real de trabalhadores no país. A primeira queda pode ser notada na própria safra de 1928, quando foram levados 9.606 trabalhadores haitianos apesar da autorização oficial indicar um número muito mais alto (ANNUAL LEGAL REPORT, FROM 1928, ARCHIVO DEL CENTRAL GUATEMALA).

A restrição das safras açucareiras cubanas havia dado novo impulso às correntes de opinião opostas à imigração de antilhanos. Dentro deste movimento geral, é imprescindível distinguir duas vertentes sobre essa questão; a primeira estava integrada pelos setores proletários que viam na imigração de trabalhadores um instrumento nas mãos dos patrões para pressionar sobre seus salários e a possibilidade de emprego. Em realidade, durante estas décadas os trabalhadores antilhanos haviam cumprido a função de um exército industrial de reserva que a exígua população cubana não podia proporcionar diante da rápida expansão produtiva do país. Ainda que a importação de trabalhadores nem sempre exerceu um efeito diretamente depressivo sobre os salários, pelo menos desde o ponto de vista nominal, se havia contribuído para criar uma estabilidade salarial que praticamente ocasionava uma deterioração do salário real de trabalhadores.

As causas que promoviam a repulsa que se manifestava entre as classes burguesas contra os trabalhadores eram diferentes. Neste caso tratava-se de um puro e simples sentimento racista, esboçado mediante diferentes formas, sem deixar de lado os parâmetros científicos⁴⁵.

Enquanto que a oposição dos setores trabalhistas estava dirigida contra a imigração de forma geral, a da burguesia estava orientada somente contra os imigrantes de 'raças inferiores', não se importando com os imigrantes brancos, principalmente espanhóis, cujo número era muito superior aos imigrantes antilhanos.

A AÇÃO DA UNITED FRUIT NA REGIÃO DO ORIENTE

Um dos exemplos de atuação das empresas açucareiras na América Latina pode ser vista no livro *El Papa Verde*, de Miguel Angel Astúrias (1973). No diálogo travado entre os personagens de Geo Maker Thompson proprietário do vapor que fazia a travessia das pessoas no Canal do Panamá e o Sr. Jinger Kind representante da maior empresa bananeira do Caribe, a United Fruit,

— Não acho que aceitem em Chicago. As pessoas lá preferem ouvir falar do papel civilizador que nos cabe nestes países atrasados. Dominar, sim, mas não pela força; pela força não, mais vale a persuasão. Mostrar-lhes as vantagens que obterão se fizermos produzir suas terras incultas.

— Em Chicago preferem ouvir falar de dividendos...

— Mas também não é isso... Dividendos... — Kind baixou a aba do chapéu em cima da nuca com o braço artificial para se defender do sol que formava bolhas, um gracioso movimento de boneco.

— Trata-se de civilizar povos, substituir o egoísmo e a violência dos europeus por uma política de tutela do mais capacitado.

— Música celestial, senhor Kind! Domina o mais forte! E domina para quê... Para repartir terras e homens! (*EL PAPA VERDE*, 1973, p. 12)

A concepção de produção açucareira da UFC era a de que o negócio era uma série de funções sucessivas sobre o qual a companhia devia exercer um absoluto controle (VARONA PUPO, p. 214, 215). A organização adotada pela empresa é

⁴⁵ Um folheto que apareceu precisamente nestes anos, *Inmigración antisana*, de Jorge Le Roy, resultou em um claro expoente do racismo disfarçado. Seu autor se propunha: "denunciar con la elocuencia de los peligros que corremos (...) por la inmigración de sujetos procedentes de lugares infectados y que nos han introducido enfermedades que habíamos borrado de nuestros nosológicos (...) sin contar la intrucción de enfermedades parasitarias y la intromisión en nuestras costumbres de vicios y delitos que caen de lleno dentro de las mallas del Código Penal y que por la subversión que originan en el orden social estamos obligados a reprimir". In: LE ROY, J. *Inmigración antisana*. La Habana: 1929, p.5.

típica de um capitalismo monopolista e seu objetivo é agrupar dentro dos marcos de uma mesma empresa um conjunto de atividades similares concatenadas.

Algumas das companhias açucareiras norte-americanas que operaram em Cuba controlavam diversas fases do negócio açucareiro nenhuma chegou a abordar e desenvolver por sua própria conta todos os passos do complexo processo do açúcar. Neste sentido, o caso da UFC foi realmente uma exceção. Mais de 80% da cana consumida pelos engenhos desta empresa era produzida em suas próprias terras, se encarregava diretamente, tanto de plantar como do cultivo e do corte. O cultivo das unidades industriais estava a cargo da ferrovia privada da Companhia, cuja rede viária abarcava um total de 331 milhas.

As circunstâncias nacionais eram em todo sentido favoráveis às operações da Companhia. Suas atividades durante as duas primeiras décadas do século, coincidiam com um crescente processo de penetração do capital norte-americano em Cuba que terminaria por deixar nas mãos das empresas monopolistas os mais importantes setores da economia cubana.

Os trabalhadores da UFC eram basicamente antigos camponeses da região onde a Companhia atuava, sem nenhuma experiência organizativa, e imigrantes. Estes últimos formavam uma massa heterogênea composta por espanhóis e antilhanos e inclusive certa quantidade de chineses contratados para algumas atividades da indústria. Tal composição supunha a existência de múltiplas barreiras culturais, psicológicas e lingüísticas que dificultavam a coesão do grupo e o surgimento de qualquer tipo de expressão comum.

As dificuldades provenientes da composição do grupo se agravavam pelas características da indústria açucareira. Esta supõe, de entrada, a divisão de todas as atividades em dois grandes setores, o agrícola e o industrial. Os trabalhadores industriais estavam por sua vez distribuídos em diversos departamentos, muito pouco vinculados entre si, aos quais devem agregar-se os grupos dedicados a atividades colaterais, comerciais, portuários, etc. inteiramente isolados de outros trabalhadores.

SITUAÇÃO DO TRABALHADOR ANTILHANO CONTRATADO PELA UFC

Entre os anos de 1913 e 1930 a força de trabalho utilizada pela UFC esteve integrada, em elevada proporção, por trabalhadores antilhanos. A situação deste tipo de trabalhador triplamente explorado – como trabalhador, como negro e como estrangeiro – resulta por tanto, um aspecto básico da problemática trabalhista da UFC, constitui também, desde o ponto de vista nacional, um dos capítulos mais obscuro e desconhecido da história social do país na sua fase neocolonial.

Por sua situação de estrangeiros, os trabalhadores eram facilmente vítimas de desmandos dos Guarda-Jurados e demais funcionários da empresa. Neste sentido, a situação dos jamaicanos era bastante mais favorável que a de seus colegas haitianos; o serviço consular britânico como vimos manifestava uma preocupação pelas condições de seus súditos – os cônsuls realizavam visitas periódicas e solicitavam informes com certa regularidade –, intervindo no caso de qualquer denuncia de maltratos. O sistema consular haitiano, pelo contrario, estava profundamente corrompido e nas raras ocasiões em que os cônsuls intervinham ante os maltratos a algum trabalhador haitiano, o faziam mais bem com uma manifesta intenção de chantagear, animados pelo desejo de cumprir corretamente com suas obrigações.

Por último, os imigrantes antilhanos eram vítimas de preconceitos fomentados pelo sentimento racista da burguesia cubana que os inculcava e difundia através de seus órgãos de imprensa. No jornal *Heraldo de Cuba* o artigo publicado em finais de 1922 revela os ataques da imprensa a essa classe de trabalhadores,

En la provincia de Oriente, en Cuba, los haitianos se dedican a la brujería, contaminando a los morenos cubanos con atávico salto atrás. Tienen el culto supersticioso de “Vodou”, lleno de actos de magia negra e prácticas dirigidas por un sacerdote que denominan “papá Bocú”.

Otra colonia poco grata es la jamaicana, aunque por otros conceptos que la haitiana. El Jamaicano vive en perpetua holganza “que trabajen las máquinas” es su lema. Para lograr esse fin reducen sus necesidades al mínimo. Ni trabajan, ni producen, ni consumen. En Oriente y Camaguey las jamaicanas dan un gran contingente a la prostitución (*Heraldo de Cuba*, 24 de outubro de 1922).

Sobre a distinção entre os trabalhadores imigrantes e o interesse das empresas estrangeiras por uma diversificação da mão-de-obra, Rebeca Scott (1997) diz o seguinte,

Una fuerza de trabajo enteramente negra, o mismo enteramente cubana, no figuraba como opción; para hacer que crecieran las plantaciones habia que recurrir a los trabajadores adicionales. Aun los propietarios rurales hubieran querido privilegiar a los trabajadores blancos en el setor industrial de los ingenios, la realidad de la migración por temporada significaba que el campo como los ingenios tendrian que ser trabajados por gente de distintas nacionalidades e identidades sócio-raciales (SCOTT, 1997, p. 156).

Outra questão apontada pela autora “em segundo lugar, mesmo que a elite cubana tendia a compartilhar princípios racistas e de exclusão, não havia um partido político disposto a arriscar seu futuro com uma plataforma de aberta supremacia branca” (IBIDEM).

FIGURA 13: NEGROS CORTANDO CANA



<http://www.cubalabella.net>

O SISTEMA DE CONTRATOS

A ampla utilização do sistema de contratos pela UFC para a maior parte das tarefas agrícolas, especialmente o corte e o tiro, assim como em alguns departamentos industriais, contribuía para diluir a imagem do patrão. O contratista atuava como um intermediário entre a Companhia e o trabalhador. A empresa somente se limitava a destinar ao contratista a tarefa a ser realizada, efetuando pagamentos globais pelo cumprimento da mesma, sendo em definitiva o contratista

quem se ocupava de manejar a força de trabalho, e de realizar os pagamentos individuais. Era relativamente freqüente que o contratista efetuasse o recrutamento do pessoal por sua própria conta. Desta forma este resultava um verdadeiro para-choque entre o trabalhador e a empresa e contribuía para individualizar qualquer possível conflito.

A linha de ação seguida pela UFC frente a seus trabalhadores perseguia dois objetivos fundamentais: primeiro, mantê-los o mais isolado possível, evitando todo contato estável com elementos externos, e segundo, aprofundar a divisão da massa trabalhadora. O fim perseguido era cumprido com maior facilidade no caso dos imigrantes destinados a tarefas agrícolas e, particularmente, com os trabalhadores antilhanos. Estes trabalhadores eram albergados pelas Companhias em barracões situados em distintos pontos da plantação de cana, com os quais, na maioria dos casos, o único meio de comunicação existente era a via férrea controlada pela empresa.

Como a maior parte dos trabalhadores habitavam em casas construídas pela Companhia, esta pôde levar à esfera das casas as diferenças de categoria existentes no processo produtivo. Em todos os *bateyes* construídos pela UFC, estavam cuidadosamente delimitados os bairros correspondentes a cada categoria de trabalhador, o qual também se refletia ostensivamente nas características das casas construídas em cada um deles. O batey do Preston dispunha de três bairros: Brooklyn, destinado aos trabalhadores do engenho e composto majoritariamente de grandes barracões adaptados para habitações individuais; Nova York, onde tinham suas casas os empregados e alguns trabalhadores muito qualificados e o bairro dos funcionários norte-americanos da Companhia que não possuía um nome específico, onde inclusive podiam apreciar as diferenças – pelo tamanho e amplitude das casas – entre os distintos níveis de funcionários. Em Banes as mesmas condições eram reproduzidas, com o agravante de que todos os bairros da área da Companhia estavam cuidadosamente separados do povoado por um rio, propriamente dito, pelo qual as duas zonas ficavam conectadas unicamente por uma ponte cujo tráfico era controlado pela Companhia. Ao classificar desta forma diferentes condições de vida, a United Fruit Company favorecia as divisões dos trabalhadores, porém delimitava também a possível ascensão de cargos e estimulava pequenas ambições para melhorar de habitação ou inclusive mudar de um bairro para outro.

Para impor suas decisões a UFC e outras companhias norte-americanas dispunham de seu pequeno exército de *Guarda Jurados*. Além da utilização de uma força repressiva particular a Companhia também utilizava da falta de uma legislação que protegesse o trabalhador para despedi-lo sem qualquer restrição, caso algum deles fizesse algo que estivesse contra os interesses da empresa, ou pudesse prejudicar seu bom funcionamento.

O Estado também concedia às empresas, especialmente a UFC, outros mecanismos para assegurar a ordem e submeter os trabalhadores à suas normativas, por exemplo, a *Guarda Rural* também atuava como um órgão de repressão junto aos trabalhadores. Haitianos e Jamaicanos como pudemos ver anteriormente eram as grandes vítimas de atuação deste órgão.

A AÇÃO DOS CONTRATISTAS, ENCARREGADOS DE RECRUTAR TRABALHADORES DENTRO DO CARIBE

As companhias possuíam no seu quadro de empregados homens que exerciam o ofício de buscar e contratar trabalhadores, que recebiam o valor de \$100,00 mensais. Para esse exercício era necessário ter uma certificação do governo cubano. Haitianos também se dedicavam a contratar trabalhadores em seu país, o efetivo pago aos contratistas haitianos era o mesmo pago aos cubanos.

Cuban Canadian Sugar Company S.A.
Ingenio de Cauto
Oriente, Cuba
Nov. 25 de 1927

Sr. Gobernador de la Provincia de Oriente

Muy estimado Sr.:

Conste por la presente que el Sr. Odelon Plácido, de 32 años de edad, natural de Haiti, soltero, dedicado a los trabajos de campo, está empleado por esta compañía em buscar cortadores de caña.

El Sr. Plácido se presenta para conseguir el certificado correspondiente, y con gracias anticipadas por su ayuda al efecto, quedo.

De Vd. Muy atentamente,

Sub-Administrador.(Fonte: ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG 309, SIG.10)

Um recurso usado, pelos contratistas para destituir os trabalhadores negros do Caribe de sua identidade original era o emprego de nomes cubanos assim que esses trabalhadores chegavam às empresas.

A desapropriação do nome original também foi uma estratégia utilizada pelos escravistas no passado para destituir o escravo de sua identidade original e submetê-lo à sua nova realidade, despersonalizando-o, destituindo-o de seus valores originários.

Embora essa prática fosse feita pelos contratistas, na memória dos outros trabalhadores a idéia que se tinha era de que os próprios haitianos se auto-nominavam, como podemos ver neste depoimento,

R: Yo recuerdo a uno que se llamaba Domplín - ellos se ponían nombres al llegar aquí a Cuba, había quien se ponía - un ejemplo un colono, yo conocí a un colono que se llamaba Eladio Taño y llegaron unos haitianos de allá afuera y hubo uno que se puso Eladio Taño, se quitó el nombre y dondequiera que iba era Eladio Taño. A ellos les gustaban los nombres de los cubanos pero de los cubanos que eran gentes de posibilidades, si, de los patronos vinculados al negocio (RAFAEL CEDEÑO VERDECIA. ENTREVISTA CONCEDIDA A OLGA CABRERA. GRANMA, 16 DE MAIO DE 1992).

Alguns contratistas por serem haitianos, como podemos verificar no documento abaixo, exploravam seus concidadãos, alguns se aproveitavam do fato dos trabalhadores desconhecerem as regras dos contratos formulados pelas empresas e cobravam uma porcentagem sobre os salários dos trabalhadores haitianos pelo simples fato de conseguir-lhes emprego.

TERCERA ORDEN PUBLICO
FERNANDO CUESTA Y MORA, SECRETARIO DE LA ADMINISTRACIÓN PROVINCIAL
DE ORIENTE

Certifico: que según escrito dirigido al señor Gobernador por el señor Sub-Administrador del ingenio Rio Cauto, Cuban Canadian Sugar Company S.A. el señor Odelon Plácido, natural de Haiti, mayor de edad, es empleado de la referida finca y se encuentra autorizado para la contratación y conducción de braceros para las labores de la zafra entrante para el mencionado ingenio.

Y a fin de que por los Agentes de la Autoridad de la Provincia, se le ofrezca la garantia necesaria, de orden del Sr. Gobernador, expido, sello y firmo la presente, en Santiago de Cuba, a los veintinueve dias del mes de noviembre del mil novecientos veintisiete (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG. 310, SIG. 3).

Em resposta a este pedido é expedida uma ordem pública que autoriza ao contratista exercer seu ofício, este era responsável pelos gastos com o transporte e a alimentação dos trabalhadores. Também era de sua responsabilidade transportar de volta os trabalhadores aos seus países quando a safra terminava; os gastos com o transporte eram subsidiados pelas companhias açucareiras, mas nem sempre esse acordo era cumprido e ao final das safras vários imigrantes haitianos e jamaicanos eram abandonados pelas empresas, tendo que permanecer em Cuba por não ter como retornar ao seu país de origem. Parte desse contingente se dirigia para as lavouras de café, e demais atividades agrícolas, outros que não conseguiam emprego perambulavam pelos campos e pelas ruas.

As autoridades provinciais recorriam às empresas que contratavam os trabalhadores antilhanos para que essas providenciassem uma solução para a situação dos antilhanos, mas as empresas tão pouco se empenhavam para solucionar o problema, pois os imigrantes que permaneciam na região serviam para o trabalho nas safras seguintes, tornando-se assim uma mão-de-obra de reserva para as companhias, que economizavam com o fato de não transportá-los de volta aos seus países e assim ter que novamente contratá-los na safra seguinte.

Segundo os documentos do *Gobierno Provincial*, esses casos não eram isolados, ou seja, acontecia sempre por ocasião do fim da safra. A posição das empresas açucareiras em não cumprir com o contrato deixava claro que era obrigação das empresas transportarem de volta os imigrantes antilhanos contratados, nos leva a duas conclusões, a primeira de que para as empresas era mais lucrativo manter parte desses imigrantes, mesmo que de forma “não intencional”, em Cuba, pois assim teria um exército de reserva para as safras seguintes diminuindo desta forma os gastos com todo o processo na contratação desses trabalhadores e segundo, destinaria para o próprio governo cubano o gasto com o transporte da repatriação dos mesmos. O fato é que os documentos demonstram que o *Gobierno Provincial* era quem tinha que intermediar entre contratistas e empresas açucareiras o meio viável para resolver a situação dos haitianos e jamaicanos que mendigavam pelas ruas da capital, Santiago de Cuba.

Era habitual ler na imprensa os assaltos às lojas de animais, etc., dos quais eram acusados somente os haitianos. O temor de maior complicação na ordem social motivou para que empreendessem com todo rigor a repressão por

parte do exército e da Guarda Rural. Em realidade, para muitos haitianos e jamaicanos e camponeses cubanos empobrecidos, aquela era uma reação lógica das massas famintas às escassas vias existentes para poder subsistir na encruzilhada em que estavam presos. O espanhol recebia uma ajuda decisiva de seus compatriotas e em particular do Consulado Espanhol de Havana. De igual modo, atuavam em seu favor poderosos interesses econômicos espanhóis que controlavam o comércio *mayorista* e *minorista*; de maneira similar. O *Diário de la Marina*, órgão da imprensa à serviço da burguesia, e os setores mais conservadores da igreja Católica, realizaram uma notória campanha publicitária em favor dos desocupados espanhóis; a mesma conseguiu em poucas semanas a cifra de 50.000 pesos; asseguravam com isso a repatriação de milhares de trabalhadores espanhóis (PRIMELES, 1955, p. 404). Para o resto da massa trabalhadora a situação era diferente.

A crise no preço do açúcar nos anos vinte se interpõe na relação dos imigrantes antilhanos com as empresas açucareiras que por essa razão se vêem descompromissadas com a repatriação; um fato ocorrido no mês de outubro de 1920 no Central Preston de propriedade da UFC, serve como exemplo do tratamento inumano e da violência com que eram tratados haitianos e outros imigrantes das Antilhas Menores, onde cerca de 2.000 imigrantes haitianos reivindicaram da empresa – baseados conforme o estabelecido nas leis cubanas de imigração – que fossem repatriados para o Haiti, a gerência do central através de sua guarda particular reagiu violentamente ao protesto e vários desses imigrantes foram mortos (PRIMELLES, 1955, p. 241).

CAPÍTULO V

EL COCODRILO Y EL PERRO

*Bebiendo un perro en el Nilo
Al mismo tiempo corría.
— Bebe quieto, le decía
Un taimado cocodrilo.
— Dañoso es beber y andar,
Pero es peor aguardar
A que me claves el diente.
— Oh, que docto perro viejo,
Yo venero tu sentir,
En eso de no seguir
Del enemigo el consejo.*

(Fábula en versos que combina el antecedente hispánico y el africano)

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-CULTURAIS DOS IMIGRANTES ANTILHANOS E ESPANHÓIS

Na sociedade cubana dos primeiros anos da República era possível ver um sistema de “filas étnicas” (*ethnic queving system*), em que cada onda sucessiva de migrantes estabelecia seu próprio território e sua forma particular de mobilidade social e econômica, questões que são evidentes nos estereótipos e considerações dominantes sobre cada grupo étnico: os galegos comerciantes, os *isleños* no campo com suas carretas, os haitianos como cortadores de cana e os jamaicanos como técnicos açucareiros. O haitiano tinha grande habilidade com as ferramentas de trabalho, em particular com o machado, trabalhando de noite quando o cubano evitava fazê-lo (JAMES, 1992).

Em Cuba entre os canários primava um tipo de família “aberta” a parentes e co-cidadãos e “fechada” a outros grupos étnicos, fundamentalmente afrocubanos e antilhanos. Enquanto que entre os haitianos prevaleciam os matrimônios ou uniões consensuais preferivelmente com cubanas. Isto era reforçado pelo fato de que a imigração haitiana esteve centrada fundamentalmente sobre os homens e não sobre as mulheres. A partir da segunda geração eles facilitaram as uniões entre seus descendentes, os *pichones*, com os cubanos.

Por outra parte, o grupo étnico haitiano ostentava uma maior eficácia produtiva, logrando ao máximo um uso econômico de espaços limitados segundo relato de outros trabalhadores. O haitiano era capaz de trabalhar em buracos abertos dentro da rocha viva, e o cubano a arar a terra em territórios amplos, recém descobertos de vegetação.

Os *jamaquinos* com um nível educacional superior aos haitianos, encontraram espaços importantes dentro das plantações de cana, essencialmente na atividade fabril e como professores nos *bateyes* dos engenhos e zonas urbanas. Os imigrantes jamaicanos que não foram repatriados por encontrar-se trabalhando e que contavam com o apoio das administrações dos engenhos, assim como, com o respaldo do consulado inglês puderam sufragar a viagem dos familiares, desenvolvendo sua mobilidade de reprodução cultural através de instituições sociais como a família, a igreja e suas associações.

Os canários eram um grupo com uma auto-identidade consolidada tendo em conta o caráter constante de sua emigração à Cuba e o alto índice de migração familiar e, de outro, era o grupo de maior adaptação ao solo cubano. O canário foi um lavrador, dedicava-se à agricultura e por levar uma vida fora da cidade lhe designaram também com o nome de *guajiro*. Segundo Pichardo,

Guajiro es sinonimo de campesino, persona dedicada al campo con absoluta residencia en él. Hasta en las poblaciones se distingue desde lejos el guajiro, sombrero de Guano o de Yarey, le acompaña el machete terciado con satisfecha indiferencia, cabo atrás, cuando monta en una albarda cómoda sobre su brioso caballo, que vuela por los campos al toque de la espuelas de plata: otras veces con paso más pausado lleva abierto el quitasol... no se quita el sombrero para nada: para él no hay mal tiempo, ni malos caminos, ni necesidades; sóbrio, se contenta con poca comida, con tal no le falta el café ni el tabaco y alguna pelea de gallos el domingo: franco y generoso (PICHARDO, 1976, p. 296).

Ainda que esta é a imagem que nos contam os viajantes do homem do campo cubano do século XIX, também é válida para o Guajiro dos primeiros anos da República, estereótipo que esteve muito ligado ao *isleño*. Tanto é assim que o personagem Liborio de imprensa (*La Política Cómica*) dos anos vinte, criado por De la Torriente, que utiliza a um colono isleño ou capataz da cana do engenho Guerrero, propriedade de seu pai, aparece como a representação do povo cubano,

observando e comentando as relações entre o poder republicano e os Estados Unidos (GALVÁN, 1998, p. 24).

A relação do imigrante antilhano com os dois períodos de atividade e inatividade da produção açucareira, chamado de período de safra e tempo morto (período entre-safra) expõe uma situação incomum para esse trabalhador. Esses períodos demarcam novos critérios de relações entre os antilhanos e as companhias, em que muitos eram abandonados pelas empresas que os contratavam, não podendo retornar ao seu país de origem, como dissemos anteriormente.

O ciclo produtivo da cana segue um cronograma específico começa com a plantação, que pode ser no outono ou na primavera. Evitam-se desta forma os períodos de grandes secas ou abundantes chuvas. A semeadura de primavera é em abril-maio, enquanto que a semeadura de frio é em agosto e meados de novembro. O camponês prevê as condições climáticas mais favoráveis para o cultivo de suas canas através de um método chamado de *cabañuela*⁴⁶. Nas primeiras décadas do século XX, o cultivador regia-se pelo calendário.

A jornada nos cortes dos canaviais requer um trabalho intensivo, se deve cortar as tochas de cana, limpá-la e retirar toda a palha. Regularmente se utiliza um *machete* bem afiado, deixando a cana limpa e empilhada para logo ser colocada nas carretas. Esta última atividade é realizada pelos carreteros.

⁴⁶ Cálculo que, observando as variações atmosféricas entre os 12,18 e 24 primeiros dias de janeiro ou de agosto, forma popular para prognosticar o tempo que irá fazer durante cada um dos meses do mesmo ano durante o seguinte.

FIGURA 14: CARRETERO DE CANA



www.cubalabella.net

O carretero e todo o ambiente dos canaviais são elementos recorrentes dentro do folclore cubano desde as primeiras décadas da república, traduzindo em símbolo da cubania. O número de cortadores variava de acordo com os campos do central e das colônias. O *mayoral* ou administrador de uma colônia tinha a função de contratar os *jornaleros*. Quase sempre dispunham de seus trabalhadores fixos, fundamentalmente camponeses que viviam ao redor da colônia e com algum tipo de relações familiares e de amizade e dos trabalhadores temporários composto pelos imigrantes antilhanos ou pessoas que vinham de outras localidades. Outra figura dos campos de cana era o *listero*, que levava os livros da quantidade de famílias contratadas, controlava o cumprimento do trabalho no campo e entregava aos *macheteros* um ticket diário com a quantidade de arrobas cortadas, que logo estes cobravam ao chegar a quinzena. O salário dos cortadores e dos carreteros era regulado tendo em conta dois fatores, a quantidade de cana cortada ou tirada e o preço médio do açúcar na quinzena.

O cortador de cana durante a safra consumia bananas, abóbora, mandioca; e em vez de tomar café, bebia garapa que obtinha com uma máquina na porta de sua casa. Gradualmente, o povo reduzia sua dieta alimentícia (VV.AA., 1935, p. 82).

FIGURA 15: CORTE DA CANA



www.cubalabella.net



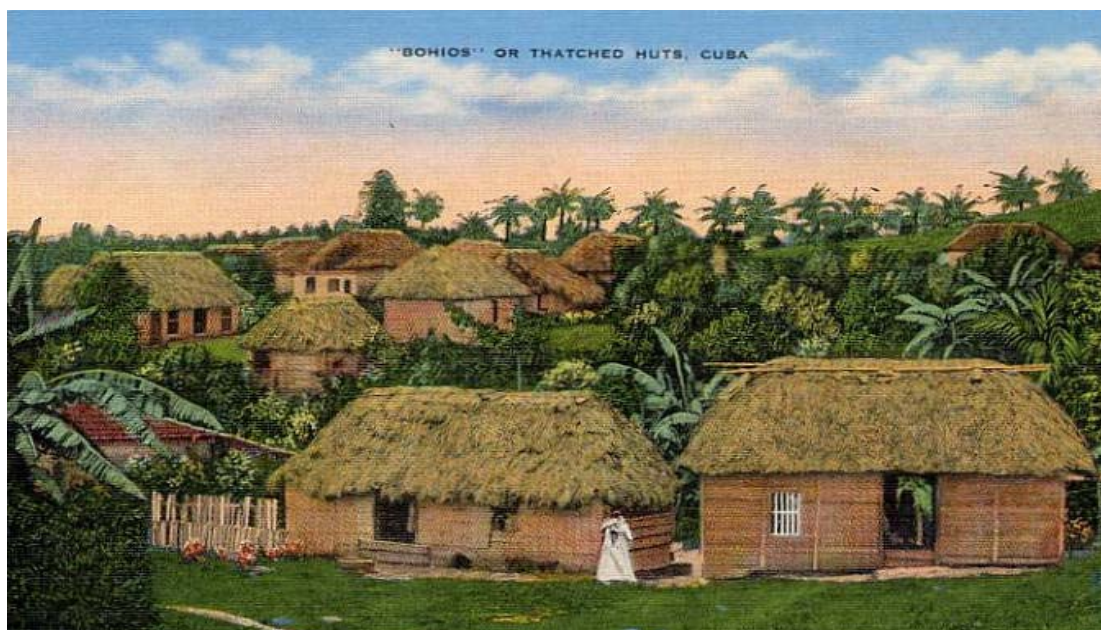
www.cubalabella.net



www.cubalabella.net

Na época de crise, as grandes companhias açucareiras começaram a dar permissão aos “temporários” para que tivesse algum *conuco* que era uma pequena área de terra com um *bohío*, habitado com sua família pelo guajiro cultivador do terreno. Os temporários haitianos fabricavam um *varaentierra* nos caminhos de terra entre os espaços cultivados pelos guajiros, formavam pequenos ranchos onde mantinham seus cestos tecidos de cana amarga de forma cilíndrica e guardavam todos os seus pertences para trabalhar com a terra. Ao redor plantavam milho, feijão e outros cultivos, tudo ligado e diferente às técnicas de cultivo do camponês corrente. Daí as piadas, “tu siembra como el haitiano”, que significava um “ajiacó de cultivo”, ao que se dizia também “um arroz com manga”.

FIGURA 16: O BOHÍO



www.guije.com.cu

AS ASSOCIAÇÕES, COSTUMES E PRÁTICAS DOS IMIGRANTES ANTILHANOS

Dos imigrantes jamaicanos ou jamaíquinos que chegavam a Cuba, só 23% eram casados, 85% sabiam ler, a proporção entre homens e mulheres era de 600 homens por 100 mulheres. Entre os haitianos a proporção era 12,7% de analfabetos, 9,3% eram casados e o índice de masculinidade de 2.500 homens por 100 mulheres.

O total do grupo de trabalhadores antilhanos era composto por homens na faixa etária de 14 a 45 anos (CHAILLOUX, 2002, p. 55).

A espiritualidade dos antilhanos *jamaíquinos* esteve fortemente enraizada em suas práticas religiosas e fraternais, as celebrações se concentravam, em suas igrejas e lojas. Das lojas saíam seus membros em procissão, portando suas insígnias e seus estandartes até a igreja, onde se reuniam todos os membros para a cerimônia. No caso dos funerais, a máxima aspiração de um imigrante, era receber as honras correspondentes na loja e na igreja, acompanhado dos sons dos sinos.

Os imigrantes antilhanos introduzem outros elementos culturais em Cuba: o vodu, prática religiosa dos haitianos, o *congrí*, o *Bande rará*, o jogo de cricket. Todos esses elementos são condutores de relações, onde o mesmo e diverso se chocam e se encontram a todo o momento.

O “Mesmo”, segundo explica Glissant em *Le discours antillais* é um conceito que se relaciona com o de identidade, “quando a identidade está fechada sobre si mesma, formando um discurso homogêneo que se torna hegemônico por se considerar o único possuidor da verdade, negando assim a diferença” (GLISSANT, 1981, p.190-201). O conceito de Mesmo está ligado ao que Glissant chama de identidade-raiz, que por onde passa destrói aos demais. Quanto ao Diverso, este se opõe ao Mesmo; está associado ao conceito de identidade-rizoma, “é uma raiz múltipla que se propaga sem prejudicar as outras plantas” (GLISSANT, p. 190-201).

Podemos equiparar estes dois conceitos com o que se processa em Cuba entre o que ocorre com a cultura nacional, de onde são retirados os valores hegemônicos aos quais toda cultura exterior teria que se enquadrar, nessa relação os elementos que favorecem a manutenção do Mesmo é bem-vindo, por isso em nossa opinião se discutiu sobre a viabilidade e a aprovação de determinadas correntes migratórias e a recusa por outras como a chinesa e a antilhana.

Os imigrantes antilhanos reconstruíram as práticas sociais próprias de suas sociedades de origem. A fundação de igrejas, lojas, associações de ajuda mútua e recreação, escolas, a reprodução de normas de relacionamento, etc. expressaram a vontade dos recém chegados de criar espaços desde os quais pudessem conservar e fazer crescer sua vida material e espiritual. As duas formas mais transcendentais, e intimamente relacionadas, que adquiriu a associatividade dos antilhanos anglofônos nas zonas que povoaram – as antigas províncias de

Camaguey e Oriente – foram a Igreja episcopal anglicana e as lojas; principalmente, as da *Orden Odd Fellows*.

A senhora Sybil Corby, descendente de jamaicanos residente em Las Tunas, em entrevista disse que seus pais e sogros imigraram buscando uma vida melhor “mis padres y suegros inmigraron buscando mejoría de sus condiciones de vida. Mi suegro tuvo la casa independiente por su condición social como pastor. Él y mi suegra eran también jamaicanos, pastor y pianista de la iglesia episcopal, respectivamente. Eran gente muy humanas. Tenían un horno de ladrillos refratários donde hacían dulces – “bonne” para brindar a los amigos y visitas” (SYBIL CORBY. ENTREVISTA CONCEDIDA À EQUIPE DE HISTORIADORES ORAIS DE CUBA. LAS TUNAS, 15 DE MAIO DE 1992).

Estas associações foram espaços para a recreação da espiritualidade de uma comunidade de imigrantes que, por sua condição de pobre, negra e estrangeira, requeria de entidades em que pudessem enfrentar e resistir ao preconceito da rígida estrutura social e étnica cubana.

O crescimento do protestantismo em Cuba desde o início do século XX, muito se deve à presença dos anglo-antilhanos no país. A igreja episcopal, particularmente, havia desempenhado nas ilhas anglofónas um importante papel na vida espiritual e cultural da população. Ela foi a responsável pelo alto índice de escolarização dos imigrantes que chegaram em Cuba. Por isso, nas antigas províncias de Camaguey e Oriente, eles seguem sendo maioria e os ritos se desenvolvem em inglês e espanhol: “en la iglesia episcopal sólo frecuentaban los jamaicanos, sin embargo no era prohibidos a otros. El culto era en inglés, ahora se hace en español porque los jóvenes decendientes no practican más el idioma de sus padres” (SYBIL CORBY. ENTREVISTA CONCEDIDA À EQUIPE DE HISTORIADORES ORAIS DE CUBA. LAS TUNAS, 15 DE MAIO DE 1992).

Paralelo em importância, à Igreja episcopal estão as lojas massônicas entre as entidades fundamentais para a associatividade dos antilhanos anglofónos. A primeira loja fundada pela imigração antilhana em Guantánamo foi a Catalina Lodge Número 6.651, da Orden de Odd Fellows, quisá a mais antiga das lojas oddféricas no país. Nela agruparam imigrantes procedentes de Jamaica, Barbados, Saint Kitts e Nevis. A loja Catalina também é conhecida como loja mãe. Dela

derivaram outras com sede nas diferentes localidades onde se assentaram anglo-antilhanos.

Os haitianos por sua vez, contribuíram culturalmente com a introdução de seus costumes culinários, com as festas religiosas, com os jogos (briga de galos) e com móveis. Dentre todos os grupos do Caribe, os haitianos mantiveram uma maior coesão social, se reuniam em diversas datas comemorativas nos assentamentos rurais recebiam companheiros de outros centrais ou colônias, com muita música, comida e rum, principalmente no natal e na semana santa, em função de suas crenças e rituais (GUANCHE; MORENO, 1988, p.99). Os haitianos também criaram sua própria associação, para preservar seus costumes e sua relação com o Haiti; essa associação teve um caráter integrador de sua comunidade, com intuito educativo e patriótico.

A SOCIEDAD GEORGE SYLVAIN⁴⁷

Após a prerrogativa do governo cubano em empreender a repatriação dos trabalhadores haitianos e jamaicanos, os que ficaram em Cuba buscaram criar uma associação que garantisse a eles a defesa de seus direitos e de sua cultura. Foi o caso dos haitianos que criaram em 1927 a *Sociedad George Sylvain*. No dia 10 de fevereiro de 1927, o Sr. M. Edmond Craig, de nacionalidade haitiana, telegrafista, maior de idade, residente na rua Lacret Alta nº 41 apresentou ao Sr. Antonio M., Presidente Provisional o regulamento da Sociedade de Recreio e de Instrução denominada Sociedade “George Sylvain” à aprovação da Administração Provincial de Oriente pelos efeitos da Lei de Associações (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927-1928, LEG. 2566, SIG. 4).

O Sr. Antonio Massac, Presidente Provisório da sociedade enviou ao Sr. Primitio Lauchez (chefe do Ngdo. de Orden Publico) o regulamento e a relação de associados para sua regularização no dia 10 de março de 1927. A sociedade em data de sua criação 4 de dezembro de 1926 tinha no total 31 associados; a Ata da Assembléia Geral dizia que os membros com o fim de discutir o regulamento adequado para o empreendimento da criação da nova sociedade, declaravam por

⁴⁷ O nome da sociedade é uma homenagem ao poeta franco-haitiano George Sylvain, defensor da língua nacional haitiana e de toda sua cultura.

unanimidade a conformidade dos membros para com o Estatuto, aprovado em dita junta⁴⁸.

Segundo consta no regulamento da sociedade George Sylvain, foi criada pelos haitianos residentes na Província de Oriente, e tratava-se de uma sociedade de recreio e instrução, cuja sede estava localizada na Rua Trocha nº 16 em Santiago de Cuba. A Sociedade tinha por objetivo a união dos haitianos e a instrução de seus filhos nascidos em Cuba (*Pichones*) nos idiomas francês e espanhol. No artigo quarto do regulamento diz que “la sociedad organizará todos los tipos de fiestas lícitas excluindo los bailes con el fin de aumentar los fondos para ayudar toda la obra de interés nacional”.

A administração da sociedade era composta por membros de honra e de membros benfeitores, sendo membros ativos todos os haitianos que assinaram a Ata de Constituição da sociedade no dia 14 de novembro de 1926, que aderiram aos fins formulados em dita ata concordando em colaborar na realização do programa de ação cujos principais pontos foram votados em Santiago de Cuba no dia 4 de dezembro de 1926.

O artigo doze do capítulo três diz que os estrangeiros particularmente os filhos da hospitaleira Cuba poderiam ser escolhidos pelo Comitê como membros de honra e benfeitores. A direção da sociedade era composta de um presidente, um vice-presidente, um secretário-organizador, um tesoureiro, um arquivista e oito conselheiros. O artigo trinta especifica as ações desempenhadas pelos conselheiros, diz que entre suas funções estava a de gestionar sobre as diligências com respeito ao ingresso das crianças no ensino fornecido pela sociedade; artigo trinta e um: atender às petições dos enfermos para seu ingresso no Centro de Saúde da associação.

Entre todos os artigos o quarenta e sete do capítulo quinze é o mais interessante, pois revela o caráter moral adotado pela sociedade, em que o comportamento dos membros deveria estar embasado. Na associação estavam vetadas as discussões sobre política de partido, sobre religião; seus membros não deveriam empregar frases indecorosas nas discussões e não podiam retirar-se da seção nos momentos de discussões das deliberações; não podiam protestar de

⁴⁸ Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Acta de la Asamblea General celebrada en el dia de la fecha.

forma violenta e nem coletiva; sempre que um membro quisesse expressar sua opinião deveria pedir permissão ao presidente; não faltar à ordem no local da associação; não faltar ao respeito por palavra nem por escrito ao presidente, nem à direção; não formar perturbações no bom andamento da sociedade. O artigo quarenta e oito dizia que todo membro que não observasse essas prescrições seria suspenso de seus direitos durante três meses, e se reincidisse seria expulso definitivamente da sociedade pela maioria do voto dos membros presentes.

Fica claro que a sociedade tinha um caráter instrutivo e que a sua criação seguia a prerrogativa de manter viva a cultura nacional haitiana entre os seus cidadãos que permaneciam em Cuba. O regulamento como vemos possuía um rígido caráter doutrinador, que impedia qualquer ato que gerasse confronto entre seus membros e da associação com a sociedade local. A associação tinha como principal objetivo proporcionar para os haitianos, principalmente para os filhos deles nascidos em Cuba, que se estabeleceram na região de Oriente, instrução cultural e educativa com base nas tradições haitianas e ao mesmo tempo promover a integração de sua comunidade na sociedade local, tanto que a sociedade oferecia aos seus associados, aulas de espanhol e permitia que cubanos também participassem de suas atividades.

No capítulo dezessete, artigo cinqüenta e quatro se especifica que no local da associação seria estabelecido um curso de ensino primário e de segundo grau, curso de francês obrigatório, um curso de instrução cívica haitiana, História e Geografia do Haiti e de Cuba. A associação buscava fortalecer entres seus membros os referenciais nacionais do seu país de origem, o Haiti, e ao mesmo tempo incorporar os referenciais nacionais cubanos, numa clara demonstração de interesse em integrar-se ao país que os acolheu.

A ligação dos membros da associação com o Haiti é bastante forte como deixam claro no artigo cinqüenta e cinco em que estabelecem que diariamente os membros da sociedade deveriam ser informados sobre os fatos ocorridos no Haiti. No artigo cinqüenta e nove os membros especificam que em caso de dissolução da sociedade o *activo neto* seria atribuído à uma obra de interesse nacional haitiano e uma lembrança à República de Cuba submetida a eleição do comitê.

Após revisar os documentos da sociedade e declarar que a mesma preenchia os requisitos solicitados pela “Lei de Associações” o Secretário da

Administração Provincial, certificou mediante carta ao presidente da Sociedade Patriótica Haitiana George Sylvain a regularização da sociedade e a efetivação de sua existência perante a sociedade cubana. A legitimação da sociedade, no entanto, não a impediu de sofrer retaliações, conforme especifica a carta emitida pelo vice-presidente da sociedade Enrique M. e seu Secretário Geral Lomothe A. ao Sr. Jose R. Barceló, Governador Provincial do Oriente:

Los que suscriben, respetuosamente a Ud. Exponen: que somos ciudadanos Haitianos, componentes de la Sociedad Georges Sylvain la cual esta autorización por la Ley de Asociaciones y Autoridades competentes, que no queremos parecer ni como revoltosos, ni tampoco indeseables, pues nuestra misión es recabar fondos para defender los derechos de libertad de nuestra Patria abandonada y adolorida.

Así pues, habiendo sido molestados el día 2 de los corrientes en plena Junta por dos Agentes de la Secretaria y habiendo hecho salir a un ciudadano cubano del seno de la Sociedad por cosas no justificadas, pues el Sr. Manuel Milanés es Miembro de Honor y nos ayuda sin defaltar nuestros intereses; es por lo que molestamos la atención de Vuestra Honorabilidad para ponernos bajo los auspicios de su Autoridad, y tenga en cuenta la queja que le elevamos a su más alta consideración.

Pues hacemos lo que Cuba hizo cuando su Apostol Marti cruzaba las tierras predicando y recibiendo el óbolo para libertar à su Patria.

Sabemos que elementos de nuestra nacionalidad, contrários à nuestros ideales tratan de tergiversar y acumular hechos violentos para destruir nuestras más caras aspiraciones (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑOS 1927-1928, LEG. 2566, SIG. 4).

A documentação encontrada sobre a sociedade George Sylvain certifica que esta se manteve ativa até a década de cinqüenta. Encontramos uma carta do Sr. Fernando Cuesta Mora, Secretário Administrador Provincial, dirigida ao Presidente da Sociedade George Sylvain com data de 20 de Setembro de 1952, para informar ao presidente que mediante revisão do expediente da sociedade esta não havia cumprido completamente com o que exigia a Lei de Associações. Segundo o Sr. Fernando, o Governador zelando pelo bem estar das associações havia ditado uma Resolução, concedendo um prazo de vinte dias para que as associações cumprissem com os requisitos da Lei, para tal fim, a sociedade deveria remeter às autoridades os balanços, as diretivas adotadas pela sociedade e o balanço financeiro desde o ano de 1929.

A sociedade teve que prestar conta de suas ações pelos vinte e três anos de existência junto às autoridades cubanas, infelizmente não encontramos mais nenhum documento relacionado a esta sociedade haitiana, mas podemos perceber que o fato de ter existido por duas décadas demonstra que os haitianos lograram

exercer sua representatividade na região oriental de Cuba, buscando proteger seus valores nacionais e culturais, inclusive com a formação de uma sociedade de caráter educativo.

A autorização pelo Governo Provincial para que a sociedade pudesse funcionar também demonstra outro fato, o de que a partir da década de vinte a postura da sociedade cubana em relação ao negro começa a mudar. Se na primeira década a intolerância da elite cubana para com a imigração negra do Caribe era expressa através da imprensa como vimos, na década de vinte a presença dos imigrantes antilhanos já era uma realidade e o fato das autoridades da Província de Santiago de Cuba aprovar o funcionamento da Sociedade George Sylvain indica não só a capacidade de organização dos haitianos, contrariando a imagem de imigrantes descompromissados, mas também, a intenção dos membros que a compunham de integrarem-se, de manter viva a sua identidade haitiana, seus valores.

O discurso empreendido pela imprensa a partir das primeiras contratações dos trabalhadores negros das Antilhas, radical na intolerância quanto à entrada desses trabalhadores em Cuba, se choca com a situação de total abandono que estes experimentavam ao terminar a safra e se verem abandonados pelas empresas que os contratava, tendo que mendigar pelas ruas de Santiago de Cuba e de outras cidades da província oriental como pudemos ver.

A criação da sociedade George Sylvain sobreviveu às tentativas do governo cubano de repatriação dos haitianos, inclusive durante o período em que os trabalhadores caribenhos enfrentaram a Lei de nacionalização do trabalho em 1933 durante o governo de Gerardo Machado.

As associações eram entidades formadas para aglutinar os seus membros em torno de causas próprias, geralmente associadas à cultura e ao bem-estar social. No caso desta associação haitiana é interessante porque revela um lado atuante dos imigrantes haitianos em Cuba, pouco citado pela historiografia que sempre aponta para uma posição de isolacionismo desse grupo, de pouca participação na sociedade, e que geralmente se submetia sem contestação à sua condição de trabalhador mais explorado dentro da hierarquia de trabalho das empresas açucareiras.

A Associação George Sylvain demonstra que os haitianos não só se articulavam, como também buscavam manter sua herança cultural junto de seus

descendentes, e mais, não se tratava de uma associação fechada em si mesma, preocupada somente com a educação e a manutenção da cultura haitiana, tinha uma função integradora de seus membros com a comunidade local com um caráter democrático pouco visto em outras associações. Ao permitir a participação de cubanos em seu conselho buscava unir interesses comuns; despertar nas crianças e adolescentes, filhos de seus participantes, o mesmo respeito pelas duas pátrias: Haiti e Cuba; pois uma representava o solo onde seus pais haviam nascido e a outra onde seus pais buscaram seu sustento.

AS ASSOCIAÇÕES ESPANHOLAS

Um indicador bastante interessante sobre a importância da associação haitiana é conhecer por outro lado a ação das associações espanholas, que numericamente eram as mais expressivas e pela sua importância sócio-cultural e financeira davam “apoio” aos imigrantes espanhóis durante sua permanência em Cuba, atuando também como promotoras da cultura e valores espanhóis.

As associações espanholas que eram significativamente numerosas atuavam diretamente na intermediação de seus membros e co-cidadãos com seu país, isso garantiu aos imigrantes galegos, canários e catalães apoio em várias questões de ordem financeira e trabalhista.

As associações espanholas era uma forma de identificação nacional, regional ou local e ao mesmo tempo uma forma de integração para os grupos recém chegados a Cuba. Constituíam uma forma de institucionalizar a importância dos laços regionais, que muitas vezes se sobrepunham aos de vizinhança e de família, e ao mesmo tempo ofereciam determinadas funções próprias da unidade familiar, tratando de preencher a saudade que sente o imigrante (BLANCO RODRÍGUEZ, 2003, p.15). A vinculação com a região de origem constitui um fator de estímulo para seu triunfo na terra de acolhida, com o que se fomenta sua própria integração. A lembrança da terra de origem explica o esforço de algumas destas associações de atividades destacadas, com realizações como os centros de saúde extremamente representativas. São instituições hierarquizadas e, em alguns casos, se revelam como centros de poder, que organizam a vida social, econômica e cultural do

imigrante, e em algumas ocasiões, como afirma Consuelo Naranjo, sua vida política (1988, p.98-99).

No caso das associações espanholas de Cuba, segundo os historiadores que se dedicam a estudá-las, sua função mais importante foi a de favorecer a integração de seus membros com a sociedade de destino, já que não se exclui ao cubano. Em seu seio têm lugar as relações intraétnicas e interétnicas.

Dentre os vários tipos de associações espanholas existentes em Cuba, durante o período de grande fluxo de sua imigração, se destacam: as sociedades de beneficência, de instrução e recreio. Os clubes, cassinos, Círculos e Centros espanhóis existentes em Cuba desde a segunda metade do século XIX, combinam atividades sociais e culturais da elite peninsular com propósitos explicitamente políticos.

A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO GARVEISTA NA REGIÃO ORIENTAL

Em Cuba existiram outras associações formadas por negros que tiveram um papel importante na influência da cultura afro e na divulgação de idéias anti-racistas no país. Um exemplo é a divulgação das idéias de Marcus Garvey e de seu movimento o Universal Negro Improvement Association (Associação de Melhoria para Negros Unidos), cuja influência em Cuba se deu através dos imigrantes de fala inglesa a partir da década de 1920.

A influência do pensamento de Marcus Garvey através do movimento Universal Negro Improvement Association nos Estados Unidos e no Caribe, era uma preocupação das companhias norte-americanas uma vez que a UFC já havia tido contato com a ação do pensamento garveysta na comunidade de trabalhadores anglófonos também denominados de West Indians que trabalhavam para a companhia na região de Limón, na Costa Rica, visitada por Garvey em 1910⁴⁹.

⁴⁹ Para saber mais sobre a influência do pensamento de Marcus Garvey na América Central e Caribe ler: HARPELLE, Ronald N. Radicalism and Accommodation: Garveyism in a United Fruit Company Enclave. In: *Jilas – Journal of Iberian and Latin American Studies*. La Trobe University, v. 6, nº 1, July 2000; MACLEOD, Marc C. Garveyism in Cuba: 1920-1940. In: *Journal of Caribbean History*, v. 30, 1999; STEIN, Judith. *The World of Marcus Garvey: Race and Class in Modern Society*, Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1991; BOURGOIS, Philippe. *Ethnicity at Work: Divided Labor on a Central American Banana Plantation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989.

Cuba foi o segundo país onde o pensamento do líder negro fincou suas mais profundas raízes, principalmente depois de sua visita em 1921. Acreditamos que a influência de seu pensamento na América Central, especialmente entre os imigrantes de língua inglesa como aconteceu no Panamá tenha alertado as empresas norte-americanas instaladas em Cuba para esse fato levando-as através da heterogeneidade de seus trabalhadores impedirem que o pensamento de Garvey ganhasse força entre seus empregados.

Um exemplo do envolvimento dos afro-cubanos na UNIA, é o caso de Maria de los Reyes Castillo Bueno, apelidada de *Reyita*, que narra através de suas memórias, compiladas por sua filha Daisy Rubiera Castillo, sua participação nas atividades da UNIA quando era jovem nas províncias de Oriente e sua interação com os jamaicanos, com quem compartia o interesse divulgado pelo movimento de retornar à África e assim escapar da discriminação racial imperante em Cuba (RUBIERA CASTILLO, 1997, p.22-27 APUD GURIDY, 2003, p. 117).

A ação da UNIA em Cuba também é descrita em momentos de tensão como no período de repatriação dos imigrantes em que estes ficavam a mercê das autoridades sem verem sua situação solucionada como demonstra a carta abaixo,

British Consulate
Santiago de Cuba
18 de Septiembre, 1921

Señor

Tengo el honor de poner en su conocimiento que, según informes recibidas en este Consulado, de algunos de los nombres de mayor confianza entre los 700 braceros quienes hace como dos meses están esperando aquí el buque que les ha de repatriar, estos pretenden en su gran mayoría organizar en la mañana de lunes día 19 del corriente mes, una demostración de protesta ante este Consulado, el edificio de Santiago, cuya demostración tendrá lugar se cree, entre las horas de 8 y 10 A.M.

No daría gran importancia a esa acta por sí, pero es el caso que mis informantes además aseguran que, aunque la masa de los hombres son pacíficos, hay un grupito que, incitados por los directores de la llamada *Universal Negro Improvement Association* que existe en esta Ciudad, tienen la malsana intención de tratar de alterar la orden y, cumpliendo con un deber de ayudar las Altas Autoridades en este asunto, apuro me avisar á Ud. para los fines que estime convenientes.

Aprovecho esta oportunidad para expresar mi gratitud por su cortés atención a mi solicitud del día nueve del corriente mes, al efecto que un vigilante estuviese puesto en la puerta del Consulado y, durante los tres días que fue prestado este servicio reino una orden admirable, no así al retirarse el vigilante por motivos desconocidos, pues en varias ocasiones he tenido que apelar a la policía del puesto más cercano para poder inducir los braceros a retirarse.

Me permito insinuar a Ud. que probablemente creará conveniente ordenar el servicio de algún policía al pronto alcance del Consulado durante la mañana del día 19, para evitar con su simple presencia que los agitadores provoquen algún desorden.

Con la expresión de mi mayor respecto y consideración quedo de Ud.

Muy atentamente,

Señor Alcalde Municipal

Consul de S.M.B

Santiago de Cuba (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1921, LEG. 311, SIG. 20)

O documento é uma prova de que a ação da UNIA não era algo ocasional, mas um indicativo de que esse movimento se expandia entre os negros, projetava-se nos momentos cruciais da história do negro antilhano em Cuba. O autor Jorge Giovannetti (2001, p. 114) diz que a UNIA teve uma ação atuante em Cuba junto às indústrias de açúcar denunciando os abusos de seus administradores contra os trabalhadores negros antilhanos: jamaicanos, jamaquinos, haitianos.

Os estudos sobre esse movimento em Cuba – o interesse pelo tema é recente, tornando-se um aspecto da história do negro cubano e do Caribe ainda para ser aprofundado – lançam luzes sobre a relação entre os negros antilhanos e o negro cubano. Neste trabalho não foi nossa intenção aprofundar sobre a influência da UNIA em Cuba, mas apontar para uma conexão que existiu entre os negros do Caribe e os negros cubanos e que sem sombra de dúvida contribuiu para a formação de uma consciência negra no país.

Os livros da *Logia Catalina*, localizada em Guantánamo, oferecem informações sobre a atuação da UNIA nesta província. A UNIA utilizou ao longo de sua existência, quizá até 1932, o local da loja Catalina para a realização de suas atividades e ouve uma forte representatividade dos membros das lojas na consolidação do movimento.

Os documentos emitidos pela embaixada britânica em Cuba nos anos de 1930, dão conta da influência do garveismo entre os anglo-antilhanos que participaram nas greves espontâneas e tomada de centrais açucareiros, juntamente com os cubanos e haitianos. Igualmente, existem estudos sobre a magnitude dessas greves e ocupações de propriedades das grandes empresas radicadas em Cuba, como protesto pela extrema depauperação dos níveis de vida dos trabalhadores e o incremento do desemprego, que resultou da repercussão em Cuba da grande depressão da década de 1930.

A ninguém lhe ocorre negar que as Antilhas são o crisol no qual se encontraram as mais diversas etnias da humanidade, fenômeno que levou a não

poucos prestigiosos intelectuais a considerar a existência de uma identidade caribenha. Dentre todas as ilhas que conformam o arquipélago antilhano, Cuba, em especial e sua região oriental, constitui uma das que com maior intensidade expressa a profundidade do processo de interfecundação que o singulariza. As igrejas e lojas fundadas pelos imigrantes anglo-antilhanos e seus descendentes na maior das Antilhas, guardam um extraordinário leque das contribuições que fizeram e fazem o componente antilhano à identidade nacional cubana.

A visita de Marcus Garvey a Cuba no ano de 1921 em que se reuniu com partidários de suas idéias e de seu movimento pela conscientização do negro marca um capítulo da história da influência de seu pensamento em Cuba, introduzido pelos jamaicanos e que não tem sido estudado atentamente. Muitos dos seus partidários eram imigrantes do Caribe que estavam tentando melhorar sua condição de trabalho e moradia em Cuba (GODFRIED, 2000, p.9).

O que fica claro quando se fala da influência deste pensamento especialmente nos imigrantes antilhanos que migravam para Cuba é que sua organização em torno de uma conscientização do papel do negro em uma sociedade em que o poder político e econômico estava sob controle dos brancos, gera uma gradual conscientização. Por isso a região oriental é tão importante no processo de integração do negro na sociedade cubana, seja o negro nacional ou o imigrante.

A IMPRENSA DO ORIENTE E O IMIGRANTE ANTILHANO

O confronto entre o que seria a diferença cultural entre a cultura popular nacional negra e a cultura popular estrangeira negra pode ser analisado em algumas notícias dos jornais de Santiago de Cuba e Havana que expõem de forma clara como os representantes da sociedade cubana viam a cultura dos imigrantes antilhanos, principalmente dos haitianos.

Uma notícia no jornal *El Conservador de Oriente*, do dia 16 de maio de 1910, ou seja, intitulada *La brujería en Guantánamo*, em tom de denúncia, relatava as práticas religiosas de um grupo de haitianos. A notícia dizia o seguinte:

La policia tuvo anoche confidencias de que en una de las casas del barrio de la "Loma del Chivo" donde reside la población haitiana, se dedicaban éstos a la práctica de la brujería.

Constituída en el mencionado sitio, oyeron dentro de la casa cerrada una tumba pandereta y un acordeón más los imcomprensibles cantos de los allí reunidos.

Al franquear la puerta se dieron a la fuga unos cincuenta haitianos de los que pudieron capturar diez entre ellos uno que se encontraba amarrado y que sin duda sería el oficiante.

Ocuparon además del acordeón y la tumba, varias aves mojadas, una palangana con agua de hojas, un candil, aceite y otros materiales necesarios para este absurdo.

Los haitianos opusieron resistencia (*El Conservador de Oriente*, 16 de mayo de 1916)

No dia 27 de julho de 1910, o jornal publica outro artigo: *Salvajismo haitiano: una mujer que se come 4 niños*. O artigo criticava a religiosidade praticada por esses imigrantes⁵⁰. A forma como a imprensa expõe o fato narrado, fomentava o medo para com essa prática religiosa,

Traducimos de *New York Herald* el siguiente telegrama monstruoso:

Puerto Plata, 16.- Se ha explicado la desaparición de vários niños dominicanos, cuyas familias vivian en la frontera de Haiti, por la horrible confesión de una mujer haitiana, que ha declarado haberlos asesinado comiéndose cuatro de ellos.

Ese culto africano, de caníbales prevalece en Haiti, donde el cristianismo ha fracasado en sus esfuerzos por combatir a los sectários del "voudou" que son antropófagos.

La prensa dominicana exige que se tomen severas medidas para impedir la inmigración de haitianos por la frontera, protegiendo así a la civilización de la República que ocupa la parte Oriental de la isla y que está en un grado superior de civilización (*El Conservador de Oriente*, 27 de julio de 1910).

A idéia de civilizado e incivilizado está presente na reportagem e revela para a população que o diferente significa perigo. A notícia descreve um fato ocorrido na República Dominicana, mas que é relatado pela imprensa cubana quando se começava a discutir a necessidade de contratar mais mão-de-obra para a indústria açucareira no país, quando a idéia de ingressar em Cuba trabalhadores antilhanos é cogitada pelas empresas norte-americanas.

Como vemos nas duas notícias os fatos relatados expressam claramente o horror pela religiosidade haitiana. A prática era denunciada pela imprensa, que

⁵⁰ Price Mars em *Así habló el tío*, publicada em 1928 dizia que o "vodu es una religión porque el culto dedicado a sus dioses exige un cuerpo sacerdotal jerarquizado, una sociedad de fieles, templos, altares, ceremonias y, enfin toda una tradición oral que es cierto que no há llegado hasta nosotros sin alteración, pero gracias a la cual se transmiten las partes esenciales de dicho culto.

El vodu es una religión porque, a través del cúmulo de leyendas y la corrupción de las fábulas, se puede entresacar una teología, un sistema de representación gracias al cual, primitivamente, nuestros ancestros africanos se explicaban los fenómenos naturales y que yacen de modo latente en la base de las creencias anárquicas sobre las cuales reposa el catolicismo híbrido de nuestras masas populares (1968, p. 37-38)". O desconhecimento desta prática religiosa pela população cubana contribui para que a imprensa a utilizasse contra os haitianos.

com a divulgação das notícias pretendia influenciar a opinião pública contra a presença desses imigrantes na região oriental.

Com relação aos imigrantes antilhanos a visão que se tem é que os jamaicanos eram educados, falavam um idioma que dentro dos centrais era sinônimo de status: o inglês; possuía hábitos finos como jogar críquet, tomar chá das cinco, etc., hábitos ingleses que na verdade dentro da ordem estipulada dentro dos centrais, hierarquicamente pensada, em que também estava submetida a organização dos espaços, os jamaicanos estavam em melhores condições que os haitianos, como explica o Sr. Rafael Cedeño Verdecia no seu depoimento.

O: Entonces existían diferencias entre el haitiano y el jamaicano, no?

R: Sí, existían diferencias, el jamaicano tenía más refinado su idioma y eran gentes de más capacidad, los jamaicanos que vinieron aquí eran pocos pero no eran gentes brutas, todos eran gentes de capacidad, gentes que tenían inteligencia, tenían preparación cultural y sabían y el idioma del jamaicano era más fino también.

A opinião sobre os haitianos está associada à sua prática religiosa: o vodú; totalmente incompreendida pela sociedade cubana, o vodun não é uma religião institucionalizada, mas popular “formalmente organizada como la católica es regida desde un lugar específico por una jerarquía que decide y disemina los dogmas, procedimientos rituales, liturgia y política en general. En contraste, una religión popular responde totalmente a las necesidades de las personas de las comunidades donde ocurre y ellas son la única fuente de su sustento. Por tanto, la religión popular de cualquier país demuestra muchísima variedad” (MILLET APUD MARTHA ELLEN DAVIS, 1987, p. 60).

A prática do vodun foi um fator de discriminação por parte da sociedade cubana não só porque o depoimento oral é de um operário cubano, e aqui nos referimos ao estrato branco e elitista desta sociedade; a opinião emitida pela imprensa sobre os haitianos está relacionada à imagem de um grupo que pratica uma religião estranha, ritos em que crianças são sacrificadas, etc., para entender o comportamento do haitiano é necessário entender também a sua prática religiosa. Dentro dos centrais os cubanos que participavam das festas e de seus ritos, na verdade o faziam por se tratar de uma festa com muita comida e dança, mas não entendia a lógica do pensamento religioso na prática cotidiana desses

trabalhadores, o que os fazia pensar que o haitiano era pacato e totalmente adaptado à sua realidade.

No entanto, para alguns cubanos a prática religiosa dos haitianos, sua forma de celebrar a vida e a morte chamavam a atenção, como relata o Sr. Rafael Cedeño neste depoimento,

O:Y tú nunca oíste decir que a los haitianos les tenían miedo?

R: Bueno, ellos tenían fama de que les gustaba la brujería y eso, había algunos que se dedicaban a la brujería, pero eso era la minoría lo que si ellos eran buenos, les gustaba vincularse mucho con el cubano...

O:Y participaban en las fiestas?

R: Si como no, a ellos les gustaban los bembés que ellos daban, yo iba a la Sierra Maestra a recoger café y allá en la Sierra los que vivían allí cuando llegaban los días de fiesta de San Lázaro ellos daban los bembés esos donde mataban chivos, los ovejos y entonces cuando los niños nacían ellos decían que en su país los gritaban y cuando se morían daban fiestas porque se decía que iban para la gloria que no iban a pasar más trabajo. Y yo decía, miren qué cosa más extraña ésta (ENTREVISTA A RAFAEL CEDEÑO VERDECIA, PROVINCIA DE GRANMA, AÑO 1995).

Os costumes haitianos, inclusive seus ritos, chamavam a atenção por contrastar com a visão de mundo do cubano. O entrevistado Sr. Rafael Cedeño, não esconde sua surpresa diante da perspectiva de que a morte para o haitiano representa a liberdade e a vida uma prisão. O comportamento do haitiano chamava a atenção dos que com eles trabalhavam; cordiais e hospitaleiros gostavam de construir suas pequenas casas nos campos, onde criavam pequenos animais. No campo se sentia mais integrado à natureza, da qual constituía a sua simbologia religiosa.

Em Cuba, a construção do discurso dominante sobre imigração é ambivalente e se explicita em termos étnico-raciais. “El isleño aparece como modelo de inmigrante trabajador, serio, que viene a sanear el vecindario de los campos de Cuba” (SIERRA TORRES, 2001, p.140). A mesma imprensa que como vimos se utiliza de argumentos discriminatórios para com o imigrante antilhano, destaca a importância da imigração canária como elemento importante para a manutenção do espírito progressista inerente à Nação “durante el año 1912, el campamento de inmigración ha dejado 13.317 personas, incluyendo tripulantes y polizontes. La corriente de inmigración es una de las fuentes más importantes de nuestro progreso y prosperidad, va en aumento incesante, acrecentándose nuestra población y

ofreciendo brazos vigorosos útiles a la agricultura, a la industria y el comercio (*DIÁRIO DE SESIONES DEL CONGRESO DE LA REPÚBLICA DE CUBA, CÂMARA DE REPRESENTANTES, Vº. 19, 1, p. 2-4*)”.

Em entrevistas realizadas com trabalhadores cubanos dentro dos centrais o reconhecimento do comportamento de dedicação ao trabalho pelo haitiano fica claro como podemos ver neste depoimento do Sr. Rafael Cartalla, cubano, de 93 anos, empregado do Central Manati localizado na província de Las Tunas na região oriental de Cuba “Yo tenía una cuadrilla con 60 hombres, haitianos cobraban 7 pesos diarios en la época de la danza de los millones, 1920. Cubanos y españoles cobraban 12 pesos diarios para destroncar y hacer zanja. Había haitianos muy prácticos. Yo prefería trabajar con ellos para limpiar, y para sanear yo tenía algún jamaicano” (ENTREVISTADO RAFAEL CARTALLA, CENTRAL MANATI, 14 DE MAIO DE 1992).

A mensagem do Presidente José Miguel Gómez ao Congresso, valoriza a entrada das famílias canárias em detrimento da entrada dos imigrantes antilhanos. Como pode ser notada nas palavras da Secretaría da República ao Governador Provincial de Oriente,

Habiendo causado alguna sorpresa en Santiago de Cuba la continua introducción de individuos de la raza de color procedentes de Haiti y Jamaica, y no siendo ese elemento el más apropiado a la conveniencia del país para el fomento y desarrollo de su riqueza (...) pues la experiencia nos demuestra que una vez establecidos en esta República, resultan un elemento pernicioso que procura siempre perturbar con fines aviesos las cordiales relaciones existentes entre los componentes étnicos de esta sociedad (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1913, LEG. 786, SIG 12.).

O imaginário que se constrói do trabalhador antilhano, caracteriza-se pelo destaque aos elementos considerados ‘prejudiciais’ ao país. O imaginário em torno ao imigrante antilhano se contrapõe a um outro ‘ideal’, ‘útil’, construído em torno ao imigrante espanhol que corrobora para a sustentação dos anseios da burguesia nacionalista.

A mudança do nome era só uma das estratégias utilizadas pelas empresas açucareiras, através da ação dos contratistas, para manter o controle sobre os imigrantes. O historiador cubano Moreno Fraginalls explica que “a clase dominante aplica al máximo sus mecanismos de deculturación como herramienta de

hegemonia, la clase dominada se refugia en su cultura como recurso de identidad y supervivencia” (1977, p. 14).

Os haitianos e jamaicanos reproduziram nas províncias de Oriente muitos elementos de sua cultura, como podemos ver a seguir, no depoimento do Sr. Luiz Carlos Rodriguez Rivas, descendente de espanhóis, que trabalhou no Central Chaparra. No seu relato vemos que a influência da culinária e das atividades manuais dos jamaicanos encantava aos cubanos e também aos espanhóis: “las mujeres inglesas eran buenas cocineras, hacían buena comida y dulces también muy buenos. Había un inglés cortador de caña que era muy buen carpintero de muebles que los hacía en su tiempo libre. El fue quien hizo los muebles en estilo inglés que tenemos en la sala. Muy bien hechos” (LAS TUNAS, 23 DE MAIO DE 1992). E também neste outro depoimento, a Sra. Teresa Pine fala dos costumes desses imigrantes “tenían la costumbre de hablar en inglés entre los inmigrantes de lengua inglesa y siempre procuraban matrimonio junto a su gente” (TERESA PINE. ENTREVISTA CONCEDIDA A EQUIPE DE HISTORIADORES ORAIS DE CUBA. PUERTO MANATI, 16 DE MAIO DE 1992).

Os imigrantes *Jamaiquinos* reforçavam a sua identidade de colonizados denominando-se como “súditos do rei”. Ao priorizar sua identidade “inglesa” recebiam um tratamento diferenciado dos demais trabalhadores. A prática de alguns hábitos ingleses fazia parte da afirmação identitária dos jamaicanos. Os trabalhadores diziam que os jamaicanos, era gente educada e de hábitos finos.

No entanto, essa “identidade inglesa” não lhes garantia melhores condições de trabalho ou tão pouco melhor tratamento por parte dos patrões, como podemos ver neste documento de julho de 1924, uma correspondência trocada entre a delegação de Sua Majestade Britânica em Havana e a Secretaria de Estado da República, onde o Sr. Godfrey Haggard expõe a insatisfação do governo britânico sobre o tratamento dispensado aos imigrantes jamaicanos em Cuba,

He recibido instrucciones del Principal Secretario de Estado de Su Majestad para Negocios Extranjeros, de informar a Vuestra Excelencia que el Gobierno de Su Majestad se ha enterado con gran preocupación del trato a que continúan siendo sometidos en Cuba los obreros antillanos británicos.

Este es asunto que durante los años anteriores ha sido motivo de repetidas representaciones de esta Legación al Gobierno de Cuba.

Entre sus aspectos más prominentes están las condiciones de la Estación Cuarentenaria de Santiago de Cuba; el uso de armas de fuego, demasiado frecuente con resultados

fatales, por guardias cubanos contra antillanos desarmados; la aparente falta de interés en la detención y persecución de los individuos culpables de semejantes actos; y la poca satisfactoria terminación de los juicios que se han celebrado; junto con el mal trato de las propiedades de estos súbditos británicos, quienes, considera el Gobierno de Su Majestad, en vista de los beneficios que los ingenios derivan de sus labores, merecen toda la protección y consideración de las autoridades cubanas.

(Cópia de la correspondencia cambiada entre la legación de su Majestad Britanica en La Habana y la Secretaria de Estado de La República. Relativa al trato de los inmigrantes jamaquinos. República de Cuba. Secretaria de Estado (Docs. Diplomáticos) Habana, julio de 1924).

As empresas também utilizavam os imigrantes antilhanos no confronto com outros trabalhadores, para desapropriação de terras como nos demonstra a historiadora Dominga Suárez, que recolheu depoimentos de trabalhadores das fábricas açucareiras no povoado de Mayarí no ano de 1986. O depoimento do camponês Rafael Calzadilla, protagonista da rebelião camponesa de 1930 nesta zona, relatou para a autora que a companhia Hato del Médico S.A. ao tentar fazer a desapropriação da fazenda Caballería de Barajagua utilizou os haitianos para o serviço,

La compañía empezó a pasarle desalojos a muchos campesinos. Logró desalojar a algunos como a Enriqueta López y Antolín Torres a quienes les tiraron todas sus cosas para la guardarraya, les tumbaron las casas y a las latas de manteca le metieron cuchillos. Más tarde pasaron a la finca de José (Pepe) Hernández pero allí encontraron un grupo de campesinos que se habían reunido armados con machetes y escopetas para evitar el desalojo. Ellos pelearon contra los guardajurados, los guardias rurales, y contra un grupo de haitianos que la compañía había llevado para que les tumbaran los platanales. La pelea comenzó cuando los campesinos defendían sus plantaciones de los haitianos que venían con la guardia rural. En la riña murieron varios haitianos y varias personas resultaron heridas. En esos años la compañía no pudo realizar más desalojos (GONZÁLEZ, 1987, p.54).

A atuação da empresa Hato del Médico ao recrutar os haitianos para desalojar a outros trabalhadores, forçava um estado de hostilidade entre eles, promovendo a desconfiança. A participação dos haitianos nesse tipo de ação era imposta pelas empresas; submetidos ao seu domínio como empregados, atuavam sem saber exatamente qual seria sua missão.

Ao fortalecer as diferenças étnico-raciais entre os trabalhadores, as empresas buscavam impedir que a aproximação entre os imigrantes negros e os cubanos, que trabalhavam juntos nos centrais e em outras empresas, durante o período de entre-safra, pusesse em risco a ordem social do trabalho.

O que Moreno Fragnals diz sobre o pensamento dos plantacionistas do século XIX de que eles não “tuvieron un interés muy definido de que no se creara entre los esclavos el sentido gregario, de cohesión social, que origina actitudes solidarias” (1977, p.16) é também reproduzido pelos administradores dos centrais que através da diversificação imigratória introduzida em suas plantações, também queria evitar que entre os trabalhadores existisse uma consciência, ou melhor, uma solidariedade de classe, por isso investia na diferenciação, utilizando de diversos critérios étnicos, raciais, educacionais para separar e hierarquizar-los.

Las dificultades vividas por todos los obreros en aquellos momentos hicieron con que la solución para unos fueron las soluciones para todos. Espacio y modo de vida entre cubanos e inmigrantes obreros se funden en una sola manera de construir un nuevo hábitat, donde la base de la supervivencia estaba en la solidaridad, el fuerte trazo cultural de las poblaciones explotadas y del pueblo cubano, característica resaltada por casi todos los inmigrantes o sus descendientes. Aquí, hablaron ellos, los vecinos son como familia, condición que muchos de ellos no tenían en sus países de origen (GUANCHE; MORENO, 1988, p.99).

Existe uma população de descendentes que ostentam sobrenomes portados pelos imigrantes desde as pequenas ilhas anglófonas e que passaram a fazer parte substancial da cubanidade. Por isso, a indagação dessa contribuição não é somente um assunto que corresponda ao passado. Uma notável quantidade de médicos, jornalistas, atores, escritores, poetas, engenheiros, professores, cientistas, esportistas, e outros, formam parte do contingente de mulheres e homens que se empenham em elevar a *cubanía*. Eles contribuem, dia a dia, para a conquista de novos horizontes, junto aos diversos componentes da sociedade cubana. Todos os depoimentos a seguir se referem a identificação que esses imigrantes e/ou descendentes de imigrantes estabeleceram com Cuba,

Mis padres no volvieron a Saint Lucia. Nos escribíamos cartas con la familia. Pero ya todos murieron. Mi nacionalidad es Saint Lucia, soy residente por tiempo indefinido en Cuba. Ya me siento cubano, he vivido 75 años en Cuba. En los documentos oficiales soy extranjero. No pienso en Saint Lucia. Si estuvieran vivos mis familiares si quisiera ir a verlos; pero si hay alguno no me conocen y yo no los conozco. No me quise ir de Cuba. Tenía mi familia aquí. Cuando se lo dije al americano, mi jefe en la Base, me dijo que él hubiera hecho lo mismo que yo. Mi mujer era pichona, cubana, habían nacido en Banes. (Charles Ray).

Mis hijos no son cubanos, son mis hijos, nacidos aquí. Mi carné de identidad dice que soy nacida en Panamá; pero nací en Panamá de padres jamaquinos y he vivido toda la vida aquí, ¿de donde soy (Georgina Knight)

Cuando vine a La Habana en el 56, cuando gané en un programa de la televisión, se reunía a todos los ganadores para darles clases. En una ocasión, dice Héctor Quintero: 'Ahora le toca al jamaicano'. No lo dijo con acento discriminatório; pero le respondi: 'Me llamo Alden Knight'. Lo pare em seco". (Alden Knight)

Mis padres se quedaron en Banes y se murieron allá. Mis padres nunca más fueron a Jamaica. Escribían a sus familiares, pero nunca más fueron. Hablaban bastantes cosas de Jamaica. Yo me considero cubano y jamaicano. Tengo que defender los dos. Uno porque nací aqui y el otro porque soy hijo de ingleses. Eso para mi nunca ha sido una contradicción. (Victor Godwin Jefferson)⁵¹.

Os bairros dos imigrantes eram divididos por áreas em que cada rua recebia um nome de acordo com a nacionalidade dos habitantes que nela viviam, "esta calle se llama Jamaica porque vivian muchos jamaicanos. Debía haber entre 18 y 20 casas de ellos. Trabajaban en la limpia y corte de caña, algunos también en la industria" (RAFAEL CARTALLA. ENTREVISTA CONCEDIDA À EQUIPE DE HISTORIADORES ORAIS DE CUBA. LAS TUNAS, 14 DE MAIO DE 1992).

Aglutinar em um mesmo espaço, negros de etnias distintas foi uma estratégia para manter sob controle a grande quantidade de trabalhadores dentro dos centrais. A contratação de trabalhadores negros não foi uma estratégia somente econômica, mas também política e de controle social pelas empresas. Esse modelo, tem sua origem no período escravista e dentro dos centrais seguirá o mesmo principio, ou seja, dificultar a integração entre os trabalhadores.

Mas como pudemos verificar as relações entre os trabalhadores foram além das regras práticas de ordenação estabelecidas dentro dos centrais. As interconexões entre os trabalhadores promovidas pelas práticas culturais, favoreceram a produção de um novo status identitário do imigrante antilhano em Cuba.

⁵¹ Esses depoimentos foram coletados pela historiadora cubana Graciela Chailloux Laffita junto a comunidade de anglo-antilhanos que se estabeleceram em Cuba. A Profa. Graciela e a Profa. Ileana Sanz formaram uma equipe que tem se dedicado a investigações com diversas abordagens junto a essa comunidade e a de haitianos que vivem nas províncias da região Oriental.

CAPÍTULO VI

CANTO NEGRO

*! Yambambó, yambambé!
Repica el congo solongo,
Repica el negro bien negro;
Congo solongo del Songo
Baila yambó sobre um pie.*

*Mamatomba,
Serembe cuserembá.*

*El negro canta y se ajuma
El negro se ajuma y canta,
El negro canta y se va.
Acuememe serembó,
Aé;
Yambo,
Aé.*

*Tamba, tamba, tamba, tamba,
Tamba del negro que tumba.
Tumba del negro, caramba
Caramba, que el negro tumba:
!yamba, yambó, yambambé!*

Nicolas Guillén

INDEPENDIENTES DEL COLOR, ORGANIZAÇÃO TRABALHISTA E IMIGRAÇÃO ANTILHANA

A presença dos imigrantes antilhanos era vista pela sociedade local como concorrentes desleais pelo fato de se sujeitarem aos baixos salários e submeterem-se às regras de trabalho inumanas impostas pelas empresas açucareiras. Alguns dizem que a presença dos antilhanos era um elemento desagregador da classe trabalhista cubana. Mas essa é só uma versão da história das relações entre os trabalhadores cubanos e os antilhanos; as contradições que podiam existir entre eles foram implantadas pelas companhias açucareiras, e gerenciadas pela elite branca como pudemos ver.

Quais seriam os interesses das empresas açucareiras em desestabilizar o movimento trabalhista cubano com a contratação dos trabalhadores antilhanos? Os antilhanos não se integraram ao movimento trabalhista?

A construção do discurso dominante sobre a imigração é ambivalente e se explica em termos étnico-raciais (SIERRA TORRES; ROSÁRIO MOLINA, 2001, p.139). Em 1912, um ano antes de iniciar a entrada maciça de imigrantes antilhanos em Cuba com a aprovação do presidente José Miguel Gomes que consentiu à Nipe Bay Company a contratação de trabalhadores antilhanos, ocorreu um grave conflito envolvendo o movimento denominado *Independientes de Color*, composto por cidadãos negros, liderado por Evaristo Esteño, líder trabalhista e Pedro Ivonet, ex-coronel do Exército Libertador. O movimento foi criado com o objetivo de formar um partido político para participar das eleições de 1910 (YGLÉSIA MARTÍNEZ, 1998, p.90).

O programa do movimento era composto por várias demandas de benefício social, como: ensino gratuito obrigatório, abolição da pena de morte, jornada de trabalho de 8 horas, nacionalização do trabalho, distribuição de terras, entre outras coisas (YGLÉSIA MARTÍNEZ, 1998, p.90). Ou seja, os benefícios requeridos pelos membros do movimento eram verdadeiras prédicas trabalhistas, e essas mesmas questões seriam reivindicadas durante a realização dos congressos que ocorreram nos anos seguintes, inclusive no que ocorreu em 1914.

Os negros cubanos da região oriental possuíam uma consciência social e política que atropelava os interesses comerciais vigentes na primeira década republicana. Frente à prerrogativa de congregar em torno ao movimento e a criação de um partido sob uma base racial, o senador Martín Morúa Delgado se opôs à sua criação.

O objetivo de tal proibição era não sustentar uma luta política baseada em questões raciais, o que parece uma estratégia irônica uma vez que a diferença entre brancos e negros e principalmente a exclusão destes últimos da política nacional e dos benefícios sociais motivou os seus líderes a organizar o movimento. O historiador Martínez Ortiz diz que “frente a los negros se organizarían los blancos y con la ayuda (...) de los Estados Unidos, no era dudoso averiguar quienes pagarían los platos rotos (...) sobre el apoyo americano no cabían dudas: no tolerarían en las Antillas una nueva república negra” (1929, p. 200).

A reflexão de Martínez Ortiz (1929) revela um problema que não estava submetido somente às questões internas da política cubana, era algo mais complexo uma vez que essas questões faziam parte do jogo político do “governo” norte-americano em Cuba que administrava indiretamente a ação dos políticos cubanos.

A discussão entre os políticos sobre a proibição de se formar um partido no país composto somente por negros gerou um debate entre os políticos em que os favoráveis como Salvador Cisneros Betancourt e Lino Dou defenderam o direito dos negros de combater a discriminação racial por meio de um partido político, sempre que este não defendesse uma posição sectária e racista.

Em 1912 Esteño reativa o movimento, no mês de março deste ano são detidos seus principais líderes sob acusação de rebelião. Começa então uma reação do movimento principalmente nas províncias de Las Villas e Oriente e a confirmação de que em quatro das seis províncias havia grupos armados, provoca uma reação ostensiva das autoridades que passam a reprimir o movimento com grande violência. Por ordem do presidente José Miguel Gomes, o exército nacional, a Guarda Rural e homens recrutados passaram a agir na região oriental. Administradores de centrais na região como Mario Garcia Menocal, ofereceu ajuda ao governo enviando homens para controlar a rebelião, outros seguiram o seu exemplo, contribuindo com o governo para combater o movimento.

Calcula-se que cerca de 3.000 homens negros tenham sido mortos pelas forças do governo, uma outra grande quantidade de homens ficaram feridos e centenas foram presos (YGLÉSIA MARTÍNEZ, 1998, p. 93). O confronto aconteceu por que tanto o governo cubano quanto os empresários açucareiros temiam uma revolta negra em toda a Nação, a memória histórica do que havia ocorrido no Haiti com o poder assumido pelos escravos, também se fazia presente em Cuba neste momento.

De las 'Sociedades de gente de color' surgió, como producto de una urgente transformación, el Partido Independiente de Color (PIC), independientemente de los ya existentes partidos burgueses. Su meta era alcanzar la mejoría social, cultural, y económica de las masas negras. Esto demuestra una total ruptura en la confianza hacia la elite y sus instituciones dominantes, una obvia respuesta y denuncia de las tendencias y manifestaciones de la elite dominante neocolonial (GODFRIED, 2000, p. 7)

O negro cubano reagia ao seu desfavorecimento social e político por parte do governo que ignorava as péssimas condições que ele enfrentava no país. Após praticamente dizimar os que participaram do Movimento *Independiente de Color*, o governo através do decreto de nº 23 de 10 de janeiro de 1913 autorizou a Nipe Bay

Company a contratar 1.000 trabalhadores antilhanos para o trabalho na safra (PICHARDO, 1980, p.78).

O medo ao negro, ou à reação do negro cubano em novas rebeliões se contradiz a essa ação das empresas, de introduzir mais negros em Cuba, principalmente após um momento de conflitividade ocasionado pela manifestação do movimento liderado por Esteño. Na verdade, a intenção e a ação das empresas em contratar mão-de-obra antilhana já vinham acontecendo desde os primeiros anos do século XX.

O quadro ao qual as empresas submetia esse grupo de imigrantes era parecido ao que ocorria com os escravos, capturados em diferentes partes da África, funcionava como um fator de “des-articulação” entre os escravos, e no caso da introdução dos antilhanos, principalmente a partir de 1913 quando o fluxo de entrada desses trabalhadores começa a se intensificar em Cuba, seguia a mesma prática. As empresas não só queriam uma mão-de-obra mais barata mas também uma que não oferecesse tanto risco de rebelar-se e que estivesse sob controle, por isso quando iam em Haiti, Jamaica, e em todo Caribe Anglófono (desde San Kitts, Nevis, San Martín, Saba, San Eustacio, Antigua, Guadalupe, Martinica, Dominica, Santa Lucía, San Vicente, Grenada, Trinidad, etc) e das ilhas coloniais holandesas como Curaçau, Aruba e Bonaire a recrutar os trabalhadores formaram um mosaico cultural dentro dos centrais, que dificultou para as primeiras correntes migratórias desses países introduzir-se na sociedade cubana pelo desconhecimento do idioma: o espanhol. Confiantes em que esses trabalhadores pela falta de uma unidade lingüística, não ofereciam perigo de serem influenciados ou influenciarem os trabalhadores cubanos que mesmo de forma ainda pouco unitária já começava a esboçar uma organização enquanto classe.

A outra era reforçar uma imagem deturpada do negro como elemento desaglutinador da Nação, por sua conduta civilizada e contestadora que vinha ganhando força à medida que os negros se aglutinavam em torno de causas sociais que não eram resolvidas pelos políticos brancos.

O MOVIMENTO TRABALHISTA CUBANO E A MIGRAÇÃO ANTILHANA

O primeiro Congresso trabalhista foi realizado em La Habana no ano de 1887 ainda no período colonial, e o tema que o motivou foi “propiciar la unión y la concordia de la familia proletária” (TELLERIA, 1973, p.26). Segundo a cronologia elaborada por Tellería, de 1887 a 1934 foram realizados 8 congressos, sendo que o primeiro durante o período republicano foi o do ano de 1914⁵², ocorrido entre os dias 28 a 30 de agosto, também na cidade de Havana.

O país vivenciava sua experiência republicana sob o governo do então General Mario García Menocal, eleito em 20 de maio de 1913. Sua política totalmente voltada para os interesses norte-americanos deixava a situação dos trabalhadores cubanos em péssimas condições, desamparados e sujeitos às regras estipuladas pelas empresas e pelos empresários que controlavam o mercado interno.

A imprensa reacionária apoiava seu governo e via em suas ações uma proteção aos anseios desenvolvimentistas da Nação, elogiava suas decisões, que favoreciam mais aos Estados Unidos do que o próprio país. Alguns jornais norte-americanos diziam que Menocal “era más americano que cubano” (TELLERÍA, 1973, p. 51).

O ano de 1914 se inicia com a paralização pelo governo do projeto de criação de uma Secretaria do Trabalho como resposta às inquietações do povo cubano postuladas desde o começo da República (DEL TORO, 1969, p.81). Diante de um contexto em que o desenvolvimento econômico atingia um grande crescimento, o proletariado era controlado por essa nova ordem progressista da economia e muitas das reivindicações dos trabalhadores eram suprimidas. O presidente Menocal ao contrário do que dizia antes de eleger-se não incentivou as ações sociais priorizando apenas as ações financeiras, implementadas pelas companhias norte-americanas.

A situação dos trabalhadores no ano que foi realizado o congresso de 1914, era de miséria; não havia ainda uma organização da classe, a jornada de

⁵² Embora o historiador Evelio Telleria denomine o congresso de 1914 como o primeiro congresso da Cuba Republicana, essa versão é contestada em outros trabalhos que consideram o congresso de 1920 como o primeiro legitimamente organizado pelos trabalhadores. Ver: CABRERA, Olga. *Los que viven por sus manos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

trabalho era de 10,12, 14 horas diárias; os salários eram baixos, em muitas vezes os trabalhadores ao invés de receber dinheiro eram pagos com vales e fichas como já dissemos, tendo que comprar somente nos estabelecimentos onde essa forma de pagamento era recebida; não havia uma legislação que atendesse aos trabalhadores que se acidentavam. O governo que não atendia a classe trabalhadora em suas necessidades criava uma situação de pressão, fomentando idéias que impedisse qualquer reação perante a falta de melhores condições de trabalho,

A la recuperación de la economía, que actuó como amortiguador de las luchas obreras, se sumó la imposición de la Enmienda Platt, por la amenaza que llevaba aparejada de una intervención norteamericana si se producían sérios conflictos sociales. Comenzó entonces la práctica de emplear, por parte del gobierno y de algunos políticos connotados, el peligro real de una nueva intervención yanqui como un elemento de presión moral sobre los trabajadores. Estos se vieron compelidos por las circunstancias a desistir de muchas de sus justas reclamaciones y luchas, y a conciliar sus posiciones con las coyunturas políticas (YGLESIA MARTÍNEZ, 1998, p. 57).

Os trabalhadores não tinham seus direitos cumpridos e formalizados nos contratos de trabalho. As indenizações em caso de acidentes não eram pagas, sendo que acidentes eram frequentes, como pudemos constatar nos documentos referentes ao Central Manati⁵³.

O tempo morto, onde a população de trabalhadores ficava sem seus empregos, era um período crítico que aumentava a instabilidade social. Muitos recorriam ao trabalho em outras atividades, mas mesmo assim, não era suficiente para atender a demanda de trabalhadores, principalmente porque muitos dos imigrantes antilhanos que iam trabalhar em Cuba permaneciam no país após o término da safra da cana.

A outra vertente a ser analisada é o próprio congresso trabalhista de 1914 que o historiógrafo Sergio Aguirre chama de “extraño Congreso”. Ele diz o seguinte sobre sua realização, “o bién lo promovió indirectamente el Gobierno, para disfrazarse de progresista ante el país en asuntos laborales a la vez que obtenía una

⁵³ Ver em: Inventario del Fondo Manatí Sugar Co. Archivo Provincial de Santiago de Cuba, años 1902-1960. O inventário traz uma vasta documentação sobre a associação nacional de fazendeiros de Cuba, suspensão e separação de trabalhadores e acidente de trabalho; exportação e importações, correspondência relacionada com embarques e vendas de açúcar; correspondência entre Salvador Rionda e diversas pessoas e entidades.

expresión domesticada de las aspiraciones obreras, o bién lo promovieron personalidades más o menos intelectuales, cuya solidaridad con los trabajadores no iba más allá de reformas sociales y económicas que no les impedían mantener nexos evidentes con las esferas del Gobierno (AGUIRRE, 1973, p. 55).

O historiador Rolando Álvarez Estévez explica que poderosos setores da burguesia localizados na província oriental, fundamentalmente a açucareira, se encontraram diante de uma evidente contradição, era uma encruzilhada frente aos seus próprios intresses de classe. Se por uma parte viam que a imigração antilhana aumentava de modo considerável a população negra na região de Oriente, tão pouco, eram capazes de condenar dita imigração, sacrificando de tal forma seus pressupostos racistas diante do prejuízo de seus interesses econômicos (ALVAREZ ESTEVES, 1988, p.44).

Essa sobreposição do fator econômico ao racial é ocasional, ou seja, ela acontece para criar uma reserva satisfatória de mão-de-obra e assim não interromper a produção nas fábricas, o que não quer dizer que a questão racial não esteja presente, pelo contrário ela aparece a todo o momento até mesmo dentro das companhias, mediante uma compartimentação dos espaços destinados aos trabalhadores negros dentro dos centrais. A repressão da Guarda Rural que atua de forma violenta contra os trabalhadores, especialmente contra os imigrantes negros, reprimindo inclusive suas manifestações religiosas através de uma circular de nº 35 que proibia o uso dos tambores pelos trabalhadores negros (DE LA TORRIENTE-BRAU; MAZAS GARBAYO, 1930, p.25).

Existia uma estratificação dos trabalhadores imposta pelas companhias que estava baseada primeiramente pela divisão racial, depois seguiam outros critérios. Francisco García Moreira que foi um trabalhador açucareiro explica em seu livro *Tiempo Muerto: memórias de un trabajador azucarero*, fala do significado do termo “categoria” para qualificar aos trabalhadores,

Esto de categoría era una forma, un truco, de los patronos para mantener divididos a los trabajadores. Las categorías era por lo regular tres: una que era la élite, compuesta por algunos de los de más alta calificación, algunos de los administrativos y de los técnicos. Otra constituída por el resto de los anteriores y algunos de mediana calificación. La tercera por todos los demás. ...Para ser clasificado en una de estas categorías, jugaba la importancia de la plaza desempeñada, la lealtad a la administración, la adulonería, las ideas políticas, la religión, la simpatía personal, el color de la piel, la situación económica y hasta la nacionalidad (1969, p.24).

Os salários pagos também seguiam a mesma hierarquia pautada não somente pela função exercida pelo trabalhador do central, mas também pela cor da pele. Os negros recebiam os salários mais baixos, sendo os haitianos os que ocupavam a base dessa pirâmide como os piores remunerados.

Os trabalhadores haitianos eram levados a Cuba para trabalhar no corte da cana, enquanto que a mão-de-obra cubana e canária realizava em grande parte o cultivo da cana. Os imigrantes antilhanos sofreram com maior rigor a discriminação, devido a cor da pele mas também por serem estrangeiros. No seio da própria classe trabalhista, a burguesia se encarregava de ativar essa discriminação, se propondo a aquebrantar as débeis bases do embrionário movimento trabalhista cubano.

No caso do trabalhador antilhano, as condições de discriminação racial se uniam a discriminação salarial, os trabalhos mais duros e uma sobrevivência em todo sentido miserável nos bateyes e barracões (ALVAREZ ESTEVEZ, 1988) faziam desses trabalhadores uma versão moderna dos escravos do século XIX. O problema racial introduzia elementos nocivos na luta dos trabalhadores por melhores condições salariais, de moradia e também na conscientização de sua força reivindicativa enquanto classe, as quais em ocasiões viviam com maior intensidade o conflito de caráter racial, se distanciavam do verdadeiro conflito econômico e de suas implicações de classe (ALVAREZ ESTEVEZ, 1988, p. 41-42).

Em *Imperialismo y nación en una plantación azucarera* (1976), o historiador Ariel James explica a forma de atuação de empresas como a UFC para controlar e manter sob seu domínio os trabalhadores de seus centrais. A tática utilizada em torno aos salários era apenas uma das formas de coação,

Alberto Arredondo em seu livro *El negro en Cuba* (1939) diz que na sociedade neocolonial cubana, a discriminação racial era de caráter objetivo “en la industria azucarera, el negro mayoritariamente podia ser cortador de caña y carretero. Sin embargo, en los cargos de pesadores, puntistas, oficinistas, etcétera, el negro era discriminado. Con grandes obstáculos podia obter un cargo de maestro en las ciudades, siempre era designado para el campo, para el interior de la República” (1939, p. 147).

Na Revista *Mundo Obrero*, Rúben Martínez Villena escreve um artigo com um título que prega a união do trabalhador independente de sua cor ou origem *La unión del blanco y el negro, del nativo y el extranjero*. Numa parte de seu conclamamento aos trabalhadores, ele defende a posição dos trabalhadores antilhanos que contrariando aos que se posicionavam contra a presença deles em Cuba, haitianos e jamaicanos haviam sido importantes no processo de unificação da classe trabalhadora participando de suas reivindicações em vários momentos, o texto diz o seguinte,

En las huelgas de los centrales azucareros, como en las demostraciones de las ciudades y, en general, en la lucha por sus reivindicaciones inmediatas, se ha establecido una unión perfecta entre los obreros blancos y negros. Esto es notable principalmente en las provincias de Santa Clara y Oriente, donde las clases dominantes han llevado la división a un mayor grado. Por otra parte, las teorías comunes entre reformistas y anarquistas referentes a que los jamaquinos y haitianos son culpables de la situación del obrero azucarero en Cuba, han sido desmentidas una vez más con la participación activa de estos obreros extranjeros en la lucha común. (En 1924 también participaron en muchos sitios). Un grupo de obreros jamaquinos llevados al central Habana para iniciar el trabajo en los cortes, con objeto de que rompieran la huelga en preparación, pidió las mochas y, una vez armados, se negaron unánimemente a comenzar el trabajo (MARTINEZ VILLENA, 1933).

Existem duas linhas que analisam a participação dos trabalhadores antilhanos, uma que diz que esses trabalhadores se mantiveram à margem do movimento trabalhista cubano e outra que defende a participação dos antilhanos no movimento. Na verdade o que se pode analisar concretamente é que existiram etapas diferentes no processo de integração dos antilhanos ao movimento que pode ser analisado desde etapas diferentes de seu processo migratório para Cuba.

Na primeira década de migração dos trabalhadores antilhanos é realmente difícil pensar que houve uma integração desses trabalhadores enquanto classe com os demais trabalhadores das indústrias açucareiras, porque o desconhecimento do espanhol por parte dos antilhanos impossibilitava a comunicação e ao mesmo tempo os trabalhadores cubanos e espanhóis tão pouco sabiam falar, francês, créole ou inglês. A primeira corrente de imigrantes antilhanos serve de ponte para que nos anos vinte a participação destes no movimento trabalhista cubano acontecesse de forma mais efetiva.

É claro que a integração partiu em grande parte por aqueles que permaneceram durante o período de entre-safra em Cuba. Outros que retornavam

para seus países, através de suas experiências introduziram as reivindicações trabalhistas em seus países um exemplo é dado por Jacques Roumain no seu livro *Gobernadores del Rocio* (1978), que conta a história do personagem Manuel que ao retornar para o Haiti questiona a realidade de sua comunidade e tenta mostrar para seus pais e vizinhos a necessidade de mudar sua realidade.

O congresso trabalhista realizado em Cuba de 15 a 19 de fevereiro de 1925, discute o problema da imigração no país. Seus componentes não se consideraram capacitados para opor-se à entrada de trabalhadores estrangeiros, recomendaram às organizações trabalhistas de Cuba que se dirigisse a “sus similares en el extranjero, aconsejándoles que no vengan a Cuba donde la situación del obrero empeora cada día más” (PICHARDO, 1980, p.78).

En efecto, en Cuba la crisis económica se hacía sentir sobre todo en la clase trabajadora y los inmigrantes deseosos de quedarse – con necesidades inferiores a las del nativo – ofrecían sus servicios por míseros salarios, lo cual envilecía los jornales en general. Las condiciones de vida de estos inmigrantes eran horribles. El Segundo Congreso Obrero Nacional se pronunció contra este estado de cosas y una de sus conclusiones fué en favor de los antillanos; se acordó que el Congreso: “...proteste ante los Poderes Públicos de los vejámenes y atropellos de que son víctimas los citados compañeros” (PICHARDO 1980, p. 80).

A solução encontrada pelo governo cubano para sanar o problema da falta de trabalho ocasionada pela crise açucareira e garantir desta forma trabalho para os cubanos foi criar um decreto aprovando a repatriação dos trabalhadores antilhanos. O Decreto era o de nº 1404 de 20 de julho de 1921, através de suas cláusulas o governo justificava sua decisão de repatriação, baseado em um artigo da Lei de Imigração de 3 de agosto de 1917 que aprovou a entrada dos imigrantes antilhanos em Cuba. A Lei dizia que a entrada desses imigrantes foi autorizada desde que estes não se convertessem em carga pública ou ameaça para o estado sanitário nacional; caso isso acontecesse, eles seriam então re-embarcados para o país de origem.

Referindo à situação de desfavorecimento econômico vivenciado pela indústria açucareira em 1921, quando o número de empregos no campo havia diminuído consideravelmente deixando milhares de trabalhadores, principalmente os imigrantes em um verdadeiro estado de penúria, esta ressalva da Lei foi utilizada para a repatriação. Estes fatos segundo consta no Decreto, contribuem para que a

Lei de Imigração de 1917 deixasse de ter uma utilidade imediata uma vez que a indústria açucareira não era capaz de comportar a mão-de-obra de que dispunha. Pensando em uma solução para o problema o governo então dispôs do seguinte argumento,

Por cuanto: las condiciones de vida de la mayoría de esos inmigrantes, debido a la aglomeración originada por el hecho de haberse reconcentrado en las poblaciones, constituye un serio peligro para la salubridad pública, según reiterados informes y declaraciones de la Secretaría de Sanidad y Beneficencia.

Por tanto: en uso de las facultades de que me hallo investido por la Constitución y las leyes, a propuesta del Secretario de Agricultura, Comercio y Trabajo y oído el parecer del Consejo de Secretarías,

RESUELVO:

Artículo I. Reembarcar por cuenta del Estado a los braceros procedentes de Haiti, Jamaica y demás Antillas menores, contratados para la producción agrícola al amparo de la Ley de Inmigración de 3 de agosto de 1917, por constituir en la hora presente una carga pública para la nación (PICHARDO, 1973, P. 22).

A repatriação dos imigrantes segundo o Decreto ficaria a cargo dos Secretários de Agricultura, Comércio e trabalho, de Saúde e Beneficência e da Fazenda, que se encarregariam do cumprimento do que estava disposto no decreto.

A *Federación Obrera* de Havana convocou todas as organizações trabalhistas com o objetivo de realizar uma assembléia-congresso nacional no dia 14 de dezembro de 1924. Uma das resoluções deste congresso era apoiar aos imigrantes antilhanos contra “los vejámenes y atropellos de que son víctimas los inmigrantes antillanos” (PICHARDO, 1973, p. 247). No item que se referia a imigração os trabalhadores participantes do congresso se pronunciaram da seguinte forma,

No siendo de nuestra competencia restringir la entrada de los compañeros inmigrantes y considerando que éstos vienen enganados, ignorantes de la verdadera situación del país, donde abaratan la mano de obra empeorando la situación de los obreros que libramos nuestra subsistencia aquí, el S.C.O.N. acuerda pedir a todos los Organismos Obreros de Cuba que se dirijan a sus similares del extranjero, aconsejándoles que no vengan a Cuba donde la situación del Obrero empeora más cada día (PICHARDO, 1973, p. 247).

Com um argumento baseado na obra de Jacques Roumain que também esteve em Cuba como imigrante, Jorge Ibarra (1983) destaca algumas passagens da obra *Gobernadores del rocío* (1978) que descrevem como o imigrante, neste caso o haitiano, vai tomando consciência de seu papel enquanto trabalhador e aos poucos incorpora-se no movimento trabalhista. Ele diz, “así describiría Manuel la toma de

conciencia de los braceros haitianos a otro trabajador rural de su patria” (IBARRA, 1983, p.8) “Voy a contarte, en los comienzos de Cuba, estábamos indefensos y sin resistencia, este se creía blanco, aquel era negro, y había no poca desintegración entre nosotros: estábamos dispersos como la arena los patronos marchaban sobre ella, hasta que finalmente nos reunimos para organizar las huelgas” (ROUMAIN, 1978, p. 168).

Ibarra (1983) ainda aponta alguns episódios onde a participação dos trabalhadores antilhanos se fez presente, como o fato ocorrido em 1919 durante o governo de Menocal, quando este decreta a expulsão de um dirigente dos jamaicanos e outro dos haitianos (PRIMELLES, 1955, p.160); outro fato ocorrido em 1920, no Central Preston, quando um grupo de haitianos, cerca de 2.000, se insubordina depois de uma série de encontros com o exército (IBIDEM, p. 141).

A outra confirmação de que existia uma participação dos imigrantes antilhanos no movimento trabalhista cubano, é a presença do jamaicano Enrique Shakleton, no II Congresso Obrero Nacional realizado de 15 a 18 de fevereiro de 1925. Sobre sua participação no congresso Ibarra diz o seguinte: “en sus intervenciones, en el importante evento obrero, el dirigente de los braceros antillanos denunció la dramática situación que atravesaban como consecuencia de las represiones que llevaba a cabo el ejército contra ellos. El Congreso tomó conciencia de la crítica situación que atravesaban, acordando una moción de solidaridad” (IBARRA, 1983, p. 10).

Enrique Shakleton porta voz da *Unión de Obreros Antillanos de Santiago de Cuba*, juntamente com Manuel Ochoa representaram a região de Oriente durante o Congresso. A parte referente à situação dos imigrantes antilhanos é destacada pelos representantes da região oriental e ganha apoio dos demais trabalhadores, o trecho da denuncia é a seguinte,

(Nota del Autor: Esto de “antillanos” merece una explicación, sin prejuicio de volver sobre el tema, más adelante. De Haiti, Jamaica y otras islas de las Antillas los magnates de la industria azucarera trajeron, especialmente durante los gobiernos de José Miguel Gómez, Menocal y Zayas, más de un cuarto de millón de braceros negros, mano de obra barata que explotaban inmisericordemente en el corte de caña. Vivian en condiciones infrahumanas. Después de cada zafra quedaban sin trabajo vagando por dondequier y creando sérios problemas sociales. Se les consideraba “carga pública”. En este congreso obrero que estamos relatando, por primera vez estos superexplotados obreros tuvieron un vocero – Shackleton – que planteó la dramática situación que sufrían ellos, los “haitianos y jamaquinos”, como generalmente se les denominaba. Hacendados y grandes

colonos, y también los gobernantes criollos, trataban a esos inmigrantes antillanos negros como si fueran esclavos, en pleno siglo XX) (TELLERIA, 1973, p. 128-129).

O líder trabalhista Enrique Varona também se comoveu com o tratamento dispensado aos imigrantes antilhanos. No livro *Enrique Varona, el líder de las mil huelgas* de Larry Morales (1986), que traz inúmeros depoimentos sobre este que foi um dos mais influentes líderes trabalhistas, destacamos aquele em que Arcadio Álvarez Naranjo, também trabalhador e que conheceu Varona revela o seu comportamento contra as injustiças sociais cometidas contra todo e qualquer trabalhador,

Por el año 1922, no recuerdo el mes, un jamaquino de los que trabajaban en la construcción de los talleres ferroviarios sufrió un accidente al caer de una viga a gran altura. Fue trasladado para la clínica del doctor Alberto Naranjo, pero cuando Varona fue a verlo en horas de la noche, aún tenía la cabeza embardunada de sangre y fango en señal de que ni siquiera le habían lavado las heridas. Confieso que nunca vi a Varona tan indignado como aquella noche. Movilizó a médicos y a enfermeras y exigió la atención inmediata para el pobre y desvalido jamaquino. Mientras observaba la curación, me dijo: - Esto no va a quedar así. En la próxima reunión trataremos sobre el asunto y después la resolveremos con quienes tengamos que hacerlo y, demás está decir, lo hizo (MORALES, 1986, p. 34-35)

O movimento trabalhista na região oriental de Cuba segue a mesma tendência nacional, quando o movimento ganha força. Em 1907 a população, segundo, nos mostra Chernicaró, era de 31.376 habitantes maiores de 14 anos, deste total 43,8% se encontram nomeados pela classificação de “sem ocupação lucrativa”, ou seja, sem vínculos trabalhistas. Esta porcentagem segundo Chernicaró incide como um fator detonante da tensão social na região oriental de Cuba

A preocupação das autoridades das províncias orientais em manter sob controle as ações dos trabalhadores sob a prerrogativa de evitar manifestações é clara como podemos ver nos documentos que compõem o Fondo intitulado Gobierno Provincial do Arquivo de Santiago de Cuba.

As cartas dirigidas ao governador da província pelo Subsecretario expõe essa preocupação quando diz,

abierto el período electoral e interesándole al que suscribe, como Administrador general del Central Santa Lucía, situado en Gibara, que en el batey de dicha finca no se celebren *meetings* ni manifestaciones políticas de ningún genero, cualquiera que sea el partido a que pertenezcan los congregados; por resultar esto inconveniente en el sentido de incitar a unos contra otros, cosa altamente perjudicial en contra del trabajo, donde la armonía de

todos los elementos es cosa indispensable (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 304, SIG. 14).

Segundo Carlos del Toro (1969), o movimento trabalhista cubano em fins do século XIX, estava dividido em duas tendências principais “una reformista, com insistência en la lucha por demandas económicas e inclinación al pacto con los partidos políticos burgueses y la otra anarquista, que combatían por la posición apolítica de la clase obrera y el internacionalismo proletário aunque con gran influencia del bakuninismo peninsular (1969, p. 65).

Del Toro diz que a influência anarquista esteve presente principalmente no proletariado da indústria do tabaco (1969, p. 65-66). Crítico da imigração antilhana o autor ao tratar do assunto diz,

El liberalismo cubano consumó el despojo de su fachada demócrata burguesa con el asesinato masivo de los cubanos negros que participaron en la insurrección del partido de los Independientes de Color (1912). El gobierno de los liberales además fue precursor republicano de la introducción de braceros negros antillanos (haitianos y jamaíquinos) cuya importación realizó la empresa yanqui de explotación agrícola “United Fruit” en el mismo año 1912. De este modo se inició un nuevo tipo de discriminación laboral hacia el obrero cubano, quién fue desplazado por una fuerza de trabajo barata, sin conciencia de clase y reducida a servidumbre, que abonó el resurgimiento del sistema de pagos proscripto por la ‘Ley Arteaga’ (DEL TORO, 1969, p. 73).

E ainda,

“La falta de una Secretaría del Trabajo y la con atención dedicada a los problemas laborales por la república mediatizada facilitaron la inmigración masiva de trabajadores que hacían competencia ruinosa al nativo al aceptar condiciones de vida y de trabajo en los campos cañeros no aceptadas por el criollo” (DEL TORO, p. 98). Essa idéia de que o imigrante antilhano foi a Cuba para competir com o trabalhador nacional, como já dissemos é uma justificativa insólita, pois esse argumento não é utilizado contra outros imigrantes.

Segundo afirma Jorge Ibarra (1983), um estudo sobre a posição do trabalhador antilhano na revolução de 30 seria revelador das atitudes manifestadas por eles desde sua chegada em Cuba e de sua atuação nos movimentos, assim como o conhecimento das tendências que os animavam desde o principio a participar das organizações enquanto trabalhadores. Na nossa opinião existe um mito sobre a participação dos imigrantes antilhanos no Movimento Trabalhista de

Cuba e que cremos tenha sido muito mais intensa do que se imagina, pois quando se fala de haitianos e jamaicanos sempre se recorre a uma imagem de pessoas passivas, sem consciência e muitos dos haitianos que entraram em Cuba participavam de atividades políticas no seu país após a intervenção norte-americana; o mesmo dizemos dos jamaicanos com relação ao movimento garveista.

Nas resoluções do *IV Congreso Nacional Obrero de Unidad Sindical* efetuado em janeiro de 1934, se destacaram argumentos parecidos aos de Vilhena sobre a responsabilidade que lhe atribuía falsamente a burguesía aos trabalhadores antilhanos pela situação que atravessava o cortador de cana cubano: “al mismo tiempo se propaga entre los obreros nativos que los antillanos son quienes han puesto por los suelos la mano de obra en la industria azucarera. Es decir, que para crear el ódio de los trabajadores nativos, blancos y negros, contra los extranjeros y especialmente los antillanos, usan iguales argumentos que cuando quieren crear ódios entre blancos y nativos” (PICHARDO, 1973, p. 564).

Apesar destas práticas divisionistas, o proletariado antilhano respondeu massivamente à convocação para a greve geral de 1933, de acordo com a contagem que se fez durante a conclusão da III Conferência Nacional do Sindicato Nacional de Obreros da Indústria Açucareira, efetuado em 15 e 16 de janeiro de 1934: “las huelgas unieron en la acción colectiva, en un formidable frente único, a blancos y negros, extranjeros y nativos, adultos y jóvenes, obreros industriales del ingenio y obreros agrícolas de las plantaciones y colonias, obreros, colonos, pequeños comerciantes...” (PRIMELES, T. II, p. 241).

A continuação da greve geral até a obtenção da vitória das demandas obtidas, determinou que esta se prolongasse, sendo brutalmente reprimidas em alguns lugares. Até dezembro de 1933, a atitude irredutível dos trabalhadores antilhanos, em defesa de seus legítimos interesses, deu lugar a uma matança protagonizada pelo exército com o saldo de doze haitianos mortos e quarenta feridos. A atitude combativa resulta de um despertar dos trabalhadores antilhanos, que obedecia a uma conscientização da exploração a que haviam sido submetidos desde sua chegada em Cuba.

REPATRIAÇÃO DOS IMIGRANTES ANTILHANOS

De acordo com o Governador da província de Santiago de Cuba, a situação indigente dos imigrantes antilhanos era tão precária que requeria das autoridades providências urgentes para resolver a situação. Em carta de 22 de agosto de 1921, o governador dirige-se ao chefe de imigração dizendo a este que para manter a ordem pública seria necessário enviar para a Estação Quarentenária de Cayo Duan no porto de Santiago de Cuba os imigrantes que se encontravam em situação de indigência na cidade, até que outra providência pudesse ser tomada (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA ,LEG. 1795, SIG.8).

De acordo com a carta-resposta do chefe de imigração à solicitação do governador, o pedido foi atendido, mas a questão relativa a alimentação dos imigrantes não estava resolvida pois não se sabia quem era responsável para realizá-la (IBIDEM).

A repatriação dos imigrantes antilhanos de acordo com os documentos foi uma solução do governo cubano para evitar que os imigrantes sem trabalho se transformassem em carga pública, essa atitude do governo revogava a Lei de Imigração criada em 3 de agosto de 1917, que autorizava a introdução de trabalhadores no país com a condição de que estes não constituíssem um perigo para a sociedade como já explicamos. No entanto, em 20 de julho de 1921 se deu o decreto nº 1404 para a repatriação dos trabalhadores antilhanos, está diretamente ligada à crise que a indústria açucareira enfrentou nos anos vinte.

O Decreto de 20 de julho de 1921: *Repatriación de braceros antillanos*, esclarece entre outras coisas que uma das razões para a repatriação é a falta de trabalho nos campos, o que gerava um estado de penúria para esses trabalhadores. O documento não deixa de citar que dada a situação colocava a população local em sério risco de contrair doenças segundo esclarecia a *Secretaria de Sanidad y Beneficencia*; sendo assim o documento diz que os trabalhadores procedentes do Haiti, Jamaica e demais Antilhas, contratados para a produção agrícola sob o amparo da Lei de Imigração de 3 de agosto de 1917, por constituir naquele presente

momento uma carga pública para a Nação, seriam reembarcados para seus respectivos países por conta do estado cubano.

Os documentos referentes a esse período de repatriação, revelam o despreparo das autoridades cubanas para efetivá-lo e ao mesmo tempo desvenda alguns mitos sobre a permanência dos imigrantes antilhanos em Cuba. As pessoas envolvidas na rede de contratação dos trabalhadores nesse momento se tornam omissas e nenhuma das partes assumia realmente a obrigação de levar jamaicanos, haitianos, barbadenses e outros aos seus países. Empresas açucareiras, contratistas e governo provincial não se entendiam nas medidas que deveriam ser tomadas para a repatriação.

Um dos contratistas, cujo nome aparece em vários documentos, o Sr. Xavier Rumeau, responsável em buscar trabalhadores para várias empresas, ao escrever a carta datada em 23 de agosto de 1921 para o Sr. Governador da Província de Oriente, esclarece que a resistência dos imigrantes antilhanos em serem repatriados era causada pelos boatos espalhados, segundo ele, por cerca de 50 a 60 haitianos e jamaicanos que se dedicavam a “caçar” passageiros para três ou quatro agências de vapores e “goletas”, que muitas vezes roubavam esses passageiros. Ao conhecer o Decreto de Repatriação e vendo aniquilado seu negócio faziam circular pelas províncias vários boatos, como os citados abaixo, provocando medo nos imigrantes antilhanos, levando-os a deslocar-se pelo interior, desencorajando aqueles que se dirigiam a Santiago de Cuba em busca de comida e auxílio. O Sr. Rumeau cita como exemplo os seguintes fatos:

_ Todo jamaicano ou haitiano que sea reembarcado “grátis” por el Gobierno de Cuba será paseado en las calles del puerto de desembarco para hacerle verguenza.

_ Todo jamaicano reembarcado y que tenga algunos bienes en Jamaica, el Gobierno de su país embargará esos bienes para devolverle el importe del pasaje al Gobierno de Cuba

_ Por fin ningún hombre reembarcado en esas condiciones podrá volver a Cuba en ninguna época (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 1795, SIG. 8).

Os imigrantes, segundo o Sr. Rumeau, temiam sair de Cuba e sofrer as retaliações divulgadas. O contratista recebia cartas e informações de que em diferentes lugares do interior encontravam-se grupos de imigrantes que embora conhecessem a oportunidade que tinham para sair de Cuba não podiam fazê-lo porque não tinham dinheiro para comer ou para pegar o trem.

Ignoran las distancias y los lugares donde pueden embarcarse y aunque mis circulares indiquen esos lugares esa gente no tiene la menor idea de la geografía de Cuba, carecen de voluntad y se quedan paseando su miséria. – Hay mas, mis numerosos agentes me reportan que muchos de ellos están casi desnudos y no podrían entrar en una población y cuando se les hizo saber que podían ir a Haití sin pagar nada se opusieron a la idea diciendo que no querían volver a su país en el estado en que se encontraban que era peor que cuando salieron de allí (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 1795, SIG. 8).

No documento emitido pelo Sr. Rumeau às autoridades cubanas, consta a informação de que os imigrantes antilhanos ao serem dispensados dos trabalhos na indústria açucareira se deslocavam para outras regiões da província onde pudessem encontrar trabalho, se dirigiam principalmente às zonas de cafezais, para trabalhar na colheita de café “entonces muchos de ellos que estaban en los alrededores de Guantánamo huyeron a los cafetales donde encuentran viandas que comer por el poco café que recogen” (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, LEG. 1795, SIG. 8). O trabalho nos cafezais era uma saída de sobrevivência para os trabalhadores antilhanos enquanto não eram transportados de volta para seus países.

Uma das alternativas encontradas pelas autoridades para fazer o reembarque dos trabalhadores antilhanos foi sugerido pelo Sr. Rumeau: que era reembarcar os trabalhadores pelos portos mais próximos de onde se encontravam sem ter que deslocá-los até o porto de Santiago de Cuba, evitando desta forma gastos desnecessários, conforme atestava o contratista. Para tal empreitada seria necessária, segundo ele, a utilização da Guarda Rural e de toda força de que dispunham os municípios para recolher esses homens e transportá-los até o porto através das ferrovias, com quem as autoridades dos países de destino dos trabalhadores deveriam fazer um acordo, e o transporte dos portos aos seus países seria feito pelos vapores do Sr. Rumeau.

Em outro documento do dia 23 de agosto de 1921, o chefe de imigração contestando a carta do dia 23 de agosto de 1921, enviada pelo Secretário de Agricultura, Comércio e Trabalho, diz que o Sr. Xavier Rumeau se comprometia a alimentar os imigrantes que seriam transportados por ele à Estação Quarentenária de Cayo Duan. Mas as autoridades cubanas não se entendiam quanto às medidas que deveriam ser tomadas com os imigrantes, porque em carta do dia 24 de agosto de 1921, o Sr. J. Rodríguez Acosta, Subsecretário de Hacienda, em carta enviada ao Sr. Gobernador de Oriente, diz que a “estación cuarentenaria es sola y

exclusivamente para enfermos infecciosos e imigrantes procedentes de puertos extranjeros si fuese absolutamente indispensable puede aceptarse ocupación Cayo Duan bajo la base que mantengan inmigrantes y condición de desalojar el local que se necesite para fines expuestos”.

O Governador da Província, no mesmo dia dá ordens ao Secretário de Agricultura, Comércio e Trabalho que desalojasse os imigrantes para então abrigar na estação os passageiros do vapor inglês Hemesis que haviam contraído varíola e necessitavam ficar em observação em Cayo Duan.

Essa situação demonstra que as autoridades não possuíam controle sobre o sistema de repatriação dos imigrantes, o que leva a crer que as ações empreendidas para a repatriação dos mesmos não foi eficaz nesse primeiro momento, promovendo a permanência no país ainda de grande parte dos trabalhadores antilhanos, mesmo contra sua vontade.

Em outra comunicação do dia 25 de agosto de 1921 o Governador da Província dirige uma carta ao Presidente da República Alfredo Zayas, informando-lhe que mediante o fato de ter que desalojar os imigrantes da Estação quarentenária de Cayo Duan para abrigar os passageiros do vapor Némesis, os imigrantes seriam transferidos para o Quartel Moncada onde estariam sob a custódia do estado para manutenção da ordem pública. Em resposta o presidente diz que a petição foi repassada ao Secretário de Agricultura para que resolvesse a situação com a maior brevidade possível (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1900, LEG. 1795, SIG. 8).

Por sua vez o Governador da Província escreve ao Secretário de Agricultura, Comércio e Trabalho, em entrevista com o chefe do Primeiro Distrito Militar, disse não poder admitir imigrantes no Quartel Moncada por não ter espaço para abrigar mais homens no local (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1900 LEG. 1795, SIG. 8).

A situação dos imigrantes se agravou a medida que as autoridades cubanas não acordavam sobre como alojá-los. O contratista responsável para fazer o transporte, segundo informação dirigida ao Governador Provincial do dia 29 de agosto de 1921 abandonou os imigrantes nas ruas de Santiago, sem albergues e comida, descumprindo o contrato estabelecido com as autoridades cubanas.

A carta diz que nesta ocasião cerca de duzentos trabalhadores haitianos, mal vestidos, famintos e ameaçadores, percorriam em grupos as ruas da cidade com a intenção de invadir o consulado haitiano. O representante do consulado que assina a carta diz que essa situação não poderia ser resolvida por eles, uma vez que estes já tinham entrado em contato com o contratista para que tomasse as providências de repatriar os trabalhadores e desta forma recorriam ao Governo Provincial para que pudesse buscar uma solução definitiva para o caso.

O fato é que nem as autoridades cubanas e nem as autoridades haitianas sabiam o que fazer com os trabalhadores, o jogo de responsabilidades expresso na correspondência entre as várias instâncias do governo cubano e outras com o consulado haitiano demonstram a desconcertante despreparação dos mesmos diante da situação. Enquanto buscava-se uma solução, os trabalhadores vagavam em busca de comida, o que gerava medo na população de que essa situação se tornasse incontrolável.

El incumplimiento de ese ofrecimiento por parte del Sr. Rumeau, y el hecho de encontrarse en Bahía un vapor con seis pasajeros con viruela, según indicó el Sr. Jefe de inmigración con escrito de 24 del actual, dió origen a que este funcionario solicitase el desalojo de la Estación, lo cual se comunico al Sr. Rumeau para que lo realizara con caracter de urgente; pero el día 26 el expresado Sr. Jefe sin otro aviso, llevó a efecto el desalojo, volviendo a vagar por las calles de esta población más de quinientos inmigrantes que no tienen albergue, presentando un espectáculo desagradable y que por la situación precaria en que se encuentran, pueden originar conflictos en el orden publico y que se perjudique grandemente el estado sanitario de esta ciudad (Archivo Provincial de Santiago de Cuba, leg. 1795, sig. 8, 1900).

Em uma comunicação do dia 1 de setembro de 1921, do Alcalde Municipal para o Governador Provincial de Santiago de Cuba, fica claro que durante o processo da repatriação dos trabalhadores antilhanos, em vários momentos a situação chegou ao descontrolo total das autoridades. A carta diz que haitianos a bordo do vapor Rambler promoveram uma grave “reyerta” na qual ficou ferido o inspetor da Aduana Desiderio López que prestava serviço neste local. A polícia e o exército foram chamados para intervir para desarmar os haitianos, segundo o relato “un haitiano conserva revolver escondido a bordo, hoy al tratar de desarmarlo fuerzas de policia y ejercito ayudados por paisanos hirió de un disparo a un ciudadano Angel Terga”, continuando, a carta diz que há mais de quinze dias cerca

de 260 haitianos se encontravam a bordo do barco e a demora em transportá-los havia ocasionado tal fato.

O Governador em resposta ao Secretário de Agricultura, na correspondência datada de 1 de setembro de 1921, reconhece a ineficiência no processo de repatriamento dos trabalhadores antilhanos, mas ao mesmo tempo desloca a responsabilidade dos fatos ocorridos ao descumprimento do contratista com a ordem de levar os trabalhadores aos seus devidos países, o que teria desencadeado todos os transtornos.

O Sr. Xavier Rumeau passa a ser o alvo das averiguações sobre os desentendimentos ocorridos no vapor Rambler, o seu desaparecimento entre os dias 23 e 24 da cidade de Santiago faz dele o responsável por todos os transtornos porque passaram as autoridades cubanas a terem que tratar do abrigo, alimentação e repatriação dos haitianos e jamaicanos e ainda terem de enfrentar a revolta desses homens a bordo do Vapor Rambler (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1900, LEG. 1795, SIG. 8).

O caso do vapor Rambler termina de forma inesperada, em carta do dia 1 de setembro de 1921, o Governador informa ao Secretário de Agricultura, Comércio e Trabalho que “conflicto con inmigrantes debese gran parte a la salida del vapor Rambler, hace más de quince días con 260 haitianos a bordo sin salir Capitán pretextando cada dia no poder zarpar por que contratista Rumeau no suministraban petróleo, practico ni despacho aduana”. Em continuação o Governador diz ainda que o capitão do Rambler notificou a Aduana que não queria os imigrantes a bordo até o momento da saída e a empresa New Niquero notificou também que não os queria no cais; isso fez com que os imigrantes se dispersassem dirigindo-se ao campo.

Uma das alternativas para assegurar alimentação à população de imigrantes antilhanos foi criar uma cozinha pública, segundo informa as Atas Capitulares da cidade de Santiago de Cuba, nº 46 de 1921-1922. A proposta do Sr. Palomino de criação de cozinhas econômicas para atender a esses imigrantes, foi aprovada por doze votos pela Câmara sendo disposto a partir desta data o seguinte acordo:

En presencia de la afflictiva situación de miséria y hambre que la crisis general del país ha producido en las clases pobres, agravandose esta situación por el crecido numero de inmigrantes que sin trabajo y semidesnudos vagan por las calles, se acuerda que por el

Ejecutivo Municipal y Presidente de esta Cámara se realicen todas las gestiones necesarias para lograr la repatriación de esos inmigrantes; establecer dos cocinas económicas, una en la parte alta y otra en la parte baja de la ciudad, tomándose, para sus sostenimientos, la cantidad necesaria del capítulo de “Imprevistos” del presupuesto en vigor, por tratarse de una calamidad pública y nombrar una comisión especial integrada por los Concejales Srs. Palomino, Salas y Duany para que cooperen con dicho, Ejecutivo Presidente de esta Cámara al mejor éxito de las gestiones que por este acuerdo se encomienda (ATAS CAPITULARES DE LA CIUDAD DE SANTIAGO DE CUBA, Nº 46, 1921-1922).

O Sr. Cuesta, membro da Câmara da cidade de Santiago de Cuba, dá outras informações sobre a situação dos imigrantes que perambulam pelas ruas de Santiago. Ele diz que o jornal *La independencia* publicou que apesar de haver um barco na bahía esperando para repatriar os imigrantes, estes preferiam continuar errantes pelas ruas para explorar a caridade pública.

O Sr. Presidente diz porém que tem notícias de que o fato denunciado pela imprensa não é certo e que o que havia sucedido é que os imigrantes que existem na cidade eram de Barbados e não da Jamaica e do Haiti. Os maçons buscavam atender no possível a esses trabalhadores, porém não era possível atender a de todos pela grande quantidade de necessitados.

A Polícia Secreta do Oriente investigava casos específicos relacionados aos indivíduos haitianos que ofereciam perigo para a sociedade e que transgrediam as leis do país, um caso específico relatado na documentação do Governo Provincial é a do haitiano José Rafael Norcharles, que adotava outros nomes como Marron, ou Marion Norte, negro natural do Haiti e que tinha várias passagens pela polícia sob a acusação de explorar as mulheres haitianas, enganar seus compatriotas que iam a Cuba para trabalhar nas safras, e por cometer roubo. Segundo relato das autoridades tratava-se de um sujeito de maus antecedentes que constantemente ocupava a polícia com suas ações, segundo o documento o Sr. José Rafael era um parasita para a sociedade, com todas as características de um “elemento indesejado”.

No documento o chefe de Polícia Secreta do Oriente José Garcia Muñoz, informa ao Governador Provincial que deveria ser iniciado o expediente de expulsão contra o mencionado indivíduo, assim que este cumprisse a condenação a que foi submetido (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1926, LEG. 786, SIG. 19). A resposta positiva do Governador, ao pedido do chefe de polícia no mesmo dia da solicitação, efetiva o pedido de expulsão do citado haitiano.

Em um outro documento podemos ver como se comportavam as autoridades jamaicanas para com seus cidadãos. Um crime ocorrido no Central Miranda provocou a reação da comunidade jamaicana residente neste central levando a intervenção do cônsul. O Sr. Oscar Taylor foi assassinado pelo guarda do central, chamado Gorit, sem nenhuma causa aparente, segundo relata a carta levando a manifestação dos seus compatriotas e o pedido de justiça.

Em resposta o Governador diz que havia repassado para o *Fiscal de la Audiencia* para que este tomasse as providências sobre o caso. A atitude do cônsul jamaicano não é isolada em vários episódios ele intervém exigindo das autoridades cubanas ações de punições contra maus tratos atribuídos aos trabalhadores jamaicanos.

A proteção que os trabalhadores jamaicanos recebiam de seus representantes fomentava uma resposta do estado cubano aos ataques sofridos por esses trabalhadores, no entanto, dentro das empresas as regras se interpunham ao bem-estar desses imigrantes.

No caso das mulheres, citando o caso de Elena Osório ou Digna Blanco como era chamada, mulata, inglesa, que segundo o chefe de Polícia Secreta se dedicava a prostituição, escândalos e a recrutar menores de idade para exercerem o seu ofício, levava vida de libertinagem segundo relata o Sr. José Garcia Muñoz embora fosse casada em Kingston, onde vivia seu esposo, um dentista, com os filhos que ela havia abandonado, era amante de um sujeito que não trabalhava e que se dedicava ao roubo, na sua casa seu marido se reunia com seus parceiros de furto para orquestrar os planos para suas ações (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG. 787, SIG. 3).

Outros casos são relatados pelas autoridades provinciais como sendo de expulsão por serem indivíduos praticantes de delitos e de comportamento excuso. Este outro caso trata de um haitiano, o Sr. Andrés Juan, conhecido também como Mariano Acosta ou Mariano A. Royo, negro, não se dedica ao trabalho, tem o hábito do roubo, de enganar os outros imigrantes de seu país, resulta um parasita perigoso tendo que ser vigiado constantemente pela polícia. Neste caso também foi solicitado a sua expulsão de Cuba por tratar-se de um “elemento indesejável” mediante o fato de comprovação de suas ações ilícitas e comportamento duvidoso (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG. 787, SIG. 3).

Outro caso também relatado pela polícia é o do Sr. Roberto Marter Nsois, conhecido também pelo nome de Fernando Martel, Lorenzo Martel, Enrique Martinez Speck e Frederico Leyte Vidal, negro, natural de Guadalupe, que se encontrava preso, não trabalhava, mantinha constantes relações com prostitutas que procediam de seu país, vivia exclusivamente do produto de furtos. Sua ação se intensificava durante a safra, e a maioria das vítimas são seus próprios compatriotas, ou outros indivíduos trabalhadores procedentes da Jamaica e Haiti (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG. 787, SIG. 6).

Em uma carta da Brigada de Policia Secreta à sua Jefatura, aparecem vários outros nomes de imigrantes antilhanos que se encontravam na situação de elementos indesejáveis sob acusação de vários crimes contra trabalhadores também antilhanos. Os nomes de James Telfor, Beasson Willems James, William Brown, Tomas Grant, Andres Perez, um outro apelidado de Titina, que se chamava Felix Gonzalez e encontrava preso, um outro chamado André que se encontrava nas ruas companheiro de roubo de um cidadão chamado Slimm, dedicavam-se a enganar os trabalhadores durante a safra, segundo relata o documento. Os mesmos estavam sendo investigados pela policia, por tratar-se de indivíduos ‘perigosos’ com antecedentes criminais segundo informação da policia (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1927, LEG. 787, SIG. 9).

Vários indivíduos com o mesmo comportamento dos já citados imigrantes antilhanos que se “dedicavam ao crime” ocupavam o cárcere no Vivac Municipal, e outros sofreram prisões em distintos departamentos penais da Província. O documento diz ainda que nenhum destes indivíduos trabalhava, se ocupavam inclusive da venda de mulheres haitianas. A prisão dos maleantes foi, segundo relatam os documentos, aplaudida pelo país inteiro, numa clara referência de que os indivíduos de má índole eram inaceitáveis na sociedade cubana, a corrupção moral era algo que requeria das autoridades todo o empenho necessário. Segundo informação da polícia seriam mais de trinta os indivíduos que se dedicavam a tais ações delinqüentes, que deveriam ser detidos, cuja intenção era desarticular a boa administração do Governo Provincial e burlar a atuação da Polícia.

Outras investigações sobre a ação ilícita de cidadãos haitianos foram requeridas pela polícia. Sendo que na maioria dos casos as investigações são concluídas mediante comprovação dos atos praticados pelos imigrantes, o que leva

a crer que o desemprego no período de entre-safra contribuía para as ações criminosas dos imigrantes.

As autoridades cubanas incumbidas de garantir a ordem e o bem estar dos cidadãos, segundo demonstra as cartas, vivia uma situação descontrolada uma vez que não se entendiam na busca de uma solução não só para retirar os imigrantes das ruas, mas também para deter o aumento da criminalidade que essa situação gerava.

Outros imigrantes, de outras origens, investigados pela polícia do Oriente como os sírios, alguns sendo acusados de serem anarquistas recebem uma avaliação positiva da investigação como pudemos constatar no caso do Sr. Abrahan Jubich e Echibib, natural da Síria, comerciante, casado. Na conclusão de seu caso a polícia relata,

el Agente de este Cuerpo, José Betancourt, por escrito de 29 de marzo pasado, me informa que como resultado de las investigaciones que ha realizado, en dicho termino haciendo la investigación interesada en dicho oficio, ha sabido que el citado Jubich Echibib, no es ni ha sido anarquista, no fue expulsado del país de su procedencia ni esta comprendido en el artículo primero, letra A, del Decreto 1601 de 27 de julio de 1925, siendo además una persona honrada, seria y laboriosa (ARCHIVO PROVINCIAL DE SANTIAGO DE CUBA, AÑO 1928, LEG. 787, SIG. 17).

Outro caso em que a investigação exime o acusado de responder por ações políticas anarquistas que prejudicassem a ordem pública, foi dirigida ao Sr. Santiago Brow y Filán, natural de Villa de Rosseau nas Ilhas Dominicanas de colonização inglesa. O chefe de Polícia em resposta às inquirições de que o citado Sr. Santiago era anarquista e havia sido expulso de seu país, nega tais acusações.

A situação de outros imigrantes inclusive os espanhóis durante o período da repatriação não era melhor que a dos imigrantes antilhanos como se crê. Um documento datado em 8 de julho de 1931 na cidade de Santiago de Cuba assinado por uma comissão de trabalhadores espanhóis que se denominam “indigentes” e dirigido ao Governador Civil da Província, revela que eles também passaram por uma situação semelhante a dos imigrantes antilhanos.

O documento denuncia o comprometimento das autoridades cubanas e também das Sociedades espanholas estabelecidas em Cuba que mediante a concessão do governo de eximir as sociedades citadas do pagamento do imposto estabelecido pela *Ley de Emergencia Económica*, estas se comprometiam a

alimentar e repatriar aos trabalhadores espanhóis e que por negligencia de ditos senhores, os espanhóis seguiam povoando as ruas da cidade de Santiago de Cuba e outras em péssimas condições, passando fome, sofrendo com enfermidades e todo tipo de problemas. O documento foi assinado por Fernando L., Antonio Nogueira, Evaristo López, Jose Paredes, Francisco Rodriguez, que compunham a comissão informando que eram representantes de todos os espanhóis indigentes da cidade de Santiago de Cuba.

A situação dos haitianos ainda no ano de 1931 continua crítica como podemos constatar pela carta do Sr. Lobaina (Alcalde Municipal de Baracoa) em carta ao Gobernador Provincial de Santiago de Cuba em que informa que trabalhadores haitianos e jamaicanos que foram conduzidos para o porto de Santiago de Cuba pelo buque Glenda e outros buques de cabotagem que se encontravam nos Bairros rurais, não tendo recurso para embarcar nem para sua subsistência e não podendo a alcadia facilitar nenhum recurso por não existir consignação pressuposta para este fim. Segundo informações do Sr. Lobaina alguns desses trabalhadores que se encontravam nos Bairros Rurais inclusive com famílias cubanas, com mais de dois anos de residência necessitavam de ajuda, por isso o Alcalde Municipal pede auxilio ao Governador, pois diz não saber qual atitude tomar nesta situação.

Em 18 de outubro de 1933, o Governo Provisório criou o Decreto nº 2232⁵⁴ para a repatriação forçada de estrangeiros sem trabalho e em 20 de dezembro do

⁵⁴ O Decreto intitulado “Repatriación forzosa de extranjeros sin trabajo ni recursos Decreto nº 2232 de 18 de octubre de 1933” dizia: -Por cuanto: en la mayoría de las poblaciones de la República, residen numerosos extranjeros que se encuentran sin trabajo, y en un estado de miséria constituyendo un posible factor de aumento de la criminalidad, y de perturbaciones en el orden público.

-Por cuanto: Es conveniente que esos extrajeros sean reembarcados a sus respectivas naciones, siéndoles pagado el reembarque por el Gobierno.

-Por cuanto: Es deber de todo Gobierno, impedir en lo posible el aumento de la mendicidad, y evitar que los extranjeros sin trabajo y sin bienes de fortuna, constituyan una carga para el Estado.

- Por tanto: La propuesta del Secretario de Gobernación, y haciendo uso de las facultades que me están conferidas,

Resuelvo

Primero: Autorizar la repatriación forzosa de los extranjeros, residentes en la República, que se encuentren sin trabajo, y privados de toda clase de recursos.

Segundo: La repatriación se llevará a efecto en cada Municipio por los Alcaldes Municipales, los cuales utilizarán a los empleados a sus ordenes, que estimen conveniente, y serán auxiliados por las fuerzas del Ejército.

Tercero: El Gobierno pagará el pasaje de los extranjeros que sean repatriados, y cuidará de que en los principales puertos de la República, haya barcos que los lleven a su país de origen.

Quarto: Se entregará como donativo a cada repatriado la cantidad de \$2,00.

mesmo ano, criou o Decreto nº3289 no qual concedia um crédito de \$20.000,00 para cobrir os gastos dos estrangeiros indigentes a quem o governo considerara necessário enviar a seus respectivos países.

A pesar de estas disposiciones, en Cuba quedaron muchos antillanos, algunos consiguieron trabajo como peones en la región oriental de Cuba; las mujeres, principalmente, se colocaban en trabajos domésticos, pero en general resultaban explotados y humillados. Al llegar a la ancianidad y no poder trabajar se convertían en indigentes. En el año 1939⁵⁵ existían todavía en Cuba 25.000 antillanos a quienes el gobierno decidió reembarcar esse año (PICHARDO, T.IV, 1980).

A repatriação aconteceu, como vimos, quando a indústria açucareira enfrentava uma de suas piores crises. As empresas embora não deixassem de utilizar a mão-de-obra estrangeira, recorreram a planos de colonização utilizando a população nacional. A repatriação dos trabalhadores antilhanos foi um processo bastante violento, o que provocou um estado de terror entre os imigrantes antilhanos, principalmente os haitianos que foram as maiores vítimas.

A repatriação atendia aos interesses nacionais por dois motivos: favorecia o trabalhador nacional e eliminava os imigrantes “indesejáveis” da sociedade, no entanto, esse processo atingia também aos imigrantes espanhóis, especialmente os canários, que pela falta de trabalho devido a crise também mendigavam pelas ruas das províncias de Oriente conforme pudemos ver nos jornais de Las Palmas, *El Día* e *el Guanche*.

O Decreto diz que o reembarque dos imigrantes seria pago pelo Governo cubano, no entanto, a repatriação só estaria a cargo dos imigrantes que ofereciam um risco à sociedade, ou seja, aos mendicantes e sem trabalho, que por essa razão ofereciam risco à sociedade provocando pequenos delitos e distúrbios. Essa situação, no entanto, como pudemos constatar já era uma realidade desde 1921, quando já existia um número significativo de imigrantes antilhanos em Oriente e

Quinto: Los gastos que ocasionar el reembarque de los extranjeros, serán abonados con cargo a los fondos especiales situados para ese efecto por el presidente de la Republica.

Sexto: El Secretario de Gobernación, supervisará la repatriación de los extranjeros, cuidando de que solo sean reembarcados aquéllos a quienes se refiere este Decreto, y acordando cuantas medidas sean necesarias para su rápida y acertada ejecución. (*Gaceta Oficial*, 19 de octubre de 1933, p. 5031)

⁵⁵ O reembarque obrigatório de antilhanos para seus países se deu em períodos distintos, o primeiro em 1921 devido a crise do açúcar; em 1933 com a aprovação de Lei de Nacionalização do trabalho e em 1939 o governo cubano decide reembarcar mais trabalhadores antilhanos.

Camaguey e que no período de entre-safra eram abandonados pelas empresas, que não transportava os trabalhadores de volta aos seus países.

FIGURA (S) 17: A REPATRIAÇÃO DOS IMIGRANTES



Fonte: PICHARDO, Hortencia. *Documentos para la historia de Cuba*, 1980, p. 79



Fonte: *United Fruit Company: un caso del imperialismo en Cuba*, 1976, p 287.



13. Haitianos trasladándose al muelle de Punta de Tabaco para ser repatriados (1928).

Fonte: *United Fruit Company: un caso del imperialismo en Cuba*, 1976, p 288.

A Lei de Nacionalização do Trabalho unida ao Decreto de Repatriação dificulta ainda mais a vida dos imigrantes em Cuba. Um outro Decreto-Lei, nº52⁵⁶, criado em 5 de março de 1934 cujo título era “Regulando la expulsión de extranjeros” tinha como foco expulsar do país os imigrantes espanhóis envolvidos em questões políticas. Esta legislação poria fim a um intenso fluxo migratório para Cuba e inauguraria uma outra fase da indústria açucareira no país, onde não mais o imigrante era o elemento mais importante para o seu funcionamento.

⁵⁶ Os artigos 6º, 7º e 8º, do Decreto-Ley nº 52 de 5 de março de 1934, deixam claro a sua aplicação contra os imigrantes espanhóis que atuavam politicamente em Cuba:

6º - Cuando sean condenados por infracción, en cualquier forma, grado de las leyes que regulen las huelgas o la organización y libre funcionamiento de las organizaciones obreras y patronales.

7º - Cuando realicen cualquier acto de coacción o amenazas en cualquier forma sobre patronos u obreros para la consecución de sus ideas sociales o proletárias, o sobre cualquier otra persona natural o jurídica para coartar el derecho de libertad de trabajo de patronos y obreros.

8º - Cuando realicen en cualquier forma y grado actos de propaganda para reemplazar la actual forma republicana y democrática de gobierno por otra distinta, o impedir el libre funcionamiento y desenvolvimiento de los poderes públicos o cuando realicen en cualquier otra forma actos que por su naturaleza política solo puedan realizar lícitamente los ciudadanos cubanos.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi o de analisar mediante a documentação e as entrevistas alguns aspectos da contribuição histórica da migração antilhana para Cuba. As fontes encontradas não nos permitiram traçar uma única linha para a pesquisa, mas nos levou a uma série de conexões históricas inter-relacionadas, cujo personagem principal era o negro. Consideramos que algumas conclusões, embora modestas, podem ser retiradas e que contribuirão para esclarecer determinados fatores de transformação na sociedade cubana durante seus primeiros trinta anos de história republicana.

A visão nacionalista baseada em questões raciais da elite Cubana pós-independência, se caracteriza por um pensamento isolacionista, segregador, que imputa ao negro o exercício de um papel contrário à idéia de “civilização”, almejado por essa mesma elite. Durante a década de vinte, o negro cubano quando comparado aos negros imigrantes antilhanos, conheceu um novo papel, o de ser portador de uma outra cultura.

A relação econômica de Cuba com os Estados Unidos durante as três primeiras décadas do século XX delineou o quadro social cuja base foi a contratação dos trabalhadores imigrantes. A presença deles na região Oriental exaltou o debate racial, colocou o negro em evidência e propiciou a reavaliação do pensamento burguês.

Vimos que a contratação dos trabalhadores antilhanos pelas empresas norte-americanas seguia uma estratégia para desestabilizar organicamente os trabalhadores e dificultar sua integração, uma vez que a contratação dos imigrantes antilhanos formou um mosaico étnico-cultural dentro dos centrais da região oriental. A primeira década caracterizou uma fase de contradições entre os interesses das empresas açucareiras, a burguesia cubana e os trabalhadores.

A introdução dos imigrantes antilhanos pelas *companies* norte-americanas, expôs três questões: o avanço capitalista dessas empresas em Cuba promoveu uma coação das forças nacionalistas internas que se chocaram de acordo com a ligação que cada uma delas estabeleceu com as *companies*. Essa relação

fomentou por um lado a aceitação enquanto mão-de-obra do trabalhador antilhano pela burguesia açucareira da região do Oriente, enquanto que a burguesia do Ocidente reagia contrariamente à entrada desses imigrantes, a imigração antilhana serviu aos interesses das *companies* na tentativa de desagregar a mão-de-obra trabalhadora dos centrais, possibilitando às empresas maior controle sobre os mesmos. No entanto, essa estratégia não sobreviveu à medida que as relações entre os trabalhadores dentro dos centrais se tornavam mais estreitas, consequência não só das atividades exercidas por eles conjuntamente, mas também pela relação cultural proporcionada pelas atividades festivas e outras, desenvolvidas pelos diferentes grupos dentro dos espaços dos centrais e das plantações, o que permitia a integração entre os trabalhadores nessas ocasiões.

A contradição entre os interesses da indústria açucareira doméstica dos Estados Unidos e a indústria açucareira instalada em Cuba, foi outro ponto importante para o estabelecimento do quadro econômico durante esses trinta primeiros anos da República Cubana, que foi submetido a uma legislação imigratória que se contrapunha ao ideal de nação formulado pela elite *criolla* do país.

A legislação imigratória, criada a partir da legislação que vigorava nos Estados Unidos, mais do que se preocupar com a contratação de imigrantes “desejados” de acordo com o que exigia a sociedade cubana, atendia aos interesses comerciais dos Estados Unidos, que queria proteger sua indústria doméstica mas, garantia, através de artigos que podemos chamar de “dúbios” presentes na primeira Lei de Imigração de Cuba, a ação das suas empresas açucareiras em expansão na ilha. O interesse em proteger a indústria açucareira interna dos Estados Unidos e também o de proteger a indústria em expansão presente em Cuba, influenciou na criação da legislação imigratória cubana como vimos.

A questão racial pautou todos os debates em torno da legislação imigratória cubana, contrapondo a burguesia das províncias do Ocidente com a burguesia das províncias do Oriente, embora mantivessem um mesmo discurso enquanto ao ideal de imigrante que deveria entrar no país, possuíam interesses econômicos diferentes e à medida que a indústria açucareira das províncias orientais se desenvolvia, o interesse da burguesia dessa região também mudava em relação ao interesse na contratação da mão-de-obra.

A entrada dos imigrantes antilhanos em Cuba expõe uma série de outros fatos que regeram as relações sociais e culturais no país e mudou a percepção da sociedade sobre o negro cubano. A princípio o que parecia ser uma ação negativa para a cultura nacional do país, na verdade, enriqueceu seu *panteon* étnico e transcultural com a introdução de novos códigos lingüísticos, religiosos e hábitos alimentares introduzidos por haitianos, jamaicanos e vários outros grupos originários do Caribe que entraram em Cuba para trabalhar nas safras açucareiras.

A base científica do discurso eugenista da elite foi o elemento mais forte para contestar a entrada dos trabalhadores negros das outras Antilhas em Cuba. A imprensa foi o aliado na defesa dos argumentos racistas para difundir o preconceito e o rechaço relativos a esses imigrantes, no entanto, a relação de trabalho dentro dos campos de cana e nos espaços dos centrais possibilitou a desconstrução de parte das imagens negativas forjadas pela imprensa, propiciando um convívio social e até mesmo possibilitando relações matrimoniais entre eles.

A presença dos antilhanos no país, além de agregar novos elementos culturais, também foi responsável pela conscientização do negro cubano ao introduzir seus ideais nacionalistas e de luta contra o racismo. Portanto, a presença da imigração antilhana em Cuba, mais do que uma simples mão-de-obra barata foi um elemento fundamental para o amadurecimento social no país. Além de contribuir para o enriquecimento cultural, os antilhanos com suas práticas religiosas e organizações, estabeleceram novas relações entre si e principalmente, promoveram uma reavaliação das relações do negro cubano com sua sociedade.

Além das contribuições culturais, os haitianos através de sua associação “George Sylvain”, criaram uma base de sustentação de sua nacionalidade haitiana conectada com os valores propiciados pela nação que os recebeu como trabalhadores. Isso nos possibilita dizer que ao contrário do que vem tratando muitos trabalhos que analisam a migração de trabalhadores antilhanos para Cuba, eles conseguiram se manter coesos em relação à sua identidade enquanto indivíduos e enquanto grupo, mesmo contra o apregoamento racista da imprensa burguesa cubana e a oposição de sua elite e o mais importante, criaram vínculos sociais com os cidadãos cubanos como pudemos ver na análise dos decretos de organização da associação, que favorecia a integração entre haitianos e cubanos não só através da

educação, mas priorizando a permanência de cubanos no quadro de associados da instituição.

As associações fundadas pelos espanhóis e principalmente as que foram fundadas pelos imigrantes antilhanos foram espaços importantes de recreação, manutenção e preservação de suas manifestações nacionais e de integração para com os cubanos, uma vez que consentiam como vimos na associação criada pelos haitianos, a participação deles como membros, o que nos demonstra que os haitianos, por exemplo, buscavam integrar-se à sociedade cubana onde muitos permaneceram e formaram famílias.

Já os jamaicanos e *jamaiquinos*, atuaram politicamente participando do movimento trabalhista e difundindo os ideais apregoados por Marcus Garvey. Uma das mais interessantes influências jamaicanas em Cuba foi a introdução do pensamento garveyista e sua ação para a conscientização do negro. As lojas da Orden Odd Fellows e a igreja episcopal anglicana são hoje grandes referências da atuação do movimento introduzido pelos jamaicanos que tiveram ação em Cuba.

Podemos dizer que a entrada dos imigrantes antilhanos foi um marco importante para a história de Cuba durante os trinta primeiros anos de República, porque ativou a discussão em torno às principais questões nacionais daquele momento: qual seria o ideal de Nação que sua população deveria seguir, a dependência do país em relação ao capital estrangeiro e sua interferência nas questões políticas do país.

Vimos que determinados mitos sobre os imigrantes antilhanos fomentados pela imprensa burguesa da época auxiliou para apregoar uma imagem negativa em relação a esses trabalhadores. O ambiente de trabalho dentro dos centrais e o convívio com os trabalhadores negros cubanos possibilitaram a desconstrução de parte dessas imagens; até mesmo o depoimento dos trabalhadores espanhóis demonstrou que a atuação dos imigrantes antilhanos dentro das fábricas era elogiada pela sua dedicação ao trabalho.

As empresas açucareiras também foram responsáveis por inculcar na população certa aversão à posição dos trabalhadores antilhanos ao utilizá-los em ações contra outros trabalhadores, mas à medida que haitianos, jamaicanos e outros imigrantes do Caribe, começaram a dominar o idioma espanhol e passaram a

participar do movimento trabalhista, sua conscientização aumentou e sua atuação ao lado dos demais trabalhadores passou a ser mais intensa.

A repatriação desses trabalhadores seguiu uma lógica econômica, devido a crise que a indústria açucareira enfrentou na década de vinte. Nessa fase os trabalhadores vivenciaram uma situação de penúria e miséria, abandonados pelas empresas que os contratavam, não podiam voltar aos seus países transformando-se em um problema para as autoridades cubanas. A repatriação atingiu não só os trabalhadores antilhanos, mas também os trabalhadores canários, que também sofreram com a crise açucareira.

As incertezas e a confusão gerada pelas autoridades provinciais e das empresas açucareiras, provocou um estado de terror entre os imigrantes que assombrados pela distorção dos fatos temiam a repatriação. O medo em relação à repatriação não era por uma intenção de permanecer em Cuba, pelo contrário, os imigrantes várias vezes se manifestaram contra as empresas açucareiras que não cumpriam com os contratos e não os repatriava. Aqueles que permaneceram no país o fizeram porque contrairam matrimônio, conseguiram emprego em outras atividades ou não tinham recursos para voltar aos seus países de origem.

Sabemos que a história da migração de trabalhadores para a indústria açucareira cubana, especialmente a migração de trabalhadores antilhanos é rica. Os historiadores que tem se dedicado a esse capítulo da história cubana e caribenha têm instigado outros pesquisadores a se aprofundarem nesse assunto. Portanto, não quisemos responder à todas as perguntas que planteamos neste trabalho, pois a História não se faz só com as respostas, mas principalmente com as dúvidas, pois delas é que se torna possível novas análises e a elaboração de novas perguntas que tragam mais luz sobre determinado fato.

Quisemos, contudo, apresentar uma análise mais atenta sobre quão importante foi para a então jovem República cubana o complexo e instigante quadro social e econômico que o país experimentou a partir da introdução dos trabalhadores negros antilhanos, quando então o país vivenciou uma nova ordem política.

REFERÊNCIAS

FONTES

Acta de la sesión publica ordinária del 14 de diciembre de 1923. In: *Anales de la Academia de Ciências Médicas, Físicas y Naturales de La Habana*, t. 60, La Habana, 1923-1924, p. 418.

Anuário Azucarero de Cuba. La Habana, 1937, p.134

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Fondo Manati Sugar Company, matéria Centrales, 1926, Leg. 1699, Sig. 4953, 21 de diciembre de 1926.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Fondo Gobierno Provincial, matéria Centrales, año 1920, Leg. 307, Sig. 18. Central Palma, Oriente de Cuba, 5 de Marzo de 1919.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba. Fondo Gobierno Provincial, matéria Centrales, año 1920, leg. 307, sig. 18. Tacajó Central Corporation, 30 junio de 1921.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Fondo Gobierno Provincial, Matéria Centrales, año 1920, Leg. 307, sig. 18 . Habana, 13 de março de 1923, Secretario de Gobernación.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Fondo Gobierno Provincial, Matéria Centrales, año 1920, Leg. 307, sig. 18. Habana, 20 de octubre de 1923, Secretario de Gobernación.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, informações sobre o Fondo del Gobierno Provincial, matéria Centrales, Leg. 307, Sig. 18. Santiago de Cuba, 23 de octubre de 1923, carta do Sr. Gobernador de la Provincia de Santiago de Cuba ao Alcalde Municipal.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, matéria Sociedades (extranjeras), año 1927-1928, Leg. 2566, Sig. 4.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, matéria Sociedades (extranjeras), año 1927-1928, leg. 2566, sig. 4. Santiago de Cuba, 6 de enero de 1928.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba. Carta del Secretario de la República al gobernador provincial de Oriente. Fondo del Gobierno Provincial, legajo 786, sig. 8, expedientes, año 1913

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Año 1926, Leg. 786, Sig. 19. Carta do Sr. José Garcia Muñoz, Jefe de la Policia Secreta de Oriente, dirigida ao Sr. Gobernador Provincial de Oriente.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, año 1927, Leg. 787, Sig. 3. Carta do Sr. José Garcia Muñoz dirigida ao Sr. Gobernador Provincial em 24 de noviembre de 1927.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, año 1927, Leg. 787, Sig. 3. Carta do Sr. José Garcia Muñoz, dirigida ao Sr. Gobernador Provincial de Santiago de Cuba, en 8 de diciembre de 1927

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, año 1927, Leg. 787, Sig. 6. Carta da Brigada Policia Secreta de Oriente dirigida ao Chefe de Policia Secreta con data de 24 de noviembre de 1927.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, año 1927, Leg. 787, Sig. 9. Carta da Brigada da Policia Secreta, dirigida a Jefatura da Policia Secreta de Oriente. 14 de Diciembre de 1927.

Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Fondo Gobierno Provincial, matéria Centrales, año 1928, Leg. 787, Sig. 17.

Portfolio Azucarero. Secretaria de Agricultura Comércio y Trabajo. Industria azucarera de Cuba, 1913-1914, La Habana. Inventario de los Libros del Fondo: Gobierno Provincial de Oriente, 2002. Leg. 785,786,787,788, 1703,1704,1705,1790,1795,1796,2586,258, 303,304

Gaceta Oficial de la República de Cuba, julio 28 de 1925, p. 2465-2467

Cuba. Secretaria de Estado. Documentos diplomáticos. Copia de la correspondencia...relativa al trato de los inmigrantes jamaquinos. La Habana: Secretaría de Estado, 1924.

Cuba. Secretaria de Hacienda. Movimiento de Población, 1935, 1938

Cuba. Secretaria de Sanidad y Beneficência. Ordenanzas Sanitárias. La Habana: Imprenta de Rambla, Bouza y Co, 1914.

Cuba. Convención Constituyente. Diário de Sesiones, 1901, 1940.

Secretaria de Hacienda (1916 y 1918). Inmigración y movimiento de pasajeros. La Habana: Rambla y Bouza.

VV.AA. *Problemas de la Nueva Cuba*. Informe de la Comisión de Asuntos Cubanos. New York: Foreign Policy Association, Inc, 1935.

CENSOS

Censo de la República de Cuba de 1907

Censo de la República de Cuba de 1919

Censo de la República de Cuba de 1931

JORNAIS

El Cubano Libre, Santiago de Cuba, 1901, 1904 (Cuba)

La Voz del Pueblo, Guantánamo, 1902 (Cuba)

La Discusión, 1902 (Cuba)

La Situación al día, 1902 (Cuba)

La justicia, La Habana, 1910 (Cuba)

El Conservador de Oriente, Santiago de Cuba, 1910, 1916 (Cuba)

El Democrata, Santiago de Cuba, 1915 (Cuba)

El Día, 1914 (Cuba)

Diário de la Marina, La Habana, 1916, 1917, 1919, 1923 (Cuba)

El Guanche, Las Palmas, 1924 (Las Palmas de Gran Canaria)

El Liberal, 1908 (Cuba)

El Mundo, 1902 (Cuba)

El Pueblo, 1932 (Cuba)

Heraldo de Cuba, 1922 (Cuba)

ENTREVISTAS

Entrevistado Sr. Rafael Cedeño Verdecia. Entrevista realizada por Olga Cabrera. Granma, 16 de maio de 1992.

Entrevistado Sr. Pablo González. Entrevista realizada pela equipe de Historiadores Oraís de Cuba. Las Tunas, 15 de maio de 1992.

Entrevistada Sra. Sybil Corby (descendente de jamaicanos) 56 anos. Entrevista realizada pela equipe de Historiadores Oraís de Cuba. Central Manati, 15 de maio de 1992.

Entrevistada Sra. Teresa Pine. Entrevista realizada pela equipe de Historiadores Oraís de Cuba. Puerto Manati, 16 de maio de 1992.

Entrevistado Sr. Rafael Cartalla. Entrevista realizada pela equipe de Historiadores Oraís de Cuba. Manati, Las Tunas, 14 de maio de 1992.

BIBLIOGRAFIA

ABAD, Luis V. de. *Azúcar y caña de azúcar*. La Habana, 1945.

AGUIRRE, Sérgio. Algunas luchas sociales en Cuba Republicana. *Revista Cubana*, La Habana, nº49, septiembre, 1965.

_____. Nacionalidad, nación y Centenario. *Revista Cuba Socialista*, La Habana, v. 7, nº 66, p. 75-96, 1967.

ALÉN, Olavo. *La música de las sociedades de tumba francesa en Cuba*. La Habana: Casa de Las Américas, 1986.

ALÉN, Rose Mary. Emigración laboral de Curazao a Cuba a principios del siglo XX: una experiencia. *Revista Mexicana del Caribe*, año V, nº 9, p. 40-103, 2000.

ALARCÓN, Aléxis. 'Vodu en Cuba o vodu Cuba no?'. *Revista Del Caribe*, v. V, nº 12, p. 89-90, 1988.

ALVARADO, Juan. Relaciones raciales en cuba. Notas de investigación. *Revista Temas* 7, julio-septiembre, p.37-43, 1996.

ÁLVAREZ ESTEVEZ, Rolando. *Azúcar e inmigración 1900-1940*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

A. MARIÑEZ, Pablo. Persistência cultural africana en el Caribe. *Revista Mexicana del Caribe*, nº 3, p. 42-73, 1997.

AMES, David W. Negro family types in a Cuban Solar. *Revista Phylon*, p. 159-163, 1950.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ARAQUISTAIN, Luis. *La agonía antillana. El imperialismo yanqui en el mar Caribe*. La Habana: Editorial Lex, 1961, p. 170.

ARCE, Angel C. *La raza cubana*. La Habana: n.p., 1935.

ARION, Frank Martinus. Definición e integración del Caribe. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979.

ARREDONDO, Alberto. *El negro en Cuba*. La Habana: Ed. Alfa, 1939, p.147.

ASTURIAS, Miguel Angel. *O Papa Verde*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

BALBOA NAVARRO, Imilcy. *Los brazos necesarios: inmigración, colonización y trabajo libre en Cuba: 1878-1989*.Valencia: Fundación Instituto de Historia, 2000.

BARQUET, Jesús. El grupo Orígenes ante el negrismo. *Revista Agulha*, nº 36, Fortaleza, Outubro, 2003.

BASTIAN, Jean-Pierre. Diversification religieuse et frontière symbolique en Amérique Centrale. *Revista Mexicana del Caribe*, nº 4, p. 6-22, 1997.

BEJARO, Margalit. La inmigración a Cuba y la política migratoria de los EE.UU. (1902-1933). *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 4, nº 2, Julio-Diciembre, 1993.

BETANCOURT, Juan René. *Prejuicio, ensayo polémico*. Camaguey: n.p. 1945.

_____. *Doctrina negra. La única teoría certera contra la discriminación racial en Cuba*. La Habana: P. Fernández y Cia, 1954.

_____. *El negro: ciudadano del futuro*. La Habana: Cárdenas y Cia, 1959.

BLANCO RODRIGUEZ, Juan A. *Las asociaciones españolas en el asociacionismo castellano*.Disponível em: <<http://136.142.158.105/Lasa2000/BlancoRodriguez.PDF>> Acesso em: 25/11/2005.

BOSCH, Juan. *De Cristóbal Colón a Fidel Castro: El Caribe, frontera imperial*. Madrid: SARPE, 1985.

BOURGOIS, Philippe. *Ethnicity at Work: Divided Labor on a Central American Banana Plantation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989.

CABRERA, Lydia. *La sociedad secreta Abakuá: narrada por viejos adeptos*. La Habana: Ediciones Cor, 1958.

CABRERA, Olga. *El movimiento obrero cubano en 1920*. La Habana: Instituto del Libro, 1969.

_____. Enrique Creci: un patriota obrero. *Revista Santiago*, nº 36, Diciembre, 1979.

_____. *El antimperialismo en la Historia de Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

_____. *Los que viven por sus manos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

CAMIÑAS LEMES, Teresa. El anarquismo en el movimiento obrero cubano hasta 1917. Algunos criterios para su periodización. *Revista Santiago*, nº 60, diciembre, 1985.

CARBONELL, Waltério. *Como surgió la cultura nacional*. La Habana: Ediciones Yaka, 1961.

CARNEADO, José Felipe. La discriminación racial en Cuba no volverá jamás. *Cuba Socialista*, v. 2, nº 5, Enero, p. 54-67, 1962.

CASTAÑEDA MACHE, Yalex; HODGE LIMONTA, Ileana. *El vodu. Su impronta en la cultura religiosa cubana*. Disponible en: < <http://www.clacso.org> >. Acceso en: 22/05/2004.

CASTELLANOS, Isabel. Los estigmas somáticos de la degeneración. Su apreciación en las razas de color. *Vida Nueva*, nº 15, octubre, p. 207-219, 1927.

CASTELLANOS TAQUECHEL, Jorge. *Tierra y Nación*. Santiago de Cuba: Manigua, 1955.

CEPERO BONILLA, Raúl. *Política azucarera*. Ciudad de México: Ed. Futuro México, 1958.

_____. *Azúcar y abolición*. La Habana: Editora Echevarría, 1960.

CERNICHARO, José. Oriente: fuerza de trabajo nativa e inmigración ilegal haitiana, 1899-1913. *Revista Del Caribe*, Santiago de Cuba, v.VI, nº 23, p. 93-98, 1994.

_____. El movimiento obrero santiaguero em 1907: base demográfica y proyecciones políticas. In: *Revista Santiago*, nº 68, Marzo, 1988.

CHAILLOUX LAFFITA, Graciela. La contribución antillana a la identidad cubana. *Debates Americanos*, nº 12, Enero – Diciembre, p. 54-62, 2002.

CHOMSKI, Aviva. *West Indian Workers and the United Fruit Company in Costa Rica, 1870-1940*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1996.

CIRULES, Enrique. *Conversación con el último norteamericano*. La Habana: Ed. Letras Cubanas, 1988, p. 222.

CURBELO, José. Proyecto de inmigración nacional para la isla de Cuba y de la más fácil realización. La Habana, 1882. cit. NARANJO OROVIO, Consuelo. *Trabajo libre e inmigración española en Cuba*. Revista de Indias, vol. LII, núms. 195/196, p.752, 1992.

DECHAMPS CHAPEAUX, Pedro. *El negro en la economía habanera del siglo XIX*. La Habana: Unión de Escritores y Artistas de Cuba, 1º Edición, 1971.

DE LA TORRIENTE-BRAU, Pablo; MAZAS GARBAYO, Gonzalo. *Batey: cuentos cubanos*. La Habana: Cultural S.A, 1930.

DE LA TORRE RECIO, Teodoro. *Problemas de las migraciones internacionales*. Madrid: Instituto de Cultura Hispánica, 1946.

DE LA FUENTE, Alejandro. *Una nación para todos; raza, desigualdad y política en Cuba 1900-2000*. Madrid: Editorial Colibri, 2000.

DEL TORO, Carlos. *El Movimiento obrero cubano en 1914*. La Habana: Instituto del Libro, 1969.

DEPESTRE, René. Mito e identidad en la historia del Caribe. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, v 20, nº 38, Enero-Febrero, 1980.

DEVOTO, Fernando J. *Movimientos migratorios: historiografía y problemas*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

DIPP, Hugo Tolentino. Algunos aspectos del contexto histórico de las culturas caribeñas. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979.

DORE CABRAL, Carlos. Migración haitiana y agricultura cañera en República Dominicana. *Revista Del Caribe*, nº 14, p. 44-50, 1989.

DUQUE, Matias. Como deben ser las casas para nuestras familias de campo. *Medicina Cubana*, año VII, nº. 7, La Habana, p. 235-243, 1924.

DUMOLIN, John. *Azúcar y lucha de clases*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1980.

EIRANOVA CUZA, René. El destino de los inmigrantes caribeños de habla inglesa. *Revista Del Caribe*, Santiago de Cuba, v. VI, nº23, p. 110-111, 1994.

ELY, Ronland R. *Cuando reinaba su majestad el azúcar: estudio histórico sociológico de una tragedia latinoamericana: el monocultivo en Cuba, origen y evolución del proceso*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1963.

ENTRALGO, Elías. Síntesis histórica de la cubanidad en los siglos XVI y XVII. In: *Lecturas y estudios*. La Habana: Publicación de la Comisión Nacional Cubana de la UNESCO. 1962, p. 72-78.

FARIÑA GONZÁLEZ, Manuel A. *Aportación isleña en la construcción del ferrocarril LaHabana-Guines*. Disponible em: <www.dropby.com/Genealogia/Ferrocarril/content.html>. Acceso em: 31/09/2003

FELIÚ HERRERA, Virtudes. Fiestas de inmigrantes laborales hispánicos. *Fiestas populares tradicionales cubanas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1999.

FERMOSELLE, Rafael. *Política y color en Cuba. La guerrita de 1912*. Montevideo: Ediciones Géminis, 1974.

FERNÁNDEZ EXPÓSITO, José Raúl. *La prensa burguesa*. La Laguna: Centro de la Cultura Popular Canaria, 1986.

FERNÁNDEZ ROBAINA, Tomás. *Bibliografía de temas afrocubanos*. La Habana: Biblioteca Nacional José Martí, 1985.

_____. *El negro en Cuba, 1902-1958. Apuntes para la historia de la lucha contra la discriminación racial*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

FRAGINALS, Moreno (Org.). *África en América Latina*. México: UNESCO, 1977.

GALVAN TUDELA, J. A. El ajiaco, una metáfora de la cubanía: a propósito de la obra de Fernando Ortiz. In: *XIII Colóquio de Historia Canario-Americana*. Las Palmas de Gran Canaria, 1998.

GARCIA ÁLVAREZ, Alejandro. La consolidación del dominio imperialista. In: *La Neocolonia: organización y crisis, desde 1899 hasta 1940*. La Habana: Instituto de Historia de Cuba, 1998, p.99-141.

_____. *La gran burguesía comercial en Cuba, 1899-1920*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990

GARCIA, Francisco. *Tiempo Muerto: memorias de un trabajador azucarero*. La Habana: Instituto del Libro, 1969.

GARCIA MEDINA, Ramiro. *La inmigración canaria en Cuba*. La Laguna (Tenerife): Globo, 1995.

GASTÓN AGUERO, Sixto. *Racismo y mestizaje en Cuba*. La Habana: Editorial Lid, 1959.

GERARDO, Maloney. *El Canal de Panamá y los trabajadores antillanos. Panamá 1920: cronología de una lucha*. Disponible em: <http://bdigital.binal.ac.pa/bdp/tomos/XXIX/tomo_XXIX_P3.pdf>. Acceso em: 12/12/2003.

GIOVANETTI, Jorge. *Black British subjects in Cuba: race, ethnicity, nation, and identity in the migratory experience, 1898-1938*. Puerto Rico, 2001, 277 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of North London.

GIRVAN, Norman. Reinterpretar el Caribe. *Revista Mexicana del Caribe*, año IV, nº 7, Chetumal, Quintana Roo, 1999.

GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

_____. *Poetics of Relation*. Michigan: The University of Michigan Press, 2000.

GODFRIED, Eugene. *Cuba en una perspectiva caribeña: una reseña histórico-crítica de la posición y papel de los cubanos de descendencia africana en el proceso del cambio social*. Disponible em: <<http://www.afrocubaweb.com/eugenegodfried>>. Acceso em 20/03/2003

GOMÉZ, Raimundo. *El haitiano en Cuba: llegada y asentamiento de esta etnia en la mayor de las Antillas*. Disponible em: <<http://blogs.ya.com/elhaitianoencuba>>. Acceso em: 21/02/2004.

GONZÁLEZ SUÁREZ, Dominga. *Raíces del prejuicio norteamericano en cuba*. Disponible em: <<http://www.septg.org/symposio/sim29/arc29/mult02.htm>>. Acceso em 24 de novembro de 2004.

_____. La inmigración antillana en Cuba. *Economía y Desarrollo*, nº 100, p. 51-61, 2001.

GROBART, Fabio. El movimiento obrero cubano de 1925 a 1933. *Revista Santiago de Cuba*, nº 5, Santiago de Cuba, diciembre, 1971.

GUANCHE, Jesus. Conflicto bélico e inmigración. *Debates Americanos*. La Habana, nº 7-8, p.33-46, enero-diciembre, 1999.

_____. Avatares de la transculturación orticiana. *Revista Temas*, La Habana, nº 4, p.121-128, octubre-diciembre, 1995.

_____. *Procesos etnoculturales de Cuba*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1983.

_____. *Componentes étnicos de la nación cubana*. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, Ediciones Unión, 1996, p. 135.

GUANCHE, Jesus. *Componentes étnicos de la nación cubana*. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 1996.

_____. *Procesos etnoculturales de Cuba*. La Habana: Editorial de Letras Cubanas, 1983, p. 25-37, 339-351.

GUANCHE, Jesus; MORENO, Dennis. *Caidije*. Santiago de Cuba: Ed. Oriente, 1988, p.99.

GUANCHE, Jesus; GARCIA DALLY, Ana Julia. *História Étnica*. La Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 1999.

GUDA, Trudi. La contribución de las culturas tradicionales al desarrollo de la cultura caribeña. *Revista Casa de las Américas*, año XIX, nº 114, Maio-Junio, 1979.

GUERRA Y SÁNCHEZ, Ramiro. *Historia de Cuba*. La Habana: Librería Cervantes, 1922-1925, t.II, p. 15-18.

_____. *Un cuarto de siglo de evolución cubana*. La Habana: Librería Cervantes, 1924, p. 28, 112

_____. *La industria azucarera en Cuba*. La Habana: Cultural, 1940.

_____. *Azúcar y población en las Antillas*. La Habana: Edit. Ciencias Sociales, 1976, p.293.

GURIDY, Frank. Enemies of the White Race: the *machadista* State and the UNIA in Cuba. In: *Careibbean Study*, v. 31, nº 1, ,january-june, p 107-137, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARPELLE, Ronald N. Radicalism and Accomodation: Garveyism in a United Fruit Company Enclave. *JILAS – Journal of Iberian and Latin American Studies*, v. 6, nº 1, july, p. 29-38, 2000.

HERNÁNDEZ SANDOICA, Elena. La historia de Cuba vista desde Espana: estúdios sobre “Política”, “Raza” y “Sociedad”. *Revista de Índias*, v. LVIII, nº 212, 1998.

IANNI, Otavio. Organización social y alienación. In: FRANGINALS, Moreno (Org). *African en America Latina*. Paris: Ed. Siglo Veintiuno, UNESCO, 1971.

IBARRA, Jorge. Notas sobre nación e ideología. In: *Ideología mambisa*. La Habana: Instituto del Libro, 1967, p. 9-76.

_____. *Nación y cultura nacional*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1981.

_____. La inmigración antillana: ¿Desproletarización y desnacionalización del proletariado cubano o aceleración de las contradicciones sociales? ¿Disgragación y marginalización del antillano o progresiva integración de este en las luchas de la clase obrera? IV Encuentro de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe, 1983.

_____. *Cuba, 1898-1921: partidos políticos y clases sociales*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992.

_____. *Un análisis psicosocial del cubano, 1898-1925*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

IBARRA CUESTA, Jorge. La sociedad cubana en las tres primeras décadas del siglo XX. In: *La neocolonia: organización y crisis, desde 1899 hasta 1940*. La Habana: Instituto de Historia, 1998, p.142-193.

IGLESIAS, Fé. *Del Ingenio al Central*. Puerto Rico: Editorial de La Universidad de Puerto Rico, 1998.

_____. Panorama geográfico e histórico de la plantación de azúcar. *Revista Del Caribe*, v. VI, nº 16-17, p. 15-26, 1990.

_____. Características de la inmigración española en Cuba, 1904-1930. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas (Ed.) *Españoles hacia América. La emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 270-295.

JAMES, Ariel. *Imperialismo y nación e uma plantación azucarera*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1976.

JAMES FIGAROLA, Joel. *Cuba, 1900-1928: La República dividida contra si misma*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 1974.

LAMMING, George. Identidad cultural del Caribe. *Revista Casa de las Américas*, nº 35, La Habana, enero-febrero, 1980.

LAURIA SANTIAGO, Aldo; CHOMSKI, Aviva. *Identity and Struggle at the Margins of the Nation State: the Laboring Peoples of Central América and the Hispanic Caribbean*. Duke University Press, 1998.

LEAL CRUZ, Miguel. Cuba: la crisis de 1921 y las Canarias: datos hemerográficos. In: *XII Colóquio de Historia Canário-Americana*, Las Palmas de Gran Canaria, 1996, p.796-820.

_____. *La llamada emigración masiva a Cuba*. Disponível em: <personal.telefonica.terra.es/web/mleal/articulos/canárias/95.htm>. Acesso em: 12/10/2004

LELAND, Jenks. *Nuestra colonia de Cuba*. Buenos Aires: Palestra, 1960.

LEÓN, Francisco. *Las relaciones raciales en Cuba: coincidências y diferencias fineseculares*. Disponível em: <<http://www.pdc-cuba.org/racial.htm>>, Acesso em 22/04/2003.

LEPKOWSKI, Tadeuz. Conferencia dictada en la Academia de Ciencias de Cuba el 28 de noviembre de 1967. cit. por MESA, Enrique López. *Historiografía y Nación en Cuba*. In: *Imágenes e imaginários nacionales en el ultramar español*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999, p.171-195.

_____. Síntesis de Historia de Cuba: problemas, observaciones y críticas. *Revista de la Biblioteca Nacional José Martí*. La Habana, nº 60, v. 2, maio-agosto, p.43-71, 1969.

LE RIVEREND, Julio. *Síntesis histórica de la cubanidad en el siglo XVIII*. La Habana: Molina y Co., 1940, p. 6.

_____. *La historia económica de Cuba*. La Habana, 1952.

LE ROY CASSÁ, Jorge. *Inmigración anti-sanitaria, trabajo leído en la Academia de Ciencias Médicas, Físicas y Naturales de La Habana*, sesión del 14 de diciembre de 1923.

LE ROY CASSÁ, Jorge. *Inmigración anti-sanitaria*. Trabajo leído en la Academia de Ciencias Médicas, Físicas y Naturales de La Habana, Sesión del 14 de diciembre de 1923, Dorrbecker, La Habana, 1929, p. 24-25.

LEYBURN, James G. *El pueblo haitiano, las clases, la religión y las relaciones sociales, la política y la economía del moderno Haití*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946.

LIÑARES, Janné. *La representación de personas de color en la escritura femenina*. Disponível em: <web.stlawu.edu/clás/insidethearea/linares/linares.pdf>. Acesso em: 03/06/2003

LÓPEZ ISLA, Mario Luiz. *Orgia macabra; 1926, asesinatos de inmigrantes canários en Cuba*. Las Palmas de Gran Canaria: Benchomo, 2002.

LÓPEZ MESA, Enrique. *Historiografía y Nación en Cuba*. In: *Imágenes e imaginários nacionales en el ultramar español*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999, p.171-195.

LÓPEZ VALDÉZ, Rafael. Problemas del estudio de los componentes africanos en la historia étnica de Cuba. *Revista de la Biblioteca Nacional José Martí*, v. XXII, nº 3, Septiembre-Diciembre, 1980.

LOSADA, Abel. *Cuba, población y economía entre la independencia y la revolución*. Vigo: Universidad de Vigo, 1999.

_____. *Cuba: expansión azucarera e inmigración. Una aproximación regional*. Disponible em: <www.unizar.es/eueez/cahe/abellosada.pdf>. Acceso em: 22/07/2004.

_____. *Cambio demográfico y crecimiento económico en Cuba (1898-1958). Las primeras fases de transición demográfica*. Disponible em: <www.emigratio.com/migratio1/RevPobMigrN1AbelNotaGalego.htm>. Acceso em: 22/07/2004.

LUIS MÉNDEZ, José. Problemas de la cultura caribeña. *Revista Casa de las Américas*, nº 114, mayo-junio, año XIX, 1979.

LUZÓN, José Luis. *Economía, Población y Territorio en Cuba (1899-1983)*. Ediciones Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Iberoamericana. Madrid: 1987.

M. PÉREZ, Luis. La inmigración jamaicana desde el punto de vista social, económico y sanitario. *La Tribuna Médica*, La Habana, año II, num. 46, 30 de octubre, 1927, p. 3 e 6.

MACÍAS MARTÍN, Francisco J. *Cuba: crisis política, crisis económica y emigración (1920-1935): la visión de la diplomacia española*. Tenerife: Baile del Sol, 2000.

MAcLEOD, Marc C. "Sin dejar de ser cubanos": Cuban Blacks and the Challenges of Garveyism in Cuba. *Caribbean Studies*, v. 31, nº 1, January-june, 2003.

_____. Garveyism in Cuba, 1920-1940. *Journal of Caribbean History*, v. 30, nº 1-2, p. 132-168, 1996.

_____. Undesirable Aliens: Race, Ethnicity and Nationalism in the Comparison of Haitian and British West Indian Immigrant Workers in Cuba, 1912-1939. *Journal of Social History*, v. 31, nº 3, p. 599-623, 1998.

MALUQUER DE MOTES, Jordi. *Nación e inmigración: los españoles en Cuba (XIX-XX)*. Guijón: Ediciones Jucar, 1992.

MAÑACH, Jorge. *Discursos leídos en la recepción pública del doctor Jorge Mañach y Robato la noche del 11 de febrero de 1943*. La Habana: Impr. El Siglo XX, 1943, p. 54.

MARINO PÉREZ, Luis. La inmigración jamaicana desde el punto de vista social, económico y sanitario. *Reforma Social*, La Habana, nº 8, p. 391-397, agosto-noviembre, 1916.

MARRERO, Levi. *Geografía de Cuba*. New York: Minerva Books Ltda, 2º Ed., 1970.

_____. *Cuba: la forja de un pueblo: estúdios y conferencias*. Puerto Rico: San Juan, 1971.

_____. *Los horrores de los feudos azucareros*. La Habana: Bohemia, 25 de março de 1934, p. 16-17, 59-62.

MARTI, Jose. *La cuestion racial*. La Habana: Editorial Lex, 1959.

MARTÍNEZ-FERNANDEZ, Luis. La frontera y la plantación: reflexiones sobre dos claves para empezar a entender las culturas cubana y caribeña. In: OPATRNÝ, Josef; NARANJO, Consuelo. *Visitando la isla. Temas de Historia de Cuba* (coord.) Madrid: AHILA – Iberoamericana, Vervuert, 2002, p. 149-159.

MARTÍNEZ ORTIZ, Rafael. *Cuba. Los primeros años de independencia*. Editorial Le Livre Libre: Paris, 1929, p.200.

MARTÍNEZ VILLENA, Ruben. La unión del blanco y el negro, del nativo y el extranjero. *Revista Mundo Obrero*, Mayo, 1933, New York.

MASDEU, Jesús. *La raza triste*. La Habana: Imprenta Obrapía, 2º ed., 1943.

MENDÉZ, José Luís. Problemas de la cultura caribeña. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, nº 114, maio-junio, año XIX, 1979.

MÉNDEZ RODENAS, Adriana. *Cuba en su imagen: historia e identidad en la literatura cubana*. Madrid: Verbum, 2002.

MILLET, Jose. Vodú, magia y hechicería. *Revista Temas*, nº20, 1990.

_____; CORBEA, Julio. Presencia haitiana en el Oriente de Cuba. *Revista Del Caribe*, año VI, nº 10, 1987.

MONTALVO, José R. El problema de la inmigración en Cuba. *Revista Cubana*, nº 8, 1888, p. 524-538.

MORACEN NARANJO, Julio. O teatro negro caribenho: à sombra de si mesmo. *Revista Brasileira do Caribe*, v. V, nº 9, Julho-Dezembro, 2004, p. 111-151.

MORALES, Larry. *Enrique Varona, el líder de las mil huelgas*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1986, p. 34-35.

MORILLAS VALDÉS, Francisco D; DEL VALLE TORRES, Marlene Marjorie. *Registros etnográficos. Presencia haitiana en Cuba*. Disponível em: <www.lajiribilla.cu/2005/n227_09/fuenteviva>. Acesso em: 02 03/2003

NARANJO OROVIO, Consuelo; GARCÍA GONZÁLEZ, Armando. *Medicina y racismo en Cuba: la ciencia frente la inmigración canária en el siglo XX*. La Laguna: Ayuntamiento de La Laguna e Centro de la cultura popular canária, Taller de Historia, 1996.

NARANJO OROVIO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel. Fernando Ortiz: herencias culturales y forja de la nacionalidad. In: *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, Carlos (Eds). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999, p. 197-226.

NARANJO OROVIO, Consuelo. *Del campo a la bodega: recuerdos de gallegos en Cuba*. La Coruña: Ediciós do Castro, 1988.

_____. *Cuba vista por el emigrante español a la isla, 1900-1959: un ensayo de historia oral*. Madrid: Centro de Estudios Históricos, Departamento de Historia de América, 1987.

NEARING Y FREEMAN. *La Diplomacia del dólar*. La Habana : Ciencias Sociales, *op. cit.* p.201-224.

OPATRNÝ, Josef. *Antecedentes históricos de la formación de la nación cubana*. Praga: Universidad Carolina, 1986, p. 23.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1991.

_____. Ni racismos ni xenofobias. *Revista Bimestre Cubana*, nº 24, 1929, p. 6-19.

_____. *El engaño de las razas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

_____. Los factores humanos de la cubanidad. *Fernando Ortiz y la cubanidad*. Selección de Norma Suárez. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, Ediciones Unión, 1996, p. 11-12.

_____. *Los negros curros*. La Habana: Ciencias Sociales, 1993.

_____. *Etnia y Sociedad*. La Habana: Ciencias Sociales, 1993.

_____. *Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba*. La Habana: Letras Cubanas, 1985.

_____. *La africanía de la música folklórica de Cuba*. La Habana: Letras Cubanas, 1993.

_____. *Los cabildos y las fiestas afrocubanos en el Día de Reyes*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1992.

_____. *Estudios etnosociológicos*. La Habana: Ciencias Sociales, 1991.

_____. *Los negros esclavos*. La Habana: Ciencias Sociales, 1975

ORTIZ, Fernando. *La decadencia cubana*. Conferencia pronunciada na Sociedade Económica de Amigos del País, 23 de febrero de 1924, Impr. La Universidad, La Habana, 1924, p. 32.

PÉREZ, Luis M. La inmigración jamaicana desde el punto de vista social, económico y sanitario. In: *La tribuna Médica*, año II, num. 46, 30 de octubre, La Habana, 1927, p. 3 e 6.

PÉREZ DE LA RIVA, Juan. La inmigración francesa en la cuenca superior del Cauto. In: *El Barracón y otros ensayos*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1975.

_____. Los recursos humanos de Cuba al comenzar el siglo: inmigración, economía y nacionalidad, 1899-1906. In: *Republica Neocolonial, Anuário de Estudos Cubanos*, t. I. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1973, p.7-44.

_____. La inmigración antillana en Cuba durante el primer tercio del siglo XX. *Revista de la Biblioteca Nacional Jose Martí*, nº 2, Mayo-Agosto, 1975, La Habana, Cuba, año 66, p. 75-87.

_____. Cuba y la migración antillana, 1900-1931. In: *La República Neocolonial: anuário de estudos cubanos*, t. 2. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1979, p. 3-75.

_____; MOREJÓN SEIJAS, Blanca. La población de Cuba, la Guerra de Independencia y la inmigración del siglo XX. *Revista de la Biblioteca Nacional Jose Martí*, La Habana, mayo-agosto, 1971.

PIERRE CHARLES, Gerard. *El Caribe a la hora de Cuba*. La Habana: Casa de Las Américas, 1980.

PICHARDO, Hortencia. Documentos para la Historia de Cuba, 4 vols. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1980.

PINO SANTOS, Oscar. *El asalto a Cuba por la Oligarquía Financiera*. La Habana: Casa de Las Américas, 1973.

PHELPS, Antony. Orígenes de la cultura caribeña. *Revista Casa de la Américas*, nº 114, año XIX, Maio-Junio, 1979.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, nº 15, abril, 1997, p. 13-48

PORTUONDO, José Antonio. Cuba, nación para si. *Cuadernos Americanos*, v. 6, nº 20, noviembre-diciembre, 1961, p. 147-172.

PORTUONDO LIÑARES, Serafín. *Los independientes de color: Historia del Partido Independiente de Color*. La Habana: Publicaciones del Ministério de Educación, Dirección de Cultura, 1950.

PRIMELLES, Leon. *Crónica Cubana, 1915-1918*. La Habana: Editorial Lex, 1955.

ROIG DE LEUCHSENRING, Emilio. *La colonia superviva*. La Habana: Imprenta el siglo XX, 1929.

_____. El problema gravísimo para Cuba de las inmigraciones indeseables. *Carteles*, La Habana, 4 de diciembre, 1927.

_____. Lo más negro de nuestra actual africanización no es el negro. *Carteles*, La Habana, nº 22, 11 de diciembre, 1927.

ROUMAIN, Jacques. *Los gobernadores del rocío*. La Habana, 1978, p.168.

RUBIERA CASTILLO, Daysi. *Reyita, sencillamente*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 1997.

SANTAMARIA GARCÍA, Antonio. *Sin azúcar no hay país: la industria azucarera y la economía cubana (1919-1939)*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Escuelas de Estudios Hispano-Americanos, 2001.

_____; NARANJO, Consuelo. *La historia social de Cuba, 1868-1914. Aportaciones recientes*. Disponible em: <<http://nuevomundo.revues.org/document596.html>> Acceso em 15/09/2003.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: polémicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 586.

SCOTT, Rebeca. Raza, clase y acción colectiva en Cuba, 1895-1912: formación de alianzas interraciales en el mundo de la caña. *OP. CIT. – Revista del Centro de Investigaciones Históricas*, nº 9, edición extraordinaria, 1997.

SEGRE, Roberto. *La arquitectura Antillana del siglo XX*. Disponible em <www.periferia.org/publications/orqantxx1.html>. Acceso em: 01/04/2004.

SIERRA TORRES, Guillermo; ROSARIO MOLINA, Juan Carlos. *Los canarios en Cuba: juntos pero no revueltos*. Gran Canaria: Centro de la Cultura Popular Canaria, 2001.

STEIN, Judith. *The World of Marcus Garvey: Race and Class in Modern Society*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1991.

TELLERIA, Evelio. *Los congresos obreros en Cuba*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 1973, p. 52; 55.

TORO, Carlos del. *El movimiento obrero cubano en 1914*. La Habana: Instituto del libro, 1969.

TORRE RECIO, Teodoro de la. *Problemas de las migraciones internacionales*. Madrid: Instituto de Cultura Hispánica, 1946

VERAS, Ramon Antonio. *Migración caribeña: un capítulo haitiano*. Santo Domingo: Editora Taller, 1985.

VIVES, Pedro A.; VEJA, Pepa; OYAMBURU, Jesús. *Historia general de la emigración española a Iberoamerica*. Editora Historia 16, Las Palmas de Gran Canaria, 1992.

VILAS, Carlos M. Movimientos internacionales de población y valorización del capital en el Caribe. In: *Revista Anales del Caribe*, nº 3, 1983.

VITIER, Medardo. Las ideas en Cuba. In: *Las ideas y la filosofía en Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1970, p. 73.

ZANETTI, Oscar; GARCIA, Alejandro. *United Fruit Company: un caso del imperialismo en Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1976.

ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Condición de subalternidad, condición postmoderna y saber histórico. *Revista Historia y Grafía*.UIA, nº 12, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel; BALIBAR, Etienne. *Raza, Nación y Clase*. Madrid: IEPALA, 1988.

WINTER, Cadence A. Jamaican Labor migration to Cuba, 1885-1930 in the Caribbean context. Chicago, 2000, 289 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Illinois at Chicago.

WHITE, Byron. *Azúcar amargo: un estudio de la economía cubana*. La Habana: Publicaciones Cultural, 1954.

YANES MESA, Julio Antonio. *Evidencias micro y macroespaciales canárias que desmienten la emigración golondrina a Cuba durante el primer tercio del siglo XX*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos, Tomo LV-2, 1998, p.603-625.

YGLESIAS MARTÍNEZ, Teresita. Organización de la republica neocolonial. In: *La neocolonia: organización y crisis, desde 1899 hasta 1940*. La Habana: Editora Política, 1998.

YSALGUÉ, Sara. *Aspectos de Haiti*. La Habana: Estudios afrocubanos, 1940.

ANEXOS

Os documentos a seguir oferecem uma visão sobre as regras de contratação dos trabalhadores antilhanos. São contratos e correspondências de autoridades e empresas açucareiras que embora tenham sido utilizados e citados ao longo do trabalho, poderão ser lidos integralmente e utilizados por outros pesquisadores. Achemos interessante disponibilizar, o texto de criação da Associação “George Sylvain” e suas cláusulas de organização.

A cronologia dos documentos oferece uma visão dos momentos mais importantes do fluxo imigratório antilhano para Cuba.

Doc. 1-

Buscando fuerza de trabajo

29 de abril de 1905

ENRIQUE DUMOIS, ESQ.

BANES.

Querido señor: Ésta es para solicitar su concurso para ir a Santiago a asignar 6 u 8 contratistas con cerca de 50 hombres cada uno para cortar caña en nuestra propiedad de Banes.

Nos gustaría que por lo menos algunos de estos contratistas trajera sus cartas de propiedad de ser posible.

Nuestros precios son de \$1,15 cuando la compañía suministra las carretas, y de \$1,33 a los contratistas con sus propias carretas, por 100 arobas.

Usted puede, si es necesario, arreglar una comisión de \$0,50 con los contratistas por cada hombre radicado en Banes, exceptuando el dinero del pasaje. Trate de arreglar con los contratistas, sin embargo, para reembolsar todo o parte del dinero del pasaje.

Le incluyo una copia del contrato que estamos haciendo para preparar los nuevos campos de caña, los que estamos dispuestos a ofrecer a cualquier contratista, en caso de trabajos como cortadores de caña deberás parar en el usualmente lluvioso mês de mayo.

Harold Harty

Manager

Fuente: Manager's Letteres Book. Jun. 1904, año 1905, p. 703

Doc. 2 -

Contrato para inmigrantes: año de 1905

Los que suscriben, inmigrantes, actualmente en el Departamento de Triscornia, se comprometen espontáneamente a trabajar en la plantación de caña y guineos de la United Fruit Company, División de Banes, por el jornal mínimo de un peso oro español al día, y cuando hubiese necesidad de trabajar de noche cobrarán el tiempo empleado a razón de dos pesos oro español, por jornal de noche.

Se comprometen a permanecer en Triscornia hasta (...) días en espera de su embarque en el vapor que há de conducirlos a la bahía de Banes, donde se encuentra situada de la citada Compañía.

Durante el tiempo que permanezcan en Triscornia, en espera del vapor que há de llevarlos a Banes y el ocupado en el viaje devengarán 20 cts. Oro español al día, cuyos jornales les serán entregados a su llegada a Banes. El pasaje de la Habana a Banes y los gastos de Triscornia, así como cualquier otro que pudiera ocurrir, serán adelantados por la UFC y descontados de los primeros jornales que devenguen los que suscriben. Si permanecieran estos tres meses ó más tiempo en los trabajos de la Compañía, ésta les resolverá los gastos de pasaje, quedando los demás definitivamente de cuenta de los trabajadores.

La UFC se compromete a dar a los inmigrantes medicina y asistencia médica, cobrándoles por esse servicio 40 cts. En oro español al més a cada trabajador. Y en prueba de conformidad suscriben el presente documento, en Triscornia (Habana) á...

Fuente: Manager Letters..., junio de 1904. Agosto de 1905, p. 769, *loc. Cit.*

Doc. 3 -

Convenio con Contratista para traer braceros; 30 de noviembre de 1920

Conste: por el presente documento como entre el Señor José Larco, vecino de Aux Cayes y accidentalmente en esta Villa, por una parte, y el Señor James Hillary, Superintendente de Agricultura de la United Fruit Company, propietaria del Central Boston, ubicado en el término municipal de Banes Provincia de Oriente, República de Cuba, en representación de dicha Compañía, hemos convenido lo siguiente:

1. El Sr. Larco se compromete a traer de Haiti un mil trabajadores (sic) para las faenas agrícolas del Central Boston, empezando desde el primero de Enero de 1921 hasta el fin de febrero de 1921, entregando los mismos al Agente de la Compañía en el Puerto de Nipe, Antilla o Entronque Dumois.
2. la UFC pagará al señor Larco la cantidad de \$45,00 moneda oficial, por cada hombre entregado a bordo del barco en Antilla o por ferrocarril entregado en el paradero de Entronque Dumois, cuya suma representa el costo de pasaporte, gastos de reuniones en Haiti, comida, pasaje de Haiti a Cuba, emigración, matrícula en el Consulado y otros gastos imprevistos que se ocasionen.
3. El Sr. Larco se compromete a avisar a la UFC, con anticipación, la llegada al puerto de Santiago de Cuba, para que un agente de la Compañía presencie su embarco, los cuales han de ser entregados en el paradero de Entronque Dumois.
4. El Sr. Larco se compromete a hacer quedar a dichos trabajadores hasta el fin de la zafra de 1921, a cuyo efecto la compañía le dará una autorización para que en su nombre lo contrate en Haiti, de acuerdo con las leyes de aquel país copia de cuyo contrato hemos adjuntado a este contrato.
5. La compañía pagará el sueldo de un Inspector para que ayude al Señor Larco a dirigir la gente durante la zafra.

Para constancia de todo lo cual firmamos el presente documento por triplicado, en Banes, 30 de noviembre de 1920.

José Larco

J. Hillary

Sup. Agric.

M. Harty

Manager Banes

Doc. 4 -

Contrata con Braceros

Entre los que suscriben Antonio Urbina encargado en Haiti de los negocios de la United Fruit Company en representación de los propietarios de la United Fruit Company en representación de los propietarios de dicho Central situado en la provincia de Oriente, República de Cuba, estipulando por y en nombre de la Compañía, en virtud de los poderes que han sido otorgados por la misma con fecha 18 de noviembre de 1920 debidamente certificados y legalizados por el Encargado de Negocios de Cuba en Haiti de una parte y.....

.....residente y domiciliado en
.....de profesión agricultor, mayor de edad, de otra parte, estando ambos de acuerdo han convenido lo siguiente.

1° La Compañía contrata los servicios personales del trabajador antes nombrado con el fin de utilizarlos en los trabajos manuales y agrícolas del Central Preston y Boston o en los de cualquier otro lugar saludable a elección de la compañía durante la zafra 1920 a 1921.

2°. La duración del presente contrato será el de la zafra de 1920 a 1921 o un período de ocho meses mínimo.

3° El salario de todo trabajador proporcionado por el Sr.....
.....será arreglado mediante acuerdo entre las partes, teniendo en cuenta los precios existentes. Por las operaciones de corte y alza el salario a percibir será como mínimo el de \$1,20, moneda oficial por cantidad de cien arrobas de caña cortadas y cargadas. Los pagos se efectuarán por quincenas y en lugar de su residencia.

4° La Compañía se compromete a pagar el pasaje (*sic*) y los gastos de alimentación del trabajador.....hasta su llegada al Central, hacer matricularse y reclamar para él un certificado de matriculación al Consulado Haitiano del puerto de desembarco y además a pagar el pasaje (*sic*) de vuelta hasta el lugar de su embarque en Haití, si al final de la zafra dicho trabajador no há abandonado por su propia voluntad el servicio del Central si permanece allí y desea volver a su país.

5°. La Compañía facilitará al trabajador alojamiento en los Barracones construídos expresamente con ese objeto, que mantendrá en perfecto estado de limpieza y en condiciones sanitarias. Los Consules Haitianos tendrán siempre acceso en estos barracones al fin de visitarlos e inspeccionar la salubridad de los lugares.

El trabajador queda en libertad de preparar por si mismo su alimentación o de comprarla si le place pudiendo hacer uso de las plantaciones de caña.

6° En caso de enfermedad o accidente la Compañía se compromete a proporcionar gratis al trabajador la asistencia médica, quirúrgica y farmaceutica que su caso requiera bajo la inspección directa de un médico autorizado del Hospital cuando el caso lo requiera. En caso de mortandad en sus trabajos o el hospital la dicha Compañía debe enseguida dar conocimiento al Consulado Haitiano donde es matriculado el Sr.....

7° Las partes contratantes se someten a las leyes y Tribunales de la República de Cuba y de la República de Haití para la resolución o diferencia que pueda surgir entre ellas.

8° La Compañía se compromete de presentar en el momento de la matriculación de este contrato al Consulado Haitiano del puerto de desembarco del Sr.....

9° El Sr.....declara que él habituado a los trabajos agrícolas y manuales y que acepta el compromiso de ejecutar de todo en parte las cláusulas del presente contrato y lo mismo declara en cuanto a su cumplimiento el Sr. Antonio Urbino representante de la Unites Fruit Company en su calidad de propietario de dicho Central.

10° Este Contrato será anulado de derecho y bajo las penas que correspondan si alguna de las partes contratantes faltase o dejase de observar alguna de las cláusulas del mismo.

En fé de lo cual y después de leído los suscriben las partes.

Hecho por duplicado y de buena fé en.....de.....el.....

.....
Antonio Urbina
(firma del Representante de la United Fruit Co)
Jurado ante mi hoy.....
CELESTINO BENCOMO
Cónsul

Doc 5 –

República de Cuba
Secretaria de Hacienda, Habana

Port- au-Prince, Mayo 10 de 1911

Sr. Jefe del Departamento de Inmigración, Santiago de Cuba

Señor:

La Premura y urgencia del caso me obliga á dirigirme á U. fuera del conducto reglamentario, para rogarle haga vigilar muy de cerca al negro Joseph Vital, de 47 años, marino, que embarca en este viaje del Abdel-Kader y que viene dedicándose á introducir inmigrantes haitianos en Santiago de Cuba sin la autorización previa del Gobierno de Cuba, que exige el artículo 16 de la Ley de Inmigración de 11 de julio de 1906.

Este individuo obra, según creo, de acuerdo con algún contratista de Santiago de Cuba y con los inmigrantes que lleva , para recoger los treinta pesos que debe cada inmigrante llevar consigo al desembarcar y que él les entrega aqui, regresando á Haiti con el mismo dinero para volver á ponerlo de caución por otros burlando irrisoriamente la ley en este sentido.

Aprovecho esta ocasión para reiterarle á U. mi más distinguida consideración.

CONSUL

Al Srl Jefe del Departamento de Inmigración de Santiago de Cuba

Doc 6 -

Habana, Junio 7 de 1911

Sr. Gobernador de la Provincia de Oriente

Señor:

Por la Secretaria de Hacienda se dice á ésta de Gobernación, en escrito de fecha de ayer, lo que sigue:

“El Sr. Secretario de Estado en escrito de 5 del corriente dice lo que sigue: “El Sr. Consul de la República en Port-au-Prince, en nota confidencial nº9, de la serie corriente, dice á esta Secretaria lo que sigue: “Tengo el honor de remitir á U. una copia de la comunicación que he dirigido al Jefe del Departamento de Inmigración de Santiago de Cuba, por tratarse de un caso urgente. – Ignoro el comportamiento que observa esa inmigración haitiana en Cuba, sobre todo en Guantánamo donde me dicen que existen ya unos diez ó doce mil pero conociendo el carácter de estos habitantes, su indolencia musulmana, sus vicios hipocresía y mala fé, considero perjudicialísima la inmigración de haitianos en mi país, - Todos los meses conduce el vapor francés Abdel-Kader quince ó veinte. – Lo que con inclusión de copia de la que se cita tengo el honor de trasladar á U. para su conocimiento y efectos que estime procedentes. – “tengo el honor de trasladarnos á U. incluyendo copia de la que se cita en el preinserto escrito rogándole se sirva presar atención al importante asunto de que se trata poniendo cuantos medios están á su alcance para que por los Agentes á sus ordenes se persiga sin trégua ni descanso las infracciones que se denuncian que perjudican á nuestra clase jornalera, y que revisten serio peligro para las instituciones”.

Y tengo el gusto de trasladarlo á U. para su conocimiento y en relación con el escrito de este Centro de fecha 31 de mayo último, referente á medidas para impedir desembarcos clandestinos de inmigrantes por esa provincia; y al próprio tiempo le encarezco disponga la mayor vigilancia de las costas de la misma pra que no se efectúen nuevos desembarcos de haitianos en el territorio nacional burlando la Ley de Inmigración.

Me complazco en acompañarle una copia de la que se menciona en la comunicación transcrita.

De U. Atentamente

.....

Doc. 7 -

Telegrama 1

Administrador Aduana. – Enero 25 – Nipe (Preston)

Tiene conocimiento este Gobierno de que por ese puerto han de ser embarcados con rumbo á Kingston ochenta ó cien braceros, burlando con ello la vigente Ley de Inmigración. Punto – Interrogales á algunos de los referidos braceros que persona les há hablado para contratarlos y embarcarlos para el exterior y si puede obtener de ellos esa información de la cuenta al Sr. Juez Correccional de ese punto. Hoy debe llegar á eso un tal Teófilo Constantin de nacionalidad griega y tengo noticias que es el individuo que contrata los referidos braceros. Ruégole me comunique esta via la resolución que adopte en este asunto y el resultado de la misma. – Gobernador .

Doc. 8 –

Guantánamo, 18 de abril de 1911

Sr. Gobernador Provincial

Santiago de Cuba

Señor:

Tengo el honor de comunicar a U. que en la Jefatura de Policia Municipal de esta ciudad se encuentran detenidos seis individuos de nacionalidad haitiana los que reconocidos por esta jefatura local de Sanidad si bién no presentan ningún sintoma que caracterize ninguna enfermedad están en su mayoria con evidentes señales de prostación debido sin duda á la fatiga y falta de alimentación suficiente que han sufrido desde su desembarco hasta su ingreso en dicha Jefatura de Policia donde están atendido lo mejor posible.

Lo que tengo el honor de comunicarle para que disponga lo que tenga por conveniente.

De U. atentamente

Jefe Local de Sanidad P.S.

Doc. 9 -

Guantánamo, 23 de abril de 1911

Gobernador Provincial de Cuba

Los seis haitianos fueron detenidos por Gr. por desembarcar clandestinamente dos enseñan papeles privados que parecen escritos con anterioridad en este pais al momento de la captura puede ser un ardil, ningún habla castellano.

D. Cros J.L. Sanidad

Doc. 9 –

Santiago de Cuba, 1 de Mayo 1911

Sr. Cónsul de Haití

CIUDAD

Señor:

El Sr. Alcalde Municipal de Baracoa, en telegrama de 27 del actual, comunico á este Gobierno que en juicio de "hábeas Corpus", presentado ante el Juzgado de Primera Instancia de aquella localidad, á favor de veintiún haitianos detenidos en el Vivac, por infracción de la Ley de Inmigración, fueron puestos en libertad del mismo día, pero, en otro despacho telegráfico de 29 del mes en curso, me dice lo siguiente: -

"Los veintiún haitianos que fueron puestos en libertad antier por mandamiento de "Habeas Corpus", han sido ayer nuevamente detenidos en el Vivac por el Juez de Primera Instancia y á petición Administrador de Aduana en virtud de telegrama recibido por este de la Secretaria de Hacienda. – (Punto). – Hoy serán embarcados por vapor procedente de la Habana para esa Ciudad Santiago, para ser embarcados Consul de Haití".-

Lo que tengo el honor de trasladar á U. para su conocimiento y como resultado de su atento escrito de 27 del corriente, relativo al particular.

Soy de U., Sr. Cónsul, con la mayor consideración, obsecuente y s.s.,
Gobernador

Doc. 10 –

3 de Mayo de 1911

Hon. Presidente República

HABANA

Con fecha 12 de Abril último fueron detenidos y conducidos al vivac Municipal de Baracoa á disposición del Administrador de Aduana de aquel puerto veinte y un haitianos que desembarcaron por Imías infringiendo Ley de Inmigración. (Punto) con fecha 27 del més ppdo. me comunico el Sr. Alcalde Municipal de aquel punto que se había celebrado ante aquel juzgado un juicio de Hábeas Corpus por el cual fueron puestos en libertad los expresados haitianos. (Punto) con fecha 29 del mismo més me participo.

(2)

El mencionado alcalde que los referidos veinte y un haitianos puestos en libertad en virtud de la demanda de Hábeas Corpus habían sido reducidos nuevamente á prisión á petición del Administrador de Aduana en virtud del telegrama que recibió de la Secretaria de Hacienda. (Punto) Esos haitianos fueron traídos desde Baracoa y están detenidos en el Vivac Municipal de esta Ciudad para ser reembarcados por el Consul de Haiti. (Punto) En la mañana de hoy, dos altas personalidades que fueron del Gobierno

(3)

Ultimamente caído en Haiti, entre ellas el Sr. Louis-Edward Pouget, Ex-Secretario de Estado, Hacienda y Comercio, me han visitado rogándome que interese de U. por esta via, que à reserva de ser juzgados los referidos haitianos por infracción de la Ley de Inmigración, se les ponga en libertad y que no se permita sean reembarcados para Haiti por su Cónsul en esta Ciudad, por cuanto ellos, al abandonar su país lo hicieron huyendo al estado de cosas que existe en el mismo y que de ser conducidos á él tienen

(4)

La seguridad de que serán fucilados. (Punto) yo por mi parte me permito rogarle atienda esa petición pues las expresadas personalidades que la formulan apelan á sus sentimientos humanitarios para evitar el sacrificio de esos infelices. Gobernador.

Doc. 11 –

Habana, 10 de febrero de 1913

Sr. Gobernador Provincial de

ORIENTE

Señor:

El Coronel de la Guardia Rural, Jefe interino del cuerpo, con fecha 22 de enero ppdo, me dice lo que sigue:

Habiendo causado alguna sorpresa en Santiago de Cuba la continua introducción de individuos de la raza de color procedentes de Haiti y Jamaica y no siendo este elemento el más apropiado á las conveniencias del país para el fomento y desarrollo de su riqueza, considero oportuno ponerlo en su conocimiento por su estima conveniente excitar el celo de las autoridades correspondientes con el fin de que se haga uso eficaz de todos los requisitos á su alcance con el fin de evitar que la provincia de Oriente continúen introduciendo con distintos pretextos legales más individuos de color procedentes de esos dos lugares ó cualquier outro, pues la experiencia nos demuestra que una vez establecidos en esta República, resultan un elemento pernicioso que procura siempre perturbar con fines aviesos las cordiales relaciones existentes entre los componentes étnicos de esa sociedad.

Y tengo la honra de transcribirlo à U., por si á su buén juicio pudiera aplicar alguna medida tendente á los fines de la preinserta comunicación.

De U. atentamente,

Subsecretario

Doc 12 –

Santiago de Cuba, 15 de febrero de 1913

Sr. Secretario de Gobernación

HABANA-

Señor: -

Tengo el honor de acusar a U. recibo de su atento escrito actual, trasladando el del Sr. Coronel de la Guardia Rural, Jefe Interino del Cuerpo, relativo a la conveniencia de evitar la inmigración de los individuos de la raza de color en esta Provincia, por resultar perniciosa a la cordialidad que existe entre los componentes étnicos de la sociedad cubana.

I aunque este Gobierno abunda en las mismas ideas por estimarlas provechosas al sostenimiento de la paz pública, y ya en otras ocasiones há indicado a esa Secretaria los peligros que se corren para que restrinja por lo menos la introducción en esta Provincia de dichos elementos procedentes de Jamaica, Haiti, no puede dictar ninguna resolución en este sentido, por no ser de su competencia, y solo cumplir las disposiciones que a este respecto emanen del Gobierno Nacional.

De U. atentamente,
Gobernador, p.s.

Doc 13 –

Palma Soriano, 29 de junio de 1921

Señor Gobernador Provincial de Oriente

Santiago de Cuba

Señor,

Refiriendome a lo dispuesto en su respetable telegrama de fecha 28 del que cursa, tengo el honor de informarle que efectivamente existen inmigrantes en este Término Municipal, siendo en su mayoría Jamaicanos y Haitianos, los cuales no excederán de seiscientos próximamente, según informes adquiridos. –

Las condiciones de vida que observan hasta ahora los mismos es pacífica, buscando cualquiera clase de trabajos para ir librando su subsistencia por cuyo motivo andan diseminados por los Centrales y por las demás fincas, y algunos se han ausentado a otros Términos con el mismo propósito de buscar trabajo.

Como esta clase de obreros son frugales en comer van sosteniendose los que carecen en absoluto de alguna economía, con caña y viendas que les dan alguns o colonos que los tuvieron de trabajadores en sus labranzas, sin que hasta ahora haya

sido necesario tomar medida alguna por su actual situación, pues no se advierte en ellos motivos de quejas ni actuación alguna que tienda a causar trastornos algunos al público.

No obstante se estará al tanto de ellos para evitar, si continua la paralización de trabajo, el que la desesperación que es mala consejera, los obligue a cometer infracciones que afecten al orden, en cuyo caso, daré cuenta inmediata, a esse Gobierno para la Providencia que se estimar pertinente.

De U. respetuosamente
Alcalde Municipal

Doc. 14 –

30 de junio de 1921, Santiago de Cuba.

Sr. Gobernador Civil de la Provincia

Señor:

Refiriéndome á su respetable despacho telegráfico de 28 del corriente, tengo el honor de informarle, que en este Término encuéntrase sin trabajo y vagando por las calles y caminos, crecido número de inmigrante españoles, haitianos y jamaquinos, sin que hasta ahora sean causa de trastornos en el orden público.

Al próprio tiempo debo informarle que es causa de encontrarse sin trabajo tan gran numero de obreros, la paralización completa de los Ingenios del Término, donde tan solo há quedado un sereno para el resguardo de cada uno de ellos y la escasés de trabajo en los Ferrocarriles, almacenes y demás dependencias.

De U. respetuosamente,

Alcalde Municipal

Doc. 15-

Santiago de Cuba, 5 de julio de 1921

Sr. Secretario de Agricultura, Comercio y Trabajo

HABANA

Señor:

Há venido ocupando la atención de este Gobierno el hecho de encontrarse sin trabajo gran número de inmigrantes, en su mayoría jamaicanos y haitianos, que se

encuentran repartidos en los diferentes Términos Municipales de la Provincia y llegados a la República para ocuparse especialmente en las faenas de los ingenios. En 28 de junio pasado tuve el gusto de dirigirme, por la vía telegráfica, los Sres. Alcaldes Municipales, rogándoles informar por correo si existían en esos términos municipales inmigrantes sin trabajo y las condiciones de vida que llevan, así como las medidas que estimaren procedentes en evitación de que esos elementos pudieran ser en lo adelante, causa de trastornos en el orden público.

Algunos Sres. Alcaldes han informado a este Gobierno sobre los particulares interesados, y puedo con vista de esos datos, hacer constar ahora el número más o menos aproximado de los inmigrantes que existen en varios de esos términos municipales...

Manzanillo.....	3000
Niquero.....	1000
Bayamo.....	1200
Tunas.....	8000
Palma Soriano.....	600
Campechuela.....	300

De esos inmigrantes encuéntrase aún algunos trabajando en colonias de cañas y ocupados otros en diversas faenas agrícolas, pero la mayoría de ellos está sin ocupación, debido naturalmente a la paralización completa de los ingenios, para cuyos trabajos vienen especialmente a la República la mayor parte de los referidos inmigrantes.

Algunos Sres. Alcaldes estiman un peligro para el orden público la permanencia en el país de esos individuos en número tan crecido que vagan por las calles sin ocupación y sin esperanza de poder conseguir trabajo, criterio que juzgo fundado porque a mayor abundamiento la mala situación económica porque atravesamos, dificulta si no imposibilita por completo el proporcionar a esos extranjeros un trabajo que les permita atender a sus necesidades más perentorias, ya que no se puede dar a los cubanos a pesar del derecho que tienen para obtener en su país la facilidad de vivir no solo para ganarse honradamente el sustento de ellos y de sus familias, sino para laborar de esa manera, al propio tiempo, por el adelante de su patria.

Como realmente, el peligro resultará cada día más inminente, porque la situación precaria de esos individuos les hará cometer sin duda excesos que pueden dar origen a que el orden se altere, me creo en el deber de dirigirme a esa Secretaría dándole conocimiento del asunto por si estima conveniente adoptar medidas tendientes a evitar los inconvenientes trastornos que pueden en lo adelante traer los referidos inmigrantes.

De U. atentamente,

Gobernador

Doc. 16 –

REGLAMENTO DE LA SOCIEDAD DE RECREO Y DE INSTRUCCIÓN

“George Sylvain”

Capítulo Uno

Constitución

Artículo Uno – Se há formado entre los haitianos residentes en Cuba que adhieren o adheriran á su objeto y a su programa de acción una Asociación de Recreo y de instrucción bajo el nombre de “George Sylvain”. Su sitio social esta en la calle Trocha Nr. 16 Santiago de Cuba

Capitulo Dos

Objeto

Artículo dos – Ella tiene por objeto la unificación de todos los haitianos y la instrucción de sus hijos nacidos en este territorio en los idiomas francés y español

Artículo três – Amaparar a todos los compatriotas en los casos de enfermidad.

Artículo cuatro – Organizar todas clases de fiestas licitas excluyendo los bailes con el fin de aumentar los fondos para ayudar á toda obra de interés nacional

Artículo cinco – Su duración es indefinida

Capitulo Três

Administración

Artículo Seis – La Asociación se compone de Miembros activos de Honor y de Miembros benefetores

Artículo Siete – Son Miembros activos todos los haitianos que formaron el Acta de Constitución el día 14 de Noviembre de 1926 o los que se adheriran a los fines formulados en dicha acta conformandose á colaborar á la realización del programa de acción cuyos principales puntos se votaron en Santiago de Cuba el día 4 de Diciembre de 1926

Artículo ocho – Los Miembros activos solo tienen el derecho a participar en los trabajos de la Asociación

Artículo Nueve – Pagarán una cotización de un peso mensual adelantado queda á voluntad de cada uno el derecho de aumentar su cotización, cuyo producto servira para el mantenimiento y desarrollo de la Sociedad.

Artículo Diez – El titulo de miembro de Honor será conferido á toda persona que el Comité Juzgue digna desá distinción.

Artículo Once – Los Miembros Benefetores son los que habran hecho á la Association un don. Como objeto próprio para la Escuela o una cantidad no menor de cien pesos.

Artículo Doce – Los extranjeros particularmente los hijos de la hospitalaria Cuba pueden ser escojidos por el Comité como Miembros de honor o benefactores.

Capitulo Cuatro

Funcionamento

Artículo Trece – La Asociación esta representada en Santiago de Cuba por un Comité Central de propaganda. Compuesto de veinte y siete Miembros y está representado por una Directiva.

Capitulo Cinco

Directiva

Articulo catorce. La Directiva está compuesta de un Presidente, un vice, un Secretario-Organizador, un vice, un Tesorero, un Archivero y ocho Consejeros.

Capítulo Seis

Del Presidente

Articulo Quince – El Presidente Dirige el funcionamiento de la Asociación, -

- (A) representa la Directiva en la ejecución de los Estatutos y ante los Poderes Públicos
- (B) Convoca la Asamblea General en los casos urgentes
- (C) Firma con el Secretario las Actas, correspondencia; - con el tesorero los ingresos y egresos
- (D) Dirige las deliberaciones

Capitulo Siete

Del Vice-Presidente

Articulo diez y seis: - Reemplaza al Presidente en caso de ausencia

Capitulo Ocho

Del Secretario Organizador

Articulo Diez y Siete: El Secretario Organizador se encarga de la correspondencia, publicidad y redacción con asistencia de los Miembros de la Directiva

Articulo Diez y ocho: Rinde cuenta de las reuniones del Comité y de la Asamblea General

Capitulo Nueve

Del Vice Secretario

Articulo Diez y nueve: El vice Secretario ayudará al Secretario en el despacho de la correspondencia etc., y desempeña su cargo en caso de urgencia

Capitulo Diez

Del Tesoro

Articulo Veinte: El Tesorero efectua la recaudación y los gastos es responsable de los fondos, títulos y valores de la Association.

Articulo Veinte uno: Dará cuenta de sus gestiones al Comité y a la Asociación General y hará ratificar sus cuentas

Artículo Veinte dos: Ciertos miembros de la Directiva le asistirán en sus servicios

Artículo Veinte tres: Depositara en nombre de la Asociación cada quincena los fondos realizados en uno de los Bancos de esta ciudad

Artículo Veinte cuatro: No podrá sacar dinero sin la autorización y firma del Presidente y del Secretario Organizador y sin antes exponer las causas ante la Directiva para su aprobación

Capítulo Once Del Archivista

Artículo veinte y cinco: es el guardian de todas las actas y documentos pertenecientes a l'Asociación

Artículo Veinte y seis: Tiene especialmente la responsabilidad de los servicios de informaciones y de propaganda, por los cuales está asistido del Secretario Organizado ó del Vice Secretario.

Capítulo Doce

De los Consejeros

Artículo veinte y siete: Corresponde á los consejeros desempeñar las comisiones que la junta Directiva (Comité) ó la Presidencia les encargue

Artículo Veinte y ocho: Proponer las medidas que creen necesarias y convenientes á la Asociación

Artículo Veinte y nueve: Vigilar por turno quincenal por el orden de la misma

Artículo Treinta: gestionar las diligencias con respecto al ingreso de los niños en la Enseñanza adherida á la Sociedad.

Artículo Treinta y uno: Atender á las peticiones de los enfermos para su engreso en el Centro de Salud de l'Asociación

Artículo Treinta y dos: Requerir con urbanidad debida á los asociados que de dentro del Centro no guardan las formas que la educación exige á los individuos.

Capítulo Trece Sesiones

Artículo treinta y tres: El Comité se reúne cada quince días bajo convocación de Delegado ó Presidente y á extraer dinero toda vez que la Directiva le juzgue necesario á solicitud de la mayoría de sus miembros

Artículo treinta y cuatro: para deliberar reglamentariamente el Comité debe tener una mayoría de una tercera más uno de sus Miembros, en caso que después de dos reuniones infructuosas el tercero mas uno no se obtiene, el Comité deliberarse en cuanto haya un minimun de doce Miembros.

Asamblea General – Capítulo Catorce

Artículo Treinta y cinco: La Junta general se celebrará una vez al año con carácter ordinario que será el segundo domingo del mes de Diciembre al objeto de dar lectura al Memoria Anual del Comité directivo y elegir á nuevos Miembros que tendrán que regir desde el primero de Enero del año siguiente.

Artículo treinta y nueve: la Convocatoria de la Junta se hará por vía de la Prensa de la localidad y con 8 días de anticipación

Artículo treinta y siete: para que se pueda constituir será necesario la asistencia de las dos terceras partes de los miembros activos, en caso que en dos reuniones seguidas no se obtenga las dos terceras partes se precederá á su efecto con cualquier número de los Miembros presentes.

Artículo Treinta y ocho: Las votaciones deben de ser á escrutinio secreto

Artículo Treinta y nueve: Cada votante depositará su voto por si mismo en la urna, las votaciones deben ser personales

Artículo cuarenta: El Presidente contará el número de votos y si apareciera algunos votos demás el Presidente les sacará de la urna

Artículo cuarenta y uno: El Presidente nombrará entre los más jóvenes de la Asamblea dos escrutadores para tomar nota de los sufragios, los cuales el Presidente irá entregando al Secretario Organizador para su lectura

Artículo cuarenta y dos: Terminado el escrutinio, el Presidente irá entregando al Secretario Organizador para su lectura

Artículo cuarenta y tres: En caso de empate, se sacará á decisión de la suerte es decir el Presidente echará en la urna un boletín de cada uno de los candidatos y tres boletines en blanco, el boletín que se sacara con el nombre de uno de los candidatos será aclamado electo.

Artículo cuarenta y cuatro: En caso de renuncia en el momento de las elecciones se precederá á nuevas votaciones

Artículo cuarenta y cinco: Las discusiones deben de hacerse en mayor orden posible.

(a) Se prohíbe hacer presión cerca de los electores

(b) El que no se guardara de herir las susceptibilidades de sus compañeros durante las discusiones será llamado á la orden por una primera vez por el presidente y si reincidiera, será expulsado en el acto y suspenso de asistencia en el seno de la Asociación durante seis meses.

© Para volver tendrá que tener la aprobación de la mayoría del Comité

Artículo cuarenta y seis: Todo miembro que haya cometido un acto difamante será expulsado de la Sociedad.

Capítulo Quince

Orden de disciplina

Artículo cuarenta y siete:

(a) no asistir á sesión en estado de embriaguez

(b) no tener discusión de política de partido ni de religión

(c) no emplear frases indecorosas en las discusiones

(d) no retirarse de la sesión en momento de las deliberaciones

(e) no protestar en forma violenta ni colectiva

(f) pedir permiso al presidente para obtener la palabra

(g) no faltar al orden en el local de la Asociación

(h) no faltar de respeto por palabra ni por escrito al presidente ni á la Directiva

(i) no formar perturbaciones en la buena marcha de la Sociedad

Artículo cuarenta y ocho: Todo Miembro que no observara estas prescripciones será suspendido de sus derechos como Miembro durante tres meses, y si reincidiera será expulsado definitivamente de la Sociedad por la mayoría de voto de los Miembros presentes.

Capítulo Diez y seis De los Comités Regionales

Artículo cuarenta y nueve: Diversos Comités regionales serán creados con el mismo fin que rigen dichos estatutos
(A) estos Comités tienen votos y voz en la Asamblea extraordinaria

Artículo cincuenta: Podrán mandar sus votos por correspondencia
Artículo cincuenta y uno: Deberán dar cuenta de todas sus gestiones concientemente los ideales de la Asociación
Artículo cincuenta y dos: Darán cuenta al Tesorero por conducta de la Directiva de los ingresos y gastos de su administración
Artículo cincuenta y tres: Entregarán las cantidades recolectadas para su depósito en el Banco de esta ciudad depositaria de la Asociación

Capítulo Diez y siete De la Escuela

Artículo cincuenta y cuatro: se estableciera en el local de la Asociación un curso de Enseñanza primaria y Secundaria, curso de francés obligatorio, así como instrucción cívica haitiana, Historia y Geografía de Haití y Cuba

Artículo cincuenta y cinco: disertación sobre los hechos y gestos de Haití diariamente
Artículo cincuenta y seis: La enseñanza primaria se pagará a razón de cincuenta centavos mensual adelantado y de un peso el curso secundario
Artículo cincuenta y siete: Los hijos de Socios ó socias pagaran la mitad de esta cuota por cada hijo
Artículo cincuenta y ocho: los que tienen más de tres hijos pagaran treinta y cinco centavos por cada un hijo en el curso secundario y veinte centavos en el curso primario

Capítulo Diez y Ocho Disposición General

Artículo cincuenta y nueve: En caso de disolución el Activo neto de la Asociación será atribuido á una obra de interés nacional haitiano y un recuerdo á la República de Cuba á elección del Comité

M. Edmond Craig, Secretario Organizador de la Sociedad de Recreo y de Instrucción
"Georges Sylvain"

CERTIFICO: Que el Reglamento que precede que consta de diez y ocho capítulos y cincuenta y nueve artículos es copia literal del que fué discutido y aprobado por

unanimidad en la Junta General celebrada al efecto el día 4 de Diciembre de mil novecientos veinte y seis

Antonio Massoe
Presidente Provisional

Santiago de Cuba, 18 de Marzo de 1927

Por presentado en este día, a los efectos de la vigente Ley de Asociaciones

P. Cuesta

Srio. Admon. Prov.

(Archivo Provincial de Santiago de Cuba, Matéria: Sociedades (extranjeras); ano: 1927-1928); legajo: 2566, sig. 4)

